

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE FILOSOFIA E HUMANIDADES – CFH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH

JOACHIN DE MELO AZEVEDO NETO

**VIDA LITERÁRIA E DESENCANTOS: UMA HISTÓRIA DA
FORMAÇÃO INTELECTUAL DE LIMA BARRETO (1881-1922)**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Doutor em História Cultural.

Área de Concentração: Arte, Memória e Patrimônio.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Fontes Piazza.

FLORIANÓPOLIS – SC
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Azevedo Neto, Joachin

Vida literária e desencantos : Uma história da formação intelectual de Lima Barreto (1881-1922) / Joachin Azevedo Neto ; orientadora, Maria de Fátima Fontes Piazza - Florianópolis, SC, 2015.
342 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História.

Inclui referências

1. História Cultural. 2. História intelectual. 3. Primeira República. 4. Lima Barreto. I. Piazza, Maria de Fátima Fontes. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

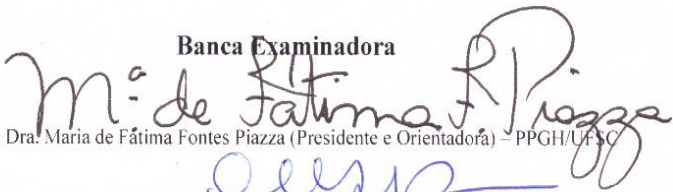
Vida Literária e desencantos: uma história da formação intelectual de Lima Barreto (1881-1922)

Joachim de Melo Azevedo Sobrinho Neto

Esta Tese foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de:


DOUTOR EM HISTÓRIA CULTURAL

Banca Examinadora


Profa. Dra. Maria de Fátima Fontes Piazza (Presidente e Orientadora) – PPGH/UFSC


Profa. Dra. Maria Bernardete Ramos Flores – PPGH/UFSC

Profa. Dra. Letícia Borges Nedel – PPGH/UFSC



Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha - UDESC


Profa. Dra. Tânia Regina de Oliveira Ramos – PPGL/UFSC


Prof. Dr. Denilson Botelho de Deus – UNIFESP

Prof. Dr. Paulo Pinheiro Machado (suplente interno) – PPGH/UFSC

Prof. Dr. Alexandre André Nodari (suplente externo) - UFPR


Profa. Dra. Eunice Sueli Nodari
Coordenadora do PPGH/UFSC
Florianópolis, 20 de março de 2015.

AGRADECIMENTOS:

Quando decidi fazer o traslado de Campina Grande para Florianópolis e, assim, poder iniciar uma nova etapa de minha formação acadêmica junto ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Catarina, sabia que havia feito uma importante escolha. Gostaria de mencionar aqui as pessoas que foram importantes ao longo desse percurso e que me brindaram com o apoio necessário, amizades e sugestões sempre preciosas nessa caminhada. Antes de tudo, é importante dizer que sem o financiamento da CAPES essa pesquisa não teria sido exequível.

Em Santa Catarina, apesar dos rigores dos invernos, pude contar com a calorosa acolhida de minha orientadora: Fátima Piazza. Sua generosidade e confiança nos desdobramentos desse estudo foram fundamentais para o bom andamento dessa tese. Foi um grande privilégio contar com sua leitura dos textos originais e participar de suas aulas. Maria Bernardete Flores, fonte constante de inspiração, me ensinou a evitar os perigos que margeiam a tentação de engessar a história em uma perspectiva ortodoxa e que a busca pela compreensão da magia que emana da arte é uma empreitada sempre inacabada. Também ligados a UFSC, agradeço a Ana Lice Brancher, Patrícia Peterle, Eunice Nodari, Henrique Espada, Paulo Pinheiro, Tania Regina, Letícia Nedel e também ao Adriano Duarte, por ter me dado à oportunidade de estagiar na disciplina História e Literatura e participar de alguns debates do NEHLIS. Da UDESC, agradeço a Maria Teresa Cunha.

Escolher estudar um escritor polêmico como Lima Barreto tem proporcionado grandes encontros, entre os quais destaco o que tive com Denilson Botelho. Não tenho palavras para externar o quanto sou grato pelas suas contribuições e conselhos quando me senti perdido no labirinto dos textos barretianos. Também ressalto aqui a dívida que possuo com os textos do professor Antonio Arnoni Prado na medida em que me encorajaram bastante a trabalhar com diálogos entre historiografia e crítica literária.

Da UFCG, em Campina Grande, agradeço, principalmente, a Benjamim Montenegro: barretólogo que desde o começo incentivou essa pesquisa.

Aldrin Figueiredo, da UFPA, me presenteou com sua amizade, além de seu belo livro: *Os vândalos do apocalipse*. Investigar as

relações entre Lima Barreto e a literatura russa, possibilitou-me conversar com o atencioso Bruno Barretto Gomide, do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura Russa, da USP, que me forneceu boas indicações bibliográficas e Nikolai Seleznyov, da Russian State University for the Humanities: um importante interlocutor que muito me ensinou sobre os escritores de seu país.

Na UEPB, tive a oportunidade de conhecer a amiga Mylena Queiroz: muito obrigado pela espontânea e criteriosa revisão que realizastes dos originais para a qualificação! Entre os colegas da UFSC, gostaria de registrar todo meu apreço pelo amigo Oscar Gallo. Sua empatia foi uma imensa prenda.

No Laboratório de História e Arte (LABHARTE), da UFSC, pude conhecer Carina Sartori: certeza sempre de conversas bem humoradas e sagazes, regadas a cafés saborosos. Sabrina Melo e Thays Tonin: candura e elegância muito bem equilibradas. Douglas Arienti e Livia Neves foram sempre preciosas companhias e anfitriões. Além desses, cito meu apreço pelos colegas de doutorado Elias Veras, Elton Francisco, Sandor Bringmann, Elton Costa, Eduardo Gomes e Ricardo Machado.

Gostaria de agradecer aos funcionários da Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, onde sempre fui atendido com muita solicitude e ao Thiago Pires, da Secretaria do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC. Também registro minha gratidão aos servidores que tive contato na Fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

Minha família, baluarte de sempre: Clodoaldo Melo, Janua Coeli Azevedo, Juan Felipe, Ana Catarina, Iânua e Georgiana. Seria injusto não mencionar aqui a amizade de Bruno Ramalho, Daniel Abath, Keitiany Cavalcanti e Cláudia Santos. Há mais de uma década que nossos destinos se cruzaram na cidade de João Pessoa e acredito que esses laços fraternos só aumentam com o passar do tempo.

RESUMO:

O pensamento – conceito abordado aqui enquanto um processo vinculado à formação intelectual do sujeito – pode ser um fenômeno multifacetado e permanecer em aberto. Com base nessa premissa, os diagnósticos elaborados por Lima Barreto (1881-1922) sobre a modernidade serão mapeados a partir das mediações culturais que estabeleceram com ícones bastante representativos das letras modernas, como, por exemplo, Anatole France, Tolstói, Dostoiévski, Thomas Carlyle e Jules Gaultier.

É preciso esclarecer, de antemão, que esse trabalho constitui um ponto de vista, entre muitos possíveis, sobre as relações mantidas por Lima Barreto e a cultura escrita que circulou em seu tempo. Buscar compreender alguns nuances do processo de maturação intelectual desse escritor, a partir das influências que recebeu das literaturas estrangeiras, não significa crer no argumento de que a criatividade barretiana foi um tipo de reflexo das ideias europeias.

A partir, principalmente, das impressões de leitura de Lima Barreto e do catálogo de sua biblioteca particular, pretendo comparar as ideias literárias desse escritor com as de outros homens de letras que fizeram parte de sua geração. Por meio desse procedimento, é possível trabalhar com a perspectiva de que os diagnósticos de Afonso Henriques sobre a política, a modernidade brasileira e a vida intelectual, na Primeira República, podem dialogar com contextos documentais bem mais amplos do que o da história nacional.

Palavras-chave: História intelectual; Lima Barreto; Primeira República.

ABSTRACT:

The thought - a concept discussed here as a process linked to the intellectual formation of the subject - can be a multifaceted phenomenon and still remain open. Starting from this premise, the diagnoses elaborated by Lima Barreto (1881-1922) about modernity will be mapped starting from the cultural mediations that have established quite representative icons of modern letters, for example, Anatole France, Tolstoy, Dostoyevsky, Thomas Carlyle and Jules Gaultier.

We must clarify in advance that this work is a point of view, among many possible, on relations maintained by Lima Barreto and the written culture that circulated in his time. Search to understand some nuances of intellectual maturation process of this writer, starting from the influences received from foreign literature, does not mean believing in the argument that the creativity of Barreto was a kind of reflection of European ideas.

From mainly of Lima Barreto's reading impressions and his personal library catalog, want to compare the literary ideas of this writer with the other brazilian authors that were part of his generation. Through this procedure, is possible work with the perspective that the diagnostics about politic, brazilian modernity and the intellectual life, in the First Republic, made by Lima Barreto, be able to inserted in documentary contexts more extensive than the local history.

Keywords: Intellectual history; Lima Barreto; First Republic.

SUMÁRIO:

Introdução.....	10
 1. A Bela Época e seus escombros	
Cenas da <i>Belle Époque</i> tropical.....	20
Racismo e eugenia: um brevíário da civilização.....	29
Notas dos subterrâneos.....	38
 2. Escritos e leituras de véspera	
Prelúdios literários.....	50
A <i>Floreal</i>	71
 3. O destino militante da literatura	
“A começar por Anatole France”.....	96
“A literatura é um sacerdócio”.....	124
 4. Uma ponte entre as estepes e os trópicos	
“A imortal literatura dos Turguenieffs”.....	141
O tolstoísmo.....	162
Nos rastros de <i>Netochka e Isaías Caminha</i>	180
História e cosmopolitismo: o Dr. Bogolóff.....	187
 5. O bovarismo e outros males	
Sintomas gerais.....	199
Patologias literárias.....	228
O Hospício.....	239
 Considerações finais.....	254
 Fontes e bibliografia.....	259
 Anexos.....	270

*Céus! Prende-me ainda este antro vil?
Maldito, abafador covil,
Em que mesmo a celeste luz
Por vidros foscos se introduz!
Opresso pela livralhada,
Que as traças roem, que cobre a poeira,
Que se amontoa, embolarada,
Do soalho à abóbada cimeira;
Cercado de um resíduo imundo,
De vidros, latas, de antiquais,
Cheios de trastes e miuçalhas –
Isto é teu mundo! Chama-se a isto de mundo!*

Goethe*

O autor do artigo (...) era o muito conhecido autor inglês, autor de uma famosa vida de Goethe, e cujas relações com George Eliot ficaram famosas. Trabalho muito curioso o seu artigo sobre o famoso filósofo do Medievo, mas que, em resumo, censura em Abelardo o que se pode censurar em todo grande homem: um amor muito maior à sua obra, ou talvez aos seus projetos, do que às pessoas que o amam.

Lima Barreto**

* GOETHE, Johann. *Fausto: uma tragédia*. Vol. I. Tradução de Jenny Klabin Segall. São Paulo: Editora 34, 2011, p. 61.

** BARRETO, Lima. *O cemitério dos vivos: memórias*. Prefácio de Eugênio Gomes. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 201-02.

INTRODUÇÃO: NAS SENDAS DO DESENCANTO

Aquele contato com os livros, desde quase o seu nascimento, dera-lhe fumaças e a inaptidão do intelectual de origem obscura para o esforço seguido, quando se choca com o meio naturalmente hostil.

Lima Barreto *

No conto “A biblioteca”, publicado na primeira edição de *Histórias e sonhos*¹, o último livro organizado em vida pelo escritor, em 1920, Lima Barreto narra a trajetória de uma tradicional família que entra em decadência após a implantação do novo regime. A infância de Jaime Carregal foi vivida em uma suntuosa casa, ampla e toda mobiliada por madeira de lei, em uma chácara na Tijuca. Os motivos da derrocada do patrimônio financeiro da família foram “o inventário, as partilhas, a diminuição de rendas”, somados “a marcha da sociedade”² ao qual o fictício conselheiro Fernandes Carregal, o patriarca, pertenceu. Porém, mesmo tendo de se desfazer dos bens mais preciosos, esse aristocrata preservou, com muita devoção, uma suntuosa biblioteca com publicações raras sobre “ciências matemáticas, físicas e naturais (...). Lá havia preciosidades. De Lavoisier, encontravam-se quase todas as memórias”³.

* BARRETO, Lima. *Numa e a Ninfa*. Prefácio de João Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 187.

¹ A versão digitalizada da primeira edição de *História e sonhos* encontra-se disponível para ser acessada via internet. Os acervos virtuais da biblioteca *Brasiliiana*, da Universidade de São Paulo, contam com uma valiosa quantidade de obras nacionais raras, situadas em vários períodos históricos diferentes. Ao debruçar-se sobre o estudo de uma edição digital, mas que preserva as características visuais originais do impresso, o historiador pode ter acesso, inclusive, aos detalhes gráficos dessa obra e ter contato com a configuração da linguagem escrita da época. A *Brasiliiana* foi viabilizada por meio de um projeto acadêmico voltado para democratizar o acesso à Livraria Mindlin, doada para a USP após o falecimento do empresário José Mindlin: renomado colecionador de livros. Acesso no endereço www.brasiliana.usp.br

² BARRETO, Lima. *Histórias e sonhos*. Rio de Janeiro: Gianlorenzo Schettino, 1920, p. 109 ou BARRETO, Lima. *Contos completos*. Organização e prefácio de Lília Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 219.

³ Idem, p. 220.

Sobre o renomado químico francês, que viveu de 1743 até 1794, o narrador conta que o velho Carregal era tomado de uma grande emoção quando, manuseando o seu exemplar do *Traité élémentaire de chimie*, meditava sobre o destino ingrato reservado a esse cientista:

– Veja só meu filho, como os homens são maus! Lavoisier publicou esta maravilhosa obra no início da Revolução, a qual ele sinceramente aplaudiu... Ela o mandou para o cadafalso – sabe você por quê?

– Não, papai.

– Porque Lavoisier tinha sido uma espécie de coletor ou coisa parecida no tempo do rei. Ele o foi, meu filho, para ter dinheiro que custeasse as suas experiências. Veja você como são as coisas e como é preciso ser mais do que homem para bem servir aos homens...⁴

A gama de títulos e autores citados ao longo do conto é vasta, contemplando obras como a *Nouvelle Héloïse*, de Rousseau, até um exemplar autografado de *Oceania*, do poeta e advogado Gonçalves Dias. O fato é que o velho conselheiro dedicou todo o restante da vida, vivendo como um modesto burocrata de uma repartição pública, após a queda da monarquia, para que um dos seus quatro filhos se tornasse um homem de letras. Tendo os outros três logo se casado, constituído família e vivendo como negociantes, o patriarca depositava muita esperança em que o caçula, Jaime Carregal, compreendesse o valor e levasse adiante o legado dos seus livros. Percebendo que o filho não demonstrava nenhum interesse ou satisfação pelos livros, tendo sido alfabetizado a duras penas, cada vez mais Fernandes Carregal foi se tornando carrancudo e melancólico.

Quando Jaime, no auge da adolescência, pede dinheiro ao pai para ir ver um jogo do *football*, o velho conselheiro, ciente de que o filho apresentava mais disposição para o uso dos músculos do que do intelecto, manda a esposa comprar um grande latão de querosene e, quando ficou sozinho na casa, em uma ocasião, “com seus robustos setenta anos”,

Foi carregando os livros que tinham sido do pai e do avô para o quintal de casa. Amontoou-os em vários grupos, aqui e ali, untou de

⁴ Idem, *Ibidem*.

petróleo cada um, muito cuidadosamente, e ateou-lhes fogo sucessivamente.

No começo a espessa fumaça negra do querosene não deixava ver bem as chamas brilharem; mas logo que ele se evolou, o clarão delas, muito amarelo brilhou vitoriosamente com a cor que o povo diz ser a do desespero...⁵

Esse sombrio conto de Lima Barreto é bastante emblemático ao apontar, de uma maneira muito singular, para os nuances de um escritor que foi dotado de uma grande erudição e cujas reflexões, mesmo as mais pessoais, sempre demonstraram uma grande preocupação com as relações entre sociedade e conhecimento. Em uma república marcada pela emergência de um liberalismo desfigurado para conviver com a sobrevida de práticas oligárquicas e valores oriundos do escravismo, o destino das ideias de quem ousava utilizar a pena para criticar as incoerências da nova ordem política parecia ser tão trágico quanto o da preciosa biblioteca do conselheiro Carregal. Sendo assim, esse trabalho propõe um estudo mais detalhado sobre a formação intelectual desse literato, pela ótica da historiografia, com ênfase na sua percepção decantada e desencantada do limiar da modernidade brasileira.

Feitas essas primeiras considerações sobre a hipótese geral que guiará esse estudo sobre a obra de Lima Barreto, gostaria de destacar também sobre qual perspectiva o conceito de desencanto moderno é aqui evocado. Em *Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária*, do historiador britânico Edward Thompson, foram reunidos importantes palestras, ensaios e resenhas desse autor sobre os literatos mais representativos do romantismo inglês, como Samuel Taylor, Coleridge, William Wordsworth e John Thelwall.⁶ O principal interesse de Thompson é mapear como essa literatura está em contato com as reivindicações políticas da época em que foi produzida. Em nenhum momento o autor nega a dimensão ficcional e a necessidade da compreensão estética da arte, porém frisa que a escrita romântica pode

⁵ Idem, p. 225.

⁶ Trata-se de um livro póstumo, organizado pela então viúva do historiador: Dorothy Thompson e publicado, originalmente, em 1997. Essa obra constitui uma boa referência tanto em relação aos interesses de Edward Thompson sobre a história social da literatura, bem como no tocante aos usos possíveis que a poesia e a prosa podem ter como fonte para os historiadores.

ser analisada a partir de uma ótica que enfatize a inserção desses textos e dos próprios literatos em uma dada dinâmica social, marcada por suas próprias tensões e experiências.

Na verdade, o foco das reflexões de Thompson são os letrados da Inglaterra oitocentista. Agentes históricos bem distantes do recorte temporal e geográfico que remete a chamada *Belle Époque* tropical, na cidade do Rio de Janeiro. De todo modo, o autor esclarece, no capítulo “Desencanto ou apostasia”, tornado público inicialmente na forma de palestra, que é necessário que os estudiosos das relações entre história, literatura e política dirijam suas atenções também para as experiências históricas concretas vivenciadas pelos artistas que estudam.

A distinção que Thompson elabora entre as noções de *desencanto* e *apostasia* pode ser usada para a análise dos posicionamentos dos intelectuais, na Primeira República, na medida em que o desencanto é percebido pelo autor de *Os românticos* como uma decepção em relação aos ideais republicanos e humanistas que vigoraram no século XVIII. A apostasia é o ceticismo e o cinismo em torno das crenças de que a transição do século XVIII para o XIX ensejou um tempo no qual as relações sociais estavam margeadas pela tríade da liberdade, igualdade e fraternidade. No caso dos literatos analisados pelo historiador em questão, optar pela apostasia induzia o sujeito a defender valores conservadores e aristocráticos.

Ainda de acordo com Thompson, os poetas românticos que analisou vivenciaram uma crise em suas sensibilidades quando suas expectativas em torno do republicanismo foram frustradas. As tensões sociais da época em que viveram irão inspirar fecundamente ou turvar a produção cultural desses letrados. Desse modo,

O impulso criativo pode ser sentido durante todo o tempo em que persiste essa tensão, mas quando a tensão diminui o impulso criativo também falha. Não há nada no desencanto que seja hostil à arte, mas quando se nega ativamente a inspiração, aí estamos à beira da apostasia e a apostasia é um fracasso moral e um fracasso imaginativo.⁷

⁷ THOMPSON, Edward. *Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária*. Tradução de Sérgio Moraes Reis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 56.

No caso brasileiro, o desencantamento com a modernidade endossou uma série de polêmicas contra os adeptos das belas letras na Primeira República. Em *Lima Barreto e o fim do sonho republicano*, Carmem Lúcia de Figueiredo problematizou o papel desempenhado pela sátira verbal e o humor visual como recursos usados para a politização dos leitores. Na imprensa dissidente, com a qual o literato que é aqui objeto de estudo colaborou amplamente, jornais como *O Malho*, revistas como a *Fon-Fon* e *A Avenida*, serviram como artefatos para que diversas formas de insatisfação com a política oficial da época fossem externadas. Se o sonho republicano estava alicerçado no anseio das elites em modernizar o Brasil, o desencanto nutrido por alguns letrados, que destoaram do veio “sorriso da sociedade”⁸, residiu na percepção de que os grandes idealismos legados pela Revolução Francesa estavam sendo incinerados pelo autoritarismo, arrivismo e pelas práticas oligárquicas que vigoraram ao longo da transição do século XIX para o XX.

Ainda de acordo com Carmem Figueiredo, o dispositivo do riso acionado pela escrita de Lima Barreto não aciona a gargalhada e sim um tipo de riso amarelo, ou seja: melancólico; entre a dor e a ironia. Dentro dessa perspectiva, “o estilo de Lima Barreto vinculou-se à imagem tradicional de satirista, visto, portanto, como emissor da palavra terrível e ferina, que expunha o distanciamento entre o que deve ser e o que é”⁹. A produção literária do escritor é, portanto, transgressora, na medida em que está engajada em causar fissuras na concepção artística de belo que vigorou em sua época e em denunciar as disparidades presentes entre o elitismo dos intelectuais e os anseios populares.

Também em *Lima Barreto e o fim do sonho republicano* encontra-se a sugestão valiosa de que, no caso desse autor, é inegável que vida e obra se entrelaçam. Porém, é preciso evitar trabalhar com os textos barretianos a partir da perspectiva que os taxa de mero reflexo da personalidade de um escritor amargurado. Postulado que serve aqui para

⁸ A expressão foi usada pelo médico e escritor Afrânio Peixoto, membro da Academia Brasileira de Letras, primeiramente, em 1915. Essa concepção de arte está em harmonia com uma noção da atividade intelectual como um labor diletante, preocupada com questões mundanas e em celebrar a felicidade que acompanhavam o triunfo dos vencedores em uma sociedade profundamente desigual. Olavo Bilac, Humberto de Campos e Coelho Neto são nomes que integram o filão adepto dessa ideia da literatura e da distinta imagem do homem de letras de prestígio.

⁹ FIGUEIREDO, Carmem Lúcia de. *Lima Barreto e o fim do sonho republicano*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995, p. 19.

evitar declarações como a do filólogo Flávio Kothe, por exemplo, que no segundo volume de *O cânone republicano*, afirma que Lima Barreto “nasceu com três azares frente ao paradigma senhorial branco: pobre, mulato e filho de maluco. A esses ele acrescentou outros três: alcoolismo, crítica ao poder (governo e mídia) e neurose grave”¹⁰. É interessante perceber como, nesse breve trecho, carregando a pena nas tintas da polêmica, Kothe condensa os estereótipos do pobre coitado e do rebelde ensandecido que, a meu ver, pouco contribuem para uma visão mais profunda das obras de Lima Barreto.

Considero muito mais importante do que evidenciar as curiosidades biográficas sobre Lima Barreto, perceber o papel da erudição em sua escrita e buscar detectar quais foram os métodos que esse autor usou para a interpretação da configuração histórica na qual estava inserido. Em *Um mulato no Reino de Jambom: as classes sociais na obra de Lima Barreto*, Maria Zilda Cury teceu importantes considerações sobre a importância do que conceituou enquanto fatalismo para a configuração da escrita desse autor carioca. De acordo com esse trabalho de crítica literária, o modo como Lima Barreto abordou determinados temas, em sua ficção, “aponta para a descrença” em “um determinado grupo social”. Porém, essa postura pirrônica é canalizada para o “nível da enunciação onde já se apresenta como denúncia”¹¹. Esse estudo visa também contribuir para esse debate a partir da inclusão dos textos barretianos em conjuntos documentais mais vastos.

Partindo dessas premissas, o pensamento – conceito abordado aqui enquanto um processo vinculado à formação intelectual do sujeito, que pode ser plural e permanecer em aberto – de Lima Barreto e os diagnósticos elaborados pelo citado escritor sobre a modernidade serão mapeados a partir das mediações culturais que estabeleceram com ícones bastante representativos das letras modernas, como, por exemplo, Anatole France, Tolstói, Dostoiévski, Thomas Carlyle e Jules Gaultier.

É preciso esclarecer, de antemão, que esse trabalho constitui um ponto de vista, entre muitos possíveis, sobre as relações mantidas por Lima Barreto e a cultura escrita que circulou em seu tempo. Ao buscar compreender nuances do processo de maturação intelectual desse escritor a partir das influências que recebeu das literaturas estrangeiras,

¹⁰ KOTHE, Flávio. *O cânone republicano*. Vol. 2. Brasília: Editora UNB, 2004, p. 41.

¹¹ CURY, Maria Zilda Ferreira. *Um mulato no Reino de Jambom: as classes sociais na obra de Lima Barreto*. São Paulo: Cortez, 1981, p. 32.

isso não significa crer no argumento de que a criatividade barretiana foi um tipo de reflexo das ideias europeias.

A angústia da influência, para me valer de um conceito discutido pelo crítico Harold Bloom, margeia todo o processo de constituição das letras modernas. Esse tipo de aflição, sentido pelos escritores, é ocasionado a partir de “de um profundo ato de leitura que é uma espécie de paixão por uma obra literária”¹². Tendo consciência de que não podem simplesmente imitar seus precursores, os grandes literatos europeus, analisados por Bloom, usaram várias artimanhas imaginativas com a intenção de avançar em relação aos interesses e o estilo de seus cânones.

De acordo com o autor,

De forma que não precisam ser doutrinárias, os poemas fortes são sempre presságios de ressurreição. O morto pode ou não retornar, mas sua voz ganha vida, paradoxalmente nunca pela mera imitação, e sim na agônica apropriação cometida contra poderosos precursores apenas pelos seus sucessores mais talentosos. (...) A ironia de uma época não pode ser a de outra, mas as influências-angústias estão embutidas na base agonística de toda literatura de criação.¹³

As teses de Harold Bloom são úteis aqui na medida em que sugerem que “a influência poética”, ou retórica, “é ganho e perda, inseparavelmente entrelaçados no labirinto da história”¹⁴. Levando em conta essa afirmação e a partir, principalmente, das impressões de leitura de Lima Barreto, pretendo comparar suas ideias literárias com as de outros homens de letras que fizeram parte de sua geração. Por meio desse procedimento, é possível trabalhar com a perspectiva de que os diagnósticos de Afonso Henriques sobre a política, a sociedade carioca e

¹² BLOOM, Harold. *A angústia da influência: uma teoria da poesia*. 2ª ed. Tradução de Marcus Santarrita. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 24.

¹³ Idem, p. 24-5.

¹⁴ Idem, p. 79.

a vida intelectual, na Primeira República, pode ser inserida em contextos bem mais amplos do que o local.

Em *Uma outra face da Belle Époque carioca: o cotidiano nos subúrbios nas crônicas de Lima Barreto*, dediquei-me ao estudo das relações entre a escrita jornalística do autor de *Clara dos Anjos* e a vida urbana na cidade do Rio de Janeiro durante o auge da chamada “regeneração” da então capital do país. Se a história oficial glorificou as intervenções militaristas – que foram humanamente desastrosas – durante os episódios que envolvem casos de revolta popular contra o novo regime ¹⁵, as crônicas de Lima Barreto podem auxiliar, de forma ampla, os historiadores a tecerem análises em torno da trajetória dos atores sociais que encararam como barbárie as iniciativas civilizadoras empreendidas nas últimas décadas do século XIX e durante todo o começo do século XX.

Uma das suposições oriundas dessa pesquisa reside na assertiva de que,

Lima Barreto compreendia bem e passou a combater em sua escrita, os nexos que habitam a relação entre saber e poder. Os privilégios sociais que eram reservados aos doutores, inclusive em estatutos legais, confluíam, para o autor, em direção à instituição e legitimação de uma nova nobreza. Dentro dos pressupostos igualitários pregados pela filosofia republicana, para Lima Barreto, essa contradição era inaceitável e terminava por tornar os doutores mais cidadãos do que a grande maioria de analfabetos que totalizava a população brasileira. Essa questão, em termos

¹⁵ Permanecem como os casos mais contundentes do autoritarismo exercido pela república a Guerra de Canudos (1896-1897), durante o governo civil de Prudente de Moraes e a Guerra do Contestado (1912-1916), iniciada no governo de Hermes da Fonseca e sufocada durante a administração de Venceslau Brás. Embora exista uma ampla bibliografia especializada sobre o tema, faço uma rápida menção aqui a esses episódios no intuito de ilustrar melhor a enorme distância que existia entre os interesses populares e a ordem dominante. O fato é que, seja no sertão baiano ou nas fronteiras entre o Paraná e Santa Catarina, as grandes levadas de camponeses e trabalhadores pobres que se organizaram, resistiram contra o poderio militar republicano e questionaram a legitimidade do governo federal foram brutalmente dizimadas pelas tropas do exército. Os desfechos sanguinários desses eventos foram usados como exemplos do destino reservado para quem ousasse colocar em prática modelos de organização comunitária dissonantes do republicanismo.

de administração municipal, possuía ainda dimensões extremamente maléficas (...).¹⁶

Essa inclinação voltada para despolitizar a própria vida política do país foi uma característica bastante perversa da República. Dito de outro modo, ao favorecer o revezamento, por algumas décadas, de médicos, oficiais e engenheiros nos governos municipais, estaduais e federal do país, as elites almejavam tanto concretizar um projeto civilizador excludente, bem como transmitir a sensação de que a ordem social e política estavam sendo mantidas por diretrizes “neutras” e “científicas”. Ao atuar como jornalista e trazer para o público leitor da época cenas do cotidiano daqueles que foram os principais alvos das políticas da chamada “regeneração” carioca, Lima Barreto revestiu de uma imensa aura de dignidade as experiências de muitas pessoas que eram tratados pelo poder como detritos humanos. Dentro desse prisma, esse trabalho apresenta-se também como um esforço para que as escolhas éticas desse escritor sejam mais bem investigadas.

Essa pesquisa também está ancorada nas reflexões do sociólogo francês Pierre Bourdieu em torno da relação entre cultura escrita e sociedade. No ensaio “Leitura, leitores, letrados, literatura”, esse autor postula uma série de percursos que podem ser traçados por quem almeja traçar uma abordagem filológica de um impresso. Isso denota considerar que a interpretação de um texto do passado necessita ser submetida a um processo de questionamento, de decifração e codificação. Nesse sentido,

Nossa leitura é a leitura de um letrado, de um leitor, que lê um leitor, um letrado. E, portanto, há uma grande probabilidade de que tomemos como evidente tudo o que esse letrado tomava como evidente, a menos que se faça uma crítica epistemológica e sociológica da leitura. Situar a leitura e o texto numa história da produção e da transmissão culturais significa ter uma possibilidade de controlar não só a relação do

¹⁶ AZEVEDO NETO, Joachin. *Uma outra face da Belle Époque carioca: o cotidiano nos subúrbios nas crônicas de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2011, p. 56.

leitor com seu objeto, mas também a relação com o objeto que foi investido nesse objeto.¹⁷

Tentando aqui tornar essa importante reflexão teórica mais inteligível, é essencial levar em contato o fato de que a cultura erudita – campo pelo qual Lima Barreto transitou de forma astuciosa – é caracterizada por um complexo “universo de referências que são indissolavelmente diferenças e reverências, distanciamentos e atenções”¹⁸. É justamente nesse jogo entre aceitação e contestação das ideias vigentes que a literatura mantém uma relação direta com um determinado universo que engloba uma cultura que foi vivenciada por sujeitos históricos concretos, que realmente existiram. Mapear a importância simbólica que determinadas citações de obras e autores assumem para um literato e quais diretrizes guiavam esse escritor para fornecer uma opinião sobre sua época é ainda um desafio que pode fomentar importantes pesquisas para sociólogos e historiadores.¹⁹

Feitas essas considerações iniciais sobre as principais inquietações, aportes e hipóteses mais gerais que motivaram esse roteiro de estudos, remeto para uma breve descrição do conteúdo de cada tópico desse trabalho. No primeiro capítulo, “A Bela Época e seus escombros”, elaboro uma discussão mais geral sobre o tempo no qual viveu esse escritor carioca, com base no diálogo entre história e literatura. Desse modo, o jornalista Lima Barreto entra em cena como um guia bastante atento para aos debates sobre cidadania, reformas urbanas e as repercussões locais das políticas internacionais em plena *belle époque* carioca.

No segundo capítulo, “Escritos e leituras de véspera”, saliento a necessidade de ir além da imagem pronta e acabada de Lima Barreto enquanto escritor maldito. Essa perspectiva acaba deixando de lado aspectos importantes do processo de maturação intelectual desse literato, interligados com a educação privilegiada que recebeu no tocante às suas origens sociais modestas e até mesmo a sua breve colaboração com a imprensa burguesa por meio da revista *Fon-Fon*. Antes do lançamento da *Floreal* ser concretizado, um longo caminho foi traçado pelo jovem

¹⁷ BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. Tradução de Cássia da Silveira & Denise Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 142.

¹⁸ Idem, p. 144-5.

¹⁹ Cf. BOURDIEU, Pierre & CHARTIER, Roger. Estruturas e indivíduo. In: *O sociólogo e o historiador*. Tradução de Guilherme Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 45-56.

Lima Barreto. Essa parte deste trabalho busca contribuir para os debates sobre esse percurso.

Em “O destino militante da literatura”, recorro aos textos produzidos pelo Lima Barreto já reconhecido como colaborador de vários periódicos do Rio de Janeiro e que, apesar das adversidades, era convocado frequentemente para emitir opiniões sobre livros de aspirantes ao mundo das letras na Primeira República. Nesse contexto, os escritores europeus Anatole France e Thomas Carlyle, fundamentais para Lima Barreto legitimar seus discursos como um autor militante, eram lidos por intelectuais de distintos matizes políticos. Sendo assim, busco mapear as diferenças entre as apropriações feitas das ideias de France e Carlyle pelos belletristas e a realizada pelo autor de *Clara dos Anjos*.

No quarto capítulo, “Uma ponte entre as estepes e os trópicos”, considero imprescindível, como parte de um estudo sobre a história intelectual de Afonso Henriques, analisar o fascínio que a literatura eslava exerceu sobre esse homem de letras brasileiro. O fato é que a atuação barretiana nos jornais cariocas entre 1904 até 1911 foi irregular: recorte marcado por uma grande repercussão internacional da opressão política vivida na Rússia por literatos, trabalhadores e camponeses. Porém, cânones dessa seara da literatura modernista como Turgueniev, Dostoiévski e Tolstói foram evocados na ficção, epistolário e artigos de Lima na medida em que ofereciam modelos para a construção de uma arte solidária em face das mágoas e esperanças dos ofendidos e humilhados de toda sorte. Também é necessário compreender melhor as circunstâncias históricas nas quais surgiram personagens a exemplo do Dr. Bogóloff na prosa do autor de *Isaías Caminha*.

No quinto capítulo, “O bovarismo e outros males”, busco compreender a importância que leituras como *Madame Bovary*, de Flaubert, além do ensaio *Le Bovarysm*, do filósofo francês Jules Gaultier (1858-1942), auxiliaram Lima Barreto a fundamentar denúncias ao longo da sua trajetória literária. Também vale destacar a estadia forçada do escritor carioca no Hospital Nacional de Alienados e suas frequentes incursões na biblioteca dessa instituição psiquiátrica enquanto um importante capítulo da história de sua formação intelectual.

Vale a pena, portanto, tentar aprofundar o enriquecedor debate sugerido por Antonio Arnoni Prado em *Lima Barreto: o crítico e a crise*. Essa obra pode ser considerada uma das primeiras pesquisas preocupadas em compreender o perfil inconformado e polemista desse

literato carioca. Muitos dos motivos que levaram Lima a discordar “da aura de intelectualidade extrema com que o espírito acadêmico marcou a literatura”, pois esse “tom de recusa é já um ensaio para dessacralizar, para libertar o escritor desse estigma oracular que o envolve e soleniza”²⁰, ainda merecem ser investigados.

²⁰ PRADO, Antonio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1976, p. 52.

A BELA ÉPOCA CARIOCA E SEUS ESCOMBROS

*Os poetas encontram na rua o lixo da sociedade e
a partir dele fazem sua crítica heroica.*

Walter Benjamin*

Belle Époque tropical e reformas urbanas

Gostaria de iniciar esse trabalho por meio de um diálogo entre alguns dos principais estudos sobre o período em que Lima Barreto viveu com textos do citado autor acerca das reformas urbanas e higiênicas implantadas nessa época. Não se trata de, por meio desse procedimento, sugerir que sua escrita é um mero reflexo de seu tempo ou da sua biografia. Certamente esse literato escreveu motivado pelas grandes inquietações que marcaram sua época, mas caso não tivesse somado a essas preocupações uma série de reflexões de dimensões mais gerais sobre a condição humana, possivelmente, sua arte não seria considerada ainda bastante atual. De todo modo, é preciso entender as singularidades do processo de modernização da capital republicana e como Lima Barreto, além de outros letrados, reagiram em face do novo regime.

O conjunto de influências que a urbanização do Rio de Janeiro sofreu da Europa, sobretudo da Paris administrada pelo Barão de Haussmann e da França governada por Napoleão III, foi bem analisado por Jeffrey Needell em *Belle Époque tropical*. O programa de modernização do Rio de Janeiro, imposto pelo Barão de Rio Branco, já em fins do século XIX, tinha como meta erradicar do centro da cidade as vielas e o fedor dos dejetos que eram lançados nas vias públicas. Somada a essa preocupação com os odores e a imagem internacional do Brasil, foi instaurado, praticamente, um clima de histeria entre as elites letradas e políticas diante da possibilidade de um iminente morticínio que poderia acometer toda a população carioca devido aos surtos de febre amarela.

Como salienta Needell, as equipes de Pereira Passos passaram a perseguir sistematicamente vendedores ambulantes, leiteiros, proibir

* BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. Tradução de Heidrun Mendes da Silva {et. al}. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000, p. 14.

hábitos como cuspir nas ruas e monitorar o andamento das comemorações populares durante o carnaval. Além do policiamento rígido do cotidiano dos pobres, a construção de obras que foram projetadas para atribuírem uma fachada europeia, de *boulevard*, ao longo da Avenida Central consagrou, materialmente, o ideário civilizador dos engenheiros, médicos, arquitetos e políticos que integraram o governo de Passos e do presidente Rodrigues Alves de 1902 até 1906. Se o governo francês almejou aniquilar o aspecto labiríntico das vielas e becos herdados da Paris medieval, Pereira Passos empreendeu uma série de esforços para tentar apagar os laços entre o Rio republicano e a cidade colonial de outrora.

Ainda de acordo com o autor de *Belle Époque tropical*,

Tais indivíduos queriam pôr um fim ao Brasil antigo, ao Brasil “africano” que ameaçava suas pretensões à Civilização, apesar de se tratar de uma África bem familiar à elite. A maior parte desta havia sido provavelmente acalentada por negras e vivia rodeada por empregados negros, tendo testemunhado de perto a escravidão, abolida apenas em 1888. Uma parcela substancial da população da cidade, talvez mais da metade, compunha-se de descendentes de africanos, e suas tradições se mesclavam e floresciam nas áreas mais pobres da Cidade Velha e nos morros. Na verdade, as favelas, conjuntos de barracos amontoados nos morros, haviam sido erguidas perto da nova área de docas ao norte, no final do século XIX, e foi para lá que se dirigiram muitos desabrigados das habitações decadentes da Cidade Velha, demolidas com as reformas de 1903-06.¹

É bastante significativo o modo como a grande imprensa se engajou com essa noção eurocêntrica de civilização. A revista *Fon-Fon*, por exemplo, de 4 de janeiro de 1908, já traz nos elementos gráficos que compõem a logomarca do periódico dois pneus de um veloz automóvel em lugar da letra “o” e a gravura de um indivíduo de costas – para o passado, provavelmente – saudando o novo ano, além de possuir uma

¹ NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 71-2.

feição infantil. Quer dizer, além de transmitir a mensagem de que o jornalismo moderno deveria ser veloz, imitando o ritmo e o compasso das maquinarias industriais, temos em pauta a ideia de que o ano que estava se iniciado iria ser marcado pelo signo do novo.

Em um dos trechos desse exemplar, um colaborador da *Fon-Fon* fornece o padrão de beleza feminina que acionava o sorriso de satisfação da alta sociedade. O leitor pode ter uma ideia do quanto o embelezamento da cidade implicava também em um cosmopolitismo abrupto, percebido nas vestes e comportamentos dos membros das elites:

Fisionomia extremamente simpática, atraente, marcada de um cunho especial pelo narizinho francamente arrebitado... Em geral, indício de um gênio arrebatado.

Sempre risonha, dotada de um bom humor invejável, adorando o convívio social e as boas palestras, inteligente, de uma vivacidade extraordinária, a sua alegria é sã e comunicativa.

Eximia amadora de música, reúne a esses predicados que a tornam tão querida nos salões, uma bem cultivada e extensa voz de soprano dramático, que ora se eleva na paz dos santuários, ora no bulício dos palacetes em festa, colocando-a em evidência entre as mais aplaudidas *virtuoses* do canto.²

A citação acima deixa bem nítida a assertiva de que a chamada regeneração carioca impunha também uma reforma moral nos costumes e na aparência dos transeuntes da cidade. A grande parte da população que não se enquadrava nesses novos parâmetros dominantes da higiene e da estética foi alcunhada de classes perigosas pelas autoridades instituídas. Outro jornalista, que assinava sua coluna como D. Picolino, na *Fon-Fon*, em fevereiro do mesmo ano, homenageia o historiador Luís Edmundo, por ter criado a Liga Contra o Feio, alegando que, “apesar da abertura de amplas Avenidas e dos palácios em construção”, as pessoas “de pé descalço e camisa aberta sobre a moita de cabelos no peito”

² FIORDINI. O Rio elegante. In: *FON-FON*. Rio de Janeiro, ano II, nº 39, jan. de 1908, p. 14.

estavam “contrastando singularmente com a preocupação de luxo e elegância que tem-se notado nesses últimos anos”³.

O conto “Apologética do Feio”, sem data e localizado na Coleção Lima Barreto, nos arquivos da Biblioteca Nacional, foi incluído com mais 41 textos inéditos na edição que reuniu os *Contos Completos* desse literato, organizada pela antropóloga e historiadora Lilia Moritz Schwarcz. Destaco aqui nessa breve, porém densa escritura, a crítica mordaz de Lima Barreto ao imaginário dominante que exaltava a noção de beleza como uma consequência do domínio de uma sociedade em torno da razão e da técnica.

Esse conto foi formulado como se fosse um bilhete enviado pelo narrador que assume o “eu” de um pretendente desprezado pela fictícia Baronesa de Melrosado, durante uma valsa, Para o narrador, o Kant, da “*Crítica do juízo e da razão pura* (...) conseguiu enfeixar o Belo em três leis sumárias; e o Feio... Nunca”⁴. É nesse sentido que Lima Barreto tece um elogio da fealdade, ressaltando que sua “Teoria Positiva do Feio”⁵ é uma resposta a essa concepção rala de beleza – física e moral – que circulava entre os frequentadores dos salões e banquetes da *Belle Époque* carioca. Para o narrador,

1º (...) O Feio é indefinível.

2º (...) O Feio é pessoal; depende de uma série de circunstâncias a que não são estranhos o ponto de vista, o lugar geográfico, a influência do meio e até o momento histórico.

Outras fossem as circunstâncias mesológicas, étnicas, psicológicas e físicas, e V. Exa. não me teria recusado a honra daquela valsa. Se até hoje nem sequer conseguiram os imbecis traçar uma linha neutra, uma linha divisória, um biombo sobre o qual se pudesse com segurança declarar: todos aqueles que se encontram além são Belos; todos aqueles que se encontram aqui são Feios! Daí a nossa superioridade: um campo de

³ D. PICOLINO. Liga contra o Feio. In: *Fon-Fon*. Rio de Janeiro, ano II, nº 46, fev. de 1908, p. 26.

⁴ BARRETO, Lima. Apologética do Feio: bilhete à Baronesa de Melrosado. [s.l.], [19__]. Orig. Ms., 6 tiras. *Fundação Biblioteca Nacional*/Mss 1-06, 36, 1021 ou BARRETO, Lima. Apologética do Feio. In: *Contos Completos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 558.

⁵ Idem, p. 559.

ação mais vasto; daí a minha audácia: pretender valsar com a baronesa de Melrosado!

(...) Reatemos o fio da meada. Diderot? Balzac? Comte? Spencer? Claude Bernard? Max Muller? Sainte Beuve? Tolstói? Nietzsche? Ibsen? Todos eles feios, minha senhora, e alguns horríveis. Propositalmente guardei para rematar este Rol de Feios – e que V. Exa. me agradeça a lembrança, a fealdade irônica. Ah! Nos domínios da Ironia a regra é geral. Tomo para exemplos os três vultos mais simpáticos:

Heine – o ironista alemão;

Kavv – o sumo pontífice da verve gaulesa; e Eça, o incomparável. Trindade adorável e horripilante! O *Intermezzo*! *Les Femmes*! *Os Maias*! E tem-se dito tudo.

(...) Vê, pois V. Exa. que se pode ser feio, sendo-se homem de espírito, de ação e entendimento.⁶

Não existem indícios suficientes para precisar o ano e, conseqüentemente, a idade que Lima Barreto tinha quando escreveu esse conto filosófico. Quer dizer, não há como alegar, com certeza, se é um escrito contemporâneo em relação à criação da Liga Contra o Feio. De todo modo, a forma como está estruturado aponta para uma franca polêmica contra os ditames do culto ao belo, enquanto uma prática que implicava em refinamento social, defendido pelos partidários da República das Belas Letras. O cabedal de intelectuais, das mais variadas vertentes, evocado pelo escritor, fornece um rápido guia de algumas das suas principais preferências de leitura e de como essas letras poderiam ser usadas como munição contra os valores nefelibatas difundidos em nossa bela época. Contra a formosura cenográfica das indumentárias, gestos e fachadas da Av. Central e dos salões literários, Lima Barreto evoca as virtuosas da ironia e do saber como potência crítica ao invés de símbolo de distinção.

Fica assinalado, portanto, o esforço de Lima Barreto de se diferenciar dos literatos que se entretinham com as *Histórias da gente alegre*. A crônica que intitula essa antologia de textos de João de Rio foi publicada, primeiramente, em 1910. Nela temos uma ideia da pompa e do luxo que deu a tônica do processo de aburguesamento da sociedade

⁶ Idem, Ibidem.

carioca no começo do século XX. O talentoso jornalista leva o leitor, por meio da sua narrativa, até o interior de um dos clubes frequentados, literalmente, pelos *smarts* – a gente elegante da capital da República:

O terraço era admirável. A casa toda parecia mesmo ali pousada à beira dos horizontes sem fim como para admirá-los, e à luz dos pavimentos térreos, a iluminação dos salões de cima contrastava violenta com o macio esmaecer da tarde. Estávamos no Smart Club, (...) esse maravilhoso terraço da vila do Estoril (...). Com o ardente verão ninguém tinha vontade de jantar. Tomava-se um aperitivo qualquer, embebendo os olhos na beleza confusa das cores do ocaso e no banho vírde de todo aquele verde em derredor. (...) O soalho envernizado brilhava. Os divãs modorravam em fila encostados às paredes – os divãs que nesses clubes não têm muito trabalho. Os criado, vindos todos de Buenos Aires e de São Paulo, criados italianos, marca registrada como a melhor em Londres, no Cairo, em Nova Iorque, empertigavam-se. E a viração era tão macia, um cheiro de salsugem polvilhava a atmosfera tão levemente, que a vontade era de ficar ali muito tempo, sem fazer nada.⁸

Mas é necessário cautela com o argumento que resume João do Rio – pseudônimo do acadêmico Paulo Barreto – a figura de um mero deslumbrado com os ritos das elites. Tendo desfrutado de grande reconhecimento ao longo da vida, canonizado como um dos precursores do jornalismo literário brasileiro e descrito pelos pares como um sujeito excêntrico, esse escritor se inspirou bastante no chamado decadentismo do *fin de siècle*⁹ e teceu analogias dotadas de muita sensibilidade entre o universo dos novos ricos e a realidade de alguns guetos da cidade,

⁸ RIO, João do. *Histórias da gente alegre*. Seleção, introdução e notas de João Carlos Rodrigues. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981, p. 49.

⁹ Em *A vida vertiginosa dos signos: recepção do idioleto decadista na belle époque tropical*, Marcus Salgado analisou a presença da noção de decadência na escrita de João do Rio, Elysio de Carvalho e Medeiros e Albuquerque. De acordo com o autor dessa citada dissertação de mestrado em Letras Vernáculas, o decadentismo literário pode ser compreendido como uma manifestação simbólica de certo sentimento de desajuste que é vivenciado pelo escritor ao longo de suas experiências pessoais.

transitando entre temas como o sadismo, a violência policial, exploração do trabalho, crimes passionais e consumo de entorpecentes. Ainda nas “Histórias da gente alegre”, o autor percebe, além do refinamento e da opulência do Smart Club, os “elegantes cariocas com risos superficiais, risos postiços, gestos a contragosto do corpo” assemelhando-se a “bonecos vítimas da diversão *chantecler* (sic)”¹⁰.

No conto “Fim de um sonho”, publicado, originalmente, na edição de número 709, da revista *Careta*¹¹, no ano de 1922, Lima Barreto adentrou nessa mesma atmosfera dissimulada dos banquetes e clubes bem frequentados da cidade do Rio de Janeiro e narra as desventuras de um homem que teve o mesmo sonho por três meses. A possibilidade de vida noturna, proporcionada pelo advento da chegada da iluminação elétrica, transforma o narrador do conto em “um animal noturno muito especial que só pode viver (...) sob incidência dessa luz artificial”. Apenas nessas circunstâncias, “é que o mundo das coisas e dos entes saía, para os meus olhos, da bruma, da caligem, da hesitação das formas”¹². Nesse sentido, assim se dava o intrigante cotidiano desse pitoresco personagem:

Dormia até às três horas, tomava banho e almoçava quando os outros iam jantar. Saía à boca da noite, fazia horas pelos botequins até ir jantar num restaurante do centro e, depois, encaminhava-me para o clube, o lindo “Incroyable-Club”, decorado luxuosamente, com

¹⁰ Rio, João do. Op. Cit., p. 49.

¹¹ A revista *Careta* esteve sediada na Rua da Assembleia, no Rio de Janeiro e circulou de 1908 até 1960. Contou com um alto padrão gráfico e editorial para a época. Teve patrocínio de empresas farmacêuticas, indústrias manufatureiras e profissionais liberais, situados nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo e contou com um número significativo de leitores e assinantes. Além de ter Lima Barreto como um dos principais colaboradores, contou também com o talento dos chargistas Raul Pederneras, K. Lixto e J. Carlos. Frequentemente, os colunistas que atuavam no periódico adotavam pseudônimos como uma estratégia voltada para a fomentação de polêmicas contra outros impressos concorrentes, escritores e políticos. Na edição de nº 33, datada de 16 de janeiro de 1909, um colaborador que assinava sua coluna como Diabo Coxo descreve, com ironia, as diretrizes do impresso: “a *Careta* é uma revista que se preza de sempre andar bem informada; por isso mesmo é que os seus cinco milhões de leitores nada ignoram do que vai pela política nacional, pois ela (a *Careta*) sempre os informa de todas as novidades tanto novas, como velhas. Porque há novidades velhas, e estas às vezes são as melhores”.

¹² BARRETO, Lima. Fim de um sonho. In: *Careta*, Rio de Janeiro, ano XV, nº 709, 21 de jan. de 1922 ou BARRETO, Lima. Fim de um sonho. In: *Contos Completos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 521.

um luxo e gosto nem sempre de grande aprumo, mas que a profusão de luz elétrica, derramada aos jorros, fazia suntuoso e maravilhoso que nem um palácio de Mil e uma Noites.

Nunca vira aquilo tudo; e embora, por conhecer alguma coisa de arte, detestasse as duvidosas pinturas das paredes, gostava, entretanto, das mulheres que não me pareciam ser tão artificiais assim. Em começo, fazia meu serviço, bebendo cerveja; por fim, champanha; e, afinal, travei conhecimentos com cavalheiros amáveis.¹⁴

Esses cavalheiros eram todos estrangeiros, sendo o russo Wassíli Sòbonoff diretor de ‘uma poderosa usina de produção elétrica em Mambocaba’¹⁵, além do tcheco Peteo e um húngaro chamado barão de Hermeny. Os banquetes se sucedem, entre um passeio de automóvel e outro e grandes recepções, marcada, logicamente, pela presença de belas damas e mesas de jogos de azar. Mas o sonho do protagonista da narrativa de Lima Barreto acaba em pesadelo quando lhe é revelado que seus nobres amigos eram facínoras do pior tipo. Hermeny foi preso acusado de ser um perigoso ladrão internacional de bancos e o clube foi interditado por uma lei federal que proibia o funcionamento de casas de jogos. Enquanto degusta um charuto, o narrador sentencia que seu sonho havia se tornado cinzas.

Cada qual a seu modo, nesses fragmentos, João do Rio e Lima Barreto denunciavam o artificialismo que regia os comportamentos de uma classe dirigente bastante aristocrática, mas que posava de moderna, ou seja: republicana e cosmopolita. Ambos os escritores colocam em cena sujeitos à deriva das suas próprias ilusões ou daquelas proporcionadas por maquinarias e invenções tecnológicas como a eletricidade, o automóvel e, pode-se somar a esses exemplos, também a chegada do cinema, dos trilhos de ferro por onde trafegavam as pesadas locomotivas, do avião, dos rádios nas residências, do compasso preciso dos relógios, das fotografias, dos arranha-céus e dos remédios.¹⁶ Essas

¹⁴ Idem, *Ibidem*.

¹⁵ Idem, p. 522.

¹⁶ Sobre essa temática, para uma leitura mais detalhada sobre o processo de eletrificação das principais áreas da cidade do Rio, monitorada por empresas como a Light e a Guinle e saudadas com entusiasmo pelos jornais dirigidos pelo empresário Assis Chateaubriand, recomendo o artigo “A sedução da luz: eletrificação e imaginário no Rio de Janeiro da *Belle*

novidades eram importadas dos Estados Unidos e da Europa, sendo incorporadas ao dia-a-dia das elites e acompanhadas de discursos sobre o desenvolvimento que, rapidamente, ganhavam dimensões nacionais.

Essas invenções causavam estranhamento, encanto ou, até mesmo, delírios de grandeza em seus usuários, pois, como salienta Nicolau Sevcenko, elas representaram “não só a fonte legitimadora externa do novo comportamento, como impõe nele a chancela das mudanças inevitáveis e irreversíveis, porque são as marcas de um novo tempo, cintilações compondo o fecho retilíneo do progresso”¹⁷. A remodelação acelerada do centro do Rio de Janeiro e à instituição de áreas nas quais as elites pudessem usufruir das vantagens dos dispositivos modernos, com classe e elegância, favoreceu a emergência de,

Espaços de desfile e exibição social, mais ou menos ostensivos, conforme a área e conforme o público, implicados no consumo, o qual pela publicidade preenchia o repertório das fantasias associadas ao sucesso nos negócios e no amor. O grande segredo, aliás de conhecimento geral, para angariar atenção e ampliar seu repertório de opções era parecer “moderno”.¹⁸

Nesses termos, Lima Barreto acaba sendo uma das principais testemunhas críticas de uma República feita de simulacros – naufragada em um mar de oportunismo e exclusão social. Os adventos da eletricidade e suas perturbações dos sentidos; o culto ao belo, as reformas urbanas e a higienização da então capital federal tiveram consequências lamentáveis para a imensa maioria da população carioca, que passou a sofrer na pele as rotinas sociais da opressão oficial quando a República dos Conselheiros estabeleceu seus parâmetros de civilização e barbárie; do bem e do mal.

Em *Pereira Passos: um Haussman tropical*, Jaime Larry Benchimol construiu uma minuciosa análise da história das reformas

Époque”, de Amara Rocha, publicado na *Revista de História Regional*, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, em 1996.

¹⁷ SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiente: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: _____. (org.). *História da Vida Privada no Brasil III: República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 551.

¹⁸ Idem, p. 555-56.

urbanas cariocas e de suas ligações com o modelo adotado de urbanização de Paris, no século XIX, durante o governo de Napoleão III. Fragmento de tempo marcado pelo alargamento das principais avenidas do Rio de Janeiro, mas também da destruição compulsória dos velhos trapiches, cais de madeira e quarteirões inteiros de cortiços, a transição do final do século XIX para o começo do século XX pode ser caracterizada como uma verdadeira Era das Demolições. Nesses quadros,

As grandes obras urbanísticas empreendidas no governo de Rodrigues Alves implicaram, de fato, a demolição de milhares de cortiços e outros prédios deteriorados e insalubres do centro para que a capital da República fosse transformada numa cidade “moderna, higiênica e civilizada”, à altura das metrópoles europeias e norte-americanas e da grande rival, Buenos Aires, e definitivamente expurgada da má fama da cidade empestada que tantos prejuízos trazia às suas relações comerciais com o mercado internacional.¹⁹

Outras obras públicas como o calçamento das ruas, o provimento de água, energia e esgotos privilegiaram, sobretudo, o Centro e os bairros do Catete, Botafogo e a orla de Copacabana que, tendo sido contemplada com a ampla Av. Beira-Mar, passou a ser cobiçada como a zona residencial ideal para a burguesia emergente. Inaugurada em 1904, Jaime Benchimol salienta que a construção da Av. Beira-Mar era um projeto que teve como principal porta-voz Vieira Souto, o então diretor de Obras Municipais, ainda em 1893: um funcionário do alto escalão do governo obcecado com o saneamento e embelezamento do Botafogo.

Dentro dessa perspectiva, essa Avenida é bastante emblemática por fornecer uma ideia da dimensão excludente da urbanização do Rio de Janeiro. Na medida em que foi pensada tanto para oferecer um belo quadro paisagístico aos viajantes que chegavam em navios de cargas ou de luxo, no porto da capital federal, bem como para delimitar eficazmente as fronteiras entre o território dos novos ricos e os humildes e insalubres subúrbios cariocas. É nesse contexto que, em 27 de janeiro

¹⁹ BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussman tropical*. Rio de Janeiro: Secretaria de Cultura, 1992, p. 138.

de 1905, Lima Barreto escreve que o Rio “bom e relaxado, belo e sujo, esquisito e harmônico, o meu Rio vai perde-se, se não lhe vier em troca um grande surto industrial e comercial; com ruas largas, (...) será uma aldeia pretenciosa de galante e distinta, como é o tal de São Paulo”²⁰.

A urbanização da cidade causava euforia em intelectuais como Olavo Bilac, por exemplo, que afirma na primeira edição da revista *Kosmos*²¹, em janeiro de 1904, o seguinte: “o Brasil entrou, – e já era tempo – em uma fase de restauração do trabalho. A higiene, a beleza, a arte, o ‘conforto’, já encontraram que lhes abrisse as portas desta terra, de onde andavam banidas por um decreto de indiferença e da ignorância coligadas”²². Alçado como um dos principais porta-vozes da leva de homens de letras que aderiram ao projeto civilizador dos médicos, engenheiros, advogados e militares, na época em que escreveu essa crônica, o poeta parnasiano sabia muito bem para quem suas linhas estavam sendo destinadas. A *Kosmos* circulou amplamente nos círculos intelectuais do país e abordava temas diversos, como história, arte e ciência.

Em um plano completamente oposto ao do futuro patrono das Forças Armadas do Brasil, Lima Barreto desconfia do *frenesi* causado pela noção do progresso e das políticas públicas instauradas pela nova ordem. Como sugere Benjamim Montenegro, no artigo “Vida urbana e marginalia em Lima Barreto”, esse escritor adotou para si o epíteto de romancista dos subúrbios ainda em vida. E nos quadros do Bota Abaixo promovido pela prefeitura do Rio de Janeiro,

Lima como arguto observador se coloca
criticamente em sua trincheira qual seja de

²⁰ BARRETO, Lima. *Diário íntimo*. Prefácio de Gilberto Freyre. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 92.

²¹ A revista *Kosmos* foi fundada em janeiro de 1904 e teve uma periodicidade mensal até março de 1920. Foi dirigida por Mário Behrind e teve como principal editor Jorge Schmidt. Agrupou, entre seus colaboradores, o grupo distinto de intelectuais triunfantes e frequentadores dos salões da *Belle Époque* carioca. A primeira edição, por exemplo, debutou com textos de, além de Olavo Bilac, José Veríssimo, Arthur Azevedo, Francisco Braga e Medeiros e Albuquerque. Veiculava anúncios de lojas luxuosas que comercializavam desde artigos de moda, charutos ou materiais hidráulicos e elétricos, por exemplo. Essas propagandas podem servir de indício sobre o gosto refinado e o *status* dos leitores do impresso. O editorial do primeiro número afirma que a *Kosmos* tinha interesses “alheios às lutas políticas”. Porém, pelo próprio perfil de seus colaboradores, essa suposta neutralidade era mera questão de retórica.

²² BILAC, Olavo. Crônica. In: *Kosmos*, Rio de Janeiro, janeiro de 1904.

escritor que compreende a escrita como compromisso social.²³

Fica evidente que os arquitetos do belletrismo estigmatizam o trabalhador, o homem do campo, as mulheres e homens de origens sociais pobres, atendendo a interesses políticos e estéticos muito específicos. Situando-se na contramão dessa tendência, temos a escrita de Lima Barreto que busca demonstrar o quanto pode ser humanamente elevada à realidade popular que foi desprezada pelas elites republicanas.

Racismo e eugenia: um breviário da civilização

Além de ser um escritor bastante atento para os desfechos que a urbanização do Rio de Janeiro, Lima Barreto travou contato com os principais tratados de ciências e de filosofia que circularam entre os leitores da *Belle Époque* tropical. A temática da eugenia e da discriminação racial proporcionada pela adesão do darwinismo social em uma sociedade que ainda deitava raízes no passado escravista é constante em seus romances, contos, crônica e até em anotações particulares. Desse modo, faço um recorte aqui, em meio a essa produção, para destacar as polêmicas que o literato alavancou contra os higienistas e doutores de seu tempo, tidos, segundo sua ótica, como uma nova nobreza senhorial.

Na obra *Tecnologia e estética do racismo: ciência e arte na política da beleza*, Maria Bernardete Ramos Flores discute como a noção de raça esteve presente ao longo de todos os debates que permearam a questão da identidade nacional e da modernização do país. A invenção da hegemonia racial europeia, alicerçada nas teses de Galton e Lamarck, sugere que beleza, brancura e civilização são fenômenos indissociáveis e, conseqüentemente, sugere que os povos de cor negra ou miscigenados são sinônimos de fealdade e barbárie. O Estado brasileiro, principalmente em fins do século XIX, vai acolher essas teses deterministas para impor o tipo ideal de novo homem que a República deveria projetar: branqueado, viril e disciplinado. O mito da pureza racial, associado aos padrões estéticos da Grécia Antiga, foi aclamado por muitos artistas, políticos e intelectuais.

²³ MONTENEGRO, José Benjamim. Vida urbana e marginalia em Lima Barreto. In: *Mnemosine*. Campina Grande, Vol. 2, nº 1, jan./jun. 2011, p. 150.

Técnicos, cientistas e pensadores dos Estados Unidos, Europa e América Latina nutriram uma nítida preocupação em entender o que estava causando, de acordo com seus pontos de vista, a decadência física e moral do Ocidente. As causas desse suposto declínio foram atribuídas aos desviantes dos padrões dominantes de beleza e comportamentos. Criminosos, doentes mentais, homossexuais, vagabundos e miseráveis são tratados pelas autoridades republicanas como nódos que estavam a manchar a imagem de nação civilizada que as nações modernas desejavam transmitir. O debate entre a *intelligentsia* brasileira foi intenso. As fronteiras foram bem demarcadas entre os partidários das teorias raciais evolucionistas e da eugenia e os herdeiros do humanismo igualitário europeu.

Entre os atores históricos brasileiros mais representativos, na Primeira República, da crença de que o Estado nacional tinha o dever de racionalizar a vida social por meio do controle das mentes e dos corpos temos o médico e escritor Afrânio Peixoto. De acordo com a autora de *Tecnologia e estética do racismo*,

Em 1901, Afrânio Peixoto foi nomeado preparador da Medicina Legal na Faculdade de Medicina da Bahia, transferindo-se para o Rio de Janeiro, em 1902, já com o prestígio consagrado nos meios intelectuais, vindo a ser admitido na Academia Nacional de Medicina, em 1903 e, em 1907, como primeiro diretor do Serviço Médico Legal. Tornando-se um dos mais veementes defensores do branqueamento e melhoria da raça, chegou a calcular que em trezentos anos os brasileiros seriam todos brancos em uma civilização latina. Frequentemente, na sua obra encontram-se conceitos sobre o papel das raças: a necessidade do negro aceitar sua posição servil, ou da ambiguidade da sua mestiçagem. Com estas ideias tornou-se o grande cultor e propagandista da higiene matrimonial. Propôs medicamentar todas as áreas de conhecimento, do direito à educação, legislando sobre todos os aspectos da vida humana (...) até além da sua morte, com

propostas higiênicas de como deveriam ser os cemitérios.²⁴

O trecho acima nos coloca diante de uma face pouco conhecida de Afrânio Peixoto para os estudiosos de história da literatura brasileira. Geralmente, o protagonista do conceito de literatura como o sorriso da sociedade é evocado como um dos mais ferrenhos defensores do belletrismo²⁵ e autor de jargões que classificam a literatura como uma “arte suntuária”, ligada ao prazer, exprimindo, desse modo, “uma grande felicidade social”²⁶. Nesse sentido, as polêmicas engendradas por Lima Barreto contra os higienistas e literatos acadêmicos apontam para uma postura bastante lúcida no tocante ao fato de que o poder oficial e as belas artes possuíam ligações bastante estreitas na Primeira República.

Na crônica “Um fato”, publicada em 1915, Lima Barreto externa seu luto pelo falecimento do poeta simbolista Marcelo Gama – pseudônimo do gaúcho Cezimbra Machado. O escrito é bastante significativo porque nivela Afrânio Peixoto aos grandes empresários que lucraram avidamente com a ascensão do capitalismo internacional:

O que todos nós desejamos, o que todos nós queremos, é tirar da nossa vocação aquilo com que viver. Seria contradição nossa pedir a fortuna, a riqueza, a abundância dos Carnegies, dos Rockfellers, ou mesmo, do Senhor Afrânio Peixoto.

Todo o nosso desejo é viver de acordo com a nossa consciência, com as nossas inclinações; e, quando se sonha desse menino semelhante ideal, tudo quanto o não sirva, nos constrange, nos aborrece, nos mata e aniquila.

(...)

No Brasil, quem é, de fato, escritor, literato, ama as letras pelas letras, há de sofrer impiedosamente e subir o seu Calvário de glória e de amor.²⁸

²⁴ FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Tecnologia e estética do racismo: ciência e arte na política da beleza*. Chapecó: Argos, 2007, p. 246.

²⁵ Cf. BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 205-06.

²⁶ PEIXOTO, Afrânio. *Noções de História de Literatura Geral*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1932, p. 10.

²⁸ BARRETO, Lima. Um fato. In: *Correio da Noite*, Rio de Janeiro, 09/03/1915 ou BARRETO, Lima. *Toda crônica*. Vol. I. Rio de Janeiro: Agir, 2004, p. 177.

O fazer literário, para Lima Barreto, era sinônimo de abnegações, martírios e da adoção de uma postura militante. Nada tinha ver com a necessidade de deleite vespertino e de exercício retórico no salão da famosa Livraria Garnier, por exemplo. Além de polemizar abertamente com vários dos integrantes da ABL, o autor de *Recordações do escrívão Isaías Caminha* investiu diversas vezes contra as teses raciológicas e sanitaristas que estavam na moda. Em “Os tais higienistas”, crônica de 1920, ataca o que chama de “presunção médica”, representada por Carlos Chagas. Parecia que, de uma hora para outra,

Todos os males da humanidade estariam curados se ela fosse governada por ditadores médicos, auxiliares acadêmicos, mata-mosquitos, etc., etc. O equilíbrio de outras condições da vida atual com as necessidades da higiene, ele não vê. Não vê que é preciso dinheiro para se ter boa alimentação, vestuário e domicílio, condições da mais elementar higiene; entretanto, por isto ou aquilo, a maioria da população do Brasil se debate na maior miséria, luta com as maiores necessidades, não podendo obter aqueles elementos da vida senão precariamente, mesmo assim custando-lhes os olhos da cara.²⁹

Por meio de uma ligeira digressão, pode-se constatar que as cismas do escritor contra o ideário eugenista e sanitarista vinham de longa data. Em 1904, desabafa por ser tratado sempre como contínuo pelos militares que desfilavam na Secretaria de Guerra, onde trabalhou como amanuense até a aposentadoria por invalidez. Afirma, em seu *Diário Íntimo*, que “a educação embeleza, dá, enfim, outro ar à fisionomia”³⁰. Sendo assim,

Por que então essa gente continua a me querer contínuo, por quê?
Porque... O que é verdade na raça branca, não é extensivo ao resto; eu, mulato ou negro, como

²⁹ BARRETO, Lima. Os tais higienistas. In: *Careta*, Rio de Janeiro, 04/12/1920 ou BARRETO, Lima. *Toda crônica*. Vol. I. Rio de Janeiro: Agir, 2004, p. 237.

³⁰ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Prefácio de Gilberto Freyre. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 52.

queiram, estou condenado a ser sempre tomado por contínuo. Entretanto, não me agasto, minha vida será sempre cheia desse desgosto e ele far-me-á grande.³¹

Ainda no mesmo ano, mais adiante, Lima Barreto parece esboçar uma resposta mais profunda aos episódios desagradáveis de discriminação que enfrentava na rotina da repartição pública. Para o literato, a antropometria foi um dos maiores mitos científicos de sua época, pois “se a feição, o peso, a forma do crânio nada denota quanto a inteligência e vigor mental entre os indivíduos da raça branca, porque excomungará o negro?”³². Conclui, portanto, que “a ciência é um preconceito grego; é ideologia; não passa de uma forma acumulada de instinto de uma raça, de um povo e mesmo de um homem”³³.

É preciso compreender que o positivismo de Comte, o darwinismo social e o evolucionismo de Spencer não foram recepcionados apenas para servir para legitimar teses racistas sobre os brasileiros, por letrados como Afrânio Peixoto, Silvio Romero, Euclides da Cunha e Nina Rodrigues. Essas correntes de ideias auxiliaram esses intelectuais a comporem uma teoria sobre a identidade nacional. A associação entre meio ambiente e constituição psicológica dos indivíduos, bem como a influência dos fatores climáticos no desenvolvimento de uma sociedade estiveram entre o rol das diversas polêmicas travadas entre a chamada Geração de 1870 e se prolongaram até a República. Para esses citados médicos e letrados, os caucasianos possuíam uma missão redentora para a nação: por meio de uma miscigenação étnica e moral com os brasileiros negros, o país seria branqueado e o Estado visto como civilizado.

Em *Cultura brasileira e identidade nacional*, o sociólogo Renato Ortiz chama a atenção para o fato de que embora o romantismo tenha atribuído um lugar mítico aos índios na história do Brasil, silenciou a etnia negra até se iniciarem os debates sobre a Abolição. Nesses quadros, o determinismo raciológico, que predominou de 1888 até 1914, contou com um dissidente: Manuel Bonfim. Na obra *América Latina: males de origem*, Bonfim se afastou do positivismo de Comte e usou o pensamento de Durkheim para diagnosticar a situação brasileira dentro

³¹ Idem, Ibidem.

³² Idem, p. 61.

³³ Idem, p. 62.

de um contexto internacionalista. Se a analogia entre biologia e sociedade conduzia os deterministas a afirmarem que o Brasil era um país doente, Bonfim sugere que a civilização brasileira estava enferma porque estava sendo sugada pelas metrópoles europeias – de forma semelhante à relação entre um hospedeiro e um parasita.

Renato Ortiz frisa que as elites intelectuais do Brasil se apropriaram do determinismo racial mesmo quando essas teses já estavam sendo fortemente contestadas na Europa. Então, cabe a pergunta: Por que esses letrados optaram por defender um pensamento científico eurocêntrico e conservador? Para o citado autor, essas correntes serviram para solucionar o dilema da inserção da etnia negra na República e legitimar o branqueamento do Brasil que seria, supostamente, proporcionado pela imigração europeia. Nesses termos,

O pensamento científico de nossos autores está mais próximo da ideologia. Ele é fabricado a partir de motivações reais vividas no presente, possuindo ainda a possibilidade de se projetar para o futuro. Mito e ideologia se apresentariam aqui como tendências contrapostos do conhecimento, a segunda se associando aos grupos dominantes que teriam em princípio um projeto, ou a consciência do dilema da construção nacional.³⁴

O racismo oficializado como política inerente à consolidação da República pode ser considerado, portanto, um indício muito claro de que grande parte dos homens de letras – embora houvessem exceções como Manuel Bonfim – buscaram estabelecer uma identidade nacional hegemônica. A temática da discriminação aparece em vários testemunhos de Lima Barreto. Em 1905, o mesmo fez um amargurado registro em seu diário:

Hoje, à noite, recebi um cartão-postal. Há nele um macaco com uma alusão a mim e, embaixo, com falta de sintaxe, há o seguinte:
“Néscios e burlescos *serão* aqueles que *procuram* acercar-se de prerrogativas que não *tem*. M.”

³⁴ ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2003, p. 33-4.

O curioso é que o cartão em si mesmo não me aborrece; o que me aborrece é lobrigar se, de qualquer maneira, o imbecil que tal escreveu tem razão.

“Prerrogativas que não tenho”...

Ah! Afonso! Não te dizia...

Desgosto! Desgosto que me fará grande.³⁵

Na verdade, o episódio feriu bastante as vaidades intelectuais do literato e endossa a sua tese, citada anteriormente, de que a cor da pele era um fator determinante para desmerecer, *a priori*, o talento dos jovens negros que tiveram formação escolar na *Belle Époque* tropical. Esse imaginário dominante grotesco, caracterizado pela projeção de um Brasil futuramente povoado apenas por descendentes de europeus, afetou diretamente as sensibilidades dos escritores que não tiveram muitas ilusões sobre a política do novo regime e que adotaram um distanciamento crítico do cientificismo reinante na época. As diversas formas de hostilidade contra negros e mulatos eram exercidas nos âmbitos das condutas particulares e institucionais.

Luiz Silva, em *A consciência do impacto nas obras de Cruz e Souza e de Lima Barreto*, elaborou uma instigante discussão sobre a constituição do sujeito negro na literatura desses escritores. Segundo o autor, em um contexto marcado pela difusão desses discursos raciais eurocêntricos, esses literatos vão aprofundar mais ainda as prerrogativas do pensamento humanista para causar fissuras nos discursos que atribuíam aos descendentes dos africanos diversos tipos de degenerescências.

O projeto político dos textos de Lima Barreto e Cruz e Sousa, que abordam o racismo, consiste em minar os dogmas da mentalidade senhorial. Simbolicamente, essas escritas reivindicam para si o lugar “ora (...) da senzala, ora (...) do quilombo” para contrapor a imagem do negro subalterno, a “do negro fugido, rebelde, que, do posto de sua vigília, ora implícito, ora explícito, dará vazão à potencialidade de criticar os valores, apontando em várias direções onde possa ser detectado o significado da vida dos oprimidos”³⁶.

³⁵ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Prefácio de Gilberto Freyre. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 88. [Grifos do autor]

³⁶ SILVA, Luiz. *A consciência do impacto nas obras de Cruz e Souza e de Lima Barreto*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 92.

É bastante expressivo, nesse caso, o conto “As teorias do dr. Caruru”, datado de 30 de outubro de 1915. O próprio significado do termo caruru, que ilustra o nome do protagonista dessa narrativa barretiana, tanto pode ser uma alusão à culinária africana, bem como sinônimo de confusão, de balbúrdia. Possivelmente, além de ter registrado seu desapareço por Afrânio Peixoto em uma crônica já citada, o escritor teceu aqui uma sátira mais ácida desse belletrista e de tantos outros que se enquadram perfeitamente na caricatura abaixo:

O sábio dr. Caruru da Fonseca (...) era este uma sumidade em matéria de psiquiatria, criminologia, medicina legal e outras coisas divertidas.

Tinha, na nossa democracia, por ser sumidade e doutor, direito a exercer quatro empregos.

Era lente da Escola de Medicina, era chefe do Gabinete Médico da Polícia, era subdiretor do Manicômio Nacional e também inspetor da Higiene Pública.

Caruru tinha mesmo publicado várias obras, entre as quais se destacava *Os caracteres somáticos da degenerescência* – livro que fora muito gabado pelo estilo saborosamente clássico.³⁷

Durante o café da manhã, o médico lê o noticiário policial e fica sabendo da morte do artista Francisco Murga, vítima de ataque cardíaco. A manchete fictícia do noticiário destaca o estilo de vida boêmio do pintor. Sendo assim,

O dr. Caruru exultou. Que caso! Devia ser um exemplar típico de dipsomaniaco, de degenerado superior e ele, o doutor, como chefe do Gabinete da Polícia, ia ter o seu cadáver às ordens, para bem verificar as suas teorias mais ou menos à Lavater ou Gall. A diferença entre ele e estes dois últimos é que Caruru encontrava seguros indícios do caráter, da inteligência etc. dos indivíduos em todas as partes do corpo.³⁸

³⁷ BARRETO, Lima. As teorias do dr. Caruru. In: *Contos completos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 413.

³⁸ Idem, p. 414.

No necrotério, munido de uma “bateria de compassos graduados, de uma porção de réguas, de todo um arsenal de instrumentos de antropométrica”³⁹, inicia a autópsia do defunto. Depois de constar a assimetria entre os pés do corpo de Murga, o dr. Caruru exclama eufórico que aquele indivíduo era um “bêbedo incorrigível, vagabundo, incapaz de afeições, de dedicações, (...) um degenerado!”⁴⁰. Logo é interrompido por um funcionário do estabelecimento que, as lágrimas, revela ao sábio douto que havia sido amigo de longa data do morto e que o mesmo não havia nascido com um pé maior do que o outro. A desproporção foi causada por “um tumor no pé direito” do pintor, que teve de “andar com chinelo num pé, durante cerca de dois meses, enquanto o esquerdo estava calçado”⁴¹.

Infelizmente, a adesão da biotipologia e da obsessão dos médicos brasileiros em estabelecer o perfil de um delinquente por meio de estudos de anatomia humana culminou em desfechos bem mais trágicos do que as de uma comédia fúnebre. A tese dos caracteres somáticos da degenerescência, que aparece no conto como o título de uma obra de Caruru, é um termo cunhado pelo italiano Cesare Lombroso; especialista em Antropologia Criminal. A trajetória intelectual bastante curiosa desse médico foi estudada por Pierre Darmon, em *Médicos e assassinos na Belle Époque*.

De acordo com Darmon, em *O homem criminoso*, de Lombroso, publicado em 1876, temos fundamentada essa ideia de que o assassino nato poderia ser facilmente identificado pelo emprego de métodos como a frenologia e a antropometria. Darmon sugere que as elucubrações de Lombroso podem ser situadas, sem muitos empecilhos, “às vezes nas fronteiras do fantástico”⁴².

Catalogando relatos encontrados em obras de viajantes, médicos, etnólogos, naturalistas, em mitos antigos e modernos, Lombroso chega a enxergar em todos os adultos sinais de loucura moral e, portanto, de inclinação para o crime. As centenas de crânios estudados pelo médico, em busca de anomalias, são transformadas em dados geométricos e comparados com a medição de outros órgãos do corpo, como o coração, por exemplo. Cada desviante possuía uma fisionomia particular, como a

³⁹ Idem, *Ibidem*.

⁴⁰ Idem, p. 415.

⁴¹ Idem, *Ibid*.

⁴² DARMON, Pierre. *Médicos e assassinos na Belle Époque*. Tradução de Regina Agostino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 44.

tez bondosa dos falsários e escroques ou o nariz adunco e o olhar vítreo dos homicidas. A lista de criminosos do médico italiano contempla também personagens históricos célebres, como, por exemplo, Calígula. A princípio, nem o próprio Lombroso atentou “para o alcance filosófico e jurídico da descoberta”⁴³, que só depois foi transformada em “escola que daria às suas ideias uma fama universal”⁴⁴.

Ainda no ano de 1905, o autor registrou as seguintes anotações, em seu *Diário Íntimo*, nas quais se pode ter uma ideia bem nítida da sua singular desconfiança – por ser biográfica, artística e filosófica – em relação aos valores eugenistas e o ideário positivista ostentado pelas elites da *belle époque* carioca:

Vai se estendendo pelo mundo, a noção de que há umas certas raças superiores e umas outras inferiores, e que essa inferioridade, longe de ser transitória, é eterna e intrínseca à própria estrutura da raça.

Diz-se ainda mais: que as misturas entre essas raças são um vício social, uma praga e não sei que cousa feia mais.

Tudo isso em nome da ciência e a coberto da autoridade de sábios alemães.

O que se diz em alemão é verdade transcendente. Por exemplo, se eu dissesse em alemão – o quadrado tem quatro lados – seria uma cousa de um alcance extraordinário, embora o nosso rasteiro português seja uma banalidade e uma quase-verdade.

E assim a cousa vai se espalhando, graças à fraqueza da crítica das pessoas interessadas, e mais do que à fraqueza, a covardia intelectual de que estamos apossados em face dos grandes nomes da Europa. Urge ver o perigo dessas ideias, para nossa felicidade individual e para nossa dignidade superior de homens. Atualmente, ainda não saíram dos gabinetes e laboratórios, mas, amanhã, espalhar-se-ão, ficarão à mão dos políticos, cairão sobre as rudes cabeças da massa,

⁴³ Idem, p. 50.

⁴⁴ Idem, *Ibid.*

e talvez tenhamos que sofrer matanças, afastamentos humilhantes (...).

(...) É satisfação para minha alma poder oferecer contestação, atirar sarcasmos à soberbia de tais sentenças, que me fazem sofrer desde os quatorze anos.⁴⁵

O culto à ciência como foi protagonizado pelos intelectuais e doutores da Primeira República insistiu em reforçar estereótipos e preconceitos, como se pode perceber nas conclusões deterministas de Lombroso, Afrânio Peixoto e, por tangente, na lógica do raciocínio cartesiano do dr. Caruru. Ao proferir que os médicos estavam sendo mais anormais e cruéis do que os desviantes e assassinos que estavam catalogando, Lima Barreto não estava equivocado. Dentro das normas estabelecidas pela “regeneração carioca”, os doutores emitiam discursos que os autorizavam a sentenciar a índole de um indivíduo porque se diziam livres de todas as paixões e tendências. A literatura de Lima Barreto está situada do lado oposto ao desses homens.

Notas dos subterrâneos

As reflexões de Lima Barreto sobre as reformas urbanas são bastante amplas e estão presentes ao longo de toda sua produção, principalmente na jornalística. Na obra *Uma outra face da Belle Époque carioca: o cotidiano nos subúrbios nas crônicas de Lima Barreto*, pude traçar o perfil do citado escritor enquanto um cronista dos infortúnios da modernização do Rio de Janeiro. De modo geral, pode-se afirmar que:

As crônicas de Lima Barreto representam um Brasil republicano ligado a um passado colonialista, caminhando para a modernidade. Nessa escrita de teor profundamente crítico se percebe um autor que mantinha uma relação intensa com a cidade do Rio de Janeiro. A urbe e as transformações culturais, sociais e arquitetônicas que a ela foram infligidas são objetos de uma reflexão bastante apurada que

⁴⁵ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*: memórias. Prefácio de Gilberto Freyre. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 110-2.

Lima Barreto insere em um debate mais amplo sobre a sociedade republicana.⁴⁶

Evidentemente, a discussão não se encontra esgotada. É possível mapear outras zonas de intersecção entre o projeto civilizador da então capital republicana com os escritos barretianos. Proponho agora detalhar melhor como a modernidade personificava também uma forma sutil de barbárie para Lima Barreto. O controle social imposto com base no cálculo de interesse, legitimado por discursos científicos e assegurado pelo autoritarismo afiançou a hegemonia do poder das elites e oligarquias republicanas. Não são poucos os textos do escritor que carregam, em seu núcleo, uma analogia visceral entre catástrofe e progresso.

Em 1905, quando estava então com 24 anos, Lima Barreto iniciou uma breve e anônima colaboração com o *Correio da Manhã*: o principal jornal da época. Embora tenha satirizado esse periódico ferinamente em *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, foi justamente nele que o literato escreveu pela primeira vez para um público leitor mais abrangente. Ao exercer o ofício de jornalista nesse grande órgão da imprensa local, Lima Barreto foi incumbido de elaborar uma série de reportagens sobre as escavações promovidas pela administração municipal no Morro do Castelo durante o começo das reformas urbanas, iniciadas pelo governo do engenheiro Pereira Passos.

De acordo com Beatriz Resende, embora sejam anônimos, não restam dúvidas de que esses textos foram elaborados por Lima Barreto. Em 1997, a autora prefaciou a antologia dessas crônicas reunidas e publicadas na obra *O subterrâneo do Morro do Castelo*.⁴⁸ Essa também é a mesma opinião de outros pesquisadores da obra do autor a exemplo de Francisco de Assis Barbosa e Denilson Botelho⁴⁷.

Na crônica “Fabulosas riquezas: outros subterrâneos”, publicada em 28 de abril de 1905, é muito peculiar o modo como o escritor carioca traça uma comparação entre as escavações promovidas durante o Encilhamento por pessoas em busca de enriquecer facilmente

⁴⁶ AZEVEDO NETO, Joachin. *Uma outra face da Belle Époque carioca: o cotidiano nos subúrbios nas crônicas de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2011, p. 38.

⁴⁸ Cf. BARRETO, Lima. *O subterrâneo do Morro do Castelo*. Prefácio de Beatriz Resende. Rio de Janeiro: Dantes, 1997.

⁴⁷ Cf. BOTELHO, Denilson. *Letras militantes: história, política e literatura em Lima Barreto*. Tese (Doutorado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001, p. 43.

encontrando um suposto tesouro escondido ali por jesuítas, no século XVIII, com as motivações do “bota abaixo” promovido pela prefeitura:

A hipótese, pois, de existirem no Morro do Castelo, sob as fundações do vasto e velho convento dos jesuítas, objetos de alto valor artístico, em ouro e em prata, além de moedas sem conta e uma grande biblioteca, tomou vulto em breve, provocando o faro arqueológico dos revolvedores de ruínas e a *auri sacra famis* de alguns capitalistas, que chegaram mesmo a se organizar em companhia, com o fim de explorar a empoeirada e úmida colchida dos jesuítas. Isto foi pelos tempos do Encilhamento.

(...)

Estes fatos já estavam quase totalmente esquecidos, quando ontem novamente se voltou a atenção pública para o desgraçado morro condenado a ruir em breve aos golpes demolidores dos construtores da Avenida.

Anteontem, ao cair da noite, era grande a azáfama naquele trecho das obras.

A turma de trabalhadores, em golpes isócronos brandiam os alviões contra o terreno multissecular, e a cada golpe, um bloco de terra negra se deslocava, indo rolar, desfazendo-se, pelo talude natural do terreno revolvido.⁴⁹

A descoberta de uma galeria no subsolo do Morro foi à causa do frenesi entre os operários. Logo autoridades municipais, como os engenheiros Lauro Müller e Paulo de Frontin, chegaram ao local e passaram a deliberar sobre a possibilidade de direcionar os esforços dos trabalhadores para buscas por essa riqueza, que segundo o ceticismo do narrador, está mais para uma pilhéria secular do que algo concreto. Lima Barreto chama a atenção para o fato de que existem inúmeras e antiquíssimas galerias subterrâneas espalhadas pela geografia da urbe carioca cujas riquezas imateriais e patrimoniais poderiam ser preservadas. Ao tomar um distanciamento da mentalidade arrivista e dos discursos que celebraram as reformas urbanas, o literato associou a

⁴⁹ BARRETO, Lima. Fabulosas riquezas: outros subterrâneos. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 28/04/1905.

modernização do Rio de Janeiro com a aniquilação da memória colonial da então capital brasileira.

Para Nicolau Sevcenko, a implantação do regime republicano, no Brasil, foi marcada pela fundação de uma ordem que, astuciosamente, projetou inúmeras ilusões em torno da noção de progresso. Episódios autoritários e sangrentos como as reformas urbanas, Guerra de Canudos, do Contestado e o bombardeio de São Paulo dão forma à face obscura que a república brasileira escondia sobre a maquiagem de nação civilizada e higienizada urbanamente e moralmente. Assim sendo, essas demolições empreendidas pela Prefeitura do Rio, a partir da gestão de Pereira Passos, estão inseridas em um esforço empreendido pelas “novas elites em reduzir a complexa realidade social brasileira, singularizada pelas mazelas herdadas do colonialismo e da escravidão”⁵⁰.

Lima Barreto nutriu um enorme distanciamento desse ideário oficial em relação à modernização brasileira. Conforme as escavações e demolições avançam, o jornalista passa a relatar cada passo dado pelas equipes responsáveis pelo que se convencionou chamar de “regeneração carioca”, porém nunca perdendo o ensejo para proferir uma ou outra deixa de matiz irônico. Mesmo que na crônica “Os tesouros dos jesuítas”, Lima Barreto confirme a descoberta de um documento lavrado em latim, datado de 1710, no qual se encontram, entre os bens da Ordem, inventariadas estátuas sacras feitas de ouro maciço.

Segundo o escritor,

Os jesuítas argutos e previdentes, imaginaram o que, de futuro, lhes poderia suceder; e daí o se aprestarem com tempo, construindo na mesma época em que fizeram as galerias de esgotos e as que serviam para o transporte de mercadorias, os subterrâneos de defesa e os grande depósitos dos seus avultados bens.

Os jesuítas eram senhores e donos de quase todo o Rio de Janeiro; possuíam milhares de escravos, propriedades agrícolas, engenhos de açúcar e casas comerciais. Quando a 10 de maio de 1710 aportou a esta cidade a expedição de João Francisco Duclerc cuja misteriosa morte vai ser

⁵⁰ SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: _____. (org.). *História da vida privada no Brasil III: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 27.

em breve conhecida por documentos que possuo, os jesuítas perceberam com fina clarividência que os franceses não deixariam impune o assassinato do seu compatriota. Prevendo assim a expedição vingadora de Duguay Trouin, os padres da Companhia cuidaram de pôr em lugar seguro os tesouros da Ordem, receosos de um provável saque dos franceses.⁵¹

A hipótese lançada pelo autor é que o dinheiro, móveis e artigos preciosos dos padres foram confiscados pela coroa portuguesa e o que sobrou pode ter sido enviado, clandestinamente, para Roma onde ficava a sede da instituição religiosa. Desse modo, os tesouros dos jesuítas, de acordo com as reportagens do literato, eram as memórias que remetiam ao Rio colonial. Uma época na qual “fomos encontrar a história de uma condessa florentina conduzida para o Brasil num bergantim e aqui recolhida ao claustro do Castelo aos tempos da invasão de Duclerc”⁵² e que “depois do anoitecer, a cidade morria: e somente um ou outro corredor de aventuras ousava atravessar a treva, armado até os dentes”⁵³. Daí os labirintos subterrâneos que interligavam os templos e conventos dos padres serem bastante úteis para a segurança dos sacerdotes e como rota de fuga, em caso de um ataque.

O engenheiro Lauro Müller, ao designar equipes de trabalhadores para cavarem túneis estreitos e abafados com picaretas, recebe do jornalista a pecha de “Marquês de Pombal moderno” devido a sua obsessão pelo ouro pertencente à Ordem. Porém, a trajetória do Marquês não pode ser julgada apenas por essas demonstrações peculiares de ambição. Vale frisar aqui, rapidamente, que o mesmo foi um gestor inovador em muitos aspectos e, inclusive, um opositor do colonialismo britânico. Em linhas gerais, essa comparação feita por Lima Barreto serve para ilustrar a sua versão sobre a mentalidade das elites. Em sintonia com o modelo eurocêntrico de civilização, Lauro Müller resumiu seu interesse pelo passado em duas pobres perspectivas: para

⁵¹ BARRETO, Lima. O tesouro dos jesuítas. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 06/05/1905.

⁵² BARRETO, Lima. Uma narrativa de amor. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 08/05/1905.

⁵³ BARRETO, Lima. Dona Garça I: boas e novas más. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 09/05/1905.

enriquecer facilmente, verificando a autenticidade das lendas populares sobre os tesouros coloniais ou como algo vergonhoso, cujos resquícios deviam ser destruídos pelo contemporâneo.

No final das contas, os achados arqueológicos encontrados nas galerias subterrâneas do Morro do Castelo resumiram-se a um crucifixo de ouro e um candeeiro de ferro. Os artefatos históricos foram parar nas coleções particulares do presidente Rodrigues Alves e do engenheiro Paulo de Frontin, ao invés de serem destinados, conforme denuncia o cronista, para “uma casa mantida exatamente para guardar semelhantes objetos: (...) o Museu Nacional”⁵⁴.

Em face do desencanto com a apropriação privada de um patrimônio que deveria ser tombado como público, talvez esse seja o motivo que leva Lima Barreto a finalizar sua breve colaboração com o *Correio da Manhã* voltando-se mais uma vez para a narrativa sobre a tragédia que envolveu o romance da italiana D. Garça com o capitão francês Duclerc, no século XVIII. Ambos foram vítimas de um crime passionai cometido pelo padre João de Jouquières, que cometeu suicídio ingerindo veneno após matar os amantes a punhaladas. No começo da sua carreira jornalística, o autor das *Recordações do escrívão Isaías Caminha* já parece bastante determinado a trazer para o debate público fatos e situações recalcados entre os partidários da “regeneração” carioca.

Mauro Rosso, ao organizar e prefaciari a obra *Os “Contos Argelinos” e outros textos recuperados*, que Lima Barreto afirma que o literato foi “essencialmente um antipatrimonialista”⁵⁵. Tentando aqui elucidar melhor essa sentença, o escritor não foi, certamente, um iconoclasta empenhado em criticar todas as formas de tradições culturais. Nas diversas crônicas que elaborou sobre os subúrbios cariocas, o timbre, a linguagem e a ambiência dados pelo escritor aos seus textos diluem, frequentemente, as fronteiras entre ficção e etnografia no intuito de valorizar diversos costumes populares com origens fincadas na realidade do Brasil imperial. Lima foi um crítico dos acúmulos indevidos, autoritários e ilícitos do patrimônio/propriedade em sua dimensão privada.

⁵⁴ BARRETO, Lima. Os achados dos subterrâneos. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 28/05/1905.

⁵⁵ Cf. ROSSO, Mauro. Introdução. In: BARRETO, Lima. *Os “Contos Argelinos” e outros textos recuperados*. Rio de Janeiro; Ed. PUC. São Paulo: Loyola, 2010, p. 14.

Ao enfatizar o empenho barretiano “no sentido da assimilação e participação nos processos históricos em curso”, principalmente durante “os primeiros anos do regime republicano”⁵⁶, Nicolau Sevcenko sugere – em sintonia com os postulados aqui propostos – que o sentimento de nostalgia presente em várias obras do escritor carioca, em relação ao Brasil imperial, é coerente com a experiência de um sujeito que “vira seu mundo de referências ser tumultuosamente destruído e sua situação na sociedade atingir o ponto extremo da degradação”⁵⁷. Lima Barreto vivenciou sua época como um drama.

Uma das antíteses dos escritos do autor de *Clara dos Anjos*, no tocante a relação entre modernidade e produção cultural, pode ser encontrada nas memórias de Luís Edmundo. Em *O Rio de Janeiro de meu tempo* – publicado originalmente em 1938 – o historiador e citado criador da Liga Contra o Feio, Luís Edmundo elaborou uma série de relatos sobre a boemia, as reformas urbanas, o dia-a-dia dos populares e os bastidores da vida intelectual na *Belle Époque* carioca. O autor lamenta o fato de que o centro da cidade, na primeira década de 1900, esteja repleto de “negras descalças dentro de saias rodadas e vistosas, com um vasilhame de lata à cabeça, cachimbo de barro ao canto da boca, o infalível raminho de arruda atrás da orelha” e “negros de gaforinha enorme”⁵⁸. De acordo com a visão racista do redator dessas memórias, era um disparate o fato da burguesia afrancesada do Rio – ou o que denomina de “os elegantes da cidade”⁵⁹ – ter de dividir o mesmo espaço urbano com a leva humana remanescente do sistema escravocrata que vigorou outrora.

O Morro do Castelo resume-se, dentro da ótica de Luís Edmundo, a um arraial “de aflição e de miséria”⁶⁰ habitado por uma população animalizada, entregue a cultos primitivos nos quais:

Só se manifestam espíritos grosseiros, que ainda se prendem aos instintos terrenos da vida e ainda não se libertaram da crosta vil do atrasado Planeta; almas rastejadoras, indomáveis, violentas. Todo um mundo de sofrendores, ralé

⁵⁶ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 237.

⁵⁷ Idem, p. 251.

⁵⁸ EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro de meu tempo*. Brasília: Senado Federal, 2003, p. 82.

⁵⁹ Idem, p. 197.

⁶⁰ Idem, p. 121.

curtida pela dor, à espera da grande luz de Deus,
que tarda a vir, mas que um dia chegará.⁶¹

Luís Edmundo transita, em suas memórias, em uma linguagem que dilui as fronteiras entre o jornalismo e a reminiscência.⁶⁶ Nesse caso, a comparação com as crônicas de Lima Barreto sobre o arrasamento do Morro do Castelo não é arbitrária. Trata-se de levar em conta, conforme sugere Jacques Le Goff, no capítulo “A memória”, em *História e memória*, que esses diferentes pontos de vista sobre um mesmo fato podem articular uma discussão sobre a luta das forças sociais pelo poder. Isso significa considerar que “tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas”⁶⁷.

Uma das cismas barretianas com relação à modernidade condiz com a comprovação de que a cidade do Rio de Janeiro estava sendo bipartida entre a área destinada a ser a vitrine da ordem, da higiene e do progresso e os espaços nos quais estava alojada a grande massa de populares apartados dessa realidade. Em *A pátria que quisera ter era um mito*, partindo de uma frase que condessa todo o desencanto do personagem Policarpo Quaresma com o autoritarismo da república administrada pelo marechal Floriano Peixoto, Denilson Botelho salienta que somente o governo municipal de Carlos Sampaio nutriu uma obsessão maior do que o de Pereira Passos por demolições e pela estética urbana.

É interessante perceber como o citado historiador engendra uma discussão sobre como as reformas urbanas impuseram também uma reformulação da memória do Rio:

⁶¹ Idem, p. 139.

⁶⁶ Ainda em *O Rio de Janeiro de meu tempo*, no capítulo “Carnaval de outrora”, Luís Edmundo discorre sobre suas recordações desse festejo carioca no começo do século XX. Nesse item da sua obra, vocifera, de forma virulenta, contra os costumes do que chama de plebe, que, segundo o jornalista, seriam as causas do atraso da cidade: “o Rio da época ainda é um miserável povoado, sem grandes hotéis de luxo, sem numerosas carruagens e, sobretudo, sem conforto e sem chique. A cidade é de comendadores analfabetos, burgo comercial estrangeiro e pobre, desagradável ao olfato, onde vicejam apenas velhas e prosaicas tradições com as quais os espíritos de certa distinção vivem em desacordo, quando não vivem em luta a mais aberta e acesa”.

⁶⁷ LE GOFF, Jacques. Memória. In: *História e memória*. 5ª ed. Tradução de Irene Ferreira {et. al.}. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 422.

Tanto nas reformas de Passos como nas de Sampaio, parece estar presente a intenção deliberada de varrer das áreas centrais e da zona sul da cidade não só a pobreza, a miséria, a indigência e o atraso, mas também a determinação de varrer tudo isso da memória dos habitantes da cidade, conferindo a estes espaços públicos outras funções, além de provocar naqueles que aqui não residem ou apenas visitam a cidade a impressão – e a ilusão – de que tais contrastes sociais inexistem, ou pelo menos não estão ao alcance dos olhos.⁶⁸

Usando as crônicas barretianas como fonte para compreender a importância da atuação jornalística do autor ao longo da sua trajetória intelectual, Botelho aponta como o escritor carioca questionou a implantação do Estado moderno, no Brasil, motivado pela constatação de que o liberalismo estava servindo como instrumento de preservação da hegemonia do poder das elites sociais ao invés de promover uma reforma política transformadora em um país marcado pelos signos do trabalho escravo e do racismo. Daí o cronista contrariar os discursos dominantes e insistir na aproximação satírica e sistemática entre nossa democracia e o absolutismo, relatando, inclusive, situações nas quais métodos intimidantes e violentos eram praticados por policiais e capangas contra os desafetos dos principais grupos que disputavam regalias e altos cargos políticos na Primeira República.

Nos *Contos argelinos*, o jornalista carioca adota um recurso estético chamado de distanciamento para colocar sob suspeita os valores oficiais difundidos durante a Primeira República. Lima Barreto se apropria da perspectiva de um cronista viajante, que está em trânsito pelo Oriente, para relatar alguns fatos que, apesar de serem postos como pitorescos, possuem muitas conexões com a história brasileira.

Os *Contos argelinos* foram publicados, inicialmente, na revista *Careta*, entre 1915 e 1922. Nesses escritos, o marechal Hermes da Fonseca é transformado em Abu-Al-Dhudut e a república brasileira recebe a alcunha de Al-Patak. Um dos contos que contém uma das sátiras mais incisivas ao governo de Hermes da Fonseca e as disputas que ocorriam motivadas pelos interesses nutridos pelas elites civis e

⁶⁸ BOTELHO, Denilson. *A pátria que quisera ter era um mito: o Rio de Janeiro e a militância literária de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, 2002, p. 100.

militares do Rio de Janeiro e São Paulo chama-se “A firmeza de Al-Bandeirah”⁶⁹. O jogo político de conchaves e alianças motivadas por interesses inescrupulosos é denunciado por Lima Barreto, que fala sobre como uma tensa atmosfera de conflito entre dois reinos foi dissolvida a partir de negociações envolvendo “altos cargos, como no monopólio de bancos, indústrias e a exportação de tâmaras”⁷⁰. Desse modo,

(...) como os membros das famílias que governavam Al-Bandeirah eram antes de tudo homens de negócios, de especulação comercial e não tinham interesse em guerrear, mas sim amedrontar Abu-Al-Dhudut de modo a que este não perturbasse as suas existências regaladas, trataram de arranjar as coisas de modo mais cômodo, tanto mais que o sultão continuava no seu propósito de intervenção. Pondo de parte tudo o que tinham afirmado com tanta altivez, procuraram um príncipe da família de Abu e arranjaram, por alguns milhares de piastras e outros dons, que não houvesse a invasão projetada.

Dessa maneira eles continuaram a fruir e a aumentar as suas riquezas, embora estivessem arrastando, com a agitação que fizeram, com os juramentos que juraram, muita gente à miséria, à enxovia e à morte.⁷¹

Pode-se perceber como a escrita de Lima Barreto, sobretudo seus contos, dilui as fronteiras entre o fantástico e a linguagem jornalística. O apelo para temas insólitos como a melancolia, a revolta, a violência e o uso de uma linguagem mais objetiva condiz com a intenção de um autor que precisa prender a atenção do leitor e surpreendê-lo por meio de um texto destinado a ser consumido em períodos curtos de tempo. Justamente, por apresentarem-se de forma cifrada e enigmática, esses escritos podem ser considerados fontes preciosas para o historiador. A

⁶⁹ Trata-se de uma referência jocosa em relação a São Paulo, que se afirmava como o “Estado das bandeiras e dos bandeirantes”.

⁷⁰ BARRETO, Lima. A firmeza de Al-Bandeirah. In: *Revista Careta*. Rio de Janeiro, 24/07/1915 ou BARRETO, Lima. *Os “Contos Argelinos” e outros textos recuperados*. Rio de Janeiro: Editora da Puc; São Paulo: Loyola, 2010, p. 93.

⁷¹ Idem, p. 94.

ideia é que essas narrativas sejam comparadas com outros tipos de documentos, como as crônicas, diários, cartas, inventários etc. de um escritor. No caso de “A firmeza de Al-Bandeirah”, a contundente crítica ao capitalismo que a República endossou ultrapassa o que, aparentemente, é uma mera anedota sobre a ambição e conspirações de uma atrapalhada nobreza.

De fato, nutrido por uma profunda desconfiança em relação aos desfechos que conduziram o exército a assumir o prumo da república brasileira, Lima Barreto desconstrói a imagem que simboliza a democracia tupiniquim como uma mulher bem afeiçoada e de olhar tenro e a substitui por outra “austera e ríspida. Ela vinha armada com a política positivista de Comte, e com seus complementos: um sabre e uma carabina”⁷². Imagem causadora de estupor e temor, para o literato, pois essa república desde o berço trazia “este aspecto de terror, de violência”⁷³.

Em *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*, José Murilo de Carvalho enfatizou o quanto a máxima de “enriquecer a todo custo com dinheiro de especulação”⁷⁴ regeu a política monetária brasileira na última década do século XIX. Além das intervenções militares, motins populares, guerras civis no Nordeste e no Sul, a xenofobia oficializada contra imigrantes portugueses e italianos, a conjuntura política republicana tratou de acionar vários dispositivos de coerção e controle social que afirmavam “a ideia de progresso pela ciência” e legitimavam a noção de ditadura republicana, respaldada na necessidade de que o Brasil necessitava ostentar uma “postura tecnocrática e autoritária”⁷⁵. Ainda conforme sugere o autor, Lima Barreto percebeu argutamente que, nos quadros da nova ordem, “o marginal virava cidadão e o cidadão era marginalizado”⁷⁶.

Os dois volumes que integram a rara antologia *O Rio de Janeiro de Lima Barreto*, coordenados por Afonso Carlos dos Santos são documentos preciosos sobre essa interface entre urbanização e literatura.

⁷² BARRETO, Lima. *Feiras e mafuás: artigos e crônicas*. Prefácio de Jackson de Figueiredo. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 21 ou BARRETO, Lima. *Toda crônica*. Vol. II. Rio de Janeiro: Agir, p. 385.

⁷³ BARRETO, Lima. São Paulo e os estrangeiros (I). In: *Toda crônica*. Vol. I. Rio de Janeiro: Agir, p. 288.

⁷⁴ CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 20.

⁷⁵ Idem, p. 35.

⁷⁶ Idem, p. 38.

Além de reunir as crônicas, a ficção e os artigos do escritor sobre o cotidiano na urbe carioca, conta com ensaios de Francisco de Assis Barbosa, Joel Rufino dos Santos e Paula Beiguelman. Esses escritos podem fornecer um panorama bem ilustrado das tensões sociais vivenciadas no auge da *Belle Époque* tropical. Nessas edições, a relação de pertencimento de Lima Barreto com o espaço urbano que habitou é criteriosamente abordada por esses citados estudiosos em ensaios e pelas falas do próprio escritor, escolhidas com sagacidade para compor essa antologia.

O primeiro volume dispõe o Rio de Janeiro a partir da ficção barretiana, trazendo para o público leitor as impressões do autor sobre os vários segmentos sociais que habitavam a cidade e questões como a identidade nacional. Já o segundo volume, nos coloca diante do Lima Barreto memorialista e, portanto, comprometido em elaborar visões da imprensa, das construções urbanas e da história da então capital republicana.

As séries de fragmentos de textos e citações que abrangem a vasta produção literária de Lima Barreto são dispostas em conjunto com imagens da época, muitas das quais feitas pelo fotógrafo oficial das reformas urbanas: o alagoano Augusto Malta. Para o historiador e principal biógrafo do literato, Francisco de Assis Barbosa, “é amplo o espectro da obra do ficcionista e do jornalista, na verdade um impressionante documentário das mudanças sociais e políticas da transição da sociedade escravista, no entanto bem mais liberal, para um sistema de falsa democracia, no qual desponta uma oligarquia de caráter muito mais aristocrático que o parlamentarismo imperial”⁷⁷. Outras incursões a essas obras serão feitas ao longo desse trabalho. Destaco, por enquanto, sua importância para a compreensão das várias razões que conduzem Lima Barreto a suspeitar da modernização do Rio como um empreendimento “neutro” e civilizatório.

A bibliografia sobre a *Belle Époque* tema é extensa e, inevitavelmente, algumas obras e fontes sobre o período acabam tendo de ser excluídas ou mesmo abordadas rapidamente, dada as limitações formais que um trabalho acadêmico impõe ao seu realizador. Se uma história da formação intelectual de Lima Barreto é o eixo temático sob qual gira esse estudo, o tempo no qual esse escritor viveu precisou ser

⁷⁷ Cf. BARBOSA, Francisco de Assis. O carioca Lima Barreto: sentido nacional de sua obra. In: SANTOS, Afonso Carlos (Org.). *O Rio de Janeiro de Lima Barreto*. Vol. I. Rio de Janeiro: Rioarte, 1983, p. 25.

abordado, bem como as ideias, conceitos e experiências que o preencheram. Afinal, é refletindo sobre a atuação dos higienistas nos subúrbios, durante a “regeneração”, que o escritor afirma, em 1903, que a política oficial “resume-se num descarregar de atas falsas (...) ou numa discursaria vazia de inteligência, mas cheia de palavras e sentenças acacias”,⁷⁸.

Não é de forma gratuita que, por exemplo, o historiador Sidney Chalhoub, em *Trabalho, lar, botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*, ao estudar o culto oficial promovido pelas classes dirigentes em torno de valores como a abnegação, a moralidade e a disciplina e as formas de resistências – desenvolvidas pelos pobres a essas políticas no âmbito do dia-a-dia – cita, constantemente, obras de Lima Barreto. Ao investigar processos criminais nos quais os juristas, a polícia e os médicos associam as condutas desviantes e a delinquência ao ócio, no caso dos pobres, Chalhoub postula que as autoridades instituídas, na Primeira República, nutriam uma predisposição ideológica para desqualificar o trabalhador negro e defender o imigrante europeu. Desse modo,

As picaretas “progressistas” do sr. Passos não só demoliram casarões e cortiços, mas também desorganizaram a vida de muitas pessoas e agravaram ainda mais as já precárias condições de sobrevivência das classes populares. O “progressismo” equívoco e de alto custo do sr. Passos e seus seguidores, porém, não teve só efeitos devastadores sobre o modo de vida dos [trabalhadores]. Renovando tradições antigas, reforçando e construindo novos laços de solidariedade e ajuda mútua, os populares realizaram ajustes em seu modo de vida que lhes permitiram sobreviver à ânsia demolidora – e acumuladora de capital – da grande burguesia comercial da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX.⁷⁹

⁷⁸ BARRETO, Lima. Vendo a Brigada *Stegomya*. In: *Tagarela*, Rio de Janeiro, 09/07/1903 ou BARRETO, Lima. *Toda crônica*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Agir, p. 62.

⁷⁹ CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar, botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001, p. 147-8.

Por essa ótica, ao carregar a pena com as tintas do grotesco, do feio, da miséria, da violência, do preconceito, da ironia e da brutalidade para ilustrar o novo regime que se afirmava, Lima Barreto é o guia de uma incursão aos escombros deixados para trás pelo embelezamento do Rio de Janeiro. Assim sendo, não é exagero afirmar que a modernidade tal como é representada nesses relatos literários do autor de *Policarpo Quaresma* adquire, de fato, o aspecto que ela possui para a maior parte dos seres humanos: o formato de um elo constituído por tramas sombrias de dominação e exclusão, mas que carrega imensas fragilidades e cuja eficácia é constantemente ameaçada pelos que foram expulsos de sua redoma.

CAPÍTULO II: LEITURAS E ESCRITOS DE VÉSPERA

*No papel as coisas ficam mais solenes.
Impressiona mais (...). Além disso, talvez o
escrever me dê alívio.*

Fiodor Dostoievski*

Prelúdios literários

No primeiro capítulo, elaborei uma breve discussão sobre a *Belle Époque* tropical e de como, nessa época, temos engendradas ideias e práticas que buscam arruinar o aspecto e as tradições do Rio colonial no intuito de modernizá-lo e, conseqüentemente, de sofisticar os mecanismos de exclusão social na Primeira República. Nesse entreato, emerge o escritor Lima Barreto como um intelectual atento aos debates sobre cidadania, bem como para a dialética tensa entre os anseios da população e os das elites que tomaram as rédeas do poder durante o novo regime. Nesta etapa, acredito ser fundamental explorar os prelúdios da vida literária desse escritor – englobando suas leituras e textos – antes da imagem de grande polemista ter sido consolidada.

Recorro aqui a um aporte fundamentado no diálogo entre a história dos livros e das ideias. Robert Darnton esclarece que esses campos podem ser relacionados na medida em que possuem a finalidade em comum de “entender como as idéias [sic!] eram transmitidas por vias impressas e como o contato com a palavra impressa afetou o pensamento e comportamento da humanidade (...)”¹. De acordo com esse historiador estadunidense, investigar fontes impressas não possui muito sentido caso elas não sejam articuladas com as chamadas materialidades da escrita e com as práticas de leitura exercidas por atores sociais concretos.

* DOSTOIEVSKI, Fiodor. *Notas do subterrâneo*. Tradução de Moacir Werneck de Castro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 55.

¹ DARNTON, Robert. O que é a história dos livros?. In: *O beijo de Lamourette*: mídia, cultura e Revolução. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 109.

Sendo assim, a história dos livros não abrange apenas a confecção das obras literárias. É uma área voltada também para a pesquisa dos processos de editoração desses textos e dos estágios da leitura. Em linhas gerais, essas reflexões interessam aqui na medida em que estimulam a compreensão de “como a palavra impressa moldou as tentativas dos homens de compreender a condição humana”².

Gostaria de dar continuidade a esse capítulo abordando um conto de Lima Barreto, publicado, apenas recentemente, na edição dos *Contos completos*, nomeado “O peso da ciência”. O manuscrito encontra-se no verso de um documento da Secretaria de Guerra; o que atesta que o escritor exercitava o labor literário na repartição pública, na qual era amanuense, como válvula de escape para o tédio e problemas pessoais.³ Essas anotações não foram elaboradas para serem publicadas ou se tornarem pósteras, dado o caráter inacabado do texto. O escritor faz uma digressão e recorda dos tempos em que era estudante:

De todos os meus professores – e os tive muitos – só dois deixaram sob minha alma uma impressão indelével. A minha professora primária. Uma moça clara, de olhos azuis, de quem emprestei alguma timidez e o meu professor de história universal. Os dois juntos, nas minhas impressões de meninice, se completam, entretanto as suas figuras vivas são disparatadas. Era meu professor de história um preto, um negro, diga-se, alto, magro, picado de bexigas. Tinha de tal forma a pele negra, que o apuro da sua roupa branca e o asseio de seu corpo, mais realçavam a sua cor lustrosa. De mais, uma dor contida dá-lhe ao semblante um não sei o quê de doido que instintivamente me levou a simpatizar com ele.⁴

² Idem, p. 130.

³ No *Diário Íntimo*, o escritor carioca deixou diversos registros da atmosfera opressora que pairava em seu ambiente de trabalho. Porém, mais do que os preconceitos ou a empáfia dos oficiais do Exército que por lá desfilavam, o que mais aborrecia o autor era ter suas aspirações artísticas menosprezadas pelos colegas de repartição. Em uma nota de 31 de janeiro de 1905, grafou o seguinte: “agita-me a vontade de escrever já, mas nessa secretaria de filisteus, em que me debocham por causa de minha pretensão literária, não me animo a fazê-lo”.

⁴ BARRETO, Lima. O peso da ciência. [s.l.], [19__]. Orig. Ms., 2 p. *Fundação Biblioteca Nacional*/Mss 1-6,35,957. Escrito em folha de rascunho do Ministério dos Negócios da Guerra ou BARRETO, Lima. O peso da ciência. In: *Contos completos*. Organização de Lília Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 566.

O autor acentua o caráter excêntrico desse historiador ao descrever os agasalhos que o mesmo usava, mesmo “(...) com um grande sol alto, quente e olímpico” no céu. Sua metodologia de ensino é assim narrada: “antes de começar a lição citava um caso, embrulhava com reminiscência sua, e acabava pessimisticamente como *remarques* à República, ao Brasil, às suas coisas e aos seus homens”. Desse modo, “pela quarta ou quinta lição”, Lima Barreto ficou fascinado por esse professor. Segundo o narrador, “tratava-se da divisão de raça”⁵. Pareceu-me ser, portanto, um texto emblemático desse literato para constar em uma reflexão sobre sua formação, enquanto homem de letras.

Além de ferir dolorosamente a tecla do racismo, essa narrativa é um reconhecimento da dívida do escritor com alguns dos sujeitos que fizeram parte do seu letramento. Carrega também a marca desse típico estilo, tão marcado por essa forma de lucidez crítica e sombria, que tanto caracteriza a escrita barretiana.

O processo de maturação intelectual de Lima Barreto não foi linear ou livre de contradições. Porém, não são poucas as referências em seu diário, artigos, contos, romances e correspondências ao universo dos impressos. Privilegiando a análise desse aspecto de sua trajetória histórica, espero evitar enquadramentos como a do sociólogo Machado Neto que, em nome do “juramento de neutralidade axiológica da ciência a que ela está presa”⁶, afirmou que:

O comportamento social dos intelectuais permitiria diversos modos de classificá-los. Aqui reduziremos essa gama ao mais essencial, distinguindo entre os bem comportados, bons pais de família e incansáveis trabalhadores, e, do outro lado, os boêmios. Esses, por sua vez, poderiam ser subdivididos conforme integrassem o grupo maldito dos boêmios marginais, pobres, ébrios, caspentos, tal um Lima Barreto (...).⁷

⁵ Idem, *Ibidem*.

⁶ MACHADO NETO, A. L. *Estrutura social da República das Letras: sociologia da vida intelectual brasileira (1870-1930)*. São Paulo: Edusp, 1973, p. 45.

⁷ Idem, p. 49.

Escrito na década de 1970, o trabalho de Machado Neto reproduz, de modo conservador, alguns dos rótulos que projetaram uma imagem negativa do ator histórico Lima Barreto como álibi para que sua produção artística fosse assim também desprezada. A pecha de boêmio foi uma das principais estratégias usadas pelos altos medalhões das letras do Rio de Janeiro para não reconhecerem os méritos da ficção e da atuação barretiana no panorama intelectual da bela época carioca.⁸ Um bom método para se evitar essa perspectiva reducionista sobre as singularidades de Lima Barreto é buscar analisar sua relação com os impressos e seus intermediadores nos quadros da Primeira República.

O historiador Francisco de Assis Barbosa, em sua criteriosa biografia sobre Lima Barreto, sugere que, por ter sido oriundo de uma família de origem modesta e negra, mas familiarizada com as letras, pois o pai do escritor, João Henriques, era tipógrafo do jornal monarquista *Tribuna Livre* e sua mãe, Amália Augusta, professora de português, Lima Barreto foi bastante incentivado no ambiente doméstico para dedicar-se aos estudos.⁹

O diário do escritor, editado e publicado depois de muita resistência por parte de um dos organizadores¹⁰ da coleção “Obras completas de Lima Barreto”, pela Editora Brasiliense, pode ser lido como uma fonte preciosa que trata não apenas dos seus dramas íntimos, mas também de seu processo de letramento e de aprendizado em torno do emprego adequado dos signos que compõem a linguagem literária. Quando começa a escrevê-lo, em 1900, com 19 anos, após passar por uma série de estudos preparatórios em internatos e morando em pensionatos, exercita sua linguagem literária a partir da observação das conversas e comportamentos dos colegas da Escola Politécnica. Assim descreve as rodas de conversas formadas pelos estudantes da instituição,

Os positivistas são inflexíveis. Contrapõem, à dialética dos metafísicos, algumas fórmulas esotéricas da doutrina, e declamam contra a

⁸ Cf. FREIRE, Zélia Nolasco. *Lima Barreto: imagem e linguagem*. São Paulo: Annablume, 2005.

⁹ Cf. BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959, p. 59-102.

¹⁰ Na “Nota prévia” que abre o *Diário Íntimo* de Lima Barreto, publicado pela Editora Brasiliense em 1956, Francisco de Assis Barbosa esclarece que o poeta A. J. Pereira da Silva, quando começou a ler o teor das memórias do literato carioca, recuou sobre a decisão de publicar os manuscritos. Barbosa tomou então a frente desse projeto e optou então pela impressão dessas memórias.

anarquia mental e os sofistas anti-sociais (sic). Há porém os euclidianos ortodoxos, positivistas ou não, que, por vezes, se opõem com vantagem aos paradoxos impetuosos.

Quando se contempla – iluminados pelo sol vitorioso de março, que esbraseia as telhas do edifício e vem dar, aos descorados arbustos do jardinzito do pátio, um beijo escaldante de vida – quando se contempla aquela porção de rapazes, cujas inteligências moças ainda, no indivíduo e na raça, surge-nos aquela quadra espiritual da Europa pelo XII século, quando chegou às suas universidades a *Enciclopédia* de Aristóteles traduzida. As palavras com que Taine nos dá esse quadro remoto, poderiam ser empregadas para descrever esse contemporâneo. É com a mesma sofreguidão, é com a mesma teima sombria, é com o mesmo tropel bárbaro que aqueles moços invadem, tomam de assalto, e varam as muralhas das difíceis abstrações e das fugitivas filigranas da metafísica europeia. Talvez, no XII século, daquele trabalho encarniçado, nenhuma idéia [sic] nova se venha juntar ao patrimônio humano.¹¹

É interessante perceber como o escritor vai burilando seu estilo ao longo do diário. Nas primeiras anotações, recorre ao uso de um fraseado mais preciosista. Com o passar dos anos, começa a se valer da técnica de escrever de modo mais coloquial e acessível que tanto lhe é cara. Conforme foi demonstrado no capítulo inicial, Lima Barreto usou também seu *Diário Íntimo* para anotar desabafos sobre as teorias raciológicas que fizeram parte da mentalidade dominante das elites republicanas e as situações vexatórias que enfrentou por causa do preconceito.

Aqui é importante destacar que o então jovem escritor frequentou um círculo bem constituído de positivistas que debatiam o pensamento de Comte com fervor. Como salienta a historiadora Emília Viotti da Costa, nessa época, as ideias desse filósofo francês foram amplamente divulgadas, mas a influência do “Apostolado Positivista” na sociedade carioca teve uma dimensão restrita. Um dos leitores mais assíduos desse

¹¹ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*: memórias. Prefácio de Gilberto Freyre. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 29-30.

pensador francófono foi Licínio Atanásio Cardoso, matemático e lente da Escola Politécnica. Existiam também “muitos positivistas mais ou menos heterodoxos, como Silva Jardim ou Benjamin Constant”¹². Toda essa geração mostrou-se fascinada “pela ação dos grandes homens” e “pelo culto dos heróis”¹³.

Ao que tudo indica os dogmas ideológicos dessa doutrina, travestidos de científicos, foram logo percebidos pelo literato e esse fato motivou o seu gradual afastamento dessa corrente de ideias. Além do gosto pelos debates filosóficos, a música parece ter sido também uma paixão nutrida pelo estudante Afonso. Em 1 de dezembro de 1900, publica a crônica “Francisco Braga: concertos sinfônicos” para o periódico independente *A Lanterna*. Esse jornal foi fundado por estudantes da Politécnica entre os quais Júlio Albuquerque e Bastos Tigre. Típico texto de jornalismo cultural, esse escrito coloca o leitor em face de um Lima Barreto jovem, mas bem atento aos bastidores da cultura chamada convencionalmente de erudita,

Vimos domingo último, pela centésima vez, um magnífico e interessante concerto sinfônico, tendo um auditório ínfimo para esta cidade de oitocentos mil habitantes...

(...)

Um programa inteligente e de gosto, o desse primeiro concerto. Peças sinfônicas dos grandes Beethoven, Mozart e Liszt, ainda não ouvidas entre nós, aumentavam o atrativo da primeira audição de *Marabá*, *Cauchemar*, *Pro Patria* e do *Episódio sinfônico*, quatro excelentes páginas do aclamado sinfonista brasileiro.

(...)

Eis o característico notável da música de F. Braga: harmonia rica, brilhante; melodia sóbria, leve, tímida, sem arroubos, perfeitamente ao gosto da escola francesa.¹⁴

¹² COSTA, Emilia Viotti. Sobre as origens da República. In: *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. 7ª ed. São Paulo: Editora da Unesp, 1999, p. 416.

¹³ Idem, p. 416-17.

¹⁴ BARRETO, Lima. Francisco Braga: concertos sinfônicos. In: *A Lanterna*. Rio de Janeiro, (01/12/1900) ou BARRETO, Lima. *Toda crônica*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Agir, 2004, p. 59-60.

Lima Barreto foi atraído ainda, durante essa fase de sua vida, pela figura enigmática de um místico mineiro, descendente de islandeses, chamado Magnus Sondahl. O pensamento ecumênico desse teólogo englobava elementos da maçonaria, positivismo, catolicismo e até uma pitada de anarquismo. Nas memórias do historiador Luís Edmundo, é descrito, de forma aspérrima, como um sujeito “longo, feio, que usa *pince-nez* de cordão (...) e de quem se diz que pratica o nudismo e o amor livre nas praias ermas da cidade, longe da vista da polícia”. De acordo com o autor de *O Rio de Janeiro de meu tempo*, Magnus estava sempre a discutir “Hermetismo, o Ocultismo da Índia, o Cabalismo egípcio, o Esoterismo, a teosofia Ocidental e até o Mefistofelismo”¹⁵ pelas livrarias cariocas.

Criador de uma religião chamada ortologia, Sondahl recebe uma carta não datada – mas que, possivelmente, foi escrita em 15 de março de 1903 – de Lima Barreto na qual o literato afirma que “tendo lido o seu catecismo ortológico e me arrastando o espírito para o estudo da ortologia tomo a liberdade por intermédio desta perder-vos [sic] que, se não vós é impossível, o favor de remeter-me algumas mais publicações, que esclareça o meu espírito e que também contribuam para a minha completa iniciação na ortologia”¹⁶. A missiva foi assinada pelo escritor carioca com o pseudônimo de Afonso Mem de Muniz e remetida da Ilha do Governador.

O místico Sondahl pode ser compreendido enquanto um tributário do decadentismo finissecular na bela época carioca. Esses intelectuais assumiram uma grande dívida com as ideias estéticas e o dandismo do poeta francês Baudelaire. Ser um dândi não era questão apenas de circular pelas ruas bem vestido, mas também de ostentar uma postura refinada, aristocrática e contestadora em relação à moralidade difundida pelo “século do trabalho” fabril.

Como salienta Marcus Salgado, em *A vida vertiginosa dos signos: recepção do idioleto decadista na Belle Époque tropical*, a trajetória biográfica de Huysmans – autor de *Às avessas* – se torna bastante emblemática para brasileiros como Elysio de Carvalho, João do Rio e Medeiros e Albuquerque. Esse escritor francês passou a viver como monge em 1900. A indiferença dos setores oficiais da Igreja Católica francesa diante da adesão do autor de *Às avessas* e Verlaine aos

¹⁵ EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro de meu tempo*. Brasília: Senado Federal, 2003, p. 445.

¹⁶ BARRETO, Lima. Carta para Magnus Sondahl (s/d). In: *Correspondência: ativa e passiva*. Tomo I. Prefácio de Antônio Noronha Santos. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 36.

seus dogmas pode ser interpretada como um sinal de que esses literatos aderiram ao cristianismo de um modo nada ortodoxo.¹⁷ O misticismo foi um fenômeno intelectual muito peculiar da mentalidade *fin-de-siècle* com fortes reverberações na *Belle Époque*. Sendo assim, apesar dos apodos de Luís Edmundo, o fascínio que homens como Sondahl exerceu entre jovens aspirantes ao mundo das letras, como Afonso Henriques, merece ser mais bem investigado.

Sondahl envia, como resposta, uma carta atenciosa para Lima Barreto, datada de 17 de março de 1903. Resume sistematicamente os principais aspectos de sua doutrina, pautada em uma “reforma intelectual” como “a base, *sine qua non*, da remodelação social”. Essa sociedade ortológica, almejando atingir o uso lógico e verdadeiro da razão, instituiria uma “Plutometria” ou “medida justa de Produção e do Consumo”¹⁸. Nesse sentido, o pensamento de Magnus Sondahl se aproxima um pouco do anarquismo ao propor “à extinção do direito e privilégio imoral da ‘emissão fictícia’ (do dinheiro oficial). Cada um deve ter a liberdade e a faculdade de emitir sobre aquilo que possui e aquilo que produzir”¹⁹. Para realizar essa empreitada, propõe que seus simpatizantes fundem “Arcontados” locais, em oposição às “maltas e patulêias (sic) políticas e eleitorais” e busquem exercer cargos influentes “no comércio e na indústria”²⁰.

Lima Barreto, ao assinar essa troca de correspondência com um pseudônimo, talvez estivesse mais curioso a respeito das ideias de Sondahl do que entusiasmado com elas. O começo da década de 1900 foi um período de estudos intensos para o literato, bem como de fortalecimento de laços com os confrades que possuía mais afinidades. É uma época marcada também pelas suas colaborações com impressos que, atualmente, se tornam obscuras para pesquisadores que desejam travar contato com esses textos devido às dificuldades de se encontrar essas fontes. Além de *A Lanterna*, Lima Barreto escreveu textos,

¹⁷ Cf. SALGADO, Marcus. Teoria geral da decadência. In: *A vida vertiginosa dos signos: recepção do idioleto decadista na Belle Époque tropical*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

¹⁸ SONDAHL, Magnus. Carta para Lima Barreto (17/03/1903). In: Idem, p. 37.

¹⁹ Idem, p. 38.

²⁰ Idem, Ibidem.

muitos dos quais assinados por nomes fictícios, para *A Quinzena Alegre*, *Tagarela*, *O Diabo* e a *Revista da Época*.²¹

Sobre a *Revista da Época*, o autor de *Numa e a ninfa* conheceu Carlos Viana, o editor desse impresso, nos tempos em que eram alunos da Escola Politécnica. Infelizmente, os exemplares dessa publicação que se encontram nos arquivos da Fundação Biblioteca Nacional estão muito deteriorados pela ação do tempo e desfalcados justamente no tocante à colaboração de Lima Barreto. A principal característica desse impresso era a de tecer louvores aos mandarins da política republicana. Adotando essa estratégia, Viana conseguia levantar fundos para manter seus negócios e cavar empregos. Chegou a tornar-se representante do governo brasileiro na Europa.

Para os leitores mais acostumados com as críticas frequentes feitas por Lima Barreto aos desfechos das Reformas Urbanas, constatar que, no começo da carreira, o mesmo teve o nome associado a um impresso que fez uma apologética dessa empreitada é algo até inusitado. Porém, em uma carta enviada para Carlos Viana, em 1904, por Lima Barreto, já se pode notar a incompatibilidade entre os propósitos desses dois atores históricos:

Vou precipitar a narração, pois já me invade a preguiça, e o Balzac (*Lys dans la vallée*) espera amorosamente os meus olhos sôfregos.

(...)

Não sou teu empregado, não recebo ordenado, portanto coisa alguma me obriga a escrever artigos; mas como camarada, eu te devo falar francamente, não achas?

Retornando ao assunto: assim é que não querendo eu mais que oscilações do meu amor a esta ou aquela personagem política retardem de qualquer maneira o sucesso da tua empresa, declaro-te firmemente que não sou mais secretário do teu periódico e como tal só me cabe agradecer os inestimáveis favores que mereci da tua bondade, entre as quais se acha o de me fazeres secretário da *Revista da Época*.²²

²¹ Cf. RESENDE, Beatriz. Sonhos e mágoas de um povo. In: BARRETO, Lima. *Toda crônica*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Agir, 2004, p. 09-11.

²² BARRETO, Lima. Carta para Carlos Viana (28/02/1904). In: *Correspondência: ativa e passiva*. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 51.

No *Diário Íntimo*, em 18 de janeiro de 1905, o próprio Lima Barreto tece afirmações contundentes, porém esclarecedoras, sobre o fundador da *Revista da Época*,

Vim de trem com o Viana, pai e filho, neta e irmã. É um tipo curioso de aventureiro esse Viana. Fundou um jornal, a *Revista da Época*, do qual, por lábias sábias, obrigou-me por três números a ser secretário, do que me descartei a muito custo. A revista dele é uma espécie de retratos de varões obscuros. Quando lhe escasseiam os recursos, ele publica um número e, no dia seguinte, corre aos retratados para buscar dinheiro.

Anda agora de gorro com um russo. Curioso vagabundo que busca fortuna. Saltou no cais Pharoux, arranjou um título universitário, é doutor, assim como, se saltasse na *gare* de Orléans, seria conde ou marquês.²³

Em uma breve epístola enviada para Lima Barreto, não datada, mas que se deduz que seja de 1908, Viana fornece os indícios de que essa descrição barretiana sobre seu caráter arrivista não é tão exagerada assim:

Hoje, peço-te que escrevas três ou quatro linguados a respeito do nosso portenhoso Nilo Pessanha e umas cinco tiras sobre o Marechal Hermes.

Além disso, se estiveres de maré fazes uma crônica alegre sobre as festas de 15 de Novembro, fazendo umas considerações amáveis acerca do prazer da novidade que nos trazem os quinze de novembro de quatro em quatro anos.

Até logo.

Um abraço do teu,

Carlos.²⁴

²³ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*: memórias. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 88.

²⁴ VIANA, Carlos. Carta para Lima Barreto (s/d). In: Idem, p. 53.

Não foi encontrada nenhuma resposta na documentação dos arquivos consultados ou pista, na bibliografia especializada sobre a literatura barretiana, de que o escritor carioca aceitou tal proposta. Entretanto, a edição de *O Paiz* ²⁵, datada de 13 de agosto de 1908, traz na seção “Notas diversas”, a seguinte notícia:

Está publicado o primeiro número da “Exposição Nacional”, edição especial da *Revista da Época*, dirigida por Carlos Viana e Lima Barreto, com a colaboração fotográfica de Augusto Malta.

Tem na capa uma série de aspectos e “instantâneos” da exposição e nas páginas interiores, além de um texto interessante, várias fotografias dos edifícios do grande *certâmen* e retratos dos Drs. Sampaio Correia e Arlindo Fragoso, delegado da Bahia.

Miliano Palhares assina um bom trabalho sobre a Carta Régia que abriu os portos do Brasil às nações amigas.²⁶

A postura de Carlos Viana revela muito sobre as ambições de muitos dos que se aventuraram no ofício de editor e jornalista na *Belle Époque* carioca. Quanto ao autor de *Isaías Caminha*, pode-se perceber que estudar a sua trajetória intelectual a partir de uma imagem pronta e acabada de escritor maldito é algo bastante problemático.²⁷ Seja pelo desejo, imensamente humano, por reconhecimento ou pelas próprias dificuldades financeiras que enfrentou, essa documentação aqui

²⁵ O jornal *O Paiz* foi fundado na cidade do Rio de Janeiro em 1884 e fechado em 1930. Teve como *slogan* a frase “A folha de maior circulação e tiragem da América do Sul”. De propriedade do imigrante português João Reis Júnior, teve redatores de grande projeção como Rui Barbosa e Quintino Bocaiúva, o principal líder do Partido Republicano. Periódico matutino que veiculou amplamente as ideias liberais e as diretrizes do abolicionismo, durante toda a duração da Primeira República, teve um fim controverso quando sua sede foi destruída por um incêndio. Cogita-se que esse incidente foi intencional e motivado pelo fato de que a cúpula do impresso não apoiou a chamada Revolução de 1930.

²⁶ Cf. Notas diversas. In: *O Paiz*. Rio de Janeiro, ano XXIV, nº 8715, agosto de 1908, p. 04.

²⁷ É o caso da biografia *Lima Barreto: escritor maldito*, de Hécio Pereira da Silva. Apesar de bem escrita e com um enfoque, pertinente, em torno dos dramas pessoais vividos por Lima Barreto, o autor acaba detratando a obra de escritores importantes e complexos, como Machado de Assis, para exaltar a importância do autor de *Isaías Caminha* nas letras nacionais. Uma empreitada que pode ser considerada bastante enviesada. Ambos possuem seus méritos e singularidades que enriquecem a história da literatura brasileira. Cf. SILVA, Hécio Pereira da. *Lima Barreto: escritor maldito*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

abordada aponta que, em algumas situações, Afonso Henriques teve de abrir mão de certas convicções mais arraigadas.

Vale mencionar também a atuação de Lima Barreto no periódico *Tagarela – semanário crítico, humorístico, ilustrado e de propaganda comercial*, em 1903, sob a direção de Peres Júnior e propriedade de Raul Pederneiras. Na primeira edição, o folheto ressalta bem em sua capa que conta com “colaboração variada e escolhida”, entre as quais com as dos desenhistas “Raul, Falstaff, Calixto e outros conhecidos artistas”²⁸. No editorial do primeiro exemplar, datado de 01 de março de 1902, um texto anônimo tenta transmitir entusiasmo aos leitores: “a apatia lavra nosso povo e o nosso pobre povo precisa rir, rir às escancaras: e um quarto de hora de bom humor, disfarça ou minora toda essa carrancuda máscara de todos os dias, cheia de vicissitudes e mágoas”²⁹.

O *Tagarela* era um jornal de diagramação modesta, repleto de caricaturas que representavam personalidades de destaque na política brasileira da época e anúncios dos mais diversos, desde cigarros até elixires. Os sonetos e artiguets, assinados por pseudônimos, disputavam a visibilidade com ilustrações que tinham um posto fundamental no semanário.

Como sugere Carmem Lúcia de Figueiredo, as imagens que abundavam nessas revistas e folhetos independentes tinham uma finalidade crítica muito marcante,

Pela caricatura, portanto, acentuam-se os traços do rebaixamento grotesco, transferindo a capacidade de liderança e inteligência à bruta irracionalidade animalesca. Ou, no sentido inverso, o autoritarismo a eleger a fraqueza e a submissão para compor seu séquito de vassallos.³⁰

Em *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*, Beatriz Resende também pontua que essas charges tinham como função política

²⁸ Cf. *Tagarela*: semanário crítico, humorístico, ilustrado e de propaganda comercial. Rio de Janeiro, ano I, nº 01, março de 1902, p. 01.

²⁹ Idem, p. 02.

³⁰ FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. *Lima Barreto e o fim do sonho republicano*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995, p. 39-40.

veicular “sátiras picantes e severas aos governantes”³¹. Ainda de acordo com essa autora, Lima Barreto publicou nesse periódico, no ano de 1903, escritos assinados pela alcunha de Rui de Pina. No arquivo da Fundação Biblioteca Nacional, deparei-me com 43 exemplares de o *Tagarela* correspondentes há esse ano. O elenco de nomes extravagantes é vasto, por exemplo: Nós Todos, Incrédulo, L. Senior, Gypsi, Jass, Annaiv, dentre muitos outros³². Porém, não localizei nenhum texto que, seguramente, posso comprovar ser de autoria barretiana.³³

As dificuldades suscitadas por essa busca, cheia de obstáculos, em meio a um labirinto de papéis, acabam convergindo para questionamentos como os levantados por Denilson Botelho. De acordo com o autor, em *Letras militantes: história, política e literatura em Lima Barreto*, sobre o uso de pseudônimos pelo literato carioca, “as razões que o levaram a esse procedimento não são muito claras. O uso de pseudônimos lhe teria sido imposto? Ou seria uma decisão pessoal? (...) Tratam-se de perguntas relevantes, para as quais não se tem resposta – com exceção do caso d’*A Lanterna*, no qual é evidente que o escritor fez uso dos pseudônimos Alfa Z e Momento de Inércia para exercer sua crítica mordaz aos professores, livre de possíveis retaliações”³⁴.

Em *História & modernismo*, Mônica Pimenta Velloso, ao discutir a consolidação das correntes modernistas não apenas na literatura, mas também nas artes visuais, música e imprensa, salientou que os pseudônimos/heterônimos foram muito comuns entre artistas europeus, brasileiros e hispânicos desde o século XIX. Baudelaire, na França e Gonzaga Duque, no Brasil, se valeram dessa tática para defenderem o trabalho dos caricaturistas, por exemplo, em seus respectivos países.

³¹ RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993, p.84.

³² Cf. *Tagarela*. Rio de Janeiro, ano II, nº 90, novembro de 1903, p. 1-16.

³³ Em *O carnaval das letras: os literatos e as histórias da folia carioca nas últimas décadas do século XIX*, Leonardo Affonso Pereira discorre sobre o prestígio que intelectuais como Olavo Bilac, Machado de Assis e Coelho Neto desfrutavam entre a população da capital republicana. Existem fontes que apontam que esses letrados eram parados nas ruas até para darem autógrafos aos populares. Nesses termos, os pseudônimos funcionavam como uma forma do escritor se proteger de críticas por parte da opinião pública ou lhe permitiam até defender opiniões que discordavam nos salões. Acredito que a *intelligentsia* da *Belle Époque* foi uma herdeira desse legado *finisseccular*: o artista continuou em sua busca por reconhecimento social e os pseudônimos garantiam, além de boas polêmicas, a autonomia do exercício da crítica política em face do poder instituído.

³⁴ BOTELHO, Denilson. *Letras militantes: história, política e literatura em Lima Barreto*. Tese (Doutorado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001, p. 41.

Nesse sentido, endosso aqui a tese da autora de que é necessário substituir o confuso termo “pré-modernismo”, destinado a consagrar as vanguardas e intelectuais conservadores que protagonizaram a Semana de Arte Moderna, em São Paulo, pela ideia de “modernismos”. Esse conceito é assim detalhado por Mônica Pimenta Velloso,

Na realidade há distintas correntes fundadoras da modernidade. A primeira delas fundamenta-se no ideal iluminista do conhecimento, devotando encanto às conquistas da racionalidade e da ciência. O futuro é a sua meta, e o rigor científico, a via para alcançá-la. A segundo vertente retoma fundamentos românticos de tradições civilizadoras anticapitalistas. Dissidente, antiburguesa, ela traduz o mal-estar da civilização. Os simbolistas integraram esse grupo que se posicionou de maneira cética e irônica frente aos avanços do progresso. É importante entender a atuação dessa contra corrente. Basta nos reportarmos à ideia do Modernismo como um conjunto de movimentos que percorreu os séculos XIX e XX. Não se trata de uma trajetória linear apontando rumos e ideias definidos. Desde Baudelaire, a modernidade fora alvo de críticas profundas, mesclando ceticismo histórico, pessimismo e utopia. A cultura brasileira retomou em grande parte esse polo dissidente. Caricaturistas e cronistas apontaram as ambiguidades do moderno, seja em atitude de denúncia, seja recorrendo ao viés irônico e coloquial. A exclusão social do regime, o seu aspecto autoritário, corrupto e desumano além do mal-estar intelectual destacaram-se como os temas mais discutidos.³⁵

Em termos de contexto latino-americano, bem como na Europa, as querelas/diatribes eram constantes e os heterônimos ocultavam a

³⁵ VELLOSO, Mônica Pimenta. *História & modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 83.

identidade real do autor e evitavam até, em casos extremos, confrontos físicos: duelos, agressões, rugas. Dentro dessa perspectiva, o uso dos pseudônimos é um fenômeno comum no âmbito das práticas dos artistas, desde épocas mais remotas até o contemporâneo. Pode-se pensar, seguindo os rastros do estudo de Mônica Pimenta Velloso, em uma cultura da polêmica bem consolidada e inseparável da história global dos intelectuais. Os usos dos nomes falsos e cifrados são constantes nos mais variados debates, disputas políticas e manifestações estéticas firmadas nesse campo.

É importante endossar que Lima Barreto vivenciou, nessa época, um processo de refinamento ou de educação dos sentidos; de contato com os produtos culturais consumidos pelas elites cariocas para que depois esse literato se posicionasse em sua trincheira de escritor militante. Depois de frequentar concertos, teatros, bibliotecas, discutir ideias políticas com liberais, anarquistas, monarquistas e tomar conhecimento da literatura estrangeira e nacional que foi produzida em sua época, é que o sentimento de desajuste com os ditames do *establishment* vai aflorando e sendo cultivado por Lima Barreto.

Tais considerações convergem bastante para um aporte baseado na pesquisa do sociólogo Norbert Elias sobre as singularidades de Mozart. Esse brilhante compositor lutou com todas as forças para ter seu talento reconhecido pela sociedade vienense, a partir da metade do século XVIII, porém sua vida também foi marcada pelos espectros da miséria, da solidão e do ostracismo. A educação imposta pelo pai do músico foi severa e abarcava muitas horas de estudos. Aos poucos, “a disciplina imposta (...) converteu-se em autodisciplina, capacitando o jovem a trabalhar, depurando e transformando em música as fantasias que nele fervilhavam”³⁶.

A lição metodológica preciosa que pode ser extraída dessa obra de Norbert Elias, para quem reflete sobre a história a partir de fontes artísticas, reside na assertiva de que para se compreender um autor é necessário entender, igualmente, suas pretensões. Nesse caso, “os anseios não estão definidos antes de todas as experiências. Desde os primeiros anos de vida, os desejos vão evoluindo através do convívio com outras pessoas, e vão sendo definidos, gradualmente, na forma determinada pelo curso da vida”³⁷.

³⁶ ELIAS, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio*. Tradução de Sergio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 13.

³⁷ Idem, *Ibidem*.

No caso de Lima Barreto, houve uma grande pressão por parte de João Henriques, antes de ser acometido por sérios problemas mentais, para que o filho se tornasse engenheiro e, junto com o diploma, recebesse o título de doutor. Aspiração que naufragou quando o literato desistiu do curso após sucessivas reprovações nas disciplinas de cálculo ministradas por Licínio Cardoso e acabou prestando concurso para o modesto cargo público de amanuense na Secretaria de Guerra, em 1903.³⁸

Em um estudo publicado, primeiramente, na revista *Actes de la recherche en sciences sociales*, em novembro de 1975, o sociólogo Sérgio Miceli fez considerações bastante inovadoras, para a época, ao salientar a importância de se compreender o papel da educação formal ao longo da trajetória biográfica de intelectuais como Humberto de Campos, Manuel Bandeira, Gilberto Amado, Juarez Távora e Lima Barreto – classificados como “anatolianos”. O monarquista Visconde de Ouro Preto, ao patrocinar os estudos do autor de *Isaías Caminha*, nas melhores escolas cariocas, foi uma peça fundamental em seu processo de letramento.

Para Miceli,

A perda da proteção financeira de seu padrinho e a doença do pai se fazem acompanhar por inúmeros fracassos escolares; quando seu pai enlouquece, Afonso acaba abandonando a Escola Politécnica quando já estava prestes a conseguir o diploma. Em seguida, é aprovado num concurso público e obtém a vaga de amanuense na Secretaria de Guerra; aproxima-se dos círculos literários marginais, começa a dar aulas particulares e a colaborar na imprensa carioca.

Deste modo, a presença do padrinho permite a Lima Barreto orientar-se num primeiro momento para uma carreira relativamente distante do pólo intelectual, a profissão de engenheiro. (...) A presença de Ouro Preto consegue assegurar apenas uma adesão precária às carreiras (masculinas) dominantes. Lima Barreto acaba por

³⁸ Segundo Francisco de Assis Barbosa, no capítulo “Mocidade”, de *A vida de Lima Barreto*, as provas para o concurso de amanuense, nessa época, englobavam conhecimentos em Português, Francês, Inglês, Aritmética, Álgebra, Geometria, Geografia, História, Direito, Redação Oficial e Caligrafia.

desistir do projeto paterno de convertê-lo em um “júnior da classe dominante”.³⁹

Consciente de que havia muitas expectativas depositadas pela família, amigos e da sua própria inclinação para as letras, o romancista carioca escreveu em seu “diário extravagante” – como nomeou esse caderno repleto da sua caligrafia apressada, de difícil compreensão – naquele mesmo ano:

Eu sou Afonso Henriques de Lima Barreto. Tenho vinte e dois anos. Sou filho legítimo de João Henriques de Lima Barreto. Fui aluno da Escola Politécnica. No futuro, escreverei a *História da Escravidão Negra no Brasil* e sua influência na nossa nacionalidade.⁴⁰

Esse é um dos trechos da escrita barretiana mais conhecidos entre os estudiosos de sua obra devido ao grande valor póstumo que lhe foi atribuído por pesquisadores de distintos matizes como Gilberto Freyre e Francisco de Assis Barbosa.⁴¹ A preocupação em realizar uma leitura das consequências da escravidão na configuração social e cultural no país não resultou em uma obra de fôlego historiográfico, mas motivou algumas das páginas mais perspicazes da ficção e confissão de Lima Barreto. No entanto, gostaria de recorrer a um trecho de seu diário no qual temos a articulação de um plano de estudos intrínseco a sua formação e pretensões intelectuais.

Essas notas de 1903 foram encontradas em uma caderneta com capa de couro, uma agenda trimestral, entre os manuscritos do autor e incorporadas ao *Diário Íntimo* pelos seus editores,

Curso de filosofia feito por Afonso Henriques de Lima Barreto para Afonso Henriques de Lima Barreto, segundo artigos da *Grande Encyclopédie*

³⁹ MICELI, Sérgio. *Poder, sexo e letras na República Velha*. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 39.

⁴⁰ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo: memórias*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 33.

⁴¹ O trecho foi citado por Freyre ao prefaciar o *Diário Íntimo*; consta, indelevelmente, na biografia sobre o literato escrita por Assis Barbosa e foi abordado, recentemente, por Robert Oakley, em *Lima Barreto e o destino da literatura*. Isso recorrendo apenas às publicações de maior repercussão editorial sobre Lima Barreto e para melhor ilustrar a afirmação acima.

Française du Siècle XIX, outros dicionários e livros fáceis de se obter.

O curso será feito segundo a história do pensamento filosófico, devendo cada época ser representada pela opinião dos seus mais notáveis filósofos. Na passagem de uma época para outra, constituirá o grande objetivo do curso estabelecer a ligação dos dous pensamentos, as suas modificações e o que se eliminou de um e porque essa eliminação foi feita. Dessa maneira, o curso será dividido em quatro partes:

1ª) Filosofia geral. Modo antigo de entendê-la e modo moderno de encará-la. Definição. Divisões. Lógica. Metafísica. Teodicéia (sic). Filosofias particulares das ciências e das artes. O lugar que lhes compete. Fim da filosofia. Utilidade (2 lições).

2ª) Filosofia antiga.

Filosofia grega (3 lições);

Filosofia alexandrina (2 lições);

Filosofia romana (2 lições);

Pensamento antigo.

3ª) Filosofia da Idade Média. Filosofia árabe. Escolástica. Pensamento medievo (4 lições).

4ª) Filosofia moderna. Escolas. Filosofia (5 lições).

5ª) Filosofia contemporânea. Sociologia. Estudo das raças. Teorias (4 lições). Pensamento atual (1 lição).

6ª) Filosofia chinesa (1 lição).

7ª) Filosofia hindu (1 lição).

8ª) Religiões. Crenças religiosas. Animismo. Fetichismo. Politeísmo e monoteísmo. Panteísmo e materialismo (3 lições).⁴²

Impossível afirmar com toda certeza se o literato carioca realizou toda essa gama de leituras ao longo de sua breve e atribulada vida. Apesar de ser um curso geral de filosofia muito bem estruturado, condizente com o perfil de um leitor que almejava ter um entendimento universal da trajetória humana, esse plano de estudos está mais para um projeto de letramento de longa duração do que algo fácil de ser realizado

⁴² BARRETO, Lima. Op. Cit., p. 35-6.

de modo linear. Lima Barreto postula ainda que a filosofia se aproxima do saber científico, ao se valer de métodos como “abstração, da determinação, da síntese e da análise, da indução e da dedução”, porém o uso da inteligência filosófica pode ainda se apropriar de sensibilidades “que o cientista não admite, nem emprega, o sentimento, a intuição”⁴³.

Pode-se conjecturar aqui, portanto, que o saber reflexivo ou crítico apresentava mais atrativos do que o conhecimento positivista para o jovem Lima Barreto. Ao longo da sua trajetória, lidar com o artesanato literário foi o meio encontrado pelo escritor para canalizar também essas inquietações. A rotina de leituras complexas e os encontros, em cafês e confeitarias pelas adjacências da Avenida Central, com colegas de repartição e amigos, com os quais dividia afinidades, funcionaram também como uma forma de esquecer seus dramas domésticos. Essa fase da vida de Lima Barreto foi bem marcada pela disparidade entre as duas realidades pelas quais transitava. Apesar de levar uma vida simples com a família no modesto subúrbio de Todos os Santos, O escritor conhecia bem o universo particular das rodas de conversas literárias protagonizadas pelos “elegantes” do Rio.

Em suas memórias, Luís Edmundo descreveu o ambiente do Café Papagaio, situado no centro da urbe carioca e ao lado da Confeitaria Colombo. Por volta de 1903, o local era frequentado por caricaturistas de revistas como a *Kosmos*, *Fon-Fon* e o *Tagarela*, entre os quais Calixto e Raul. Apesar de não ter mencionado o nome do autor de *Isaías Caminha* – intencionalmente – entre as novas hostes da literatura, no Rio de Janeiro de seu tempo, o historiador menciona a presença do escritor entre as confrarias literárias que se firmavam naquele espaço. De acordo com o autor, “eram frequentadores do café, entre outros, o Estevão de Resende, tipo belo, forte, chicoteador de mariolas, (...) o poeta Peres Júnior, Silva Marques, Navarro da Costa, Lima Barreto, (...) Figueiredo Lima e Bastos Tigre”⁴⁴. Também Circulavam pelo Café Papagaio Gonzaga Duque, autor do romance *Mocidade morta* e o poeta Mário Pederneiras.

Em seu diário, meditando sobre esses universos díspares, Lima Barreto desabafou: “a minha casa ainda (...) é um mosaico tétrico de dor e de tolice. (...) Meu pai, ambulante, leva a vida imerso na sua insânia. Meu irmão, furta livros e pequenos objetos para vender (...)”. Referiu-se

⁴³ Idem, p. 38.

⁴⁴ EDMUNDO, Luís. Op. Cit, p. 338.

ainda a amasia de João Henriques como uma pessoa “sem a distinção da cultura nossa, sem o refinamento que já conhecíamos”⁴⁵.

Essa condição marcada pelos deslocamentos entre a “Vila Quilombo”⁴⁶ e a Avenida Central, espaço de sociabilidade para as elites branqueadas, de acordo com Celi Silva de Freitas, foram fundamentais para a construção do perfil político contestador de Lima Barreto, bem como para a valorização do sentimento de negritude encontrada em sua escrita. O literato foi uma testemunha das limitações não apenas ideológicas, mas também cartográficas da modernidade republicana.⁴⁷

Ainda sobre o letramento de Lima Barreto, é interessante destacar seus esforços para adquirir impressos. A fim de poder realizar seus estudos e fundamentar melhor seus postulados, o escritor começa a angariar livros que contemplem as temáticas que desejava estudar. Em algumas situações, recorreu aos amigos mais abastados que estavam a viajar pela Europa para lhe trazerem impressos. É o que uma carta, de julho de 1905, enviada para Mário Galvão⁴⁸, indica. O correspondente foi colega do autor de *Clara dos Anjos* ainda no Colégio Paula Freitas e, posteriormente, de ofício na Secretaria de Guerra.

Na mencionada missiva, Lima lhe faz o seguinte pedido:

Tenciono fazer-te uma encomenda. Livros, sabes. Sei que vais sair de Paris até o dia 20 (...). É para a casa Félix Alcan; e são todas as obras de Schopenhauer, traduzidas para o francês, e uma monografia sobre a filosofia do mesmo, pelo Ribot.

Nisso não há insinuações: é um modo de encher a carta. Peço-te que passes por lá e indagues o preço

⁴⁵ BARRETO, Lima. Op. Cit., p. 41.

⁴⁶ “Vila Quilombo” era como Lima Barreto se referia, de forma enigmática, para sua morada no subúrbio de Todos os Santos. Além do pai, residiam lá também os irmãos do escritor: Evangelina e Carlindo e sua madrastra, Prisciliana, junto com os filhos de outra união e um velho escravo liberto, que acompanhava a família desde os tempos em que João Henriques trabalhou na Colônia de Alienados na Ilha do Governador. É uma expressão densa de significados simbólicos, pois sugere que ali era o lugar de negros refugiados, porém rebeldes; altivos.

⁴⁷ Cf. FREITAS, Celi da Silva. *Entre a Vila Quilombo e a Avenida central: a dupla exterioridade em Lima Barreto*. Dissertação (Mestrado em História Política), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

⁴⁸ Consta também que Mário Galvão, nascido no Paraná em 1882, atuou na imprensa como jornalista do periódico *Diário do Comércio*, dirigido por Mário Cataruzza e foi um dos fundadores da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), ao lado Gustavo Lacerda, em 1908.

certo. Uma outra cousa também te peço: se vires alguma cousa interessante sobre literatura, artes, história, manda-me dizer. Aí há publicações baratas e preciosas, a esse respeito.

Quando voltares para Paris, escreve-me.

Vistes já o Louvre? As antiguidades assírias e egípcias? O escriba sentado? E o que te parece a pintura, a escultura? Um delírio – não é? (...) Já viste o Brunetiére? (...) e o Anatole France? (...) Foste à *Comédie*, à *Opéra*, aos concertos?⁴⁹

Essa correspondência expõe um Lima Barreto erudito, atento para as obras dos grandes expoentes do pensamento em voga na Europa e que ganharam visibilidade internacional no final do século XIX. Sobre os livros e a influência europeia para a intelectualidade brasileira, ainda é Luís Edmundo que pode fornecer aqui uma boa caracterização desse dado histórico, ao afirmar que “no começo do século lemos bastante, lemos; pena, entretanto, que o livro, em espessa maioria, continue a nos vir, sempre, de fora. Como tudo, afinal, que nos instrui”. Nesse panorama, “o prestígio do livro francês, porém, continua imoderado e incondicional”⁵⁰.

Pretendo detalhar melhor ao longo desse trabalho a importância do contato entre Lima Barreto e a filosofia e ficção estrangeira. Por hora, vale salientar que as mostras de arte do Louvre eram descritas com entusiasmo por aqueles que viajaram pelo Velho Mundo e retornavam para o Rio de Janeiro com relatos sobre as últimas novidades dos países tidos como as grandes vitrines mundiais do bom gosto; da civilização.

Também se têm aqui esboçadas as inquietações de um leitor bastante exigente e sofisticado. Na *Belle Époque*, até mesmo em um país europeu que contava com um público leitor mais vasto, como Portugal, os livros eram considerados verdadeiros artigos de luxo. Daí a considerável circulação de revistas que abarcavam temas que iam desde reportagens, passando pela poesia, artes em geral, até discussões acadêmicas e que pretendiam, inclusive, disputar o mercado com a literatura.⁵¹

⁴⁹ BARRETO, Lima. Carta para Mário Galvão (03/07/1906). In: *Correspondência: ativa e passiva*. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 135. [Grifos meus]

⁵⁰ EDMUNDO, Luís. Op. Cit., p. 431.

⁵¹ Cf. ROCHA, Clara. *Revistas literárias do século XX em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

Os semanários e jornais brasileiros copiaram largamente esse padrão editorial. Como destaca Mônica Pimenta Velloso, periódicos cariocas entre os quais *O Malho*, *Fon-Fon* e *Mercúrio* traziam propagandas que exaltavam suas vantagens no tocante aos livros: “ler revistas significava, então, gastar menos tempo e obter mais informações”⁵². Nesse contexto, o talento do jovem escritor carioca atraiu a atenção da imprensa burguesa conforme indicam as reportagens sobre o “bota-abixo” do governo municipal de Pereira Passos e sua atuação na *Revista da Época*. Sua colaboração com o *Correio da Manhã* – conforme já foi demonstrado – inicia com uma detalhada descrição do trabalho das equipes de demolições da prefeitura e culmina em uma digressão romanesca ao passado do Rio colonial. Vale destacar também aqui, portanto, sua ligeira atuação na revista *Fon-Fon*.

Em *A vida de Lima Barreto*, Francisco de Assis Barbosa apenas registra que o literato colaborou com esse impresso, no primeiro semestre de 1907, se valendo dos pseudônimos de Philéas Fogg e S. Holmes.⁵³ O primeiro trata-se de um dos personagens do romance *A volta ao mundo em oitenta dias*, do francês Júlio Verne; descrito como econômico nas palavras e frio no comportamento. O segundo refere-se ao famoso detetive criado pelo literato inglês Conan Doyle. Em um conto publicado, originalmente, em 1920, na primeira edição de *Histórias e sonhos*, intitulado “Um músico extraordinário”, Lima Barreto faz uma ponte entre memória e ficção para, por meio da trajetória da personagem Ezequiel, colocar o leitor a par de sua paixão artística pelo citado escritor francês.

Ezequiel, garoto que tinha entre 14 ou 15 anos, era franzino e taciturno. Não gostava de folguedos com os colegas de internato. De acordo com o narrador, “o seu grande prazer era a leitura e, dos livros, os que mais gostava, eram os de Júlio Verne”⁵⁴. O comportamento solitário do jovem, horas e horas recluso na biblioteca da escola, era motivo de estranhamento entre seus colegas, mas assim justificado pelo narrador,

⁵² VELLOSO, Mônica Pimenta. Sensibilidades modernas: as revistas literárias e de humor no Rio de Primeira República. In: LUSTOSA, Isabel. (Org.). *Imprensa, história e literatura*. Rio de Janeiro: Edições Casa Rui Barbosa, 2008, p. 227.

⁵³ BARBOSA, Francisco de Assis. Op. Cit., p. 154.

⁵⁴ BARRETO, Lima. *Histórias e sonhos*. Rio de Janeiro: Gianlorenzo Schettino, 1920, p. 100 ou BARRETO, Lima. *Contos completos*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 212.

Quem poderia por na cabeça daquelas crianças fúteis pela idade e cheias de anseios da carne para puberdade exigente, o sonho que o célebre autor francês instila no cérebro dos meninos que se apaixonam por ele, e o bálsamo que os livros dão aos delicados que prematuramente adivinham a injustiça e a brutalidade da vida?⁵⁵

Não foram encontradas referências à leitura de Conan Doyle na obra barretiana. Esses breves textos, assinados por Fogg e Holmes, não aparecem na meticulosa antologia que reúne todas as crônicas do escritor carioca organizada por Beatriz Resende e Rachel Valença.⁵⁶ Na documentação encontrada, temos a estreia de Philéas Fogg quase que intercalada com a do próprio semanário *Fon-Fon*. Em uma nota veiculada n' *O Paiz*, em 13 de abril de 1907, para divulgar a estreia dessa revista, o nome do autor de *Policarpo Quaresma* ganha destaque em meio ao time de redatores da revista ilustrada.

Esse anônimo repórter de *O Paiz* ressalta que o periódico *Fon-Fon* contava com um excelente acabamento gráfico, publicidade de prestígio e muito humor nas suas páginas. O nome de Jorge Schmidt, como editor, é ovacionado, bem como o leque de jornalistas e desenhistas que a revista abarcava. Assim sendo, “o texto e as gravuras em que andam a pena de Raul, Emílio, Calixto, Lima Barreto, Leal de Souza, o magnífico poeta revelado pelos *Annaes*, e outros que se escondem em reserva discreta, é excelente”⁵⁷. Nesses termos, considero importante explorar esses escritos na medida em que sugerem que a atuação jornalística de Lima Barreto foi bastante multifacetada e que seu talento com as letras não era completamente desprezado nesse período.

Em 20 de abril de 1907, na crônica-conto “Falsificações”, Lima Barreto faz um tipo de comédia sobre o suposto refinamento das novas elites ao comentar o comércio de víveres adulterados:

Por parte dos consumidores o uso de gêneros perfeitamente puros tem encontrado grande resistência. O hábito é uma segunda natureza.

⁵⁵ Idem, p. 212-13.

⁵⁶ Cf. BARRETO, Lima. *Toda crônica* (1890-1922). Vol. 1 & 2. Organização de Beatriz Resende & Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

⁵⁷ Cf. *O Paiz*. Rio de Janeiro, ano XXIII, nº 8227, abril de 1907, p. 02.

Toda a gente sabe disso, e também que alguns viventes, para prova desse acerto, acostumaram-se a não comer e vão passando magnificamente como se ingerissem opíparos jantares.

Com os gêneros alimentícios, a sentença verificou-se absolutamente. Há dias, no Meyer, jantando em uma casa amiga, frequentada por certa beleza, que não descrevo, porque os mais poetas ainda não se resolveram a cataloga-la – jantando, no Meyer, dizia, a filha do dono observou:

– Papai, não gosto desse café. O Sr. por que não traz o falsificado?

É o hábito, como veem, agindo como um ditador.⁵⁸

Existe uma grande tensão entre a inclinação barretiana voltada para o uso da sátira e da ironia como ferramentas de contestação do *status quo* e a preocupação em amortecer o poder de impacto dessas críticas, pois, justamente, muitos dos leitores da *Fon-Fon* integravam os quadros das elites cariocas. O deboche do narrador passa da alimentação para os símbolos de distinção ostentados pelas elites que transitavam pela Avenida Central.

Ainda sobre as falsificações,

Contudo, os artigos de luxo também o são.

Nos arredores do Rio, há um curtume de peles de cães, as quais, depois de preparadas, são mandadas para as grandes fábricas de luvas da Europa.

Pouca gente talvez saiba que boa parte do aumento de renda da Prefeitura, na gestão Passos, proveio da venda de cães apanhados pela carrocinha nas ruas. Não sabiam? Pois foi.

A tal respeito, conta-se que Mme. Z, num baile do Casino, ao ter notícia disso, desmaiou...

Pobre senhora! Imaginou que as suas luvas podiam ter sido feitas com a pele de seu totó, que desaparecerá.

(...)

⁵⁸ BARRETO, Lima (Philéas Fogg). Falsificações. In: *Fon-Fon*. Rio de Janeiro, ano I, nº 2, abril de 1907, p. 31.

Apesar de a crônica ter circulado em um periódico vinculado à grande imprensa, supor que a administração municipal não havia poupado nem os animais domésticos abandonados em sua ânsia para obter lucros é uma refinada denúncia moral e política. O texto dividido em duas colunas ocupa uma página do periódico e divide o espaço com uma fotografia nas quais duas mulheres, mãe e filha, em trajes bastante elegantes saem da igreja João Batista. Talvez uma estratégia editorial para que o leitor se debruce sobre a fotografia e não se incomode tanto com o humor ferino de Fogg.

Na edição cinco da *Fon-Fon*, datada de 11 de maio de 1907, Lima Barreto assinou uma crônica intitulada “O fio da linha” com o pseudônimo de S. Holmes. Antes da expressão “colocar atrás das grades” significar prender alguém, no Rio de Janeiro, usava-se a gíria “colocar atrás das linhas”. Desse modo, o jornalista faz uma série de trocadilhos com a expressão e a desdobra em analogias com a conjuntura militar. O delegado poderia ser chamado de “carretel”; o xadrez de “croché” e o soldado de baixa patente receberia a alcunha de “fiapo”. É interessante perceber como termina esse breve artigo,

É possível que os puristas lá deles protestem contra essa violenta introdução de neologismos; mas como tal gente não possui Senado nem Código Civil, o protesto não tomará importância, não passando de uma insignificante impertinência de gramáticos.

A sociedade que rouba, naturalmente, procurará salvaguarda-se dos perigos que, contra a sua existência, vem oferecer essa moderna descoberta policial.

Gatuno algum deixará mais em suas vestes ou em seu corpo, o furo ou orifício por onde se possa introduzir a linha policial. Vão ter corpos hermeticamente fechados...

E se à coletividade de malfeitores, o novo expediente policial vai levar essas modificações, à que só faz bem, a uma, a normal, também trará desarranjo.

⁵⁹ Idem, *Ibidem*.

No mínimo, o que poderá acontecer será o emaranhamento das linhas férreas policiais com as de telefone, de telégrafo e as de estrada de ferro, causando desarranjo ao comércio e à indústria.⁶⁰

Acima da crônica barretiana, temos uma charge que faz alusão ao novo automóvel adquirido pelo governo estadual. Nesse caso, de uma forma muito depurada também, temos uma narrativa na qual alguns dos ícones do progresso técnico da capital republicana são associados diretamente ao recrudescimento das estratégias de controle social.⁶¹ Conforme já foi percebido, o uso de pseudônimos pelos colaboradores das revistas ilustradas do Rio era muito comum. Para Mônica Velloso, esse recurso funcionava tanto como uma forma dos jornalistas estabelecerem “personagens-símbolo que interpelam vivamente os leitores”⁶², bem como uma tática bastante apropriada para provocar polêmicas.

Poder-se-ia dizer que no campo intelectual brasileiro existia uma “cultura da polêmica”, com suas diatribes, réplicas e tréplicas, o que foi cognominado de “duelos no serpentário” devido ao “belicismo verbal”⁶³. Segundo análises de George Ermakoff e Alexei Bueno,

A passagem do século XIX para o século XX no Brasil, o que poderíamos chamar de a nossa Belle-Époque, foi marcada por certos modismos literários de grande popularidade, especialmente as polêmicas, e, um pouco mais tarde, as conferências. Se ambas perseveraram, em seus numerosos avatares, o que elas grandemente perderam foi a sua característica de gênero literário. (...) a polêmica nesse seu período áureo

⁶⁰ BARRETO, Lima (S. Holmes). O fio da linha. In: *Fon-Fon*. Rio de Janeiro, ano I, nº 5, maio de 1907, p. 24.

⁶¹ Em *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*, Sidney Chalhoub tece considerações importantes sobre a intensificação da vigilância policial nos quadros da “regeneração” carioca. Ao constatar, nos processos criminais que usou como fontes, que existia uma grande dificuldade por parte das autoridades em recrutarem testemunhas para os autos processuais, Chalhoub sugere que esse fato é um indicativo da desconfiança nutrida pelos populares em relação à conduta moral dos representantes da lei.

⁶² VELLOSO, Mônica Pimenta. Op. Cit., p. 223.

⁶³ Cf. ERMAKOFF, George; BUENO, Alexei (Orgs.). *Duelos no serpentário: uma antologia da polêmica intelectual no Brasil 1850-1950*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2005.

vivia como duelo de verve e de inteligência verbal, contenda virtuosística, apreciada mais pelos meios do que pelos fins, despertando uma atenção quase esportiva por parte dos leitores, o que sem dúvida, como fenômeno social, desapareceu.⁶⁴

Sobre as razões que levaram Lima Barreto a ser desligar do corpo editorial da *Fon-Fon*, temos uma carta enviada diretamente pelo escritor ao fundador do periódico: o poeta Mário Pederneiras. Na missiva, datada de 20 de junho de 1907, o literato alegou o seguinte,

Não me gabo de ser lá grande escritor, muito menos que o seja para proprietários da lindíssima *Cosmos*⁶⁵; entretanto, tenho feito esforços, neste e naquele gênero, para os agradar. Fantasio, imagino, faço química, escrevo pilhérias... não há meio!

Demais, vejo que as coisas minhas não agradam, ficam à espera enquanto as de vocês nem sequer são lidas, vão logo para a composição. Não há ciúme, nem despeito, mesmo que os houvesse era justo que perdoasses esse assomo d'alma, pois que de há muito venho me resignando; entretanto, não há...

(...)

Induzi também que é a tua bondade que mantém lá – o que agradeço de coração – mas que o meu orgulho não aceita.⁶⁶

Certamente, o estilo de sátira de Lima Barreto destoava bastante daquelas que eram veiculadas pela maioria dos colaboradores desse impresso. Sua dedução de que os editores submetiam seus textos a um crivo mais atencioso e silenciador não foi gratuita. As sutis denúncias sociais de Philéas Fogg e S. Holmes, os heterônimos barretianos, se tornam incompatíveis com crônicas como “Um *five o'clock*”, típica expressão que ilustra bem o cosmopolitismo agressivo exaltado na *Belle*

⁶⁴ Idem, p. 11-12.

⁶⁵ Além de proprietário da *Fon-Fon*, Mário Pederneiras foi também sócio e fundador da *Kosmos* e do *Tagarela*.

⁶⁶ BARRETO, Lima. Carta para Mário Pederneiras (20/06/1907). In: *Correspondência*: ativa e passiva. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 162-63.

Époque tropical, assinada pelo misterioso Barão de Sumaret: provavelmente seria o escritor alagoano Elysio de Carvalho, que publicou um livro com este título no ano de 1909, mas esse estrangeirismo poderia ser uma expressão recorrente nas revistas ilustradas. Na *Fon-Fon*, datada de 20 de abril de 1907, esse autor narra o quanto ficou embaçado ao receber um “clássico bilhete de grande dama: róseo, perfumado, escrito num estilo nervoso e com a caligrafia irrepreensível das moças de alta educação!”⁶⁷.

A solução encontrada pelo autor de *Policarpo Quaresma* para provocar polêmicas e incitar o debate sobre a função da literatura na *Belle Époque* carioca foi, portanto, fundar seu próprio periódico, com o apoio de amigos que o acompanhavam desde a época dos internatos, da Escola Politécnica e das reuniões nos cafês. Sem recorrer a pseudônimos, Lima Barreto fundou a *Floreal*, pois já estava convencido “da inutilidade do seu esforço de procurar o caminho da imprensa burguesa”⁶⁸ e esse impresso, portanto, merece aqui um olhar mais demorado.

A Floreal

A *Floreal* foi lançada no mercado editorial carioca em um sábado, na data de 25 de outubro de 1907. Tinha como proposta ser uma publicação bimensal de crítica e literatura. A sede da redação ficava localizada na Rua Sete de Setembro, nº 89, no centro do Rio de Janeiro e foi impressa na Tipografia Rabelo Braga, situada na Rua da Alfândega. A *Floreal* primava, sobretudo, pela independência já que era custeada pelos próprios redatores, bem como pela liberdade de expressão dos colaboradores. No primeiro exemplar, além do próprio Lima Barreto, escreveram textos Antônio Noronha Santos, leal amigo do autor de *Isaías Caminha*, Domingos Ribeiro Filho e Mário Pinto de Souza.

No capítulo “Sob o signo da *Floreal*”, da já citada tese *Letras militantes: história, política e literatura em Lima Barreto*, Denilson Botelho analisou detalhadamente o conteúdo dos dois primeiros exemplares desse raro periódico carioca. Basicamente, para Botelho, essa revista projetou Lima Barreto como um escritor engajado e

⁶⁷ SUMARET, Barão de. Um *five o'clock*. In: *Fon-Fon*. Rio de Janeiro, ano I, nº 2, abril de 1907, p.08.

⁶⁸ BARBOSA, Francisco de Assis. Op. Cit., p. 153.

simpatizante de ideários vanguardistas, nos quadros da vida literária, na Primeira República. Como destaca esse historiador, o impresso ficou caracterizado pela sua modesta diagramação gráfica. Na capa do primeiro exemplar, os letreiros em negrito com o título do impresso e o destaque dado para o nome de Lima Barreto como editor destoavam da exuberância imagética dos periódicos semanais mais vendidos como a *Fon-Fon* e *O Malho*.

Ainda de acordo com o autor de *Letras militantes*, a revista abarcava desde manifestos políticos, nos quais “o tema do anarquismo é relevante”⁶⁹, ficção, poesia, crítica literária e até literatura erótica, como é o caso do conto “Dia de amor” de Ribeiro Filho.

Como sugere Beatriz Resende, o significado do nome do periódico possui implicações políticas profundas:

Floreal é o segundo mês na primavera no calendário da “Era da liberdade” que sucedeu a Revolução Francesa. Em nosso hemisfério corresponderia justamente ao mês de outubro. Dessa forma, pelo nome de batismo, a revista filiava-se ao ideário de liberdade, igualdade e fraternidade que, como diversas crônicas comprovam, fascinava Lima Barreto na história da Revolução. Em 1788/89, na França, é forjada uma concepção moderna da palavra *cidadão*, empregada pelos patriotas para designar o homem que se tornou livre e que goza de deus direitos políticos em oposição aos súditos.⁷⁰

Portanto, percebe-se que o título dessa singela revista condensou os anseios de emancipação dos seus fundadores do filão de jornalistas e escritores representantes do beltrismo e de apadrinhamentos políticos. O “Artigo inicial”, assinado por Lima Barreto, tem como escopo esclarecer para os leitores os propósitos da revista. O editor tem plena consciência de que o impresso não conta com “grandes nomes, desses que enchem o céu e a terra, vibram no éter imponderável” e que “faltam-lhe desenhos, fotogravuras, retumbantes páginas a cores *chapadas* de

⁶⁹ BOTELHO, Denilson. Op. Cit., p. 61.

⁷⁰ RESENDE, Beatriz. Op. Cit., p. 84. [Grifo da autora]

vermelho – matéria tão do gosto da inteligência econômica do leitor habitual”⁷¹.

Sobre o importante cargo que estava ocupando na redação do periódico, o autor de *Isaías Caminha* afirmou o seguinte,

Talvez fosse eu por ser o mais aparentemente ativo e, para empregar uma palavra da moda, o mais ostensivamente lutador, que os meus companheiros me deram tão honrosa incumbência.

Não que eu o seja de fato. Examinando-me melhor, creio que há em mim um inquieto, a quem a mocidade dá longínquas parecenças de ativo e de combatente; e quiçá tais semelhanças tivessem enganado os meus amigos e companheiros, elevando-me à direção desta pequena revista.

O seu engano não foi total, penso eu; na época de vida que atravesso, o inquieto pode bem vir a ser o lutador e o combatente, tais sejam as circunstâncias que o solicitem. Eu as desejo favoráveis a essa útil mutação de energia, para poder levar adiante este tentamen [sic] de escapar às injunções dos mandarinatos literários, aos esconjuros dos preconceitos, aos formulários das regras de toda a sorte, que nos comprimem de modo tão insólito no momento atual.⁷²

Como se pode perceber, apesar do aspecto simplório, a *Floreal* possuía pretensões ambiciosas. A ofensiva contra os grandes notáveis da imprensa burguesa, que andavam “à cata de empregos proveitosos”⁷³, estava bem delimitada nessa revista. Desde as primeiras palavras de Lima Barreto, passando pelo conteúdo polêmico do conto de Domingos Ribeiro Filho e sua nota de rodapé, ironizando a censura que o *Correio*

⁷¹ BARRETO, Lima. Artigo inicial. In: *Floreal*. Rio de Janeiro, ano I, nº 1, outubro de 1907, p. 03.

⁷² Idem, p. 03-4.

⁷³ Idem, p. 07.

da Manhã lhe impôs⁷⁴, até a primeira parte do romance *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, na qual o narrador afirma “não sou propriamente um literato, não me inscrevi nos registros da Livraria Garnier, do Rio, nunca vesti casaca e os grandes jornais ainda não me aclamaram como tal”⁷⁵, o conflito simbólico contra o *establishment* dos homens de letras estava deflagrado.

Embora todo o esboço do romance *Clara dos Anjos* já estivesse montado no seu diário⁷⁶, em 1904, Lima Barreto optou por trazer ao público leitor um romance polêmico e que, apesar de tratar do preconceito racial nas suas primeiras linhas, constrói uma sátira corrosiva sobre os bastidores do prestigiado *Correio da Manhã*, dirigido por Edmundo Bittencourt. Mais adiante, buscarei analisar melhor o teor dessa publicação. Por hora, vale salientar que essas páginas, associadas com o diálogo fictício, criado por Antônio Noronha Santos, entre os personagens Pamphilio e Philetas, no qual os crimes conjugais – tão comuns naquela época – são abominados pelo narrador quando este afirma que “entre os selvagens os crimes por amor ainda são mais raros que entre a gente civilizada”⁷⁷, dão forma a fisionomia libertária da *Floreal*. Embora seja preciso relevar esse deslize etnocêntrico de Santos.

São poucos os indícios sobre a recepção desse folheto. Um dos mais conhecidos, porém apenas no âmbito dos debates entre especialistas das obras de Lima Barreto, é uma carta enviada pelo romancista e crítico de arte Gonzaga Duque para o editor da revista.

⁷⁴ O primeiro número da *Floreal* apresenta ao público a terceira parte do conto “Um dia de amor”. Vera e Pedro, protagonistas da narrativa, se encontram, em uma chácara, para uma tórrida aventura extraconjugal. Em meio à descrição dos momentos íntimos desfrutados pelos jovens amantes, o narrador dispara críticas aos valores cristãos, ao recalque dos desejos e as convenções sociais. Leitor de autores anarquistas, Domingos Ribeiro Filho salienta, em uma nota, na primeira página do seu texto: “Os dois primeiros capítulos deste conto foram publicados em duas edições domingueiras do *Correio da Manhã* que não continuou a publicação por tê-lo julgado imoral. Sobre Moral, a redação do poderoso jornal diário tem maiores certezas que o Sr. Poincaré sobre geometria”.

⁷⁵ BARRETO, Lima. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. In: *Floreal*. Rio de Janeiro, ano I, nº 1, outubro de 1907, p. 23 ou BARRETO, Lima. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 42.

⁷⁶ Cf. BARRETO, Lima. *Diário Íntimo: memórias*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 213-83.

⁷⁷ SANTOS, Antônio Noronha. Diálogo. In: *Floreal*. Rio de Janeiro, ano I, nº 1, outubro de 1907, p. 07.

Em 26 de outubro de 1907, o magnético autor de *Mocidade morta*⁷⁸ escreveu em uma breve epístola o seguinte: “li a tua *Floreal*. Ela está cheia de ti, da tua forte, original individualidade, do teu talento. É uma formosa revista (...). Cintila e tem resistência”⁷⁹. Na resposta de Lima Barreto, sem data, o escritor agradece enfaticamente os elogios de Duque e afirma ainda,

Animou-me muito a tua cartinha. Imagine que, quando a recebi, só o *Jornal do Brasil* tinha dado notícias da revista, e, até aquela hora, me parecia que a edição ia morrer completamente ignorada. Sabes muito bem que o “Bloco” não é só na política; há um também nas letras.⁸⁰

De fato, no diário *Jornal do Brasil*, de 26 de outubro de 1907, em meio a anúncios sobre serviços oferecidos por médicos, uma coluna catalogava os últimos lançamentos impressos da semana. Nela pode-se encontrar o seguinte trecho: “chama-se *Floreal* uma nova revista literária que encetou ontem a sua publicação, nesta Capital, dirigida pelo Sr. Lima Barreto, que traça, com bastante *humour*, o seu programa”⁸¹. Uma notícia breve e que distorce, de certa forma, a proposta geral desse periódico de tendências anarquistas. Conforme busquei evidenciar, nem só de humor estavam recheadas as páginas da *Floreal*.

A segunda edição da revista, lançada em 12 de novembro de 1907, comprova bem essa hipótese. Nesse exemplar, divididos em 40 páginas temos o artigo “Spencerismo e anarquia”, de Manuel Ribeiro de Almeida; o poema místico “Face a face” de J. Pereira Barreto; o conto simbolista “História triste”, de Carlos de Lara; a segunda parte das *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, de Lima Barreto; os artigos “Pretextos”, de Antônio Noronha Santos e “Questões atuais”, assinado

⁷⁸ É inegável que a descrição feita por Edmundo Luís, em *O Rio de Janeiro de meu tempo*, desse escritor é bastante verossímil. No capítulo sobre “O café do *Globo*”, Edmundo descreve Gonzaga Duque como a personalidade mais requisitada nas rodas literárias do Café. Salienta, poeticamente, que o autor de *Mocidade morta* era “uma figura heráldica. Alto, fino, elegante, usa uma barba à Cristo, negra e bem tratada, emoldurando o rosto pálido, onde dois olhos meigos e profundos brilham através de duas lentes de cristal”.

⁷⁹ DUQUE, Gonzaga. Carta para Lima Barreto (26/10/1907). In: *Correspondência*: ativa e passiva. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 167.

⁸⁰ BARRETO, Lima. Carta para Gonzaga Duque (s/d). In: Idem, p. 168.

⁸¹ Cf. Noticiário. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, ano XVII, nº 299, outubro de 1907, p. 03.

por Enéas Galvão, nos quais os autores criticam ferinamente o serviço militar obrigatório.

Ribeiro de Almeida adentrou em um debate bastante caro para o começo do século XX: a distinção entre socialismo e anarquismo. Tomando como baluarte para suas ideias um equilíbrio – uma zona intermediária – entre essas correntes, o autor de “Spencerismo e anarquia” salienta que, por mais que seja simpático ao anarquismo, é preciso admitir que nem sempre o entusiasmo com esse ideário acompanha “o desenvolvimento de certa ordem de sentimentos” que deseja dispensar “a esse respeito, qualquer intervenção do Estado”⁸² na organização de uma dada sociedade.

Na seção “Protocolo”, de autoria barretiana, se encontra uma referência aos elogios de Gonzaga Duque ao impresso externados apenas na já citada carta para Lima. Essa nota ressalta o quanto o vulto desse homem de letras era fascinante para essa geração de jovens intelectuais,

Floreal mereceu de Gonzaga Duque a excepcional distinção de uns cumprimentos.

(...)

Demais, convém dizer, Gonzaga Duque é, para nós, um símbolo e uma síntese: ele é toda mocidade viva que neste país ainda tem a volúpia hiperfísica da arte, do pensamento, do coração.⁸³

O primeiro exemplar da revista vendeu apenas 38 e o segundo 82 exemplares. Os próprios editores, na já citada seção “Protocolo”, do periódico, tentam lidar com essa fraca repercussão de forma bem humorada.⁸⁴ No *Jornal do Comércio*, em 09 de dezembro de 1907, um dos mais respeitados críticos literários da bela época, o paraense José Veríssimo publicou uma breve, mas honesta, avaliação da revista. Comentando sobre o grande número de impressos que recebia para emitir juízos sobre seus conteúdos e salientando que muitos eram presunçosos, Veríssimo afirmou que essa “magra brochurazinha que com o nome esperançoso de *Floreal* veio ultimamente a público” chamou sua atenção de forma positiva pelo “artigo ‘Spencerismo e

⁸² ALMEIDA, Manoel Ribeiro de. Spencerismo e anarquia. In: *Floreal*. Rio de Janeiro, ano I, nº 2, novembro de 1907, p. 12.

⁸³ Cf. BARRETO, Lima. Protocolo. In: Idem, p. 33.

⁸⁴ Cf. Idem, p. 38.

anarquia', do senhor M. Ribeiro de Almeida, e o começo de uma novela *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, pelo senhor Lima Barreto”⁸⁵.

Grande parte das reflexões engendradas até aqui sobre essa intrigante fase da trajetória do autor de *Os Bruzundangas* foram, significativamente, influenciadas pela pesquisa de Denilson Botelho. Nesse caso, vale destacar aqui que o autor abordou os dois primeiros exemplares da *Floreal* a partir da ótica da História Social.⁸⁶ Na tese *Letras militantes*, Botelho caracteriza como franco o perfil político desse impresso por exigir “que as opiniões expressadas em suas páginas se fizessem acompanhar obrigatoriamente da assinatura de seus colaboradores”⁸⁷. Nas linhas que se seguem, acato o desafio deixado em aberto por Denilson Botelho de “proceder a uma análise integral da curta existência desta revista”⁸⁸.

Na coletânea *Para uma História Cultural*, organizada por Jean-François Sirinelli e Jean-Pierre Rioux, a proposta do ensaio “Social e cultural indissociavelmente”, de Antoine Prost, exerce aqui um aporte que merece ser ressaltado. Para esse autor, historiadores sociais e culturais estão irmanados por uma busca cognitiva. Trata-se de levar a sério a questão da empiria no ofício do historiador, independente do campo em que estão situados.

Segundo Antoine Prost, o historiador da cultura que usa impressos como fontes tem que considerar que as escritas “estão elas próprias muitas vezes socialmente divididas”. É preciso, portanto, problematizar os impressos de forma transversal os inserindo “através dos conjuntos dos meios sociais”, pois a “cultura é também mediação entre o indivíduo e sua experiência; é o que permite pensar a experiência, dizê-la a si mesmo dizendo-a aos outros”. Desse modo,

⁸⁵ VERÍSSIMO, José. Revista literária. In: *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro (09/12/1907).

⁸⁶ Elenco aqui também como um notável exemplo desse filão historiográfico o estudo *Machado de Assis historiador*, de Sidney Chalhoub. Publicada em 2003, essa pesquisa mapeia como as experiências históricas de 1870 influenciaram, de forma decisiva, a configuração de personagens que representam as elites e os segmentos sociais subalternos em obras como *Helena*, *Iaiá Garcia* e *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Após vasculhar a documentação do Arquivo Municipal do Rio de Janeiro, Chalhoub procura mostrar que, na década de 1870, o outrora jovem liberal Machado de Assis compartilhava da desilusão de alguns velhos companheiros de lutas políticas, depois de ver que o Partido Republicano não fora fiel ao programa liberal de 1868. No entanto, segundo, o funcionário da Secretaria de Agricultura Machado de Assis continuaria a cumprir a obrigação de defender as prerrogativas do poder público contra os interesses senhoriais. Nesse sentido, literatura e experiência histórica, para Chalhoub, são indissociáveis.

⁸⁷ BOTELHO, Denilson. Op. Cit., p. 62.

⁸⁸ Idem, *Ibidem*.

“toda história é, ao mesmo tempo, indissociavelmente, social e cultural”⁸⁹.

Feita essa ressalva de ordem mais teórica, darei continuidade a análise da *Floreal*. O terceiro e o quarto números encontram-se disponíveis, em versão digital, no site da Biblioteca Brasileira com sede na Universidade de São Paulo – USP.⁹⁰ O terceiro número da revista, lançado em 12 de novembro de 1907, possui 48 laudas.

No “Sumário”, temos em evidência os seguintes tópicos,

A Evolução da Matéria.....	M. Ribeiro de Almeida
Túnica de beijos.....	Otávio da Rocha
César.....	Gilberto Moraes
Educação negativa.....	D. Ribeiro Filho
Recordações do escrivo Isaiás	
Caminha.....	Lima Barreto
Revista da Quinzena:	
Jornais e Revistas.....	Juliano Palhares
Literatura e arredores.....	Lima Barreto
Teatros	e
conferências.....	Chaves Barbosa
Ecos.....	⁹¹

A julgar pelos temas densos com os quais Manuel Ribeiro de Almeida lidou em seus escritos na *Floreal*, não é exagero supor que esse aluno da Escola Politécnica – que ganhou destaque em jornais até como o *Correio da Manhã*, devido a sua atuação como presidente da Federação dos Estudantes Brasileiros⁹² – fosse um dos colaboradores

⁸⁹ Cf. PROST, Antoine. Social e cultural indissociavelmente. In: SIRINELLI, Jean-François & RIOUX, Jean-Pierre. *Para uma História Cultural*. Tradução de Ana Moura. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 134-37.

⁹⁰ Cf. www.brasiliana.usp.br (Acesso em: 22/09/2013)

⁹¹ Cf. Sumário. In: *Floreal*. Rio de Janeiro, ano I, nº 03, novembro de 1907, p. 02.

⁹² Na seção “Vida Acadêmica”, da edição de 21 de agosto de 1908, do *Correio da Manhã*, uma carta atribuída ao presidente do Paraguai foi transcrita para o impresso. Ribeiro de Almeida é elogiado pelo político estrangeiro por ter organizado, na Escola Politécnica, uma homenagem a Ricardo Brugada, ex-cônsul do Paraguai no Rio e aos estudantes desse país que faziam parte

mais eruditos desse periódico. O artigo de sua autoria abarca uma discussão de 12 laudas sobre a obra *L'Evolution de la Matière*, do psicólogo, sociólogo e físico francês Gustave Le Bon. Estabelecendo um diálogo com as ideias desse pensador e citando trechos dessa obra diretamente do idioma francês, Ribeiro de Almeida, aluno do curso de Engenharia Civil, postula que as teses de Le Bon sobre eletricidade e radiação são atraentes apesar “do livro está crivado (...) de erros, de falhas”⁹³.

Não cabe aqui adentrar em uma discussão sobre os méritos dessas críticas, porém vale frisar que, no âmbito da linguagem acadêmica, estão bem fundamentadas. O método de Almeida para elencar as contradições do autor francês consistiu em recorrer ao aporte teórico da obra, a filosofia positivista, para evidenciar que “as hipóteses do Dr. Le Bon seriam todas elas condenadas por Comte”⁹⁴. Uma afirmação proferida com bastante confiança. Lima Barreto parece ter nutrido uma grande admiração por esse colega da Escola Politécnica. Quando foi até à casa de José Veríssimo, conhecer pessoalmente o crítico, após os elogios feitos a *Floreal*, estava ao lado de Ribeiro de Almeida.

Assim registrou essa ocasião, em suas memórias, em 5 de janeiro de 1908:

O ano que passou foi bom pra mim. Em geral, os anos em 7 fazem grandes avanços aos meus desejos. Nasci em 1881; em 1887, meti-me no alfabeto; em 1897, matriculei-me na Escola Politécnica. Neste andei um pouco, no caminho dos meus sonhos. Escrevi quase todo o *Gonzaga de Sá*, entrei para o *Fon-Fon*, com sucesso, fiz a *Floreal* e tive elogio de José Veríssimo, nas colunas de um dos *Jornais do Comércio* (...). Já começo a ser notado. Pelas vésperas de natal, fui ao Veríssimo, eu e o Manuel Ribeiro. Recebeu-nos afetuosamente. Ribeiro falou muito, doidamente, difusamente; eu estive calado, ouvi, dei opinião aqui e ali. Deu-me conselhos, leu-me Flaubert e Renan, aconselhando aos jovens

do corpo discente da instituição. Cf. Vida Acadêmica. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, ano III, nº 801, agosto de 1908, p. 03.

⁹³ ALMEIDA, Manuel Ribeiro de. A evolução da matéria. In: *Floreal*. Rio de Janeiro, ano I, nº 03, novembro de 1907, p. 08.

⁹⁴ Idem, p. 12.

escritores. Falou da nossa literatura sem sinceridade, cerebral e artificial.⁹⁵

Em uma crônica publicada anos depois, no *Correio da Noite*, em 1915, Lima Barreto foi mais generoso com José Veríssimo. Ao comentar os escritos desse literato sobre a cultura e o meio ambiente amazonense, publicados, nessa época, no *Jornal do Comércio*, ressalta a “honestidade intelectual”, bem como a “sagacidade e independência de espírito”⁹⁶ do acadêmico paraense. Esse juízo de valor, portanto, feito pelo jovem editor da *Floreal*, em seu diário, sobre Veríssimo não foi definitivo.

Já Otávio Rocha, nos versos de “Túnica de beijos”, dá vazão a um lirismo poético fortemente ancorado na tradição finisecular. Ao fazer um poema sobre um casal que se inebria com “taças cheias de vinho” e depois se despem “a provocar desejos”, em meio a “carícias tecida, tecida de beijos”⁹⁷, sugere que esse impresso poderia enrubescer os leitores ou leitoras mais pudicos.

As leituras de poemas feitas por Lima Barreto são apenas passíveis de serem mapeadas em sua fase madura e, conseqüentemente, já próximo de seu óbito. Em um artigo intitulado “Volto ao Camões”, publicado na revista *A.B.C.*, em 1918, critica os teatrólogos e poetas que considera “inócuos fazedores de frases bimbalhantes”⁹⁸, como Júlio Dantas e Antero de Figueiredo. Nesse sentido, ressalta que a qualidade da boa poesia é ser universal e acessível. Nesse belo artigo, Lima confessa seu apreço pela obra do autor português das *Lusíadas*, salientando que vivenciava uma forte “emoção poética” quando se debruçava sobre esse livro, “sentindo bem” que havia lido “um grande poeta”⁹⁹.

Em 1921, em uma espécie de apelo intitulado “Aos poetas”, publicado também na *A.B.C.*, o então já conhecido Lima Barreto, admirado por toda uma nova geração de aspirantes ao mundo das letras, afirmou o seguinte:

⁹⁵ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo: memórias*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 123.

⁹⁶ BARRETO, Lima. A Amazônia. In: *Correio da Noite*. Rio de Janeiro, 08/01/1915 ou BARRETO, Lima. *Toda crônica*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Agir, 2004, p. 142.

⁹⁷ ROCHA, Otávio. Túnica de beijos. In: *Floreal*. Rio de Janeiro, ano I, nº 03, novembro de 1907, p. 14.

⁹⁸ BARRETO, Lima. Volto ao Camões. In: *A.B.C.* Rio de Janeiro, 27/04/1918 ou BARRETO, Lima. *Impressões de leitura: crítica*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 164.

⁹⁹ Idem, p. 166-67.

Não desprezo a poesia; mas nada conheço de sua técnica, dos seus processos, das suas escolas, das suas regras, enfim. Sou, portanto, perfeitamente incompetente para falar de livros de versos, de criticá-los, de dizer alguma coisa séria e digna de apreço público sobre eles. Demais a musicabilidade própria às poesias, faz-me perder aquilo que querem exprimir, para ficar embalado unicamente na sua música. A mesma coisa se dá quando leio o Senhor Graça Aranha, quando de grande gala.¹⁰⁰

O autor dessas *Impressões de leitura*, apesar da ironia cortês, busca encorajar dois jovens poetas que lhe enviaram obras para serem analisadas. No trabalho do primeiro, Hélio Lima, salienta que a precocidade do rapaz – tinha cerca de 18 anos – ofusca sua arte porque, embora possua um estilo fluente, descamba para o filão das “poesias (...) erótico-sentimentais”¹⁰¹. Sobre Heitor Alves, afirma que é “um moço de real talento, embora seja um tanto prejudicado pela sua mania de inovador. Não sou contra a inovação, mas quero que não rompa de todo com os processos do passado”¹⁰². Daí o alerta de Lima Barreto, destinado aos poetas, de que acataria de bom grado livros de poesia que fossem remetidos para sua casa, mas que os autores não esperassem “que deles” o literato desse “notícia em jornais e revistas”¹⁰³.

Voltando para a análise do terceiro número da *Floreal*, em “César”, Gilberto Moraes apresentou aos leitores um conto trágico sobre a infância. Narrado em primeira pessoa, esse texto conta a trajetória de um garoto robusto, impetuoso e invejado pelos companheiros de travessuras que acaba falecendo precocemente.¹⁰⁴ No artigo “A educação negativa”, Domingos Ribeiro Filho, em face do que conceitua enquanto educação positiva, caracterizada como a “educação moderna” e que só “nos ensina o inútil, nos subjuga ao efêmero e nos desgarras no superficial”¹⁰⁵, propõe uma reforma pedagógica libertária.

¹⁰⁰ BARRETO, Lima. Aos poetas. In: *A.B.C.*, Rio de Janeiro, 17/12/1921 ou Idem, p. 221-22.

¹⁰¹ Idem, p. 222.

¹⁰² Idem, p. 223.

¹⁰³ Idem, p. 224.

¹⁰⁴ Cf. MORAES, Gilberto. César. In: *Floreal*. Rio de Janeiro, ano I, nº 03, novembro de 1907, p. 14-8.

¹⁰⁵ RIBEIRO FILHO, Domingos. A educação negativa. In: Idem, p. 20.

Tal paradigma educacional estaria direcionado, de acordo com Ribeiro Filho, para estimular os desejos das crianças ao invés de reprimi-los. Sobre as condutas nada convencionais desse colega de rodas literárias e de repartição pública, Lima Barreto anotou em seu diário, ainda em 24 de janeiro de 1905, o seguinte:

O Domingo, que é também literato, e daqueles, que pensa que o literato deve ser o inimigo do casamento, da moral, das cousas estabelecidas, com tintas de darwinismo e haeckelismo, velhíssimas coisas que ele pensa novas, escreveu um romance rebarbativo e idiota, para fazer contar que é um voluptuoso, um lascivo, e põe-se nas ruas a fazer os mais baixos comentários sobre as mulheres que passam: “que peixão! Que bunda! Oh! A carne!” Isso! Aquilo! É um imbecil.¹⁰⁶

Apesar do desabafo abrupto registrado nessa escrita íntima, a atuação de Domingos Filho, enquanto colaborador, desde o primeiro número da *Floreal* e a correspondência trocada entre esses dois autores, em uma fase posterior, indica que os mesmos preservaram uma relação cordial. Na coluna “Literatura e arredores”, dessa edição da revista, Lima Barreto fez uma análise do romance *Cravo vermelho*, de Ribeiro Filho. Em determinado trecho de sua resenha, Afonso Henriques afirma que conhece Domingos há muito tempo. Desde o período em que o mesmo era secretário do semanário ilustrado *Avenida*. Faz questão de frisar que,

Encontramo-nos eu e o Domingos, discutindo. Daí em diante temos discutido sempre. Vale a pena, portanto, ter em mãos obra sua, já por ser um livro de opiniões acentuadas e, em geral, de opiniões contrárias as minhas, já por ser meu amigo o seu autor e não haver nesse antagonismo nenhum perigo de inimizade virulenta.¹⁰⁷

¹⁰⁶ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*: memórias. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 88-9.

¹⁰⁷ BARRETO, Lima. Literatura e arredores. In: *Floreal*. Rio de Janeiro, ano I, nº 03, novembro de 1907, p. 35.

O fato de serem confrades, portanto, não impediria Lima de tecer críticas ao teor formal de o *Cravo vermelho*, como considerá-lo muito “intelectual e doutrinário, destinado a nos dar opiniões e crenças”¹⁰⁸. Ao criar uma trama em torno de um círculo de adultérios, no seio de uma família abastada, formada pelo juiz Leonel Barbosa e sua esposa Carolina, Ribeiro Filho tencionou fazer uma sátira sobre as contradições morais da sociedade. Apesar de apontar o que considerou enquanto falhas do romance, o editor da *Floreal* concluiu o texto afirmando que lhe “trouxe grande satisfação de ver condensadas em linhas de tipografia as ideias originais e inesperadas que o Domingos vinha gastando nos cafês”¹⁰⁹.

Enquanto Lima Barreto esteve em Ouro Fino, em 1916, a passar uma temporada de férias no Núcleo Colonial Inconfidentes¹¹⁰, com o jornalista Emílio Alvim, parece ter encomendado material adequado para escrever ao amigo Domingos Ribeiro. É que uma carta, escrita pelo autor de *Cravo vermelho*, datada de 20 de junho de 1916, dá a entender:

Meu caro Barreto.

(...)

Fiz o que pedes. O Milanês escreveu-te hoje. Quanto às penas vão inclusas e várias para a tua *belle main*.

Dizes não esperar demorar muito. Mau sinal, é a condenação de Ouro Fino e o seu eterno descrédito como estação de vilegiatura.

E o Alvim? Barbado? Muito barbado mesmo, a Tolstoi? Estou a ver vocês praticando a seco sobre os nossos ridículos de cá, e apelando afinal para uma catástrofe. Ora, essa catástrofe não me tem desesperado pela sua tardança; desconfio mesmo

¹⁰⁸ Idem, p. 38.

¹⁰⁹ Idem, ibidem.

¹¹⁰ Segundo a *Mensagem dirigida pelo presidente do Estado Júlio Bueno Brandão ao Congresso Mineiro*, em 1914, “a União continua a manter as duas colônias denominadas Núcleo Colonial João Pinheiro, em Sete Lagoas, e Núcleo Colonial Inconfidentes, em Ouro Fino, nos quais se acham localizadas 344 famílias, sendo 162 no primeiro e 182 no segundo, com o total de 2068 indivíduos”. Cf. *Mensagem dirigida pelo presidente do Estado Júlio Bueno Brandão ao Congresso Mineiro*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1914, p. 49.

que ela não vem e nós seremos ridículos e odiosos pelos séculos dos séculos.¹¹¹

O estilo da escrita dessa missiva dá, realmente, a entender que Ribeiro Filho era um sujeito irreverente. Mais ainda, também indica que existia um vínculo sólido entre esses dois atores históricos. Seja por dividirem ambições e afinidades literárias ou o mesmo *lôcus* de trabalho, na Secretaria de Guerra, a amizade entre Domingos e Lima Barreto sobreviveu ao eclipse da *Floreal*. Na coluna “Teatro e conferências”, assinada por Chaves Barbosa, esse enigmático cronista afirma que, embora uma palestra do acadêmico Coelho Neto estivesse sendo anunciada aos quatro ventos, não se deslocaria até o evento porque não tolerava, nas falas do literato, “o aprumo conselheiral do período, a solenidade, a mania bíblica e os termos sem significação, sem valor algum, para as nossas ideias e sensações atuais catados aos dicionários”¹¹².

Pode-se imaginar o quanto essas considerações estavam em sintonia com os juízos tornados públicos por Lima Barreto sobre Coelho Neto. Mas é preciso contextualizar essas diatribes no âmbito dos combates travados entre os escritores triunfantes e os dissidentes. Hoje em dia, Lima Barreto tem muito mais visibilidade na literatura nacional do que Coelho Neto e grande parte de suas críticas a esse autor contribuem para seu ostracismo. No ensaio “A literatura em movimento: Coelho Neto e o público nas ruas”, Leonardo Affonso de Pereira demonstra bem que, apesar das limitações impostas pelo alto prestígio do qual tirava proveito, esse belletrista não esteve alheio aos problemas sociais na Primeira República.

Coelho Neto assinou uma série de crônicas com o pseudônimo de Caliban para uma seção intitulada “Da sombra”, publicada na revista *Cidade do Rio*, durante o ano de 1888. Comparando as opiniões expressadas por esse literato por meio de seu alter ego e as que foram assinadas com o próprio nome, Leonardo Affonso Pereira sugere que Coelho Neto “mostrava julgar necessário aliar a pregação abolicionista e republicana ao enfrentamento de outro inimigo, ainda mais nefasto: o suposto atraso e ignorância do público distante das letras e das artes, que

¹¹¹ RIBEIRO FILHO, Domingos. Carta para Lima Barreto (20/06/1916). In: BARRETO, Lima. *Correspondência: ativa e passiva*. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 213-14.

¹¹² BARBOSA, Chaves. Teatros e conferências. In: *Floreal*. Rio de Janeiro, ano I, nº 03, novembro de 1907, p. 41.

escritores como ele tentariam a partir de então combater de seu modo”¹¹³.

Os vanguardistas da *Floreal*, ao ridicularizarem os cânones parnasianos da época, estavam buscando dotar suas falas de um teor iconoclasta; transgressor. Os administradores consagrados pela “Regeneração”, como o Barão do Rio Branco, que Lima Barreto – na seção “Ecos” – acusa de fazer políticas diplomáticas apenas visando “obter relativo lucro com os estrangeiros”¹¹⁴, também eram alvos das polêmicas desses jovens escritores. Desse modo, criavam uma aura contestadora em torno da revista.

O último número da *Floreal*, agora com redação situada na Rua da Câmara, nº 103 e impressa na Tipografia Revista dos Tribunais apresentou-se com o mesmo padrão de diagramação que caracterizou as outras edições, ou seja, desprovida de recursos gráficos e tipográficos de suas congêneres cariocas. Lançada em 31 de dezembro de 1907, na folha do “Sumário” encontra-se registrada uma reclamação contra os Correios do Distrito Federal que é acusado pelo editor de extraviar grande parte dos exemplares enviados para os assinantes.

Nesse exemplar, temos o longo poema simbolista “*Anima Rerum*”, de J. Pereira Barreto; o conto “Natal”, de Domingos Ribeiro Filho; o artigo “O sofisma de Zenon”, de Manuel Ribeiro de Almeida; o quarto capítulo das *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, com cinco laudas; a “Revista da Quinzena, de autoria do editor; a seção “Pretextos”, de Chaves Barbosa; a crônica “Teatros”, de Gilberto de Moraes; a coluna “Jornais e Revistas”, assinada por Juliano Barbosa; a seção “Literatura e arredores”, de Lima Barreto; uma réplica de Ribeiro Filho sobre as críticas que recebeu do editor da *Floreal* sobre o *Cravo vermelho* e, por fim, os “Ecos”, nos quais os nomes da grande imprensa e da política são motejados. O total de laudas é de 56.

Com exceção de Ribeiro Filho e Manuel Almeida, fica bastante difícil esboçar um perfil intelectual de cada colaborador do último número da *Floreal*. Nos jornais da época, revistas e depoimentos memorialísticos, como o de Luís Edmundo, esses sujeitos históricos passaram praticamente despercebidos ou à margem do cânone. Ao que tudo indica, com o fracasso de vendas da *Floreal* e a gradativa ascensão

¹¹³ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Literatura em movimento: Coelho Neto e o público nas ruas. In: CHALHOUB, Sidney [et. al.]. *História em cousas miúdas*: capítulos de história social da crônica do Brasil. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005, p. 205.

¹¹⁴ BARRETO, Lima. Ecos. In: *Floreal*. Rio de Janeiro, ano I, nº 03, novembro de 1907, p. 44.

social da maioria dos colaboradores, grande parte desses autores deixou de lado suas pretensões literárias e até a amizade com Lima Barreto. A própria crítica literária, no século XX, conforme já foi afirmado, ao taxar toda essa geração multifacetada de “pré-modernistas” contribuiu para o ostracismo desses autores, bem como a ABL que os rotulava de “menores”.¹¹⁵

Em uma das notas mais pungentes do *Diário Íntimo*, datada de 16 de julho de 1908, desnudou uma série de frustrações ocasionadas pela falta de repercussão da *Floreal*,

Mulato, desorganizado, incompreensível e incompreendido, era a única coisa que me encheria de satisfação, ser inteligente, muito e muito! A humanidade vive da inteligência, pela inteligência e para a inteligência, e eu, inteligente, entraria por força na humanidade, isto é, na grande Humanidade de que quero fazer parte.

Mas não é só não ser inteligente que me abate. Abate-me também não ter amigos e ir perdendo os poucos que tinha. Santos está se afastando; o Ribeiro e J. Luís também. Eram os melhores. Carneiro (o Otávio), o egoísta e frio Otávio, está fazendo sua alta vida, a sua reputação, o seu halo grandioso, e é preciso não me procurar mais. Eu esperava isso tudo; mas não pensei que fosse tão cedo. Resta-me o Pausílipo, este é o único que se parece comigo e que tem o meu fundo, que ele desconhece por completo.

Eu os sabia desse feitio, principalmente o O. C. Ele tinha um lustre, um verniz de independência e desinteresse, de superioridade e de grandeza, mas a vida, a grande vida, a fortuna, as fêmeas e uma esposa assim, pedem outras cousas muito diferentes: submissão, respeito pelo estabelecido, companhias que não sejam suspeitas, etc.

Eu fico só, só com os meus irmãos e o meu orgulho e as minhas falhas.

Vai me faltando a energia. Já não consigo ler um livro inteiro, já tenho náuseas de tudo, já escrevo

¹¹⁵ Cf. BOSI, Alfredo. *O pré-modernismo*. 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

com esforço. Só o Álcool me dá prazer e me tenta... Oh! Meu Deus! Onde irei parar?

Tenho um livro (trezentas páginas manuscritas), de que falta escrever dois ou três capítulos. Não tenho ânimo de acaba-lo. Sinto-o besta, imbecil, fraco, hesito em publicá-lo, hesito em acaba-lo.¹¹⁶

Com certeza, Lima Barreto estava se referindo ao *Recordações* nessa pungente passagem de suas memórias. O que fica implícito é que, nessa fase final de circulação da *Floreal*, Afonso Henriques começa a, gradualmente, se afastar dos cafês e círculos literários frequentados pelos “elegantes” do Rio e busca refúgio para os problemas pessoais nos botequins das adjacências do subúrbio de Todos os Santos. O poema simbolista “*Anima Rerum*”, de Pereira Barreto, no qual o eu lírico do poeta dialoga com todas as forças da natureza e evidencia a impotência humana em face dos desígnios naturais, condensa bem esse estado de espírito, marcado pelo desajuste, nessas estrofes: “por essas solidões, seja noite ou seja dia/paira o gênio do sonho e da melancolia”¹¹⁷.

Em um conto intitulado “Natal”, de três páginas, Ribeiro Filho põe um narrador onisciente em cena para revelar para um grupo de crianças que “o Natal, meus meninos, é um pretexto para meia dúzia de canalhas banquetear-se com o produto dos latrocínios feitos do ano”¹¹⁸. Sem dúvidas, preocupações de ordem mais gerais com a estética literária passaram longe da confecção desse panfleto. Porém, assim como a historiadora Margareth Rago – na obra *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar* – analisou a ressonância do pensamento de teóricos anarquistas russos como Mikhail Bakunin, Kropótkine, do francês Proudhon e do alemão Max Stirner em periódicos emitidos por órgãos sindicais, como *A voz do trabalhador* e *A Plebe*, fica em aberto o desafio de se analisar a importância de Ribeiro Filho enquanto um peculiar intérprete desses autores nos quadros da vida literária da *Belle Époque* carioca.¹¹⁹

Em “O sofisma de Zenon”, Manuel Ribeiro de Almeida conduz o leitor por uma densa discussão sobre a dialética entre o finito e o

¹¹⁶ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo: memórias*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 135-36.

¹¹⁷ BARRETO, J. Pereira. *Anima Rerum*. In: *Floreal*. Rio de Janeiro, ano I, nº 04, dezembro de 1907, p. 09.

¹¹⁸ RIBEIRO FILHO, Domingos. Natal. In: *Idem*, p. 11.

¹¹⁹ Cf. RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 07-59.

infinito. Dialogando, sobretudo, com a matemática, esse tipo de texto não agradaria ao público carioca que consumia periódicos de *fait-divers* no intuito de fazer leituras mais amenas ou a chamada “literatura de evasão”. Na verdade, é um artigo bastante técnico e que se distancia bastante das reflexões sobre política e sociedade que marcou o debut de esse aluno de engenharia civil na *Floreal*.¹²⁰ Talvez um indício das razões que motivaram o afastamento entre Lima e Almeida: seus objetivos de vida que divergiram.

Anos depois, quando Manuel Almeida já havia sido nomeado para um importante cargo público¹²¹, Lima Barreto, em uma crônica de 1919, recorda os tempos de estudante da Politécnica e confirma sua ojeriza pelo conhecimento lógico: “Conjugados... Momentos... Teoria do pêndulo... Teorema das áreas... Que sei eu mais? Nada! Desgostava-me e era reprovado; e as minhas reprovações desgostavam meu pai”¹²².

No capítulo subsequente de *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, destaco a passagem na qual um varejista, o padeiro de Itaporanga, é quem parece conhecer todos os meandros da vida literária que gravitava em torno do jornal *O Globo*. Acompanhando o jovem protagonista do romance barretiano pelas ruas centrais do Rio de Janeiro, esse negociante fala e age com muita naturalidade sobre os homens de letras que trabalhavam na imprensa carioca. Esse fato deixa Isaías intrigado,

No teatro e na rua, cumprimentou a mais de uma dezena e apontou-me, sem lhes falar, a uma dúzia deles. É de tal jornal, dizia; é de tal revista... Toda a vida jornalística ela conhecia minuciosamente. Informou-me sobre os pseudônimos, sobre a tiragem e a venda, não só de cada jornal diário, como de cada hebdomadário de caricaturas... Havia nisso uma pueril mania ou... Não se manifestava político, literato, homem de leituras;

¹²⁰ Cf. ALMEIDA, Manuel Ribeiro. O sofisma de Zenon. In: *Floreal*. Rio de Janeiro, ano I, nº 04, dezembro de 1907, p. 13-21.

¹²¹ O jornal *Gazeta de Notícias*, de 03 de maio de 1907, traz uma nota reveladora sobre o sucesso profissional alcançado por esse colaborador da *Floreal*: “Na Diretoria Geral de Obras e Viação (...), foram nomeados auxiliares (...) os engenheiros Manuel Ribeiro de Almeida e José Muniz Goulart”. Cf. Atos da Prefeitura. In: *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, ano XXXIII, nº 123, maio de 1907, p. 04.

¹²² BARRETO, Lima. Henrique Rocha. In: *O Estado*. Rio de Janeiro, (22/06/1919) ou BARRETO, Lima. *Toda crônica*. Vol. I. Rio de Janeiro: Agir, 2004, p. 516.

não lhe senti a mais elementar preocupação intelectual; todo ele me pareceu convergindo para negócios, cousas de dinheiro, especulações. Por isso, a sua jovialidade e sociabilidade não impediram que, aqui e ali, repontassem algumas suspeitas sobre a sua honestidade.¹²³

As desconfianças de Caminha são reforçadas quando o padeiro analisa cuidadosamente o troco que os dois recebem após pagarem o jantar em um restaurante no começo da noite. Atento para a curiosidade do jornalista sobre sua análise minuciosa em torno das notas de dinheiro que recebeu, o comerciante fala ao protagonista do folhetim: “É preciso muito cuidado, meu caro doutor! A Casa da Moeda tem muitas sucursais não reconhecidas...”¹²⁴. Esse trecho possui uma série de implicações simbólicas relevantes. Por que um comerciante possuía tanta afinidade com os jornalistas? Para efeito de comparação, por exemplo, em nenhum exemplar consultado da *Floreal* existem anúncios publicitários. Em compensação, o número 10 da *Kosmos*, lançado em outubro de 1908, tem 4 páginas inteiras, de um total de 50, dedicadas a anúncios dos mais variados, incluindo aí a propaganda dos serviços prestados por um banco internacional que se intitulou a “última palavra em seguros de vida”¹²⁵. Além dessa constatação ser um importante indício sobre a independência do periódico dirigido por Lima Barreto, pode ser uma boa chave para uma melhor compreensão da denúncia articulada nesse trecho do romance. As relações entre capitalistas das mais variadas tendências com o jornalismo na Primeira República eram, realmente, bastante próximas.

Na “Revista da quinzena”, o grupo da *Floreal* agradece aos elogios feitos por José Veríssimo, no *Jornal do Comércio*, ao impresso. Salientam que “foi uma surpresa para a nossa revista ver-se assim percebida tão do alto. Não é que ela se julgasse ou se julgue desprovida de valor – absolutamente não é por isso; mas a distância era tão grande que ela não esperava ser distinguida com a precisão necessária”¹²⁶. Embora não estejam assinadas, para causar um efeito corporativo ao

¹²³ BARRETO, Lima. Recordações do escrívão Isaías Caminha. In: *Floreal*. Rio de Janeiro, ano I, nº 04, dezembro de 1907, p. 25 ou BARRETO, Lima. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. Prefácio de Francisco de Assis Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 71.

¹²⁴ Idem, *Ibidem*.

¹²⁵ Cf. *KOSMOS*. Rio de Janeiro, ano V, nº 10, outubro de 1908, p. 02.

¹²⁶ Cf. Revista da quinzena. In: *Floreal*. Rio de Janeiro, ano I, nº 04, dezembro de 1907, p. 28.

texto, pelas circunstâncias que envolvem o encontro entre Lima Barreto, Manuel Ribeiro e o crítico paraense, além do estilo do texto, não é totalmente descabido de sentido cogitar que o editor da *Floreal* foi o responsável por essas linhas.

Na coluna “Pretextos”, assinada por Chaves Barbosa, o oficial militar e político republicano Lauro Sodré, oriundo do Pará, tem sua trajetória, enquanto homem público, sabatinada por meio de uma série de desconcertantes ironias. Em reciprocidade com o mesmo tom polemista anunciado no número anterior, no artigo sobre Coelho Neto, Barbosa ridiculariza até o suposto heroísmo atribuído a essa proeminente autoridade por ter se posicionado contra a truculência das forças armadas durante a Revolta da Vacina.

Passo, portanto, a palavra ao próprio jornalista,

Não quero agora lembrar todas as fases do caso, de que fui testemunha e parte; não quero relatar os heroísmos do tenente-coronel Lauro, da sua legendária atitude de descavalgar da montada para não parecer fuga precipitada a retirada, indo a pé, não sei se vagorosamente, para uma residência hospitaleira, demonstrando singular habilidade para transpor gradis de jardins burgueses e desoras.

Não é por isso que eu quero submeter a V. Ex.; o meu intuito é demonstrar que V. Ex. foi no momento um dos sustentáculos da liberdade individual, e como é (aí a minha dúvida) que V. Ex. não continuou a ser agora no caso do projeto de serviço militar obrigatório, dando até parecer favorável?¹²⁷

Esse é, sem dúvidas, o mais misterioso dos colaboradores da *Floreal*, pois mesmo percorrendo outros jornais da época, como *O Paiz*, *Correio da Noite*, *Jornal do Brasil*, além da correspondência, crônicas e memórias de Lima Barreto, nada pude encontrar que forneça mais pistas sobre a trajetória do Chaves Barbosa. Pela postura adotada por esse polemista, de franco atirador, a disparar suas críticas contra alvos que integravam o *corpus* das elites republicanas, será que temos aqui o caso de um pseudônimo usado por algum membro da revista? Esse é um

¹²⁷ BARBOSA, Chaves. Pretextos. In: Idem, p. 30.

questionamento cuja resposta não consegui desvendar. Houve momentos nos quais pensei em associar o estilo de Chaves Barbosa ao de Noronha Santos, que sumiu do periódico após o segundo número e tinha uma origem social abastada, mas não existe possibilidade de sustentar esse argumento a partir de um referencial bem fundamentado documentalmente.

Em “Teatros”, Gilberto Moraes discorre sobre a boa repercussão da comédia *Suzeraine*, dirigida por um argentino, em Portugal. Tal constatação leva o autor a fazer uma ressentida comparação entre a vida artística no Brasil e Argentina. Moraes postula que o teatro nacional brasileiro estava repetitivo, há muitos anos exibindo “os mesmos cinematógrafos, o mesmíssimo *Spineli*, o *Médico das Loucas* e o *Moulin*”¹²⁸. Quer dizer, essa realidade constituía, para esse colaborador da *Floreal*, um retrato da suposta inércia que margeava as *premières* nacionais. Lima Barreto, ao seu modo, tinha interesse pelo teatro e seus bastidores. Chegou a escrever uma peça intitulada “Os negros”, datada de 21 de setembro de 1905 e a colaborar para o impresso *A Estação Teatral*, com uma série de duas crônicas nomeadas “Uma coisa puxa a outra...”.

A peça “Os negros” foi somente publicada em 1951, na segunda edição de *Histórias e sonhos*. Foi dedicada aos irmãos João, Antônio e Carlos Noronha Santos. Recorro aqui a recente edição que reúne os contos completos do escritor. O enredo desse drama está ambientado nos tempos da escravidão e situado em um escuro penhasco de uma praia. Essa paisagem sombria é preenchida pelos seguintes personagens: “um velho negro, 1º negro, 2º negro, 3º negro, uma negra com um filho ao colo, outra negra mais moça”¹²⁹. Esse grupo está faminto e em fuga. Nos diálogos que travam, a crueldade com que foram tratados por coronéis, fazendeiros e feitores é evidenciada.

A peça está bem embasada historicamente, como se pode perceber na fala de uma das protagonistas da trama,

Negra velha: E eu não sei nada mais donde [sic] vim. Foi dos ares ou do inferno? Não lembro... Do que me lembro, foi do desembarque. Havia muito mar: fomos para o barracão. Davam-nos uma

¹²⁸ MORAES, Gilberto. Teatros. In: Idem, p. 32.

¹²⁹ BARRETO, Lima. Os negros – esboço de uma peça. In: *Contos completos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 347.

gamela e nela comíamos todos, ao mesmo tempo. Depois, vieram homens. Escolheram dentre nós alguns. Experimentavam os dentes, os braços, faziam abrir as pernas, examinavam a nós, com cuidado; e, ao fim, andávamos por muitas terras. Eu fui comprada pelo coronel. (*silêncio*)¹³⁰

O fato dos personagens não possuírem nomes e estarem, portanto, coisificados, é uma denúncia bastante acurada da barbaridade que permeou as práticas escravistas. A face humana de cada escravo representado é demonstrada ao longo das conversas que estabelecem, narrando os caminhos que traçaram e os sofrimentos que enfrentaram até chegarem nessa inóspita praia. Ainda em janeiro de 1905, em seu diário, Lima Barreto registrou uma ideia que pode não ter se concretizado na forma de romance, mas que está, certamente, interligado com a elaboração dessa peça teatral.

O autor confessou sua admiração pela obra do naturalista Émile Zola ao afirmar o seguinte: “pretendo fazer um romance em que se descrevam a vida e o trabalho dos negros em uma fazenda. Será uma espécie de *Germinal* negro, com mais psicologia especial e maior sopro de epopeia. Animará um drama sombrio, trágico e misterioso”¹³¹. Logo a anotação sobre essa obra, que nunca foi concretizada, se torna uma vazão para suas doces esperanças enquanto homem de letras,

Ah! Se eu alcanço realizar essa ideia, que glória também! Enorme, extraordinária e – quem sabe? – uma fama europeia.

(...)

Mas... e a glória e o imenso serviço que prestarei a minha gente e a parte da raça a que pertenço. Tentarei e seguirei avante. “*Alea jacta est*”.

Se eu conseguir ler esta nota, daqui a vinte anos, satisfeito, terei orgulho de viver!¹³²

Nesse ínterim, portanto, Lima Barreto parece determinado a ler sobre campos distintos do saber e também a escrever variadas modalidades de textos e gêneros literários. Seus objetivos não eram

¹³⁰ Idem, p. 349.

¹³¹ BARRETO, Lima. *Diário íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 84.

¹³² Idem, *Ibidem*.

modestos e suas ambições pessoais se mesclam a uma rara forma de sensibilidade intelectual. Voltando para seu contato com o universo dos teatros, na crônica “Uma coisa puxa a outra... I”, publicada em *A Estação Teatral*, de 8 de abril de 1911, afirmou:

Sou avesso ao teatro, isto é, ao teatro-ribalta; julgo, contudo, que, como gênero literário, se não vive sempre, pelo menos os seus grandes monumentos passados hão de sempre merecer o respeito e a admiração de todos. A música sacra pode ser grande, mesmo para quem não é mais católico e não as ouve nas igrejas.

Demais, visto-me mal, lamentavelmente mal, quase mendicante; nunca tenho roupas – de modo que jamais estou em estado sofrivelmente binocular, para acotovelar as elegâncias que se premem nos nossos teatrinhos.

Não julgo que amo a piedade; não soffro miséria, não, e vivo bem. É um feitio esse de ser; é a minha *pose*...¹³³

Nesse sentido, Lima Barreto se coloca como um defensor do que, na época, era conhecido por “mambembes” ou pequenas companhias teatrais consideradas de baixa qualidade que faziam apresentações em cidades interioranas. Relata que o próprio foi “bilheteiro quando uma companhia [de um parente] foi dar espetáculo numa pequena povoação dos arredores de Juiz de Fora”¹³⁴. Essa crônica vem até aqui recebendo uma maior atenção e retirando, por enquanto, o enfoque da *Floreal* porque é bastante esclarecedora em termos do que pode caracterizar a erudição barretiana. Afirma ainda o autor de “Uma coisa puxa a outra... I”,

É ingênuo supor que um cidadão que se propõe a escrever um drama, não pense logo nos efeitos, na extensão das cenas e seu incremento, e não saiba pela leitura dos grandes autores e dos mestres de que maneira mais ou menos se deve tratar do assunto para pô-lo no quadro do gênero que vai

¹³³ BARRETO, Lima. Uma coisa puxa a outra...I. In: *A Estação Teatral*. Rio de Janeiro (08/04/1911) ou BARRETO, Lima. *Toda crônica*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Agir, 2004, p. 68.

¹³⁴ Idem, p. 69.

tentar. De resto, ele tem os ensaios e por aí pode julgar.¹³⁵

Nessa altura do texto, Lima Barreto, ao citar o exemplo de um jovem vizinho que vem lhe pedir conselhos sobre como se tornar um literato, revela que a sua concepção de arte está pautada em uma cosmovisão que conecta diferentes manifestações da subjetividade humana. Para o autor, seria mais válido que o rapaz fosse colher dicas com Coelho Neto. Porém, Lima diz que se recusa a lhe recomendar que “descubra a alma dos outros, (...) procure o invisível no visível”, para dizer-lhe: “aprenda tipografia, xilografia, zincografia, etc.”¹³⁶. Nesses termos, a literatura era concebida por esse escritor como uma forma complexa e mista de artesanato montado a partir do encontro entre a narrativa e elementos próprios de encenações, pinturas, ilustrações, iconografias, bem como do gráfico e o tipográfico.

Prosseguindo com a discussão sobre a *Floreal*, Juliano Barbosa, em “Jornais e revistas”, satiriza o conteúdo de *Na estacada: panfleto quinzenal* de autoria dos acadêmicos Lopes Trovão e Silvio Romero. Entre o conteúdo dessa publicação, encontra-se a revelação de que “o dr. Silvio Romero tem uma numerosa prole e o dr. Lopes Trovão é absolutamente estéril”¹³⁷. Além de essas pitorescas discussões terem divertido o corpo editorial da *Floreal*, foram revigorantes para os jovens polemistas que escreviam nesse impresso,

O panfleto está recheado de latim e escrito numa maneira um tanto arqueológico (sic) para os nossos vinte e tantos anos, tem dez páginas e vem mostrar aos Conselheiros que eles podem fazer coisa muito bonita, quando se põem no *Jornal do Comércio* ou na paleontológica *Kosmos*, mas que quando se dispõem a fazer coisa sua, própria e sem mercancia, hão de fazer *folhetinhos* como nós. Consola.¹³⁸ [Grifo do autor]

Porém, é necessário considerar que os moços da *Floreal* deram continuidade ao modo como as quimeras literárias era engendradas na

¹³⁵ Idem, *Ibidem*.

¹³⁶ Idem, p. 69-70.

¹³⁷ BARBOSA, Juliano. Jornais e revistas. In: *Floreal*. Op. Cit., p. 39. [Grifo do autor]

¹³⁸ Idem, p. 40.

vida intelectual brasileira desde a chamada “Geração de 1870”, que engloba, além dos citados Lopes Trovão e Romero, Araripe Júnior, Manuel Bonfim, Machado de Assis, José Veríssimo, entre outros. Em *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*, o crítico literário Roberto Ventura mapeou, de forma bastante criteriosa, como essas diatribes foram inspiradas pela retórica própria do campo jurídico, vide o direito a réplica e a tréplica, bem como pelo cientificismo positivista reinante nesse tempo. Vencer uma polêmica intelectual significava, simbolicamente, demonstrar “superioridade” sobre o adversário. Nesses termos, “a linguagem da luta é parte do discurso da polêmica, em que se valorizam predicados como a ‘valentia’ e a ‘coragem’, parte de um código de honra que exige a reparação direta das ofensas pessoais”¹³⁹.

Os agradecimentos transmitidos, no periódico, para José Veríssimo por Lima Barreto são forte indicativo desse tipo de “dívida” para com a geração de 1870. Mais ainda, para ilustrar melhor esse pressuposto, vale destacar a réplica veiculada nesse quarto exemplar da *Floreale* de Domingos Ribeiro Filho sobre as críticas que recebeu do editor da revista em torno do romance *Cravo Vermelho*.

Eu quis ser coerente (é uma tolice? Seja!) e foi-me impossível fazer um romance onde não vazasse com serenidade e coragem todas as minhas conquistas intelectuais e morais. Tê-lo ia conseguido? Vamos, Barreto. Fala.

E outro por que: tú achaste que eu não fui bastante poeta... Oh! Barreto! Eu não sou um poeta? Não o fui bastante? Que desgraça haveres lido o Alencar antes do *Cravo vermelho*! O Alencar tornou impossível o romance no Brasil.¹⁴⁰

Não deixa de ser tentador imaginar a reação de Lima Barreto ao ler essas achincalhadas linhas. Se tal réplica foi publicada, possivelmente, se a *Floreale* tivesse vingado mais um número, teríamos, certamente, uma tréplica e tanto por parte do editor. Porém, se os historiadores há muito tempo já se sentem pouco a vontade no terreno das certezas irrefutáveis, as arenas das puras especulações também não

¹³⁹ VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil* (1870-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 80.

¹⁴⁰ RIBEIRO FILHO, Domingos. Barreto amigo. In: Idem, p. 48.

lhe são muito favoráveis. Certamente, o trato com as fontes requer prudência e um escopo voltado para o campo do verossímil.

Para finalizar, a revista fecha a edição com a seção “Ecos”, nos quais as celebridades que preenchem a vida literária e política no Rio de Janeiro são alfinetadas. Considero um dos mais importantes trechos, desse anexo do quarto número da *Floreal*, o deboche em torno do egotismo de Luiz Edmundo. O autor de *O Rio de Janeiro de meu tempo* é, ironicamente, comparado aos grandes expoentes das letras russas em uma nota anônima:

Na rua do Ouvidor, canto da Avenida (lugar sagrado), nosso amigo, o poeta Luiz Edmundo, disse-nos há mais de vinte dias que tinha vendido do seu último livro cerca de 9.000 exemplares, havendo de fora, dos Estados e até de Buenos Aires, Bogotá, Guayaquil e Caracas, inúmeros pedidos insatisfeitos, razão pela qual ia tirar uma 2ª edição.

Exultamos com a notícia, não só como autores latentes e amigos do poeta, como também pelo fato de desejarmos sinceramente a prosperidade da literatura nacional.

Nas nossas letras, parece estar destinado ao Luiz e ao Paulo Barreto, o *distinto jornalista* do Instituto Histórico, o papel de Dostoiévsky e Tolstoi na Rússia. Como toda a gente sabe, esses autores e alguns outros do seu tempo, fizeram uma revolução na tiragem de obras literárias moscovitas.

(...)

Este Luiz...¹⁴¹

É uma pena que a seção englobe vários fragmentos não assinados, principalmente quando acompanhados de considerações mais corrosivas como essa. Essa menção bem humorada aos literatos russos, tão admirados por Lima Barreto, poderia servir como uma pista da autoria do texto. Porém, prefiro preservar o caráter comunitário com que essa ironia foi veiculada. Em *História da imprensa do Brasil*, Nelson Werneck Sodré sugere que essa diluição entre jornalismo e literatura,

¹⁴¹ Cf. ECOS. In: Idem, p. 53-4.

realizada pelo jovem Lima Barreto e seus amigos, “constituiu a única tentativa séria”¹⁴², nos quadros da bela época carioca, de se fazer uma espécie de revista em prosa amplamente baseada nos exemplos das caricaturas e charges que veiculavam críticas profundas às elites cariocas. O fracasso de vendas da *Floreal* é também bastante significativo, de acordo com esse autor. Um sintoma de que grande parte do público leitor não via periódicos transgressores com bons olhos.

Essa revista é uma fonte indispensável para a compreensão da história intelectual de Lima Barreto porque carrega os signos de vários elementos próprios de uma publicação que se afirma como vanguardista: o ataque aos cânones da época; o apelo para temas eróticos e debates nos quais as elites e políticas oficiais são ridicularizadas; a convocação para que os leitores assinem a revista, não a deixando desaparecer e a insatisfação com os ditames do *establishment*.

É comum, na história dos impressos, que esses periódicos tenham uma curta duração e seus membros acabem se projetando nas letras por meio do personalismo. Porém, vale destacar, que, em termos de atuação cultural, ao dirigir a *Floreal*, escrever folhetins, contos e artigos de crítica literária, teatral e musical, o jovem Lima Barreto já se projetava como um versátil e polêmico polígrafo.

¹⁴² SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa do Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 303.

CAPÍTULO III: O DESTINO MILITANTE DA LITERATURA

E não é um ideal teatral do novo homem que sela a aliança momentânea entre políticos e artistas revolucionários. É, antes, na interface criada entre o poema e sua tipografia ou ilustração (...), que se forma essa “novidade” que vai ligar o artista, que abole a figuração, ao revolucionário, inventor da vida nova.

Jacques Rancière*

A começar por Anatole France...

No capítulo anterior, “Escritos e leituras de véspera”, tracei um tipo de história do letramento de Lima Barreto e enfatizei que, no início de sua vida literária, a atuação desse intelectual na imprensa carioca foi diversificada e convergiu até para direções contraditórias. Porém, sua participação fundamental no corpo editorial da revista *Floreal* pode ser considerada um marco divisor na sua carreira enquanto literato engajado. Nesse capítulo, creio ser fundamental discutir como o contato de Afonso Henriques com o pensamento de autores como Anatole France e Thomas Carlyle foi essencial para que suas convicções enquanto escritor militante fossem mais aprofundadas.

Citei a obra *Poder, sexo e letras na República Velha*, de Sergio Miceli, anteriormente, devido a esse sociólogo ter frisado bem que Lima Barreto transitou pelas melhores instituições cariocas de ensino, ao longo da juventude, com o apoio da família e do Visconde de Ouro Preto, seu padrinho. Porém, existe ainda a predominância de certo determinismo na maneira como esse pesquisador analisa os intelectuais do começo do século XX. Por exemplo, Miceli sistematiza, em uma tabela, os nomes dos literatos que estudou; a profissão dos seus pais; os diplomas de curso superior e o tipo de gênero artístico a que se dedicaram Humberto Campos, Manuel Bandeira, Lima Barreto, José

* RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Mônica Costa Neto. São Paulo: EXO Experimental; Editora 34, 2005, p. 23.

Maria Bello e Juarez Távora. Um dos itens mais controversos dessa pauta é o “estigma” carregado por cada um desses atores históricos.

Desse modo, Humberto de Campos carregou a marca de ser “mulato, feio”, Lima Barreto a de ter sido também “mulato”, bem como “alcoólatra”; Manuel Bandeira foi “tuberculoso aos 18 anos”, José Bello era “doentio, frágil” e Juarez Távora não carregou nenhuma característica “negativa”¹. Quer dizer, em uma sociedade patriarcal, para Miceli, o sujeito que optava por seguir uma carreira ligada ao universo das letras – tidas como objeto de distração feminina – era portador de algum elemento físico ou psicológico que o colocava em franco desajuste com os padrões dominantes de masculinidade. Apesar do determinismo que essa linha de pensamento endossa, o conceito de intelectual anatóliano merece ser destacado aqui, porque, sem dúvidas, foi inovador para a época em que esse estudo foi realizado:

O grupo dos “anatólianos” não se enquadra em quaisquer das categorias existentes na época, pois constituem o produto de uma primeira forma de diversificação de papéis no âmbito do trabalho de dominação. Os integrantes desse grupo prefiguram um tipo novo de intelectual profissional, assalariado ou pequeno produtor independente, vivendo de rendimentos que lhes propiciam as diversas modalidades de sua produção, desde a assessoria jurídica, as conferências, passando pelas colaborações na imprensa, até a participação nos acontecimentos mundanos e nas campanhas de mobilização em favor do serviço militar, da alfabetização, do ensino obrigatório, etc.²

O debate sobre os anatólianos, portanto, é instigante e merece ser aprofundado. Nesse tópico, espero contribuir para essa discussão sobre a importância de Anatole France entre a intelectualidade brasileira. Buscarei refletir sobre essa temática a partir da documentação que registra a rápida estadia desse literato europeu no Rio de Janeiro, em 1909. É preciso compreender os motivos que tornaram a imagem do

¹ Cf. MICELI, Sergio. *Sexo, poder e letras na República Velha*: estudo clínico dos anatólianos. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 18-9.

² Idem, p. 71.

escritor engajado sedutora para a *intelligentsia* brasileira da *Belle Époque* tropical. Desse modo, passo a tecer aqui algumas considerações sobre o encontro de Anatole com os beletristas, bem como a relevância que as leituras de suas obras possuíram para Lima Barreto.

Anatole Jacques Thibault nasceu em 1844. Considerava-se um típico parisiense e por isso adotou o pseudônimo de France. Durante a juventude, teve uma ampla formação humanística no Collège Stanislas: um internato católico. Quando concluiu os estudos, foi revisor da Editora Lemerre e, em 1876, seus conhecimentos em letras clássicas, latinas e francesas renderam-lhe o cargo de bibliotecário do Senado Francês. Sua trajetória intelectual é marcada por uma guinada do catolicismo para o darwinismo agnóstico. A colaboração com o jornal *Le Temps*, entre 1882 e 1892, na seção “A vida literária”, consagrou sua fama de habilidoso crítico de arte. Sua ficção, marcada pelo estilo satírico, ganhou projeção internacional a partir de obras como *O crime de Sylvestre Bonnard* (1881), *O jardim de Epicuro* (1894), *O caso Crainquebille* (1902), *A ilha dos pinguins* (1908), *Os deuses tem sede* (1912), dentre várias outras.³

O encontro entre Anatole e alguns membros da Academia Brasileira de Letras não foi um mero acaso ou uma simples questão de passar o tempo enquanto se dirigia para uma série de eventos para os quais fora convidado, em 1909, na Argentina. Escritores brasileiros que transitavam, frequentemente, por Paris já haviam estabelecido, há algum tempo, principalmente por meio de eventos diplomáticos, vínculos com esse autor. No jornal *O Paiz*, em 4 de fevereiro do mencionado ano, o poeta e político maranhense Xavier de Carvalho (1871-1944) envia a seguinte notícia da capital francesa para esse impresso, considerado um dos principais periódicos do Rio de Janeiro:

A pedido da *Société des Etudes Portugaises*, de Paris, o nosso bom amigo e ilustre diplomata, o Sr. Manoel de Oliveira Lima, ministro do Brasil em Bruxelas e membro da Academia de Letras do Rio, virá a Paris no mês de março, realizar na Sorbonne uma interessante conferência sobre Machado de Assis e sobre o estado atual das letras brasileiras.

³ Cf. DURANT, Will. *Anatole France: o homem e sua obra*. Tradução de Maria Teresa Miranda. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1964.

É de crer que por essa ocasião a Sociedade de Estudos Portugueses realize também um grande banquete, oferecido a Oliveira Lima, Olavo Bilac e João do Rio, banquete a que presidirá Anatole France. O glorioso escritor pronunciará um discurso sobre as relações intelectuais da França e da América do Sul – discurso que será publicado em folheto.⁴

Em abril do mesmo ano, ainda é Xavier de Carvalho que informa que o escritor francês, após proferir uma série de conferências sobre Rabelais no Conservatório Laberden, de Buenos Aires, estava de pleno acordo sobre aportar, do navio a vapor *Amazon*, da empresa Royal Mail, no cais da capital republicana. Salienta que France, “que é a alma mais doce que se possa imaginar, doce como uma criança – está de acordo”⁵. Além de carregar nas tintas ao descrever o suposto temperamento de Anatole, Carvalho demonstra também uma enorme inquietação nacionalista ao cogitar que o contato entre o literato francês e os membros da ABL é fundamental para o contorno de “qualquer falsa idéia [sic] que lhe tenham querido incutir na Argentina”⁶ sobre a república brasileira. É interessante perceber, nesse deslize patriótico de Xavier de Carvalho, como as elites nacionais se aproximaram desse escritor renomado a partir de uma série de interesses comprometidos, certamente, bem mais por vaidades pessoais do que qualquer ideal mais elevado.

Em uma crônica datada de 18 de outubro de 1911, intitulada “Os nossos jornais”, Lima Barreto demonstrou que estava atento ao conteúdo dessas notícias que chegavam até a capital federal sobre a vida intelectual no Velho Mundo. Aproveitando-se de uma crítica feita pelo político socialista francês Jaurès (1859-1914) aos periódicos nacionais, Afonso Henriques salienta que a carência “no tocante a informações da vida do estrangeiro”⁸ era apenas um dos inúmeros defeitos dos nossos impressos. O cronista irritava-se, sobretudo, com as colunas sociais intituladas de “binóculos”.

⁴ CARVALHO, Xavier de. Carta de Paris. In: *O Paiz*. Rio de Janeiro, ano XXV, n° 8890, fevereiro de 1909, p. 03.

⁵ CARVALHO, Xavier de. Carta de Paris. In: *O Paiz*. Rio de Janeiro, ano XXV, n° 8945, abril de 1909, p. 02.

⁶ Idem, Ibidem.

⁸ BARRETO, Lima. Os nossos jornais. In: *Gazeta da Tarde*. Rio de Janeiro (18/10/1911) ou BARRETO, Lima. *Toda crônica*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Agir, 2004, p. 106.

Segundo o autor,

Não se compreende que um jornal de uma grande cidade esteja a ensinar às damas e aos cavalheiros como devem trazer as luvas, como devem cumprimentar e outras futilidades. Se há entre nós sociedade, as damas e cavalheiros devem saber estas coisas e quem não sabe que fala como M. Jourdain: tome professores. Não há de ser com preceitos escorridos diariamente, sem ordem, nem nexos – que um acanhado fazendeiro há de se improvisar em Caxangá.⁹

Após ridicularizar as frivolidades “civilizadoras” veiculadas nos jornais, Lima Barreto elenca os impressos cariocas que mais simpatiza: *O Paiz* e a *Imprensa*. Sobre a atuação dos correspondentes internacionais dos grandes jornais, o escritor debochou bastante das matérias feitas por jornalistas portugueses:

Não se encontram nelas indicações sobre a vida política, mental ou social de Portugal; mas não será surpresa ver-se nelas notícias edificantes como esta: “A Vaca do Zé das Amêndoas pariu ontem uma novilha”; “O Manuel das Abelhas foi, trasanteontem, mordido por um enxame de vespas”.

As dos outros países não são assim tão pitorescas; mas chegam, quando as há, pelo laconismo, a parecer telegrafia. Então o inefável Xavier de Carvalho é mestre na coisa, desde que não se trate de festas na famosa *Société d'Études Portugaises*!¹⁰

De modo bem subentendido, Lima Barreto criticou não só a má qualidade da imprensa carioca, mas também o que entendeu ser o provincianismo dos jornalistas que desfrutavam de maior prestígio social no mercado das letras. Elencou como seu principal referencial o *Le Figaro*. Novamente, voltou-se para o poderoso *Correio da Manhã*, de Edmundo Bittencourt, para ilustrar que o noticiário internacional de

⁹ Idem, p. 106-07.

¹⁰ Idem, p. 108.

um dos principais órgãos da imprensa carioca resumia o mundo a “só e unicamente Portugal”¹¹. Essa crônica demonstra bem que, mesmo nutrindo bastante desconfiança em relação ao talento dos principais jornalistas brasileiros, o escritor estava bem atento às informações que chegavam até o Rio de Janeiro sobre a Europa.

Os textos de Xavier de Carvalho sobre o contato entre os beletristas com Anatole France, em Paris, não traziam informações mais esclarecedoras sobre a trajetória política desse intelectual. As informações enviadas por esse poeta parnasiano para *O Paiz* dão a entender que as conferências e os banquetes que se sucediam na França entre Anatole e os membros da alta cúpula da ABL tinham apenas o escopo de laurear mais ainda a *intelligentsia* nacional. Lima Barreto parece ter percebido esse fato. Daí a origem de seu contundente ceticismo sobre as atividades dos brasileiros na *Société d'Études Portugaises*. De toda forma, os acadêmicos e diplomatas tupiniquins conseguiram, efetivamente, convencer Anatole a fazer uma visita ao Rio de Janeiro.

Talvez por uma questão de logística, a parada do navio *Amazon* foi realizada no Brasil antes de passar por Buenos Aires. A grande expectativa gerada pelos correspondentes internacionais da imprensa carioca, pela comissão da Academia Brasileira de Letras e o comitê de jornalistas que se dirigiu ao porto para receber Anatole France foi frustrada, em um primeiro momento. Após um atraso significativo, o navio aportou no cais Pharoux, no Rio de Janeiro, no final da tarde do dia 16 de maio. Porém, o público foi informado pelo secretário do autor de *A ilha dos pinguins* que o mesmo “se achava enfermo e impossibilitado de sair de sua cabine”¹². Apenas às 08:00 horas da manhã, de 17 de maio de 1909, o disputado literato desembarcou do *Amazon*.

¹¹ Idem, p. 109.

¹² Cf. ATUALIDADES. In: *O Paiz*. Rio de Janeiro, ano XXV, nº 8891, maio de 1909, p. 01.



O desembarque de Anatole France no Rio de Janeiro. Fotografia encontrada na revista *Careta*, nº 41, datada de 22 de maio de 1909.

Não consegui reunir elementos suficientes para distinguir cada um dos integrantes dessa procissão que acompanhou a caminhada de France – ao centro da fotografia – pelos arredores do cais Pharoux. Entretanto, uma leitura mais focada em alguns pormenores dessa imagem é possível. A começar pela própria indumentária dos jornalistas e intelectuais que estavam ao lado do escritor francês. Esses vistosos ternos e sobrecasacas, feitos, geralmente, com tecidos importados da França ou Inglaterra, são indicadores de que Anatole foi recebido por representantes das elites cariocas. Mais adiante, carregando um pesado sobretudo e alguns papéis, temos o secretário do autor: Jean-Jacques Brousseau. Ambos estrangeiros seguram os chapéus em um sinal de cordialidade, para os fotógrafos, muito típico da *Belle Époque*. A curta distância que muitos brasileiros mantêm do escritor, pode ser um sinal tanto da reverência pelo autor, bem como da dificuldade de estabelecer com ele, naquele momento, algum tipo de comunicação.

A transcrição do cerimonial foi publicada, inicialmente, em francês nas páginas de *O Paiz*, na data de 28 de maio de 1909¹³. Apenas em 1980, em uma edição bilíngue, organizada por Sérgio Pachá, esse discurso de Rui Barbosa foi republicado. Em *Saudação a Anatole*

¹³ Cf. Anatole France & Ruy Barbosa: uma Sessão da Academia e uma joia literária. In: *O Paiz*. Rio de Janeiro, ano XXV, nº 9002, maio de 1909, p. 03.

France, pode-se constatar que o respeitado abolicionista baiano discursou longamente para o autor de *A ilha dos pinguins* e o público presente na ocasião. Em uma pomposa cerimônia nas dependências da ABL, Anatole France escutou, além de várias outras, a seguinte apologética do acadêmico brasileiro:

Vossa rápida passagem por aqui não nos concede senão algumas horas de vossa presença entre nós. Deste modo, só nos podemos aproveitar de alguns momentos para receber-vos como hóspede sob este teto modesto, que não vos lembrará a cúpula nem a filha de Richelieu, e não teria merecido a reprovação de Jacques Tournebroche ou a apologia de Jérôme Coignard. Felizmente para todos, não me incumbe apresentar-vos ao público, nem dizer-lhe, a vosso respeito, o que quer que seja de novo. Isto de modo algum seria possível. Sois, de todo em todo, dos nossos, dos mais conhecidos e mais íntimos de nossa sociedade. Em vossa excursão às margens do Prata, onde ides revelar à curiosidade sul-americana alguns veios preciosos da mina de Rabelais, entrevistados por um minerador finamente entendido, estareis no meio de uma civilização luxuriante e cheia de porvir. Mas em parte alguma, naquela nova Europa, onde é dos mais altos o nível intelectual, encontrareis uma cultura à qual vossa celebridade e vossos escritos sejam mais familiares do que aos nossos intelectuais.

Sem cessar percorremos toda a gama infinita dos vossos sortilégios, desde *As Bodas Coríntias*, *A Vida Literária*, até *A Ilha dos Pinguins*.¹⁴

Rui Barbosa salientou, ainda, para finalizar sua fala em grande estilo, que “da altura [da obra de Anatole France] têm-se a visão de todos os problemas que interessam à inteligência humana”¹⁵. O escritor parisiense respondeu ao discurso do acadêmico brasileiro de modo improvisado. Em uma fala que foi convertida em breves sete parágrafos,

¹⁴ BARBOSA, Rui. *Saudação a Anatole France*. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1980, p. 12-3.

¹⁵ Idem, p. 23.

France elogia a desenvoltura de Rui Barbosa com o idioma estrangeiro e salienta para os presentes que, embora o Estado brasileiro tenha adotado instituições do Velho Mundo e, junto com elas, o pessimismo, sugere que é preciso bastante ponderação e otimismo, “uma coragem mais comum do que se pensa”¹⁶, para crer que “a República pode trazer ao mundo a paz universal”¹⁷.

Lima Barreto enviou uma carta, datada de 18 de maio de 1909, para o confrade Antônio Noronha Santos, que estava a viajar pela Europa. Durante essa ocasião, Santos também acabou atuando como um mediador entre o romancista e o editor português A. M. Teixeira para que a versão completa das *Recordações de escrívão Isaías Caminha* fosse publicada.¹⁸ O tom de confiança da missiva proporciona ao escritor carioca construir uma narrativa bastante ácida sobre a recepção preparada pela cúpula da Academia Brasileira de Letras para Anatole France.

O carioca Afonso assim descreveu o alvoroço causado entre os escritores brasileiros durante a rápida estadia desse literato francês no Rio de Janeiro:

Recebi hoje a tua carta e o teu cartão. Vieram no mesmo pacote e chegaram aqui com o Anatole France. O Veríssimo, o Medeiros e os insuportáveis estudantes (não estava lá o Lacerda) consagraram-no a valer. O barão convidou-o a almoçar no Itamarati e a academia deu uma sessão em honra a ele. O Rui falou, falou com aquele pretensão e aquela falta de visão que são

¹⁶ No original, assim a fala de Antole France foi transcrita: “Vous vous êtes adopté les intitutions de la vieille Europe em laissant de l’autre côté de l’Océan leur cortège de pessimisme; et c’est l’optimisme quis era votre guide, (...) une forme de courage plus commune que l’on ne pense. (...) Vous aurez réservé à votre République la gloire d’avoir contribué à apporter au monde la paix universelle”. Cf. FRANCE, Anatole. Resposta a Rui Barbosa. In: Idem, p. 34-5. [Tradução livre]

¹⁷ Ibidem. [Tradução livre]

¹⁸ Em *A vida de Lima Barreto*, Francisco de Assis Barbosa ressalta como o final precoce da revista *Floreal* foi decisivo para que o literato se empenhasse em publicar a versão completa das *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, no formato de livro ao invés de folhetins. A imprensa e o jornalismo eram um dos caminhos a serem trilhados pelos escritores que almejavam reconhecimento público. Sendo assim, o principal biógrafo de Lima Barreto abordou, com grande precisão, o contexto que levou o autor a recorrer a uma editora portuguesa para custear a edição do seu romance de debute e a importância de Antônio Noronha Santos durante os bastidores dessa negociação entre o romancista carioca e a gráfica portuguesa.

peculiares, durante hora e tanto, tentando fazer crítica à obra do Jérôme Coignard ou Sylvestre Bonnard, como quiseses. Disse que era vice-presidente do Senado e se batia pela paz universal. Anatole respondeu sobriamente e sem relevo. Sentia-se emovido (gostaste?) e apreciava muito esta terra, bela, etc., em que não havia prejuízos de raça, como na Inglaterra. Quanto à paz universal, disse que devíamos guarda-nos das surpresas dos sentimentos e dos enganos do coração. Como já está consagrado, o grande homem aqui andou aqui, pelas ruas, em procissão, acompanhado de repórteres, de fotógrafos, toda essa raça vil e besta (...).¹⁹

A correspondência entre Lima Barreto e Noronha Santos, enquanto este esteve morando na Europa, podem ser abordadas como importantes fontes sobre as sociabilidades intelectuais da *Belle Époque*. Desde a ponte realizada entre esse amigo, de origem abastada, do autor de *Isaías Caminha* para a editoração do primeiro romance barretiano em uma gráfica de Lisboa; o escárnio dirigido aos principais homens de letras do Rio de Janeiro até a narrativa dos encontros íntimos que Santos teve com algumas mulheres europeias, o teor das cartas é bastante confidencial entre esses dois jornalistas. Não é raro deparar-se com trechos semelhantes a esse pedido, feito por Antônio Noronha, enquanto esteve em Paris: “rasga as minhas cartas, é um pavor; arrependo-me sempre depois que as escrevo. Vê que virtude!”²⁰.

A rápida passagem de Anatole pela capital republicana desencadeou uma série de apreciações sobre a importância de sua obra e presença entre os homens de letras brasileiros. A carta de Homero Pires para o político e membro do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, José Wanderley Pinho, datada de 18 de maio de 1909, transmite certa decepção em relação à confirmação do escasso público que esteve na sede da ABL para prestigiar a saudação preparada para o literato europeu:

¹⁹ BARRETO, Lima. Carta para Antônio Noronha Santos (18/05/1909). In: *Correspondência: ativa e passiva*. Tomo I. Prefácio de Antônio Noronha Santos. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 75.

²⁰ SANTOS, Antônio Noronha. Carta para Lima Barreto (05/07/1909). In: *Idem*, p. 88.

Ontem estive na Academia Brasileira de Letras, onde fui ver a recepção de Anatole France. Este devia ter desembarcado anteontem; mas como o vapor chegasse às 8 horas, o Anatole se recusou, por intermédio do seu secretário, a saltar na cidade naquela noite. Assim, pois, a comissão da Academia voltou sem ele, e eu tomei um grande incômodo, à espera no cais Pharoux. Entretanto, levei todo o tempo a conversar com o Constâncio Alves, que lá estava, e que comigo voltou para o Catete. Ontem porém, eu era o primeiro a entrar na Academia.

Não houve aliás enchente, pois as cadeiras nem todas estavam ocupadas. Dos próprios acadêmicos lá só estavam 14, quando eles são 40. O primeiro a falar foi o Rui, que leu um brilhantíssimo discurso em francês. Todos os acadêmicos cobriram-no de elogios, e o Anatole France, em conversa com o José Veríssimo, disse que era extraordinária a maneira por que o Rui escrevia o francês.²¹

Existiria alguma ligação entre essas duas epístolas citadas? Elaborando aqui um denominador comum entre o tom polemista de Lima Barreto e da tônica fascinada de Homero Pires em torno da palestra de Rui Barbosa, pode-se deduzir que ambos os escritores concordaram que estiveram diante de um intelectual estrangeiro que magnetizou alguns dos principais anseios políticos daquela modernidade que se insinuava nos trópicos. Mencionar o nome de Anatole France nas confrarias literárias no Rio dos primeiros decênios do século XX, para os membros da República das Belas Letras, era uma questão de estar em sintonia com o ideário liberal.

Para os dissidentes – esse conceito, do modo como é entonado aqui, serve para se evitar aqui o jargão de “boêmios” atribuídos aos escritores que polemizaram contra a cúpula da Academia Brasileira de Letras – a escrita de France, caracterizada por uma retórica bastante irônica e combativa, endossava a necessidade de dotar a literatura de alguma utilidade social. O vasto conjunto dos escritos barretianos está todo entranhado por essa perspectiva. Nas palavras da socióloga Maria

²¹ PIRES, Homero. Carta para José Wanderley Pinho. In: BARBOSA, Rui. Op. Cit., p. 40.

Cristina Teixeira Machado, ao realizar uma bem fundamentada leitura benjaminiana das obras de Afonso Henriques:

O intercâmbio arte-sociedade é extremamente visível em Lima Barreto, no modo como sua forma/estilo rompe com os preceitos dominantes, na tentativa de transportar para o universo literário a vida que se transformava. A sociedade em transformação, trazida para a literatura como “tema”, transformou a literatura como “forma”. É bem verdade que essa perspectiva não pode ser considerada de modo unilateral, devendo ser relativizada em face dos desejos do autor. A essa dinâmica, somam-se os ideais literários de Lima Barreto compondo um processo em que a dialética escritor-sociedade está presente: à realidade em mudança se agregam os ideais literários de um autor inadaptado e marginal.²²

Essa linha de argumento tem como meta compreender a dialética que os escritos barretianos estabelecem com a sociedade carioca na Primeira República. No entanto, pode ser mais bem aprofundada a partir de uma análise das principais influências literárias de Lima Barreto. Quais seriam esses posicionamentos artísticos do carioca Afonso? Como foram cultivados? A primeira edição de *A vida de Lima Barreto*, biografia escrita pelo historiador e jornalista Francisco de Assis Barbosa, fornece boas pistas sobre o letramento do biografado. Tanto na primeira edição dessa biografia, bem como na segunda, revista e ampliada, a qual já teci algumas incursões ao longo desse trabalho, temos um apêndice com o inventário da coleção de livros de Lima Barreto, datado de 1917 e no qual estão catalogadas cerca de 700 obras listadas, divididas em cinco estantes ou mesmo espalhadas pela escrivaninha, mesa e bancos do aposento do escritor.

Em uma carta para Noronha Santos, de 19 de janeiro de 1911, o literato comenta sobre uma das causas que o levaram a se tornar um bibliófilo:

²² MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Lima Barreto: um pensador social na Primeira República*. Goiânia: Editora da UFG; São Paulo: Edusp, 2002, p. 159-60.

Quando estou muito aborrecido, mando o meu irmão comprar livros e devoro-os. Comprei cinco volumes do Maupassant, Taine, Yvette e outros; comprei o Oliveira Lima, *Dom João VI*. É uma história laboriosa, minuciosa, em que falta nervo, pitoresco, sentimento de tempo, mais diplomática que outra cousa, embora se fale muito mal dos diplomatas. (...) Comprei também quatro volumes da história do Albert Malet, compêndios de liceu, mas muito interessantes e profusamente ilustrados. Nestes dias em que tenho me metido em casa, aumentei a minha biblioteca de cerca de trinta volumes. O problema agora é comprar mais uma estante. O sujeito quer 14\$000 [quatorze mil réis] e só estou disposto a dar 12. É uma outra cogitação.²³

Essa biblioteca foi apelidada de “Limana” pelo próprio autor de *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. Na segunda estante, localizada também na segunda prateleira, temos registrado um exemplar da obra *Pierre Nozière*, de Anatole France. Na terceira prateleira, temos *Le Lys Rouge* e na quarta, onde estavam alguns opúsculos, do mesmo autor francês, encontra-se registrado o *L'Eglise et la République*. Na última estante da quinta prateleira, Lima Barreto também anotou a presença das obras *Crainquebille* e *Au Petit Bonheur*.²⁴

Seria bastante tortuoso especular se, realmente, Lima Barreto debruçou-se sobre a leitura de todos esses impressos que abarcam opúsculos, compêndios, romances, historiografia, filosofia, crítica literária, tratados políticos e até manuais de ciências naturais. Porém, a partir das referências concretas das obras que realizou em artigos, romances, sátiras e crônicas é possível ter uma ideia do rol das preferências e das rejeições literárias do escritor.

A história dos livros e o uso dos catálogos de bibliotecas particulares como fontes para a construção de um perfil intelectual de seus proprietários²⁵ influenciaram, significativamente, o último capítulo

²³ BARRETO, Lima. Carta para Antônio Noronha Santos (19/01/1911). In: *Correspondência: ativa e passiva*. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 93.

²⁴ Cf. Inventário da “Limana”. In: BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959, p. 360-82.

da tese de doutorado *Letras militantes: história, política e literatura em Lima Barreto*, de Denilson Botelho. Como salienta esse historiador, problematizar as leituras de Lima Barreto é uma empreitada que só é possível devido ao inventário da “Limana”. A biblioteca teve também um fim trágico, em comparação com o óbito precoce de seu dono. Vale destacar aqui a descrição do inventário original tecida por Botelho, montado em um caderno:

Com sua caligrafia nem sempre de fácil leitura, dividiu cada página do caderno em três colunas e foi lançando, metodicamente, na primeira coluna, um número – em sequência, de 1 a 800 – para cada volume; na segunda coluna, os respectivos nomes do autor e o título da obra; e na terceira coluna, observações a respeito do volume, por exemplo, se era encadernado ou brochura. Pelo caderno percebe-se ainda a localização física – ou topográfica – dos livros dispostos nas prateleiras das quatro estantes e duas mesas de trabalho que disputavam espaço com a cama do seu quarto. Duas estantes eram maiores e tinham cinco prateleiras, a outra tinha quatro prateleiras e uma pequena apenas duas.²⁶

Sobre o triste fim da “Limana”, mencionado rapidamente no parágrafo anterior, assim esclarece o autor de *Letras militantes*:

Na ocasião do falecimento de Lima Barreto, a biblioteca foi doada pela família do escritor como

²⁵ Em *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e Revolução*, Darnton escreve um ensaio entusiasmante sobre o processo que institucionalizou a História dos Livros fazendo com que seus estudiosos passassem dos encontros em cafés e livrarias até organizarem “seus próprios periódicos, centros de pesquisa, conferências e circuitos de palestras”. Trabalhando com a perspectiva de que o uso dos impressos como fonte requer uma abordagem interdisciplinar e pautada na ideia de que os livros estão inseridos em uma trama comunicativa complexa, o autor de *O beijo de Lamourette* postula que os próprios literatos “são também leitores. Lendo e associando a outros leitores e escritores, eles formam noções de gênero e estilo, além de uma ideia geral do empreendimento literário, que afetam seus textos (...)”. Cf. DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e Revolução*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 110-2.

²⁶ BOTELHO, Denilson. *Letras militantes: história, política e literatura em Lima Barreto*. Tese (Doutorado em História Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2001, p. 166.

forma de agradecimento ao escritor José Mariano Filho, que custeara as despesas do sepultamento. Mas José Mariano Filho aparentemente não dera tanta importância aos livros que recebera de presente, abandonando-os no porão de sua chácara em Jacarepaguá. Desta forma, traças e cupins encarregaram-se de devorar o precioso acervo.²⁷

Convém ressaltar que José Mariano Carneiro da Cunha Filho (1881-1946), de tradicional família pernambucana, foi uma figura proeminente na então capital da República. Médico por formação, foi presidente da Sociedade Brasileira de Belas Artes e Diretor da Escola Nacional de Belas Arte, em 1926. Ganhou destaque durante o IV Congresso Panamericano de Arquitetos, em 1930, enquanto defensor ardoroso do neocolonial, além de patrocinador de viagens de jovens arquitetos às cidades coloniais mineiras para conhecer a arquitetura tradicional brasileira.²⁸

Denilson Botelho busca também aprofundar o debate sugerido por Francisco de Assis Barbosa em torno da importância de se compreender as influências intelectuais de Lima Barreto, que englobavam desde nomes do realismo francês e brasileiro do século XIX, libelos anarquistas até um vasto número de publicações em francês, que chega a totalizar quase metade dos exemplares catalogados na “Limana”. Além dos 423 livros em francês, existiam 225 obras catalogadas em português, 23 em italiano, 10 em espanhol e 9 em inglês. Ainda seguindo os rastros dessa citada pesquisa de doutorado, esses dados sugerem que Lima Barreto era um fluente conhecedor do idioma francês. Nos quadros da vida literária na Primeira República, “o leitor assíduo daquele tempo tinha que ser necessariamente versado em outras línguas, sob pena de não entrar em contato com o que se publicava de mais significativo pelo mundo afora”²⁹.

Esses dados são, sem dúvida, necessários para uma melhor noção da diversidade que a coleção de livros do escritor Lima Barreto comportava. Ao longo desse trabalho acadêmico, essas informações iniciais servirão como aporte para a construção de uma análise histórica

²⁷ Idem, p. 166-7.

²⁸ Cf. PINHEIRO, Maria Lúcia Bressan. *Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2011. p. 133 e SS.

²⁹ Idem, p. 171.

do pensamento desse literato. A principal questão que inspira essa tese reside na premissa de que, mesmo sendo um escritor bastante pesquisado e que já ocupa, assim como Machado de Assis, o lugar de referência obrigatória para um melhor entendimento do limiar da modernidade brasileira, um olhar mais demorado em torno das influências literárias de Lima Barreto pode ser bastante promissor para as discussões sobre a história dos intelectuais na Primeira República. Essa incursão pelas conexões que podem ser estabelecidas entre os textos barretianos e as referências bibliográficas que neles figuram é ainda um fértil desafio historiográfico.

Um acontecimento biográfico triste, mas curioso e que contribuiu para consolidar o rótulo de escritor boêmio para Lima Barreto, está intimamente entrelaçado com a elaboração do texto “O destino da literatura”, no qual o autor carioca assume sua grande admiração por Anatole France. Essa fala deveria ter sido proferida em tons de palestra na cidade de Rio Preto, no interior paulista. Em abril de 1921, Lima Barreto estava na pequena cidade de Mirassol a convite do então jovem médico Ranulfo Prata e ficou hospedado em sua residência para tratar-se do alcoolismo.³⁰ Recentemente, Robert Oakley teceu uma minuciosa narrativa sobre esse episódio:

Literatos amigos do doutor Prata em Mirassol e Rio Preto, onde muita gente ficou sabendo da estadia do romancista, cismaram em organizar uma conferência em Rio Preto. Não sabiam, todavia, que Lima Barreto, por mais ilustre que fosse como escritor, não era um exímio palestrante e, na verdade, nunca tinha sequer pronunciado uma conferência na vida. Era um homem tímido, e sabe-se que essa timidez fora exacerbada por sua marginalização intelectual e social. Tudo leva a crer que essa pose (...) era um mecanismo de defesa com o qual ele se protegia do meio circundante, e seu alcoolismo funcionava de modo semelhante. No entanto, surpreendentemente, Lima Barreto consentiu em dar a palestra. Pôs-se a trabalhar e dentro de poucos dias havia terminado seu texto. No

³⁰ Lima Barreto publicou notas dessa viagem que realizou do Rio de Janeiro até Mirassol, de trem, na revista *Careta*. Os textos “Até Mirassol”, divididos em três partes, podem ser encontrados no segundo volume de *Toda crônica*, publicado pela Editora Agir em 2004.

entanto, como o dia da conferência estava se aproximando, ela começou a ficar apreensivo e, na manhã do dia fatídico, desapareceu.³¹

A conferência “O destino da literatura” não aconteceu porque Lima Barreto foi encontrado por Ranulfo Prata e alguns dos seus convidados, em Mirassol, “nos fundos de um botequim, completamente bêbado”³². Apesar de tudo, “o texto de Lima Barreto sobreviveu e foi publicado antes do fim daquele ano em 1921, no periódico carioca *Revista Sousa Cruz*”³³. Nesse importante escrito, o literato refere-se mais uma vez sobre sua presença entre o público que foi prestigiar a presença de Anatole France na sede da Academia Brasileira de Letras:

É verdade também que assisti conferências concorridas de Anatole France e do professor George Dumas, e não eram eles, lá para que se diga, homens bonitos e *chics*. Em Anatole, achamos eu e alguns amigos um belo homem; mas não de beleza que fere as mulheres. E esta é a qualidade fundamental para se fazer uma excelente conferência no julgar de todos ou de todas da cidade brasileira em que nasci.

(...)

Estão bem a ver que nunca quis fazer uma ou mais conferências, não por orgulho nem por pretender ser mais profundo do que meus confrades que as fazem; mas, só e unicamente, pelo fato de conhecer a minha cidade natal, de alto abaixo, e de estar convencido de que, no tocante a elas, a minha organização literária tinha falhas.³⁴

Como afirmou na carta para Noronha Santos e atestou Homero Pires, foi certo exagero de Lima Barreto dizer que a “conferência” de Anatole foi concorrida. Na verdade, o assédio em torno do escritor francês deu-se bem mais por parte dos jornalistas, de alguns acadêmicos e do Barão de Rio Branco, no dia após o cerimonial na ABL. A fala “O

³¹ OAKLEY, Robert. *Lima Barreto e o destino da literatura*. São Paulo: Editora da Unesp, 2011, p. 03-4.

³² Idem, p. 04.

³³ Idem, *Ibidem*.

³⁴ BARRETO, Lima. O destino da literatura. In: *Impressões de leitura*. Prefácio de Cavalcanti Proença. São Paulo: brasiliense, 1956, p. 52-3.

destino da literatura” é um documento cabal para a construção dessa pesquisa. Sendo assim, a análise desse texto será mais aprofundada em outros momentos desse estudo. Interessa aqui, por enquanto, a menção em torno da conferência de Anatole. Alusão que deve ser comparada com outra que figura também um dos artigos mais expressivos de Lima Barreto sobre o ofício do homem de letras.

Em “Literatura militante”, escrito datado de 1918, o escritor fornece aos leitores as diretrizes que embasam sua opinião sobre os laços existentes entre o artesanato literário e o engajamento:

A começar por Anatole France, a grande literatura tem sido militante.

Não sei (...) classificar a *Ilha dos Pinguins*, os *Bergerets*, e mais alguns livros do grande mestre francês, senão dessa maneira.

Eles nada tem de contemplativos, de plásticos, de incolores. Todas, ou quase todas as suas obras, se não visam a propaganda de um credo social, tem por mira um escopo sociológico. Militam.

Isto em geral dentro daquele preceito de Guyau que achava na obra de arte o destino de revelar umas almas às outras, de restabelecer entre elas uma ligação necessária ao mútuo entendimento dos homens.

Eu chamo e tenho chamado de militantes, às obras de arte que tem semelhante escopo.³⁵

Além de Anatole France, o escritor referencia mais duas das suas principais influências:

Hoje, quando as religiões estão mortas ou por morrer, o estímulo para elas é a arte. Sendo assim, quem, como eu literato aprendiz que sou, cheio dessa concepção, venho para as letras disposto a reforçar esse sentimento com as minhas pobres e modestas obras.

O termo “militante” de que tenho usado e abusado não foi pela primeira vez empregado por mim.

³⁵ BARRETO, Lima. Literatura militante. In: *A.B.C.*, Rio de Janeiro, 07/09/1918 ou Idem, p. 72.

O Eça, por quem não cesso de proclamar a minha admiração, empregou-o, creio que nas *Prosas bárbaras*, quando comparou o espírito da literatura francesa com o da portuguesa.

Pode-se lê-lo e lá o encontrei. Ele mostrou que desde muito as letras francesas se ocuparam do debate das questões da época, enquanto as portuguesas limitavam-se às preocupações de forma, dos casos sentimentais e amorosos e da idealização da natureza. Aquelas eram – militantes; enquanto estas eram contemplativas e de paixão.

Creio que temo não amar, tendo por ideal de arte essa concepção. Brunetiére diz em um seu estudo sobre a literatura que ela tem por fim interessar, pela virtude da forma, tudo o que pertence ao destino de todos nós; e a solidariedade humana, mais do que nenhuma outra cousa, interessa o destino da humanidade.³⁶

É preciso tecer aqui, a título de esclarecimento, algumas breves considerações sobre o conteúdo das obras de Anatole citadas nesse artigo de Lima Barreto. Em *Monsieur Bergeret à Paris*, de 1900, temos representada a saga de um errante professor que passa a ser perseguido pela população da capital francesa por causa de seu comportamento solitário e excêntrico. O narrador indica que grandes sofrimentos estão reservados para os homens que resolverem fazer uso da inteligência reflexiva. O sábio Bergeret é um melancólico filósofo que, apesar do estilo de vida estoico que leva e de ser alvo de constantes hostilidades, por parte dos franceses, não abre mão – apesar do desencanto que lhe é intrínseco – do que chama de as alegrias do compreender. O Sr. Bergeret e seu cão, Riquet, são protagonistas de uma verdadeira odisséia intelectual. Na medida em que o sábio elabora reflexões sobre o Estado e a religião, Riquet também dissecar o caráter humano observando o comportamento de seu dono.³⁸ Sem temer aqui fazer uma afirmação exagerada, essa obra é uma das mais sutis e engenhosas denúncias sobre os preconceitos dos homens encontradas na literatura moderna.

³⁶ Idem, p. 73-4.

³⁸ Cf. FRANCE, Anatole. *Monsieur Bergeret à Paris*. Paris: Calmann Levy, 1900.

L'île des Pingouins [*A Ilha dos Pinguins*] é uma obra escrita em 1908. Trata-se de uma obra satírica na qual Deus se vê obrigado a transformar os pinguins de uma isolada colônia em pessoas por causa de um batismo accidental feito por um velho missionário chamado Padre Mael. Conforme os pinguins vão aprimorando sua cultura, práticas como se alimentar, defecar ou se reproduzir começam a se tornarem tabus. Anatole France coloca os leitores diante de uma pitoresca história da evolução de uma comunidade humana. Por meio dessa fábula, o autor busca expor ao ridículo a lógica das convenções sociais, os preconceitos, as iniquidades e as perversões das civilizações ocidentais.³⁹ Temáticas como as proibições de certos hábitos, o desenvolvimento de uma nobreza, bem como da propriedade privada, transformam esse livro em um libelo contra as injustiças e o antisemitismo velado da sociedade francesa no limiar da *Belle Époque*. O artigo “Literatura militante” é também, praticamente, uma homenagem ao historiador, jornalista e escritor português Carlos Malheiro Dias, mas também um ajuste de contas com as opiniões expressadas pelo lusitano no artigo “À margem do último livro de Anatole France”, publicado naquele mesmo ano. Malheiro Dias residiu, primeiramente, no Rio de Janeiro entre 1893 até 1896. Após ter sido duramente criticado pelo romance naturalista *A mulata*, de 1896, cuja protagonista da trama é uma prostituta, retorna para Portugal e milita pelo monarquismo, ocupando o cargo de deputado de 1897 até 1910. Com o advento da Proclamação da República Portuguesa retorna para o Rio de Janeiro e vive na cidade de 1910 até o ano de 1935, onde frequenta a Confeitaria Colombo e se reconcilia com os acadêmicos brasileiros.⁴⁰

Toda essa reflexão, sobre a finalidade política da literatura, é pensada a partir de uma conversa delongada entre esses letrados em via pública que surpreende o próprio Lima Barreto, pois o mesmo destacou que Malheiro Dias “falou-se muito naturalmente e o homem que eu pensava ter todo o escrúpulo em trocar quatro palavras comigo (...), parece-me querer que me demorasse com ele a conversar”⁴¹. Nos quadros da Primeira República, citar o nome de Anatole France, nas confeitarias, salões, cafês, grupos literários e saraus era um hábito entre

³⁹ Cf. FRANCE, Anatole. *L'île des Pingouins*. Paris: Calmann Lévy, 1908.

⁴⁰ Cf. NUNES, Teresa. *Carlos Malheiro Dias: um monárquico entre dois regimes*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2009.

⁴¹ BARRETO, Lima. Literatura militante. In: Op. Cit., p. 71.

escritores dos mais diversos matizes e a leitura das obras desse romancista foi fundamental para o processo de maturação intelectual do autor de *Isaías Caminha*.

O artigo “À margem do último livro de Anatole France”, citado por Lima Barreto, encontra-se na edição de nº 12380, datada de 2 de setembro de 1918, de *O Paiz*. O exemplar que se encontra nos acervos da Biblioteca Nacional está bastante deteriorado pela ação do tempo e, justamente, na borda em que está situado o texto de Malheiro Dias, alguns trechos desse escrito são incompreensíveis por causa da oxidação e rasuras do documento. Porém, de modo geral, temos nele expressadas as seguintes ideias:

A aura gloriosa e nos nossos tempos incomparável de Anatole France servirá grandemente aos historiadores futuros para elaborarem uma opinião judiciosa sobre o bom gosto das elites sociais nossas contemporâneas; e digo “sociais” porque será prova de inércia imaginar que as centenas de milhares de volumes de suas obras foram exclusivamente adquiridas pelos literatos aprendizes, militantes e honorários.

A democracia, como outrora religião, ao ter invadindo os domínios da arte, desviaram-na [sic] das suas nobres preocupações estéticas e associara-a a causas de interesses transitório e escravizara-a a paixões vulgares algumas vezes, degradantes. Os artistas foram obrigados a intervir em assuntos de natureza inestéticos, perderam a graça da forma, e a arte de escrever com elegância, regozijo e proveito entrou na decadência. O jornalismo, por sua vez, contribuiu para desnaturar uma nobre tradição mantida desde a antiguidade clássica por uma dinastia de grandes artifices das letras, substituindo às coroas de louros saborosamente conquistadas pelas falsas e efêmeras, mas estrondosas vitórias da publicidade e do escândalo.⁴²

⁴² DIAS, Carlos Malheiro. À margem do último livro de Anatole France. In: *O Paiz*. Rio de Janeiro, ano XXXIV, nº 12380, setembro de 1918, p. 04.

Esse acesso ao dizer do escritor português torna as razões que levaram Lima Barreto a contestar a concepção de literatura militante de Malheiro Dias mais inteligíveis. Existe um indisfarçável desdém de Dias pelos escritores militantes quando enfatiza que Anatole France não era lido apenas por esse segmento do *campo literário*.⁴³ As elites sociais é que parecem, de acordo com a ótica do lusitano, terem tirado melhor proveito dessa literatura em questão. E, no final do fragmento do artigo citado, parece que, ao invés de compreenderem o pensamento de France, os literatos engajados que enveredaram pelo jornalismo acabaram vulgarizando tanto as letras, bem como a profissão. Desse modo, esperando não fornecer aqui ao leitor uma análise inerte, essa interpretação do teor das ideias de Anatole France feita por Malheiro Dias, realmente, é bastante controversa.

Para Lima Barreto, política e estética não eram esferas incompatíveis como o são para Malheiro Dias. Muito pelo contrário. Ambas as manifestações estavam entrelaçadas com anseios humanos concretos e a arte não devia ser tratada como uma dádiva relegada para alguns raros eleitos pertencentes aos segmentos sociais dominantes. Para fundamentar melhor essa opinião, em “Literatura militante”, o literato carioca recorreu ao pensamento de mais dois intelectuais franceses,

A obra de arte, disse Taine, tem por fim dizer o que os simples fatos não dizem. Eles estão aí, à mão, para nós fazermos grandes obras de arte.

Eu me atrevo a lembrar ao senhor Malheiro Dias que a grande força da humanidade é a solidariedade.

(...)

Creio que temo não amar, tendo por ideal de arte essa concepção. Brunetière diz em um seu estudo

⁴³ O sociólogo Pierre Bourdieu criou o conceito de *campo literário* ao analisar o panorama artístico da França da segunda metade do século XIX. A partir dos projetos de Flaubert, Baudelaire e do pintor impressionista Manet, voltados para a profissionalização do ofício do artista, o autor de *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*, obra publicada no Brasil em 1992, salienta que o vulto do homem de letras moderno é oriundo de uma série de confrontos travados entre os escritores que defendiam a incompatibilidade entre arte e dinheiro e aqueles que queriam viver por meio do exercício da arte, sendo financiados para isso, sem comprometerem a liberdade de suas opiniões. O campo literário moderno, nesse sentido, não foi apenas estabelecido pelos embates entre os escritores estetas e os militantes; ele também instituiu novas motivações simbólicas – ser considerado um gênio ou um formador de opiniões, por exemplo – que levam um indivíduo a se afirmar como agente cultural, ou seja: um autor.

sobre a literatura que ela tem por fim interessar, pela virtude da forma, tudo o que pertence ao destino de todos nós; e a solidariedade humana, mais do que nenhuma outra cousa, interessa o destino da humanidade.

(...)

Ligeiramente, fazendo todas as citações de memória é o que posso dizer sobre o que seja literatura militante.⁴⁴

Segundo Afonso Henriques, o historiador e crítico literário Hippolyte Taine (1828-1893) foi “um autor claro, profundo e autorizado”⁴⁵ lhe esclarecer o que é o belo na arte, bem como o escritor Ferdinand Brunetière (1849-1906) o inspirou a usar a literatura como um instrumento de interpretação da sociedade. Essa perspectiva é mais detalhada na conferência “O destino da literatura”:

A Beleza, para Taine, é a manifestação, por meio dos elementos artísticos e literários, do caráter essencial de uma idéia [sic] mais completamente do que ela se acha expressa em fatos reais.

Portanto, ela já não está na forma, no encanto plástico, na proporção e harmonia das partes, como querem os helenizantes de última hora e dentro de cuja concepção muitas vezes não cabem as grandes obras modernas, e, mesmo, algumas antigas.

Não é o caráter extrínseco de obra, mas intrínseco, perante o qual aquele pouco vale. É a substância da obra, não são as suas aparências.

Sendo assim, a importância da obra literária que se quer bela sem desprezar os atributos externos de perfeição de forma, de estilo, de correção gramatical, de ritmo vocabular, de jogo e equilíbrio das partes em vista de um fim, de obter unidade na variedade; uma tal importância, dizia eu, deve residir na exteriorização de um certo e determinado pensamento de interesse humano, que fale do problema angustioso do nosso destino

⁴⁴ BARRETO, Lima. Literatura militante. In: Op. Cit., p. 73-4.

⁴⁵ BARRETO, Lima. O destino da literatura. In: Idem, p. 58.

em face do Infinito e do Mistério que nos cerca, e aluda há questões de nossa conduta de vida. É, em outras palavras, o parecer de Brunetière.⁴⁶

Taine e Brunetière também foram colocados ao lado de Anatole France pelo autor de *Clara dos Anjos* de modo a compor uma tríade que legitima a sua visão sobre as ligações entre arte e engajamento. Recorrendo novamente ao inventário da “Limana”, pode-se ter uma ideia mais exata das obras que Afonso possuiu desses dois primeiros críticos aqui mencionados. Na primeira estante, na segunda prateleira, em uma sessão destinada aos livros encadernados, estão registradas as seguintes obras de Taine: *Vie et opinions de F. T. Laboulaye*; *Nouveaux essais de Critique et d'Histoire*; *Philosophie de l'Arte*, em dois volumes; *La Littérature Anglaise*, em cinco volumes e *Origines de la France Contemporaine*, em quatro volumes.⁴⁷ No tocante a Brunetière, na segunda estante, localizada na terceira prateleira, encontrava-se um exemplar do livro *Littérature Française*.⁴⁸ Nesses termos, o que significava ter como referências Taine e Brunetière, além de Anatole France, em um contexto histórico no qual Paris ocupava o lugar de epicentro da cultura impressa ocidental?

As reflexões de Michel Winock⁴⁹, em *As vozes da liberdade: os escritores engajados do século XIX*, podem auxiliar na construção de uma resposta para esse questionamento. De 1815 até 1885, foram implantados seis diferentes regimes administrativos na França: o efêmero ressurgimento do Império; a Restauração; a Monarquia de Julho; a II República; o Segundo Império e a III República. Com muita erudição e usando correspondências, romances, iconografias, revistas literárias, crônicas jornalísticas e libelos como fontes, Winock fez uma densa pesquisa – são quase mil laudas de texto – sobre as razões que levaram literatos (as) e letrados como, por exemplo, Madame de Stäel, Guizot, Victor Hugo, Stendhal, Balzac, Michelet, Flaubert, Maupassant, Zola, entre tantos outros, a transformarem a literatura em ferramenta de crítica política.

⁴⁶ Idem, p. 58-9.

⁴⁷ Cf. Inventário da Limana. In: BARBOSA, Francisco de Assis. Op. Cit., p. 361.

⁴⁸ Idem, p. 370.

⁴⁹ Atualmente, Michel Winock é professor de História Contemporânea na *École de Sciences Politiques*.

Na França de 1871, após o Tratado de Frankfurt ⁵⁰ ser decretado, Taine tornou-se um intelectual que passou a simbolizar uma nova forma de tradicionalismo distante dos dogmas católicos e ancorado no positivismo, associado diretamente ao progresso republicano. Atuando em periódicos parisienses como *La revue des deux mondes* e *Journal des débats*, esse autor alcançou reconhecimento internacional com a obra *Histoire de la littérature anglaise*. De acordo com Michel Winock, nesta obra, Taine expôs,

Sua teoria dos três fatores gerais, próprios a explicar uma obra e um escritor: a raça (o conjunto dos caracteres hereditários impressos ao longo das gerações), o meio (as tradições, as crenças, a cultura regional) e o momento histórico (a época mais ou menos longa em que as forças primordiais se mantêm). Em outras palavras, a obra de arte não depende do acaso, ela é condicionada, determinada.

(...)

Nomeado professor de estética na Escola de Belas-Artes, em 1864, Taine é vivamente aplaudido na primeira aula e nas seguintes, por um auditório esclarecido que o saúda um dos mestres do pensamento moderno em ruptura com a ideologia vigente: o espiritualismo dominante. Quando o novo professor termina a aula inaugural, merece ser escoltado até o fiacre por estudantes entusiasmados, sob uma chuva torrencial. Seu curso sobre a natureza da arte retoma suas ideias-mestras: uma obra é sempre resultante de uma série de fatores que podem ser repertoriados: a raça, o meio, o momento – ideias

⁵⁰ O Tratado de Frankfurt foi firmado em 10 de maio de 1871, após a derrota francesa no contexto da Guerra Franco-prussiana. A Alemanha, representada pelo príncipe de Bismarck, estabeleceu que a vencida França, sob a presidência de Adolphe Thiers, ficava obrigada a pagar uma vultosa indenização ao império prussiano e ceder o território da Alsácia. A França conseguiu pagar a dívida antes do prazo estabelecido pelos alemães e isso garantiu a retirada das tropas germânicas do território francês em 1873. Porém, nesse contexto, prevaleceram vários ressentimentos nutridos pelos franceses, que consideraram o acordo firmado entre os dois países abusivo, contra a Alemanha.

que ele procura sistematizar em *De l'intelligence*.⁵¹

Em *História & modernismo*, a historiadora Mônica Pimenta Velloso teceu algumas esclarecedoras considerações sobre a circulação das ideias de Taine entre a *intelligentsia* nacional. De acordo com a autora,

Assim como os intelectuais latinos da geração de 1898, os brasileiros acreditavam-se investidos de ideias heroicas. O instrumental científico configurou-se como arma que garantia a passagem para a modernidade. Nessa conjuntura, os ideais de observação precisa e a laboriosa coleta de dados exerceram atração irresistível entre os estudiosos da cultura e da civilização. Inspirando-se nas teorias evolucionistas de Hippolyte Taine em *Histoire de la littérature anglaise* (1863), definia-se a brasilidade como resultado do meio físico-geográfico, da raça e do momento. A nacionalidade era matéria-prima, uma espécie de pedra bruta a ser trabalhada pelo saber científico das elites.

Várias análises historiográficas assinalam esse conjunto de ideias como prenúncio do autoritarismo que marcaria o pensamento político brasileiro. O período entre 1870-1914 foi considerado preparação do terreno para a modernização conservadora dos anos de 1930. (...) (...)

Se essa geração intelectual marcava-se pela tônica autoritária, é inegável a presença de uma sensibilidade modernista em relação ao entendimento de um *éthos* brasileiro. O povo brasileiro deixava de ser visto como algo abstrato e romantizado, apresentando-se como tema de ordem reflexiva. Nos cantos, nos contos, na poesia e nas danças o povo brasileiro começava a ser identificado na figura do indígena, no africano, no europeu e no mestiço. Em relação ao universo

⁵¹ WINOCK, Michel. *As vozes da liberdade: os escritores engajados do século XIX*. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p. 672.

conceitual da época, tais ideias significavam um avanço na interpretação da brasilidade. Mesmo de forma precária e contraditória reconhecia-se a perspectiva da multiplicidade.⁵²

Lima Barreto, nos textos aqui abordados nos quais recorre ao pensamento de Taine, se desvincilha dos elementos deterministas presentes nas teses desse intelectual francês e encontra nelas as bases para fundamentar seu realismo crítico. Em uma carta que enviou, em francês, para o sociólogo Célestin Bouglé (1840-1940), em 1906, o então jovem Afonso Henriques externou o quanto a leitura da obra *A democracia diante da ciência*, de autoria deste pesquisador francês, o impressionou. Afirmou ser editor de duas pequenas revistas e funcionário público da Secretaria de Guerra. No entanto, apesar de assegurar sua admiração por esse professor da Sorbonne, refutou o racismo também presente nas teses de Bouglé. Na missiva, o autor de *Gonzaga de Sá* salientou o seguinte,

Os grandes nomes atuais da literatura – Olavo Bilac, Machado de Assis e Coelho Neto – são mulatos. A corrente mulata já existe há século e meio (...). Temos tido grandes jornalistas mulatos: José do Patrocínio (também romancista), Ferreira de Meneses e Ferreira de Araújo, sábios, engenheiros, médicos, advogados, eruditos, juristas, etc.

Se desejar informações mais desenvolvidas, poderei fornecer-lhe em outra carta. Peço-lhe desculpas de me exprimir mal em sua bela língua, coisa que impus a mim mesmo para apontar certos juízos falsos com que o mundo civilizado envolve os homens de cor.

Espero, Senhor Bouglé, que o senhor saiba perceber nesta carta um desejo muito puro de verdade e justiça, que sai de uma pequena alma sofredora.⁵³

⁵² VELLOSO, Mônica Pimenta. *História & modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 42.

⁵³ BARRETO, Lima. Carta para Célestin Bouglé (s/d). In: *Correspondência: ativa e passiva*. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 158.

A minuta dessa carta foi compilada e traduzida por Francisco de Assis Barbosa, ao organizar os dois tomos da *Correspondência* de Lima Barreto. O texto original encontra-se na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional. Terá sido enviada, ficando o autor com uma cópia ou o mesmo acabou desistindo da empreitada? Como não existe nenhum registro de uma resposta, talvez o segundo postulado seja o mais plausível. No entanto, essa missiva foi citada porque ilustra bem uma importante questão: o pensamento de Lima Barreto não pode ser abordado como um tipo de espelho que apenas reflete as ideias de Taine, Brunetière e até mesmo em se tratando de Anatole France. Existe, portanto, um jogo muito complexo de apropriação e ressignificação entre os posicionamentos políticos e estéticos barretianos e a influência que recebeu desses cânones do pensamento modernista.

Sobre Brunetière, não existe uma análise mais detalhada ou síntese de suas ideias feita por Michel Winock em *As vozes da liberdade*. Esse crítico francês é evocado nessa citada obra apenas por meio de um virulento artigo que publicou, em *La Revue de France*, em 1875, no qual acusa Zola de ser um escritor obscuro e irreligioso.⁵⁴ Entretanto, uma palestra do jurista brasileiro Viveiros de Castro, intitulada “A Igreja e a civilização”, pronunciada no Colégio Diocesano, para uma turma de formandos em Direito, em 21 de novembro de 1915, pode ser reveladora em termos da importância que esse crítico literário possuía para muitos dos homens de letras da Primeira República.

Na ocasião, Viveiros de Castro fez a seguinte afirmação para os jovens bacharéis que estavam a lhe ouvir:

Outro preconceito que deveis repelir é a afirmação de que a nossa razão não pode admitir princípio algum que não esteja constatado pela observação. A Ciência não pode andar assim tão “terra a terra”: o nosso espírito deve voar mais alto, o raciocínio pode e deve tirar deduções que não podem ficar encerradas no campo experimental: a observação dos fenômenos serve apenas de auxílio para que possamos estabelecer as “leis” que os regem.

Reduzir o sábio ao papel de simples observador de fatos sucessivos, como observa Brunetière, é

⁵⁴ Cf. WINOCK, Michel. Op. Cit., p. 725.

coloca-lo no mesmo nível dos colecionadores de selos ou de conchas.⁵⁵

Embora ocupassem lugares sociais muito distintos, na *Belle Époque* carioca, Viveiros de Castro e Lima Barreto realizaram uma leitura semelhante de Brunetière. Ambos sugerem que uma das lições mais valiosas transmitidas pelo crítico francês é a de que o erudito pode se valer da sua sensibilidade e intuição para fomentar uma visão aprofundada de um acontecimento; de um fato.

Na obra *Études critiques sur l'histoire littérature française*, ao lançar uma série de reflexões sobre as obras de Descartes, Pascal, Marivaux, Prévost, Voltaire, Rousseau, classificados pelo autor como clássicos e românticos, Brunetière aplica esse método dedutivo para compreender o legado desses pensadores correlacionando, por exemplo, a literatura clássica francesa do século XII com o pensamento cartesiano. Seu pensamento postula, basicamente, que o saber encontrado no teatro, nas iconografias e na literatura pode auxiliar na construção do conhecimento científico. Apenas a partir do entrecruzamento entre a subjetividade e a racionalidade, a verdade adquire forma bela. De acordo com Brunetière, é dessa imbricação que surge “o complexo que faz parte da observação das coisas e do conhecimento da vida, chegando ao ponto da generalização necessária da verdade poética”⁵⁶.

Na primeira edição de *Histórias e sonhos*, publicada e editada por Gianlorenzo Schettino, em 1920, Afonso Henriques abre essa coletânea de contos com um breve ensaio intitulado “Amplius”, no qual escreveu o subtítulo: “Sim; sempre mais longe”⁵⁷. Nesse texto, o literato carioca evocou mais uma vez suas fontes francófonas de inspiração. Em “Amplius”, o autor frisou bem que não enxerga nenhum tipo de problema entre as relações mantidas por literatos e imprensa, pois “os chamados processos do jornalismo vieram do romance” e pode ser que “contribuam por menos que seja para comunicar o que observo; desde

⁵⁵ CASTRO, Viveiros de. A igreja e a civilização: discurso pronunciado no Colégio Diocesano como paraninfo dos bacharelandos de 1915. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, ano XXVI, nº 332, novembro de 1915, p. 09.

⁵⁶ BRUNETIÈRE, Ferdinand. *Études critiques sur l'histoire littérature française*. 6ª ed. Paris: Librairie Hachette, 1907, p. 15. [Tradução livre]

⁵⁷ BARRETO, Lima. *Histórias e sonhos*. Rio de Janeiro: Gianlorenzo Schettino, 1920, p. 07 ou BARRETO, Lima. *Contos completos*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 55.

que possam concorrer para diminuir os motivos de desinteligência entre os homens que me cercam”⁵⁸. Nesse sentido,

(...) todos os meios são bons quando o fim é alto; e já Brunetière me disse que o era, ao sonhar em esforçar-me, na medida das minhas forças, para fazer entrar no patrimônio comum do espírito dos meus contemporâneos, consolidando pela virtude da forma tudo o que interessa o uso da vida, a direção da conduta e o problema do nosso destino.⁵⁹

O triedro composto por Anatole France, Taine e Brunetière compõe um bem articulado alicerce em torno do qual Lima Barreto arquitetou sua visão sobre a finalidade da arte e do papel do homem de letras na sociedade. Mesmo que esses autores franceses tiveram suas singularidades, além de perfis intelectuais e políticos bem distintos, a verve mais voltada para a crítica literária de Afonso Henriques conseguiu estabelecer uma conexão entre as obras desses pensadores na medida em que os mesmos não se esquivaram do grande debate, entre os letrados, que marcou a transição do século XIX para o XX: a função do artista ou erudito no mundo republicano. Nesse sentido, é preciso discorrer mais um pouco sobre o fascínio que essa figura do escritor militante exerceu entre os letrados no contexto da *Belle Époque* tropical.

Em 1898, na França, Émile Zola toma partido – juntamente com Anatole France, que partiu em defesa do colega de letras – favorável ao capitão Alfred Dreyfus, acusado pela III República de ser um espião, infiltrado nas forças armadas francesas, a serviço da Alemanha. Dreyfus foi condenado ao exílio na Guiana. Zola e Anatole atacaram o nacionalismo e antissemitismo virulento do Estado francês e conseguiram sair vencedores da polêmica contra as autoridades e os detratores de Dreyfus que foi, mais tarde, perdoado e repatriado. É nesse contexto tenso, segundo Benoît Denis, que surge a figura moderna do intelectual ocupando o lugar “do árbitro e do franco-atirador, e usa da sua posição de exterioridade com relação à esfera política para proferir uma palavra ao mesmo tempo autorizada e carismática”⁶⁰.

⁵⁸ Idem, p. 59.

⁵⁹ Idem, ibidem.

⁶⁰ DENIS, Benoît. *Literatura e engajamento*: de Pascal a Sartre. Tradução de Luiz Roncari. São Paulo: Edusc, 2002, p. 210.

Os desfechos desses episódios que mobilizaram a opinião pública parisiense e os escritores, professores e jornalistas da *Belle Époque* exerceram um grande fascínio entre os intelectuais brasileiros. A prosa de Anatole France, em *Ilha dos Pinguins* e *Bergeret em Paris*, as obras citadas por Lima Barreto em “Literatura militante”, estão imbricadas com o caso Dreyfus e tiveram o propósito de demonstrar “quantas injustiças se cometem com facilidade e sem recurso possível, quando atingem os mais fracos e os menos aptos a se defenderem”⁶¹.

Nesse caso, as chaves de leitura fornecidas por Benoît Denis sobre o conteúdo dos romances de Anatole, que tanto marcaram a formação de Lima Barreto, fornecem aqui uma ideia sobre a importância da figura do intelectual militante, importada da França, na Primeira República. Também Edmund Wilson, em *Rumo à Estação Finlândia: escritores e atores da história*, endossa a premissa de que “Anatole France não representa apenas o empalidecimento do Iluminismo (...); ele nos mostra essa tradição em franca desintegração; e o que ele nos conta, com toda sua arte e seu espírito, é a história de um mundo intelectual cujos princípios estão se esfacelando”⁶².

As obras de Anatole foram tidas, portanto, como uma preciosa fonte de inspiração crítica para os dissidentes do filão dos intelectuais triunfantes da Primeira República, embora o escritor francês tenha se banqueteado com acadêmicos como João do Rio, o barão de Rio Branco, Rui Barbosa, Medeiros e Albuquerque e Olavo Bilac. Inclusive, para o último nome citado e intitulado príncipe dos poetas, o autor de *Bergeret* havia cometido um grande erro ao abandonar “a torre de marfim de seu Sonho” para “misturar-se à multidão dos que pelem nas ruas a batalha política”⁶³. Sendo assim, para Bilac, “Anatole France é hoje um dos muitos Don Quixotes desiludidos que enchem o mundo”⁶⁴.

A impressão que o contato com essas fontes, que dão uma ideia da importância desse literato europeu para leitores exigentes, no Rio de Janeiro do começo do século XX, transmitem é a de que Anatole foi aclamado pela cidade das belas letras por ter sido um dos grandes escritores que colaboraram para a instituição e profissionalização do ofício do homem de letras moderno. Nas falas de Malheiro Dias e Olavo

⁶¹ Idem, p. 221.

⁶² WILSON, Edmund. *Rumo à Estação Finlândia: escritores e atores históricos*. Tradução de Paulo Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 65.

⁶³ BILAC, Olavo. Crônica. In: *Kosmos*. Rio de Janeiro, ano II, nº 03, mar. de 1905, p. 04.

⁶⁴ Idem, p. 05.

Bilac, a face militante desse autor é criticada duramente para que se sobressaia o vulto do cânone; do grande erudito. Já para Lima Barreto, foi justamente pelo fato de ter abandonado a atmosfera perfumada dos salões literários franceses e se envolvido nas grandes questões políticas francesas, Anatole tornou-se um exemplo a ser imitado de escritor engajado.

Carlos Erivany Fantinati, em *O profeta e o escrivão: estudo sobre Lima Barreto*, iniciou seu livro elaborando uma discussão teórica sobre o conceito de intelectual militante. Herdeiro do legado iluminista, o escritor engajado busca provocar choques em seus leitores no intuito de transformar sua consciência social. A postura militante, portanto, para se efetivar necessita ser aprovada e reconhecida pela comunidade e pelos pares.

Nesses termos,

Embora o artista militante seja um contestador da sociedade e, por conseguinte, do sistema intelectual vigente, apresenta ele, em relação ao intelectual triunfante num sistema simbólico, um ponto comum, a saber, a busca de sucesso. Se a marca do artista que goza do beneplácito do campo intelectual é o êxito social, a necessidade imanente ao projeto do artista militante é a de uma recepção social positiva, facilmente compreensível se se atentar para o fato de que uma recusa social de sua obra significa para ele mesmo um sintoma de fracasso na tarefa que atribui a si mesmo.⁶⁵

Influenciado pelo pensamento de Pierre Bourdieu sobre as dinâmicas do campo intelectual e o processo de criação estética, Fantinati enfatiza que os recursos críticos usados pelos escritores dissidentes do *establishment*, como “a paródia, a sátira, a ironia e formas outras de destruição”⁶⁶, possuem a finalidade transformar a linguagem em uma verdadeira maquinaria de guerra contra os valores dominantes. O sentimento de desencanto com o presente pode reverberar na forma de um estilo profético ou apocalíptico de escrita.

⁶⁵ FANTINATI, Carlos Erivany. *O profeta e o escrivão: estudo sobre Lima Barreto*. São Paulo: Hucitec, 1978, p. 07.

⁶⁶ Idem, Ibid.

Desse modo, em *O profeta e o escrivão*, a postura messiânica assinalada em muitos dos personagens que habitam a ficção barretiana e que também é encontrada nos seus diagnósticos sobre a Primeira República é explicada como um empreendimento criativo e moral que visa entrelaçar a arte com orientações políticas bem definidas.

Sendo assim, é bastante significativa a epígrafe, datada de 1900, que é encontrada antes da primeira página do diário de Lima Barreto. O escritor transcreve o evangelho segundo São Mateus sobre a bem-aventurança dos que possuem fome e sede de justiça, além de um pequeno trecho de *El licenciado Vidreira*, de Cervantes, no qual um homem de letras dialoga com um cavaleiro e ressalta que os livros podem trazer tanta honra quanto a espada.⁶⁷ Mônica Pimenta Velloso salienta que a literatura desse escritor espanhol, principalmente a obra *Dom Quixote*, foi fundamental para embasar as críticas feitas pelos intelectuais da América Latina ao lado excludente da modernidade,

Transcontextualizado, atualizado e transformado em tipo caricatural, o personagem clássico de Cervantes consegue expressar uma das questões-chave do modernismo latino-americano: a posição outsider do intelectual e da nacionalidade. Na virada do século XIX, quando está em curso o modernismo da América hispânica são lançadas várias revistas, tendo como título D. Quixote e/ou Sancho Pança em Cuba, no Chile, na Argentina, no México. Também na Espanha e em Portugal proliferam essas publicações. Através delas percebe-se claramente o quanto fora difícil sustentar as teses iluministas da razão, do progresso e da alta cultura.

Os quixotes metaforizam uma situação de profundo incômodo e inadequação, expressando uma realidade de contrastes e ambiguidades. O personagem incorporava a oscilação entre os domínios da realidade e os da ficção, situação familiar ao cotidiano desses países.⁶⁸

⁶⁷ Cf. BARRETO, Lima. Epígrafe. In: *Diário Íntimo*. Prefácio de Gilberto Freyre. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 26.

⁶⁸ VELLOSO, Mônica Pimenta. Op. Cit., p. 37.

Ainda sobre o prefácio do volume de *Histórias e sonhos*, Lima Barreto busca dialogar com os leitores citando as cartas que recebeu e os jornais que veicularam pareceres críticos sobre o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, publicado, em versão completa, primeiramente em 1916. Acusado de possuir um estilo demasiadamente simples, quase coloquial, o próprio Lima Barreto afirma que almeja fazer desse prólogo uma “resposta mais ampla” para esse tipo de avaliação de sua obra e “detalhada para qualquer crítico ulterior”⁶⁹. Citando o escritor e crítico literário francês Sainte-Beuve, entusiasta do pensamento clássico e de sua ramificação na cultura moderna, Lima Barreto assume com todas as premissas sua implicância com os adeptos das belas letras, inspirados no classicismo grego, no cenário intelectual da *Belle Époque* tropical.

A missão do que Lima Barreto denomina de “escritores sinceros e honestos”⁷⁰, ao escrever o prefácio “Amplius!”, em sua antologia de contos *Histórias e sonhos*, é abandonar as convenções literárias tradicionais com suas regras e temas. Realmente, em face dos dramas humanos mais pungentes e das injustiças sociais que são perpetradas diariamente, o enredo de uma obra literária pautado em uma futrica sobre duas pessoas apaixonadas distancia a arte de uma finalidade utilitária. Porém, creio que esse texto de Lima Barreto é emblemático na medida em que temos o esboço do seu método de escrita que estaria pautado, justamente, em “sugerir dúvidas, levantar julgamentos adormecidos, difundir as nossas grandes e altas emoções em face do mundo e do sofrimento dos homens”⁷¹.

Nesses termos, portanto, pode-se notar que a história da reivindicação da autonomia do campo literário se confunde com a da invenção do intelectual aristocrático e incompreendido no começo da modernidade industrial. Por outro lado, os entusiastas da imagem do mosqueteiro intelectual conseguiram ampliar o campo de atuação do homem de letras para além do âmbito literário. O escritor anatóliano acredita que tem uma missão a cumprir e necessita, portanto, atuar nas esferas da vida política e jornalística.⁷² Em termos de criação cultural, como sugere Nicolau Sevchenko, a “ironia (...) de cunho social e

⁶⁹ BARRETO, Lima. *Histórias e sonhos*. Rio de Janeiro: Gianlorenzo Schettino, 1920, p. 07 ou BARRETO, Lima. *Contos completos*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 56.

⁷⁰ Idem, p. 58.

⁷¹ Idem, Ibid.

⁷² Cf. BOURDIEU, Pierre. Fundamentos de uma ciência das obras. In: *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 203-318.

reforçadora da solidariedade humana, como em Anatole France, encontraria o seu melhor realizador no Brasil em Lima Barreto”⁷⁴.

Nesse caso, as leituras realizadas pelos dissidentes da ABL das obras de France, como as de Afonso Henriques, foram bem mais coerentes com os ideais do literato francês do que as operadas pelos beletristas, como Malheiro Dias e Olavo Bilac que, embora fossem também – cada qual ao seu modo – engajados, acreditavam na bifurcação, rejeitada pelo próprio autor de *A ilha dos pinguins*, entre arte e política.

A literatura como sacerdócio

Dando continuidade às explanações tecidas até aqui, nesse tópico irei me ater a uma incursão que tem como foco analisar o impacto causado pelas ideias do historiador escocês Thomas Carlyle, entre os letrados da *Belle Époque* carioca, priorizando, evidentemente, os escritos de Lima Barreto nos quais essa influência é perceptível. De modo geral, trata-se de buscar contribuir para os debates sobre os contatos estabelecidos pela intelectualidade brasileira com literaturas estrangeiras no começo do século XX.

Na obra *Cultura e política*, o crítico literário Roberto Schwarz transitou, com grande desenvoltura, pelo campo da história das ideias para compreender o fenômeno da dependência nacional em relação aos ideais europeus em diferentes momentos da afirmação da brasilidade. De acordo com o autor, nomes como Joaquim Nabuco, José de Alencar e Machado de Assis ilustram uma “consciência teórica e moral”⁷⁵ de que o passado escravista e patriarcal do Brasil – recente, mas retoricamente considerado obsoleto – colocava sérios entraves para o implante de um regime efetivamente republicano no país.

Como consequência dessa contradição, os homens de letras brasileiros, da geração de 1870, adotaram os “argumentos (...) que a burguesia europeia tinha elaborado contra o arbítrio e a escravidão; enquanto, na prática, geralmente dos próprios debatedores, sustentados pelo latifúndio, o favor reafirmava sem descanso os sentimentos e as

⁷⁴ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 124.

⁷⁵ SCHWARCZ, Roberto. *Cultura e política*. São Paulo: Paz e Terra, 2005, p. 64.

noções em que implica”⁷⁶. Confrontado com uma realidade tão áspera, o liberalismo importado do Velho Mundo esbarrava nas práticas institucionais que ainda regiam a lógica senhorial da organização social e do *status quo* na Primeira República. Desse modo, ideias de autores europeus são defendidas ou refutadas em uma verdadeira barafunda ideológica mantida pelas elites nacionais.

No campo literário, de acordo com Schwarcz, esse ceticismo em torno do poder transformador do pensamento liberal margeia a configuração “caricata do ocidentalizante, francófilo ou germanófilo, de nome frequentemente alegórico e ridículo”. Esses personagens “ideólogos do progresso, do liberalismo, da razão (...) mostram-se alternadamente lunáticos, ladrões, oportunistas, crudelíssimos, vaidosos, parasitas etc.”⁷⁷. Porém, apesar da densidade teórica da obra *Cultura e política*, acredito que muitas desses ideários modernos não estavam apenas fora do lugar como sugere o autor. Na própria Europa, o alcance prático dessas ideias foi bastante limitado e a consciência desse fato também foi tido como motivo de desencanto entre os literatos.⁷⁸

Um dos grandes nomes entre os acadêmicos europeus do século XIX, Thomas Carlyle, detalhou as causas do mal-estar que se alastrou entre alguns intelectuais do Velho Mundo no limiar da modernidade. Ninguém melhor que o próprio Lima para ratificar o impacto que as ideias de Carlyle provocaram em sua concepção de arte. A obra *Os Heróis*, publicada, primeiramente, na Inglaterra em 1840, foi adquirida pelo autor de *Clara dos Anjos* e registrada na primeira prateleira da segunda estante da “Limana”.⁷⁹

Quando foi conhecer José Veríssimo pessoalmente, ao lado de Ribeiro de Almeida, Lima Barreto registrou em seu diário, em 5 de janeiro de 1908, o primeiro contato com o pensamento carlyliano: “agora mesmo acabo de ler o Carlyle, *Hero Worship*, no herói profeta, Maomé, que ele diz ser um sincero”⁸⁰. Em “O destino da literatura”, texto cujas circunstâncias de publicação já foram ressaltadas, a dívida do

⁷⁶ Idem, p. 67.

⁷⁷ Idem, p. 79.

⁷⁸ O próprio conceito de *desencanto*, abordado na “Introdução” desse estudo, foi discutido a partir das discussões de Edward Thompson sobre o teor político das correspondências, prosas e poemas de escritores ingleses do século XVIII. Sendo assim, a obra *Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária* porta uma discussão criteriosa que reforça o argumento que encerra esse parágrafo.

⁷⁹ Cf. Inventário da Limana. In: BARBOSA, Francisco de Assis. Op. Cit., p. 368.

⁸⁰ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*: memórias. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 125.

escritor carioca com o pensamento de Carlyle e com a noção do héroi intelectual é assumida com entusiasmo:

E o destino da literatura é tornar sensível, assimilável, vulgar esse grande ideal de poucos a todos, para que ela cumpra ainda uma vez a sua missão quase divina.

Conquanto não se saiba quando ele será vencedor; conquanto a opinião internada no contrário cubra-nos de ridículo, de chufas e baldões, o heroísmo dos homens de letras tendo diante dos olhos o exemplo de seus antecessores pede que todos que manejam uma pena, não esmoreçam no propósito de pregar esse ideal. A literatura é um sacerdócio, dizia Carlyle.⁸¹

Carlyle analisou como o heroísmo se manifestou em diversos aspectos ao longo da história da humanidade. Nesses termos, o héroi como divindade estaria representado no imaginário nórdico por meio da figura de Odin. O heroísmo profético foi incorporado pelo portador do islamismo: Maomé. Os hérois poetas são apresentados ao leitor a partir das obras do italiano Dante e do inglês Shakespeare. Os sacerdotes que foram considerados também hérois por esse autor foram os puritanos John Knox, da Escócia e Martinho Lutero, da Alemanha. O héroi como homem de letras é personificado por nomes como Samuel Johnson, Jacques Rousseau e Robert Burns. Por último, temos os herois reformadores, homens de ação política, projetados pelos vultos históricos de Oliver Cromwell e Napoleão Bonaparte. Esse erudito escocês, educado no seio de uma família calvinista, foi partidário de uma crença baseada na assertiva de que os poetas, reformadores, escritores e profetas estavam, igualmente, envoltos por uma aura mística.

A busca pelo saber e a entrega incondicional ao artesanato literário pode lançar o indivíduo em uma relação dramática e catastrófica com o mundo. Essa advertência é um dos cernes da obra de Carlyle, como se pode perceber na soturna advertência que direciona para os aspirantes ao mundo das letras: “o que os escritores de livros fazem no mundo e o que o mundo faz com os escritores de livros, devo

⁸¹ BARRETO, Lima. O destino da literatura. In: *Impressões de leitura: crítica*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 68.

dizer que: isso é a coisa mais anômala que o mundo ao presente tem para mostrar”⁸². Porém, procura consolar esse seguimento social afirmando que “o divino, não há dúvida, habita sempre (...) na literatura” e que “os livros são também a nossa Igreja”⁸³.

Para Carlyle, o sacerdócio literário cobra um alto tributo aos seus adeptos. Em face de um contexto marcado por um “utilitarismo, grosseiro e mecânico”⁸⁴, o ceticismo, sob a forma de uma paralisia moral do letrado, ou o espectro da miséria foram obstáculos constantes na trajetória dos seus heróis intelectuais. Lima Barreto adotou com fervor essa imagem do homem de letras como um herói decaído e criou uma ampla galeria de personagens que destoam bastante daqueles que protagonizam narrativas épicas e gloriosas.⁸⁵

No conto “O Profeta e o bloco”, até então inédito e publicado na recente edição dos *Contos completos*, em 2010, mais uma vez essa ponte entre as ideias barretianas e as de Carlyle é evidenciada. O enredo do escrito girou em torno de um diálogo entre o narrador e um misterioso beato:

Ao meu amigo Profeta, a quem não sei bem por que razão, teimei em tomar como meu espírito familiar, vim a encontrar outro dia depois de uma longa ausência de meses. Tenho pelas pessoas de sua condição um respeito religioso. Para mim, elas são como eleitas que a divindade visita para lhes fazer ver o mundo invisível por trás das coisas. Por isso, falei-lhe humilde, com a humildade com que me dirijo aos humildes privilegiados como o meu amigo profeta (...).⁸⁶

O restante dessa narrativa não datada constitui em diálogo entre os dois personagens sem muito nexos. O narrador pergunta ao profeta qual é a sua opinião em relação ao bloco. O andarilho responde por

⁸² CARLYLE, Thomas. *Os heróis*. 2ª ed. Tradução de Antônio Ruas. São Paulo: Melhoramentos, 1963, p. 153.

⁸³ Idem, p. 157.

⁸⁴ Idem, p. 165.

⁸⁵ Apenas citando aqui os mais célebres, pode-se mencionar Isaías Caminha, Policarpo Quaresma, Gonzaga de Sá e Fernando, do aterrador conto “Como o homem chegou”.

⁸⁶ BARRETO, Lima. O profeta e o bloco. [s.l.], [19__]. Orig. Ms. 3 tiras. *Fundação Biblioteca Nacional*/Mss 1-6,35,960 ou BARRETO, Lima. O profeta e o bloco. In: *Contos completos*. Prefácio de Lília Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 580.

meio de um vago frasear e o protagonista do conto passa a “amar aquelas respostas sem nenhuma ligação” com seu “propósito primeiro”⁸¹. Segue-se um diálogo vertiginoso, cujo desfecho culmina com a afirmação de que o narrador havia falado, inicialmente, em bloco no sentido “de uma agremiação política”⁸² e escuta a seguinte resposta do profeta: “É o mesmo: questões de física, química, sociais e artes correlatas”⁸³. Esse texto apresenta, sem dúvidas, uma composição inacabada. É um esboço. No entanto, a última assertiva desse enigmático vidente acaba convergindo para as analogias de Carlyle entre arte e política.

Carlos Erivany Fantinati não faz nenhuma menção ao citado conto ou a leitura barretiana de *Os heróis* em seu estudo. Para ilustrar o título da obra *O profeta e o escrivão*, esse crítico literário analisou o romance *Isaías Caminha* e a conferência “O destino da literatura”. A partir dessa comparação, sugere que – no mencionado romance de estreia – o escritor carioca se apropriou do nome do profeta bíblico conhecido pelo seu messianismo direcionado, principalmente, para orfãos, viúvas e pobres e do sobrenome do escrivão português que estava na esquadra cabralina e foi o primeiro a escrever, portanto, sobre o Brasil. Nesses termos, “a tradição messiânica judaico-cristã e a cultura européia (sic) aglutinadas no nome do protagonista” encarnam em uma criatura híbrida, “racialmente mestiça, culturalmente branca e socialmente negra”⁸⁵.

A chave de leitura fornecida por Carlos Fantinati é bastante complexa. Sua pesquisa ressalta a necessidade de se interpretar as *Recordações do escrivão Isaías Caminha* como um romance mais ficcional do que autobiográfico. Apesar de não ter abordado a influência de Carlyle no pensamento de Lima Barreto, a obra *O profeta e o escrivão* abre algumas possibilidades para se pensar como essa concepção da literatura enquanto sacerdócio influenciou as sociabilidades de Lima Barreto com outros escritores.

Nicolau Sevcenko, em sua criteriosa obra *Literatura como missão*, postulou que a linguagem barretiana mescla elementos “da teoria social reformista francesa, particularmente haurida de Lamnais e Anatole France (...), com o fundo cristão que animava (...) [essa]

⁸¹ Idem, Ibidem.

⁸² Idem, p. 581.

⁸³ Idem, Ibid.

⁸⁵ FANTINATI, Carlos Erivany. Op. Cit., p. 130.

corrente francesa”⁸⁸. A partir dessas considerações, considero pertinente mapear melhor a ocorrência de elementos religiosos presentes na concepção de Lima Barreto sobre a literatura. A influência de Carlyle também passou um tanto despercebida nessas citações sobre a cosmovisão barretiana e suas implicações místicas.

A literata carioca Albertina Berta enviou para a apreciação de Lima Barreto um exemplar do seu romance de estreia: *Exaltação*. O escritor carioca respondeu ao ato polido da *mademoiselle*⁸⁹ por meio de uma carta, datada de 31 de dezembro de 1916. De modo cortês, critica o que entendeu ser a principal falha desse livro: a falta de uma visão mais profunda sobre os problemas que afligem o grosso da sociedade. Segue abaixo a transcrição do trecho da missiva que interessa aqui,

O seu livro é bem um poema em prosa, e um poema de mulher, de senhora, pouco conhecedora da vida total, dos altos e baixos dela, da variedade de suas dores e das suas injustiças. Vivendo à parte, em um mundo muito restrito, a senhora, muito naturalmente, não podia conhecer senão uma espécie de dor, a dor de amar; e, dessa maneira, a senhora faz dela uma *Exaltação*.

Nada tenho a condenar o limite do direito de amar que a senhora defende. Se há quem tenha a respeito teorias mais radicais sou eu; mas, minha senhora, a literatura é um perpétuo sacerdócio, diz Carlyle, e desde que li isso, eu não me sento na minha modesta mesa para escrever sem que pense não só em mim, mas também nos outros. O que há de pessoal nos meus pobres livros (vou adiante da objeção) interessa a muita gente e isso, penso eu, me desculpa.⁹⁰

Talvez o juízo de valor negativo de Lima Barreto emitido sobre *Exaltação* tenha motivado a escritora a demorar quase um ano para

⁸⁸ SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit., p. 230.

⁸⁹ Albertina Berta de Lafayette Stockler nasceu no Rio de Janeiro em 7 de outubro de 1880. Faleceu em 1953. Era filha do Conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira e casou com Alexandre Stockler Meneses, membro do Partido Republicano. Daí pode-se comprovar seu nascimento e criação em “berço de ouro”. Além de *Exaltação* (1916), publicou *Estudos*, 1ª série (1920); *Voleta*, romance (1926); *Estudos*, 2ª série (1948) e *Ela brincou com a vida*, romance de 1948.

⁹⁰ BARRETO, Lima. Carta para Albertina Berta (31/12/1916). In: *Correspondência*: ativa e passiva. Vol. 1. Prefácio de Antônio Noronha Santos. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 284.

responder as críticas do autor. Em uma epístola datada de 26 de novembro de 1917, Albertina Berta pede desculpas ao literato pelo atraso na réplica alegando que “a vida intelectual é múltipla e imprevista, errante e fugidia”. Reforça a premissa de que contempla a existência “através da beleza do lirismo, dos apogeus” e que “na miséria, no sofrimento, na agonia extrema” vislumbra “o heroísmo, a abnegação, a paciência, o sacrifício”⁹¹. De todo modo, Lima Barreto deixou bem claro, mais uma vez, que a leitura de *Os heróis* foi essencial para o exercício de sua atividade intelectual.

É importante deixar aqui bem claro que esse contato com o pensamento de Carlyle, nos quadros da vida intelectual da Primeira República, não foi um privilégio reservado somente para Lima Barreto. Porém, existe um diferencial político na leitura barretiana de *Os heróis* que está diluído em sua ampla produção literária. Por exemplo, pode-se citar aqui uma alusão, de forma comparativa, a esse escritor escocês feita por um parnasiano. Coelho Neto, em uma sessão solene, em 14 de agosto de 1906, na sede da Academia Brasileira de Letras, citou a mencionada obra de Thomas Carlyle para homenagear o abolicionista José do Patrocínio (1853-1905).

Segue abaixo um recorte da longa apologética elaborada pelo autor de *A cidade maravilhosa*:

Patrocínio, ele o foi! Eu o conheci. Foi ele quem me guiou os primeiros passos no caminho áspero e sedutor das letras, não sem me haver, com lealdade, advertido dos perigos que me esperavam, abrindo meus olhos, cheios de ilusões, o roteiro aterrador em que ele próprio se perdeu.
(...)

Esse homem, impetuoso e meigo, fecundo à maneira do Sol e, como o Sol, abrasador, bem merecia um lugar no *Pantheon* dos Heróis de Carlyle, entre as duas teorias – a dos Poetas e as dos Sacerdotes, porque participava da natureza de ambos; era o vate. Escuro, se não era noite, também não era a manhã: era o dilúculo, anúncio da madrugada, divindade intermédia, símbolo da

⁹¹ BERTA, Albertina. Carta para Lima Barreto (26/11/1917). In: Idem, p. 285.

transição da treva para o esplendor, prelúdio d'alva.⁹²

O discurso continua com inúmeras referências ao imaginário clássico e embasado em torno de um preciosismo gramatical que exige uma grande atenção do leitor. Coelho Neto prossegue em seu decreto retórico e salienta que a trajetória biográfica do José Patrocínio foi uma “cruzada feita com o Evangelho e com a clava” protagonizada por um “ser estupendo em que se aliavam a misericórdia de Deus e a revolta de Satã”⁹³.

Enfim, o texto de Carlyle parece também embasar alguns bons argumentos para se consagrar um cânone. O herói intelectual de Coelho Neto é uma criatura mítica que vem para defender uma hierarquia para os escritores dentro da nova ordem política estabelecida. Nesses casos, como sugere Bourdieu, “o uso hermético, ou seja, antipedagógico, da linguagem” se torna uma “maneira de romper uma realidade social recusada”⁹⁴. Essa realidade negada pela cúpula da ABL foi aquela partilhada pelas pessoas que estiveram distantes de conseguir tirar algum proveito de decisões oficiais na Primeira República.

Outro desafeto literário de Lima Barreto, o médico Afrânio Peixoto, em uma conferência pronunciada na sede da Biblioteca Nacional, em 29 de setembro de 1914, citou Thomas Carlyle. Na fala intitulada “Aspectos do *homour* na literatura nacional”, o citado acadêmico frisa que o lado sarcástico da escrita desse autor europeu é resultante, sobretudo, da atmosfera fria e nebulosa da Inglaterra:

Nas terras nevoentas do norte, que obrigam a concentração melancólica e ainda dolorosa sobre si mesmo, se o espírito sobra para se distrair fora da utilidade cotidiana ou do termo de Deus, ou da morte, na outra vida, que deve substituir a esta triste provação que experimentamos, é um fogo escuro pela fuligem que o acompanha e provoca uma careta, picados os olhos e o nariz. Tempero acre que corrige as expansões do gosto, num

⁹² COELHO NETO. Resposta ao discurso do Sr. Mário de Alencar (14/08/1906). In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Discursos acadêmicos (1897-1919)*. Tomo I. Rio de Janeiro: Publicações da ABL, 2005, p. 233-4.

⁹³ Idem, p. 234.

⁹⁴ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 231.

pessimismo realista: é o *sal inglês*. Swift e Carlyle fazem rir com o canto da boca fechada, por onde também escorre, outras vezes, o excesso da bilis.⁹⁵

Dando prosseguimento a sua fala, Afrânio Peixoto, que palestrava por meio de um estilo mais inteligível do que o de Coelho Neto, estabelece que a sua versão do héroi intelectual possui uma verve satírica. O vulto que personificava, portanto, essa parábola era o do fundador da Academia Brasileira de Letras: o escritor Machado de Assis. Segundo o médico baiano, o autor de *Brás Cubas* foi “nosso grande e verdadeiro *humourista*”. Machado é evocado por Afrânio como o literato nacional que encarnou “esse fino *humour* anglo-saxônio de (...) Carlyle”⁹⁶. Porém, ciente de que os homens de letras, para esse pensador inglês, mantinham uma relação trágica com as sociedades, Afrânio Peixoto afirmou que a “inteligência sutilíssima e sensibilidade à flor da pele” de Machado de Assis não se desenvolveram mais porque foram “maltratadas pela consciência inicial de uma inferioridade da raça, e (...) pela malignidade da natureza, que o fez doente, de um mal implacável, que não perdoa, que humilha (...)”⁹⁷.

Sobre a doença citada, trata-se de uma referência a epilepsia que tanto fustigou o Bruxo do Cosme Velho. Nesse caso, é o próprio pensamento de Afrânio Peixoto que parece ter sido dilacerado em face do paradoxo de se admitir a genialidade do seu héroi intelectual, mesmo o considerado, dentro da lógica racista de seu raciocínio, produto de um meio e de um entrecruzamento degenerado. Desse modo, estabelecendo esse paralelo entre a visão do héroi intelectual para Coelho Neto e Afrânio Peixoto, pode-se perceber que os belletristas selecionavam os aspectos mais brandos das ideias de Carlyle para não caírem na contradição de defender um estoicismo incompatível com o prestígio social do qual gozavam.

O próprio memorialista Luís Edmundo, bem quisto entre a fina flor da sociedade carioca, ao descrever a ambientação das rodas literárias na Confeitaria Colombo, na área *chic* do centro do Rio de Janeiro, salienta que “a chamada geração de Bilac” era recebida, nesse estabelecimento, com “empadinhas de camarão, mães bentas, vinhos do

⁹⁵ PEIXOTO, Afrânio. Aspectos do *humour* na literatura nacional: conferência realizada a 29 de setembro de 1914. In: ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL. Vol. XXXVIII. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1920, p. 50.

⁹⁶ Idem, p. 55.

⁹⁷ Idem, p. 56.

Porto e Xerez”⁹⁸. No caso de Lima Barreto, seus hérois letrados foram bem mais configurados no plano fictício da sua obra e sua opção por uma concepção militante de literatura o levou a desconfiar, profundamente, das elites reformadoras de seu tempo.

No artigo “Histrião ou literato?”, publicado na *Revista Contemporânea*, em 15 de fevereiro de 1918, Lima Barreto evoca novamente o escritor britânico para polemizar contra Coelho Neto: um dos principais alvos de sua escrita ferina, ao lado de João do Rio. Esse texto é bastante significativo porque complementa o conteúdo da conferência “O destino da literatura” e do texto “Literatura militante” no sentido de fornecer ao leitor uma imagem sobre o que diferenciava, de acordo com o autor, um escritor ciente de sua função messiânica de um oportunista:

O Senhor Neto quer fazer constar ao público brasileiro que literatura é escrever bonito, fazer brindes de sobremesa, para satisfação dos ricos. Ele não quer que o público brasileiro veja no movimento literário uma atividade tão forte que possa exigir o desprendimento total da pessoa humana que a ele se dedique. Devia preferir, entretanto, ensinar aos brasileiros que a literatura é um sacerdócio. Está no Carlyle; e não cito em inglês para não aborrecer o Azevedo Amaral.

A missão da literatura é fazer comunicar umas almas com as outras, é dar-lhes um mais perfeito entendimento entre elas, é liga-las mais fortemente, reforçando desse modo a solidariedade humana, tornando os homens mais capazes da conquista do planeta e se entenderem melhor, no único intuito de sua felicidade.

(...)

Os literatos, os grandes, sempre souberam morrer de fome, mas não rebaixaram a sua arte para simples prazer dos ricos. Os que sabiam alguma cousa de letras e tal faziam, eram os histriões, e estes nunca se sentaram nas sociedades sábias...⁹⁹

⁹⁸ EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro de meu tempo*. Brasília: Senado Federal, 2003, p. 367.

⁹⁹ BARRETO, Lima. Histrião ou literato?. In: *Revista Contemporânea*. Rio de Janeiro, 15/02/1918 ou BARRETO, Lima. *Impressões de leitura: crítica*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 190-1.

O autor das *Recordações do escrивão Isaías Caminha*, conforme foi demonstrado ainda no tópico anterior, tinha um método recorrente do qual se valia para polemizar contra seus desafetos literários. Lima Barreto adentrava no território inimigo, isto é: no universo da cultura erudita, e de lá retornava com conclusões totalmente opostas em relação às que eram sustentadas pelos altos medalhões das letras nacionais.¹⁰⁰ Dentro da ótica barretiana, Coelho Neto representava, simbolicamente, a concepção elitista de arte na qual o artesanato literário era concebido como uma forma de pedantismo gramatical, de passatempo entre a alta sociedade ou como um instrumento para a legitimação do poder e dos preconceitos dominantes.¹⁰¹

Grande parte das reflexões suscitadas até agora foram também bastante inspiradas na obra *Lima Barreto e o destino da literatura*, de Robert Oakley. O citado crítico salientou que o autor de *Numa e a ninfa*, de fato, investiu muitas forças nesse uso da escrita como uma ferramenta a favor do mútuo entendimento entre a humanidade:

Desde os primeiros escritos até o fim da vida, Lima Barreto seguiu a máxima de (...) Carlyle: a paixão e a sinceridade humanas do artista são suficientemente impressionantes e contagiantes para modificar a cosmovisão dos destinatários de sua obra profética e para promover a solidariedade humana. Não há dúvida de que Lima Barreto escreveu *Triste fim de Policarpo Quaresma* com paixão e compromisso; mas nesse processo, depois de ter transformado seu protagonista em um escritor apaixonado e engajado, à semelhança de seus primeiros romances, conduzi-lo em seguida para uma situação que demonstra como essa paixão e sinceridade comprometedoras o

¹⁰⁰ O historiador italiano Carlo Ginzburg, no ensaio “No rastro de Israel Bertuccio”, em *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, ficção*, publicado no Brasil em 2007, rebateu as críticas que lhe foram dirigidas por Eric Hobsbawm por meio de uma técnica de argumentação semelhante. Ao ser nivelado por Hobsbawm aos historiadores “pós-modernos”, aqueles que não distinguem entre história e ficção, Ginzburg afirma que, realmente, se ocupou desse debate por duas décadas, porém nas diversas incursões que realizou aos campos da arte e da literatura regressou deles com conclusões totalmente diferentes daquelas ostentadas pelos “pós-modernos”. De acordo com Ginzburg, “é importante distinguir entre realidade e ficção”, mas também “aprender a reconhecer quando uma se emaranha na outra”.

¹⁰¹ Cf. SILVA, Maurício. *A hêlade e o subúrbio: confrontos literários na Belle Époque carioca*. São Paulo: Edusp, 2006, p. 25-42.

destróem, assim que o destinatário de sua mensagem é obrigado a levá-lo a sério.¹⁰²

Segundo Oakley, o literato carioca tinha plena consciência de que, em face de um contexto político e social que favorecia comportamentos autoritários, arrivistas e levianos, essa literatura crítica tinha pouca eficiência transformadora. Esse crítico literário inglês analisou – por meio de um método erudito; caro aos bons trabalhos de história literária – os ecos do pensamento do autor de *Os Heróis* em obras como *Isaiás Caminha*, *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Uma iniciativa acadêmica inédita e que merece o devido reconhecimento.

Sobre as polêmicas barretianas contra Coelho Neto, é preciso levar em conta que mesmo a defesa de uma concepção de arte voltada para o sorriso da sociedade – conforme já foi apontado – possui conotações políticas profundas. Como esclarece o historiador Nicolau Sevcenko, a alta cúpula da Academia Brasileira de Letras, integrada também por Coelho Neto – líder da Liga da Defesa Estética – adotou para si o epíteto de mosqueteiros intelectuais. Sendo assim, “toda essa elite europeizada esteve envolvida e foi diretamente responsável pelos fatos que mudaram o cenário político, econômico e social brasileiro: eram todos abolicionistas, todos liberais democratas e praticamente todos republicanos”¹⁰³.

Voltando para a interpretação fornecida por Robert Oakley da literatura barretiana pode-se dizer que é do tipo imanente. Dito de outro modo, a citada pesquisa está ancorada nos domínios de experiências concretas que foram vivenciadas pelo ator histórico Lima Barreto. Porém, o centro do estudo desse crítico inglês é a compreensão da concepção barretiana de linguagem. Nesse sentido, a obra *Lima Barreto e o destino da literatura* está alicerçada em um procedimento que os filólogos costumam chamar de análise intertextual. O autor sugere, dentro dessa ótica, que “a prosa de ficção de Lima Barreto a partir da composição das obras cruciais de 1910-11 (...) vai torna-se uma meditação sobre o destino da inteligência”¹⁰⁴.

Certamente, um trabalho com um enfoque na formação intelectual desse escritor carioca não pode deixar de adentrar em uma

¹⁰² OAKLEY, Robert. Op. Cit., p. 96.

¹⁰³ SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit., p. 97.

¹⁰⁴ OAKLEY, Robert. Op. Cit., p. 115.

discussão tão atraente, mas repleta de muitas ciladas. Evitei a abordagem do teor ficcional da prosa de Lima Barreto até aqui para não construir uma reflexão mais próxima do campo da teoria literária do que da história ou até mesmo correr o risco de reproduzir os argumentos de Oakley. Optei, portanto, pelos textos do autor de *Histórias e sonhos* nos quais a influência de Thomas Carlyle aparece mediando suas sociabilidades intelectuais em cartas e motivando a lapidação de artigos polemistas, já que o autor de *Lima Barreto e o destino da literatura* priorizou a análise dos romances desse literato carioca.

É preciso reconhecer, contudo, que várias das reflexões sugeridas por Robert Oakley influenciaram essa parte desta pesquisa. Porém, tracei um caminho diferente do seu ao escolher confrontar fontes nas quais a noção de homem de letras como herói aparece tanto nos textos de Lima Barreto, bem como na fala de alguns dos seus desafetos literários. Nesse sentido, me apropriando aqui de uma fala de Roger Chartier, embora o diálogo interdisciplinar com a teoria literária seja fundamental, uma pesquisa de história cultural interessada nas relações entre leitura, literatura e sociedade precisa “romper com o conceito abstrato de obra e, da mesma maneira, com um conceito de autor abstrato, invariável ou universal, porque os lugares sociais ou as instituições nas quais os autores produzem obras são muito variáveis”¹⁰⁵.

Essa abordagem dos escritos aqui problematizados ainda precisa ser complementada com uma incursão pelas leituras de Carlyle realizadas por escritores brasileiros que foram próximos e possuíam afinidades políticas com Lima Barreto. Em 24 de janeiro do ano de 1905, o jovem Lima Barreto registrou em seu diário um encontro que teve o escritor gaúcho Alcides Maia (1877-1944) após uma tarde de estudos na Biblioteca Nacional. Ressalta que “o Alcides (...) é um inteligente rapaz, inteligência de bom quilate, dessas que não fazem coisas de raio, mas marcham lenta, seguramente, a deixar o sulco como uma relha no arado”. Destaca que conversaram “muito e agradavelmente”¹⁰⁶. Mais adiante, no dia 30 de janeiro do mesmo ano, Lima Barreto anotou que os citados escritores se encontraram para mais

¹⁰⁵ CHARTIER, Roger. Literatura e leitura. In: *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001, p. 89.

¹⁰⁶ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*: memórias. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 90.

uma conversa. Dessa vez, para que o literato rio-grandense escutasse uma leitura dos originais das *Recordações do escrívão Isaías Caminha*:

No sábado fui a casa do Alcides Maia ler o meu livro; acredito que fossem sinceros seus elogios que dele me fez, o que me anima a continua-lo; entretanto, o pensamento foi ainda pouco compreendido, eu o creio, porque ele me tenta a pôr nele um personagem que o livro não comporta. A leitura dos dois capítulos primeiros durou uma hora, e ele fez pequenas observações, emendando, que eu aceitei.

Cada vez mais simpatizo com esse Alcides. É inteligente, ilustrado, estudioso, delicado de sentimentos. Ele é muito diverso da maioria dos jornalistas e rapazes de letras com quem tenho relações. Não é que lhe falte orgulho, altaneria, Deus nos livre que ele não o tivesse. Tem-no, mais pautado, discreto; e nele esses sentimentos modelam sua melhoria. Acho nele dous (sic) pequenos defeitos: é jornalista e político. O primeiro é simplesmente um meio de vida, desculpa-se; o segundo é que não. Entretanto, como ele nascesse daquele fermentado Rio Grande e de família abastada, não poderia escapar a ela.¹⁰⁷

Esses laços estabelecidos entre Lima Barreto e Alcides Maia não tiveram um desfecho lá muito amistoso. O advento da publicação das *Recordações do escrívão Isaías Caminha* suscitou uma crítica demolidora ao livro por parte do literato gaúcho.¹⁰⁸ Em todo caso, interessa aqui explorar as semelhanças existentes entre o modo desses escritores de citarem *Os heróis* para compreender os quadros da vida literária na Primeira República. Como também se pode notar, nas anotações feitas em seu diário, nem os próprios amigos do autor de *Clara dos Anjos* eram resguardados de um ou outro chiste mais ácido.

De fato, Maia atuou como um jornalista e escritor, contista e romancista, influenciado pelo realismo/naturalismo. Sua obra contribuiu para forjar uma imagem tradicionalista do gaúcho. Seus personagens

¹⁰⁷ Idem, p. 95.

¹⁰⁸ Cf. Julgamentos. In: BARBOSA, Francisco de Assis. Op. Cit., p. 172-86.

habitam paisagens típicas da região rio-grandense de Campanha, preenchidas pelo galpão, estância, peões e gado. Foi também um militante influente do Partido Republicano. Em 23 de maio de 1914, escreveu um artigo de extensão considerável para a revista *Careta*, assinado com o pseudônimo de Guys.¹⁰⁹

Na coluna “Reticências”, Alcides escreveu as seguintes considerações:

Intellectuaes no Brasil...

A expressão faz sorrir. Na América, incluindo a do Norte, não há povo que possua uma flor de cultura digna de emular com a nossa... e, no entanto, em nenhum ponto cisatlântico as letras são tão desprezadas quanto aqui...

Bem sabemos que nosso caso apenas tem agravantes: é idêntico através do Ocidente...

Coube-nos, aos artistas, pequeno quinhão nas reformas operadas pelo *terceiro-estado* (sic), somos profissionais, exercemos função regular na sociedade, conquistamos também a nossa categoria burguesa. Desde os primórdios do século XIX, um vasto leitorado *anonymo* apareceu a exigir contos, novelas, dramas. Criaram-se mercados de livros, organizou-se uma crítica de tarifas e os produtores foram submetidos à lei da oferta e da procura.

(...)

Assaz eloquente é, ao mesmo tempo, a melancolia de Balzac: “a lenta execução das obras-primas, exclamou em hora de cansaço, exige avultada fortuna ou o sublime cinismo de uma vida miserável”.

Mas, o gosto das multidões evoluiu, requintou-se; as edições multiplicaram os milheiros de

¹⁰⁹ Ao estudar a importância das ideias de Alcides Maya durante o processo de construção do regionalismo gaúcho, na Primeira República, Marlene Medaglia Almeida, em *Na trilha de um andarengo: Alcides Maya (1878-1944)*, esclarece que a prosa ficcional desse autor não faz incursões ao passado colonial do Rio Grande do Sul por uma mera questão de nostalgia. De acordo com a autora, esse escritor fez também uma “denúncia da crítica situação vivida pelo trabalhador rural rio-grandense, em especial aquele vinculado ao latifúndio pastoril”. Cotejando um diálogo entre a atuação jornalística e os romances produzidos por Alcides Maya, é Marlene Almeida quem esclarece que os escritos assinados por Guys, em a *Careta*, foram feitos por esse escritor gaúcho que manteve muitos vínculos com o Rio de Janeiro.

exemplares; houve momento em que a procura sobrepujou a oferta; e, pode dizer-se, os princípios de beleza, na prosa de ficção, como os programas de partido de política, passaram a consular as vozes públicas...

Há engenhos que resistem a esse regímen, mas, a que preço! Avaliou-o o grande Carlyle nos *Heróis*, ao tratar dos homens de letras em face do atual utilitarismo, cujo aceno é o bater à bolsa (...). Seres infelizes, acurvados ao peso da mediania coletiva e que apresentam no gigante da *Comédia Humana* o seu símbolo vivo, de Atlas sofrendores! (...)

Há, no Brasil, quem assalte as letras como meio de entrar na Diplomacia ou de forçar o Congresso Nacional...

Cousas piores...¹¹⁰

Uma questão de recorte motivou à exclusão de alguns trechos desse texto e, consequentemente, o aumento de suas reticências. Entretanto, selecionei os dizeres de Alcides Maia que apontam com mais veemência em direção ao pressuposto de que os espectros da pobreza, bem como da perda da liberdade de opinião e a ocupação do lugar de homem de letras por especuladores de todo tipo assombravam, igualmente, desde um romancista de origem abastada, mas de grande senso crítico, como o autor da coluna “Reticências”, até um Lima Barreto. Essas reflexões de Alcides Maia dizem muito sobre a controversa situação do homem de letras no Rio de Janeiro do começo do século XX.

José Veríssimo, um dos mais respeitados críticos literários da *Belle Époque* tropical, detalhou em um artigo para o *Jornal do Comércio*, em 25 de julho de 1900, uma das causas desse pessimismo que se alastrava entre os letrados. De acordo com o escritor, “o número de analfabetos no Brasil, em 1890, segundo a estatística oficial, era, em uma população de 14 333 915 habitantes, de 12 213 356, isto é, sabiam ler apenas 14 ou 15 em 100 brasileiros ou habitantes do Brasil”¹¹¹. Distantes, portanto, de serem inteligíveis para grande parte da sociedade

¹¹⁰ MAIA, Alcides (Guys). Reticências. In: *Careta*, Rio de Janeiro, ano VII, nº 309, maio de 1914, p. 07.

¹¹¹ VERÍSSIMO, José. Revista literária. In: *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano XLII, nº 4368, julho de 1900.

republicana – levando em conta o fato de que na época da publicação das “Reticências”, de Alcides Maia, essas proporções não haviam sido significativamente modificadas – a pose de letrado acabava mesmo, na maioria das vezes, servindo para propósitos, realmente, não muito nobres.

Daí considerações como as registradas no diário barretiano. O escritor carioca anotou que, em suas rodas de conversa na Rua do Ouvidor, conhecia indivíduos como Bastos Tigre: adepto da prática de usar “da literatura como um conquistador usa das roupas – adquirir mulheres, de toda a casta e condição”¹¹². Anos depois, no conto “Era preciso...”, publicado em 1915, Lima Barreto sugere que a fórmula ideal para alguém “fazer-se deputado embora não tivesse uma qualquer ideia política ou social a propor” era “tornar-se membro desta ou daquela sociedade sábia”, não precisando, necessariamente, demonstrar “qualquer forma de sabedoria”¹¹³.

Pode-se supor que as convergências entre as ideias sobre a função da literatura e do ofício do escritor entre Lima Barreto e Alcides Maia eram, portanto, sólidas. Em uma carta para Gregório da Fonseca (1875-1934), enviada do subúrbio de Todos os Santos para o bairro carioca Realengo, datada de 18 de novembro de 1906, Lima Barreto comunica a esse engenheiro militar, de aspirações literárias, que estava a meditar se “a ciência” e seus “juízos condenatórios não equivalentes a anátemas, a comunhões religiosas”¹¹⁴. E enfatiza: “comunica isso ao Alcides. Ele que é dado à ‘paleontologia espiritual’, com aquele osso que eu te dei lá acima, reconstituirá todo animal, que no caso é o meu opúsculo”¹¹⁵.

A percepção da literatura enquanto uma forma de sacerdócio é evocada por esses autores como um meio de delimitar uma fronteira em relação à imagem do escritor de “aristocrática distinção. (...) vestido de linho branco” e “camisa alva com punhos e colarinhos puros”¹¹⁶. Essa é a descrição do príncipe dos poetas da *Belle Époque* carioca, Olavo

¹¹² BARRETO, Lima. Op. Cit., p. 90.

¹¹³ BARRETO, Lima. Era preciso... In: *Careta*. Rio de Janeiro, ano VIII, nº 367, julho de 1915 ou BARRETO, Lima. *Os contos argelinos e outros textos recuperados*. Organização de Mauro Rosso. Rio de Janeiro: Editora PUC/RJ; São Paulo: Loyola, 2010, p. 151.

¹¹⁴ BARRETO, Lima. Carta para Gregório Ramos (18/11/1906). In: *Correspondência*: ativa e passiva. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 130.

¹¹⁵ Idem, p. 131.

¹¹⁶ RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994, p. 11.

Bilac, fornecida por João do Rio em sua obra *O momento literário*, publicada primeiramente em 1908.

Consolidando todo o esplendor do jornalismo cultural, na Primeira República, João do Rio entrevistou os principais integrantes dos salões literários da época e suas perguntas consistiam em buscar saber quais os principais autores que haviam contribuído para a formação intelectual dos seus entrevistados, bem como os mesmos percebiam a relação entre literatura e jornalismo. Bilac é um dos heróis poetas de João do Rio, pois é comparado pelo cronista aos grandes expoentes do lirismo clássico como Catulo, de Roma e Apuleio, de Cartago. Nas palavras do seu interlocutor, “é o portador do espírito da Hélade”¹¹⁷.

Na entrevista concedida para João do Rio, Olavo Bilac salienta que a enorme porcentagem de pessoas não letradas entre o total da população carioca é um dos principais entraves enfrentados pelos escritores que vivem na capital republicana. De acordo com o depoimento do poeta,

Todos os jornais do Rio não vendem, reunidos, cento e cinquenta mil exemplares, tiragem insignificante para qualquer diário de segunda ordem na Europa. São oito os nossos! Isso demonstra que o público não lê – visto o prestígio representativo gozado pelo jornalista. E por que não lê? Porque não sabe!¹¹⁸

A solução para essa conjuntura angustiante vivenciada pelos homens de letras, segundo Bilac, estaria na concessão de “prestígio oficial”. Amparado pelas instituições políticas do novo regime, “o artista, tendo-se deitado num grabato, acordará num leito de púrpura”¹¹⁹. Uma visão da situação bastante diversa da de Lima Barreto, que afirmou, em uma crônica de 1915, que os homens de letras “quando se fazem ministros, deputados, deixam de ser artistas ou, se continuam a sê-lo, são mediócrs homens de Estado”¹²⁰. Opinião essa que conflui

¹¹⁷ Idem, p. 13.

¹¹⁸ BILAC, Olavo. Entrevista concedida a João do Rio. In: Idem, p. 18.

¹¹⁹ Idem, p. 59.

¹²⁰ BARRETO, Lima. Não é possível. In: *Correio da Noite*. Rio de Janeiro, (28/01/1915) ou BARRETO, Lima. *Toda crônica*. Vol. 1. Organização de Beatriz Resende & Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004, p. 170.

para as preocupações externadas por Alcides Maia em seu artigo para o periódico *Careta*.

Nesse sentido, os acadêmicos da ABL também estavam envolvidos pelos debates sobre a função social da literatura. Dissidentes e beltristas possuíam plena consciência da situação contraditória que o letrado ocupava no âmbito da realidade de um país que dispunha de um parco contingente de leitores. Para os membros da ABL, o contato com o vulto de Anatole France legitimava a circulação de discursos sobre a face carismática, civilizada e cidadã do homem de letras brasileiro. As menções ao nome de Thomas Carlyle, na documentação aqui coligida, feitas por nomes como Afrânio Peixoto e Coelho Neto endossam solidariedades e sagrações destinadas aos pares e precursores do pensamento liberal no país, que passam a ser vistos como verdadeiros heróis nacionais.

Essas lideranças da *intelligentsia* brasileira, agremiadas em torno da República das Belas Letras, buscaram estabelecer laços e círculos de influências não apenas entre os pares, mas também junto às instituições oficiais estabelecidas pelo regime republicano. Ao mesmo tempo, demonstraram uma nítida preocupação com os índices alarmantes de analfabetismo que assolavam o Brasil. Além de se aliarem aos novos representantes do poder republicano, o filão dos intelectuais acadêmicos tentou trazer para seu lado a grande leva de analfabetos que abarrotava o país. Como ilustra o historiador Nicolau Sevcenko, por meio de uma poderosa metáfora, essa ambição nutrida pelos homens cultos “refletiu um estranho sonho de roubar o rebanho das velhas oligarquias ao estilo do lendário flautista de Hammerling”¹²¹.

Os dissidentes, entre os quais se encaixam Lima Barreto e Alcides Maia – embora esse último, mais tarde, tenha adentrado nos salões da Academia Brasileira de Letras – se apropriaram da leitura de *Os heróis* para exaltar a condição descrita por Carlyle do “pobre herói como homem de letras”, caracterizada por um penoso “trabalho, que significa dificuldades, dor, na medida plena de sua força”¹²². As defesas feitas por esse historiador britânico da independência intelectual, mesmo à custa das mais variadas penúrias, impressionaram o jovem Lima Barreto profundamente, mesmo sendo “uma independência rude e

¹²¹ SEVCENKO, Nicolau. O fardo do homem culto: literatura e analfabetismo no prelúdio republicano. In: *Revista de Cultura Vozes*. Rio de Janeiro, Ano LXXIII, nº 09, novembro de 1980, p. 82.

¹²² CARLYLE, Thomas. Op. Cit., p. 170.

obstinada; todo um mundo de sujidade, de rudeza, de privações e miséria, todavia cheio de nobreza”¹²³.

¹²³ Idem, p. 172.

CAPÍTULO IV: UMA PONTE ENTRE AS ESTEPES E OS TRÓPICOS*

Em russo, uma ação pode ser gentil e boa, ou cruel e má; uma música pode ser agradável e boa, desagradável e ruim, mas nunca podem ser belas ou feias.

Leon Tolstoi**

“A imortal literatura dos Turguenievs”

No capítulo anterior, busquei enfocar a importância que as leituras de textos de Thomas Carlyle, Anatole France, Taine e Brunetière tiveram para a construção do conceito de literatura militante que se encontra diluída ao longo das obras barretianas. Além disso, tracei um paralelo entre como essas imagens do intelectual enquanto herói e do escritor engajado foram recepcionadas também pelos belletristas. Nesse capítulo da tese, dando prosseguimento a essa forma de abordagem comparativa, creio ser necessário investigar os vínculos existentes entre a formação de Lima Barreto e as ideias de escritores russos a exemplo de Turgueniev, Dostoiévski e Tolstói.

É necessário tecer alguns esclarecimentos sobre as especificidades que acompanharam a circulação dos autores russos entre os intelectuais brasileiros. No artigo “Febre russa: a chegada de uma literatura arrebatadora no Brasil”, o historiador e crítico literário Bruno Barretto Gomide postula, de forma bastante esclarecedora, que a literatura eslava chegou aos trópicos por intermédio de tradutores e críticos franceses. Os homens de letras da França, a partir de 1880, uma década após ser estabelecida uma estratégica aliança política entre a França e a Rússia com a finalidade de inibir a expansão do império prussiano,

* A elaboração deste capítulo foi possível, em grande parte, devido aos diálogos sobre literatura e cultura eslava que mantive com Nikolai Seleznyov, historiador da Russian State University for the Humanities. Seus interesses pelos escritores brasileiros e os meus, pela importância da literatura russa no Brasil, suscitaram conversas enriquecedoras. No entanto, a responsabilidade pelos equívocos que posso ter cometido nessa parte do trabalho é inteiramente minha.

** TOLSTOI, Leon. *O que é Arte?*. Tradução de Bete Torii. São Paulo: Ediouro, 2002, p. 36.

Identificaram na literatura russa um solo fértil para apimentar as discussões artísticas de seu país. Em especial, acharam que aqueles artistas serviam como alternativa à literatura naturalista de Émile Zola (1840-1902), escritor que usava métodos de investigação científica para a elaboração de textos ficcionais. Passaram a apontar os russos como uma saída para os impasses da literatura do fim de século. Viam naquela ficção tão saborosa uma possibilidade de injeção de emoção no que consideravam um panorama excessivamente frio e cerebral. Por meio dos russos seria possível trazer novamente os mistérios da alma para a literatura.¹

É nesse contexto que esse país foi invadido por uma verdadeira leva de traduções dos principais escritores russos do século XIX. Nos arquivos digitais da *Russian State Library*², é possível ter contato com obras pertencentes a essa seara editorial. Por exemplo, a antologia de contos *L'ame russe* [A alma russa], foi publicada na França por Paul Ollendorf, em 1896, com textos de Puchkin, Gogol, Turgueniev, Dostoiévski, Garchine e Tolstói. Cada um desses autores é apresentado pelo crítico Eugène-Melchior Vogüe (1829-1916): principal difusor da literatura eslava nos salões parisienses. Vogüe elencou Puchkin enquanto o principal mestre da literatura russa e afirmou o seguinte sobre a obra desse literato em uma breve nota: “parece que sua inteligência, firme e serena, tem ligação com um generoso coração”³.

Na cosmovisão barretiana, o contato com as ideias do autor de *Crime e castigo* parece ter sido fundamental também ampliar a sua noção da condição humana. Ainda em 1908, em seu diário, Lima Barreto narrou um encontro casual que teve com uma jovem portuguesa de 24 anos que havia sido, antes de migrar para o Rio de Janeiro, cortesã na Europa. Ao ter ido até a residência de um amigo, o escritor encontrou apenas a amasia do confrade em casa. Ao ser convidado para entrar, em

¹ GOMIDE, Bruno Barretto. Febre russa: a chegada de uma literatura arrebatadora no Brasil. In: *Ciência hoje*: revista de divulgação científica da SBPC. Vol. 40, nº 236, abril de 2007, p. 28.

² Cf. www.rsl.ru (Acesso em 05/11/2013)

³ VOGÜE, Eugène-Melchior. Alexander Pouchkine. In: *L'ame Russe*: contes choisis de Pouchkine, Gogol, Tourguénev, Dostoïvsky, Garchine, Leon Tolstoi. Traduit par Léon Golschmann et Ernest Jaubert. Paris: Paul Ollendorff Éditeur, 1896, p. 04. [Tradução livre]

tais circunstâncias, relata que “ela sentou-se na minha frente, fumei desesperadamente e conversei. Nunca estive tão bem. Tenho vinte e seis anos e, até hoje, ainda não me encontrei com uma mulher de maneira tão íntima, de maneira tão perfeitamente a sós; mesmo quando a cerveja, a infame cerveja, me embriaga e me faz procurar fêmeas”⁴.

Ainda sobre essa ocasião, Lima escreveu o seguinte:

Eu a tenho observado muito e, com grande medo da minha inexperiência, eu a quero boa, doce, sem arrependimento, mas a desejar um casamento que a nobilite e eleve. Quando saio de sua casa, depois de sua ingenuidade, depois de sentir que a prostituição lhe roçou de leve, posso dizer com M. de Vogüé, a respeito da *Casa dos mortos*, de Dostoiévski: fico contente em ver que a nossa humanidade vai melhor. Sinto por ela um cristal de pureza inalterável como núcleo eterno da pessoa humana, e que raramente ele se desagrega, mesmo sob as mais baixas degradações que possamos passar.

Essa rapariga que viu bordéis, ladrões, estelionatários, rufiões e jogadores; que se meteu em orgias; que certamente se atirou a desvios da sexualidade, aparece-me cândida, ingênua e até piedosa.⁵

Para a época em que essas linhas foram traçadas, apesar de uma ou outra entrelinha mais pudica e dessa descrição do cotidiano ter sido feita com elementos próprios de contos literários, temos uma reflexão repleta de sensibilidade acerca de uma mulher que, sem dúvidas, apesar do *status* de europeia, estava marginalizada pelos padrões de moralidade vigentes.⁶ Porém, o que vale salientar nessa passagem do diário barretiano é a comprovação de que, de fato, a imensa maioria dos textos desses autores eslavos chegou até os leitores do Rio de Janeiro, na Primeira República, em edições traduzidas para o idioma francês. A

⁴ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*: memórias. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 126.

⁵ Idem, p. 127.

⁶ Para uma visão mais detalhada sobre as representações da mulher nas obras de Lima Barreto, a partir da ótica de estudos mais voltados para as relações de gênero, recomendo a consulta de LEITÃO, Eliane Vasconcellos. *Entre a agulha e a caneta*: a mulher na obra de Lima Barreto. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.

biblioteca de Afonso Henriques continha exemplares dessas traduções francesas da literatura russa que, caso houvessem sido preservados, seriam considerados, atualmente, fontes de pesquisa bastante preciosas.

O inédito sucesso dos literatos e pensadores russos, oriundos de uma região da Europa considerada supostamente atrasada e bárbara – principalmente entre parisienses e italianos – resvalou nos países que vivenciavam a chamada “modernidade periférica”⁸. No âmbito nacional, houve uma tomada de consciência por parte “dos leitores brasileiros, de críticos e escritores” que passaram a enxergar na literatura russa, segundo Bruno Gomide, “um modelo, uma inspiração para ‘resolver’ as dúvidas tão antigas que eles tinham em relação à existência e à identidade de uma literatura brasileira”⁹. De forma semelhante aos dilemas enfrentados pelos autores russos, tendo de pensar na utilidade da arte em uma época na qual a imensa maioria das populações do leste europeu enfrentava os espectros da miséria e da repressão política, os literatos brasileiros também tiveram de refletir sobre contradições parecidas.

Um ponto de vista parecido também pode ser encontrado nas reflexões do filósofo Marshall Berman sobre as singularidades do que conceituou enquanto modernismo do subdesenvolvimento. Na obra *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*, Berman postula que a arte e a forma de pensar moderna foram geradas a partir da fusão entre estilos, ironia, empatia, romantismo e perspectiva crítica. De acordo com o autor, a cidade de São Petersburgo, onde residiram personalidades como Puchkin, Gogol e Dostoiévski, pode ser considerada um emblema dessa tendência estética porque, ao longo do século XIX, foi representada por romancistas e poetas russos em busca de explorarem os subterrâneos da experiência urbana.

Nesse sentido,

⁸ O conceito de modernidade periférica foi desenvolvido por Beatriz Sarlo para compreender o impacto que os símbolos do progresso causaram nas sensibilidades de intelectuais e artistas, de vanguarda, na Argentina das décadas de 20 e 30 do século XX. Nesse contexto, a autora privilegiou o estudo das relações afetivas entre os modernistas argentinos e a cidade de Buenos Aires. Fazer parte de uma modernidade periférica não era mera questão geográfica ou econômica. Significava também, como fizeram Roberto Arlt, Olivério Girondo, Raul González Tuñón e Alfonsina Storni, evocar temas estéticos transgressivos, como o consumo de entorpecentes, o erotismo e a boemia, bem como abraçar causas subversivas como estilo de vida. Cf. SARLO, Beatriz. *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. Tradução de Júlio Pimentel. São Paulo: Cosac Nayf, 2010.

⁹ GOMIDE, Bruno. Op. Cit., p. 30.

A angústia do atraso e do subdesenvolvimento desempenhou um papel decisivo na política e na cultura russa, da década de 1820 ao período soviético. Neste período de cerca de cem anos, a Rússia lutou contra todas as questões a serem enfrentadas posteriormente pelos povos africanos, asiáticos e latino-americanos. Podemos, pois, interpretar a Rússia do século XIX como um arquétipo do emergente Terceiro Mundo do século XX.¹⁰

Essa seara de escritores transformou a vida de pessoas anônimas – como baixos funcionários públicos, cortesãs, loucos ou operários – em temática literária. Os petersburguenses representados por esses autores são personagens quase sempre dilacerados pela consciência de que suas ânsias por liberdade iriam ser frustradas pelos ditames da sociedade mais hierarquizada da Europa. Daí a vaidade excessiva ocasionada pelos títulos de distinção ser tão ridicularizada, frequentemente, por Puchkin e Gogol. Nesse mesmo diapasão, por meio do romance *Gente pobre*, o jovem Dostoiévski tentou “dá voz aos funcionários pobres, porém a voz ainda é trêmula e vacilante”¹¹.

Segundo Marshall Berman, o desencanto e “a amargura” nutridos por essa geração de literatos diante das políticas feudais do governo, a partir de 1860, foram decisivos para “moldar a cultura e política russas dos cinquenta anos seguintes”¹². E, sem dúvidas, os ecos dessas desilusões não tardaram a reverberarem entre os mosqueteiros intelectuais da Primeira República.

Ainda em seu diário, Lima Barreto dá a entender que nutria curiosidades sobre o comportamento dos russos que aportavam no cais Pharoux, no Rio de Janeiro, com os quais travou algum tipo de contato. Bem antes do trecho citado no segundo capítulo, no qual o escritor relata o encontro com o editor Carlos Viana que estava acompanhado de um eslavo, em um trem¹³, em uma breve nota, de 1904, o autor de *Clara dos Anjos* registrou o seguinte: “Máximo Kovéski, russo ou polaco, doutor à última hora. Atrapalhado na colocação de sua tradução em

¹⁰ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Moisés & Ana Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 170.

¹¹ Idem, p. 199.

¹² Idem, p. 203.

¹³ Cf. BARRETO, Lima. Op. Cit., p. 88.

fascículos do romance do autor turquestânico Ralgoff. Vendeu um exemplar ao ministro russo”¹⁴.

Fato verossímil, esboço de uma personagem ou de um conto? Nesse trecho das suas memórias, Lima Barreto intercalou breves notas sobre acontecimentos cotidianos. Mesmo assim, é sinuoso fazer algum esclarecimento mais preciso sobre essa passagem porque, na documentação até aqui coligida – impressos e obras literárias –, não encontrei mais nenhuma menção ao nome de Kovéski. Entretanto, ao escrever essa passagem apenas com 23 anos de idade, pode-se deduzir que o interesse barretiano pelos russos perdurou ao longo de toda sua formação intelectual.

O total de quatro livros de Turgueniev (1818-1883), entre as prateleiras da “Limana”, é significativo.¹⁵ No entanto, referências mais específicas sobre esse literato russo entre a produção intelectual do autor de *Bagatelas* são escassas. Uma dessas alusões ao nome de Turgueniev pode ser encontrada no epistolário de Lima Barreto. Em uma carta, datada de 16 de abril de 1919, podem-se ler as seguintes linhas endereçadas para Afonso Henriques pelo então jovem escritor natalense Jaime Adour da Câmara (1898-1964): “o seu ideal de ideal de Arte é grandioso. Noto em seus trabalhos um sopro de genialidade que os anima e uma gradativa ascensão ao Belo e à Perfeição”¹⁶.

Lima Barreto, autor, inclusive, do conto “Apologética do Feio”, possivelmente achou essas afirmações exageradas. Ao responder essa epístola, sugeriu para Jaime Adour burilar mais seu estilo e não deixar o teor de suas convicções tão explícito em seus textos. A troca de cartas entre os dois escritores foi intensa ao longo do ano de 1919. O escritor carioca atuou como mediador para que alguns textos de Câmara fossem publicados em periódicos do Rio de Janeiro a exemplo da *Revista Contemporânea*. Foi em uma dessas missivas, relativa ao mês de julho de 1919, que Afonso destacou a importância de Turgueniev entre suas preferências literárias,

Lembro-me agora do teu livro a aparecer – *As variações do Belo*, etc. Espero-o brevemente.

¹⁴ Idem, p. 45.

¹⁵ Cf. Inventário da Limana. In: BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto* (1881-1922). 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959, p. 360-82.

¹⁶ CÂMARA, Jaime Adour da. Carta para Lima Barreto (16/04/1919). In: *Correspondência*. Tomo II. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 161.

Leia sempre russos: Dostoiévsky, Tolstoi, Turgueniev, um pouco de Górkí; mas, sobretudo, o Dostoiévsky da *Casa dos mortos* e do *Crime e castigo*.

Assim vou longe. Adeus.¹⁷

Entretanto, essa incógnita permanece para os interessados na literatura de Lima Barreto ou pela recepção dos autores russos entre os intelectuais brasileiros: o que significava ser um leitor de Turgueniev na Primeira República? Oriundo de uma família abastada, esse escritor russo recebeu uma excelente educação e viveu boa parte de sua vida em Paris. Seu enorme prestígio enquanto homem de letras foi sedimentado quando teve grande parte de seus escritos publicados pelo editor J. Hetzel, o mesmo de Victor Hugo (1802-1885).¹⁸ Quando criticou publicamente a novela *Exaltação* e os ensaios de crítica intitulados *Estudos*, de Albertina Berta, na *Gazeta de Notícias*, em 1920, Lima Barreto demonstrou que estava acompanhando o êxito literário desse escritor russo entre os intelectuais franceses. Apesar de ter pedido “desculpas à ilustre autora”, levando em conta a “delicadeza da oferta de ambos os seus livros”, Afonso afirmou que as reflexões de Albertina sobre literatura moderna não continham “referências ao romance russo, como já foi notado”. Tal constatação legitimou o refinado apontamento: “creio que a autora de *Estudos* não desconhece a influência dele sobre a novela francesa dos anos próximos. Até em Maupassant é bem sensível a influência de Tourguênèff [sic]”¹⁹.

O eixo que pode servir de denominador comum para o conjunto de obras de sua autoria encontradas na “Limana” reside na premissa de que *Une nichée des gentilshommes*²⁰ [Um ninho de nobres: costumes da vida provincial na Rússia]; *Fumée*²¹ [Fumo]; *Terres vierges*²² [Terras

¹⁷ BARRETO, Lima. Carta para Jaime Adour da Câmara (27/07/1919). In: Idem, p. 171.

¹⁸ Para mais detalhes sobre a relação de Turgueniev com os intelectuais franceses do século XIX, Cf. WINOCK, Michel. *As vozes da liberdade*: os escritores engajados do século XIX. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p. 723-26.

¹⁹ BARRETO, Lima. Estudos. In: *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, ano XLV, nº 298, outubro de 1920, p. 02 ou BARRETO, Lima. *Impressões de leitura*: crítica. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 121.

²⁰ Cf. TOURGUENIEV, Ivan. *Une nichée des gentilshommes*: mœurs de la vie de province em Russie. 6ª éd. Traduit par Dvoryanskoe Gnezdo. Paris: J. Hetzel, 1880.

²¹ Cf. TOURGUENIEV, I. *Fumée*. 6ª éd. Préface par Prosper Mérimée. Paris: J. Hetzel, 1880.

²² Cf. TOURGUENIEV, I. *Terres vierges*. 2ª éd. Traduit par Émile Durand-Greville. Paris: J. Hetzel, 1879.

virgens] e *Eaux printanières*²³ [Águas da primavera], são escritos calcados em análises políticas elaboradas no momento em que a Rússia enfrentava grandes tensões sociais internas.

A Santa Rússia Imperial Tzarista era mantida por um sólido sistema de castas e recebeu uma mítica fama ao longo do mundo ocidental por causa das proezas militares que protagonizou, como a expulsão das tropas de Napoleão I de seus territórios (1812). Em fins do século XIX, ao passo que as elites se orgulhavam do tradicionalismo existente no fato de serem governadas por três séculos pela dinastia dos Romanov, Daniel Aarão Reis Filho salienta que 80% da população – os camponeses [*mujiques*] e pequenos fazendeiros – lidavam com uma rotina marcada por “baixos índices de produtividade, altas taxas de exploração, miséria, fomes periódicas: a força do Antigo Regime, através das fronteiras do tempo, resistindo à modernidade capitalista e às reformas ocidentalizantes”²⁴.

Em meio a um verdadeiro turbilhão de movimentos grevistas, em cidades como Moscou e São Petersburgo, além de revoltas agrárias pelo interior do país, o conceito moderno de *intelligentsia*, tornado famoso em romances de Turgueniev, foi usado para designar homens e mulheres, independente de *status quo*, dotados de consciência crítica sobre o meio em que vivem. A noção russa em torno dessa expressão é bem delimitada pela ruptura que provocou em relação à imagem francesa do intelectual nefelibata: indivíduo bem asseado, portador de uma ampla erudição e ocupante de posições sociais de destaque.

O professor Neidanov, de *Terres vierges*, ilustra bem as contradições com as quais esse seguimento tinha de arcar no cotidiano. Essa personagem, apesar de “escrupuloso” e de “natureza idealista”, sempre “preocupado com questões políticas e sociais (...) e ideias avançadas”²⁶, para sobreviver, tem de contornar a repugnância que sente pela mentalidade conservadora das elites e ministrar aulas particulares para uma criança de origem aristocrática. O último romance de Turgueniev abordou, portanto, alguns dos choques de valores entre os seguimentos sociais que começaram a exercer profissões liberais e as classes senhoriais russas.

²³ Cf. TOURGUENIEV, I. *Les eaux printanières*. 6ª éd. Traduit par Veshiniia Vody. Paris: J. Hetzel, [s. d.].

²⁴ REIS FILHO, Daniel Aarão. As revoluções russas. In: _____. {et. al.}. *O século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 37-8.

²⁶ TOURGUENIEV, I. *Terres vierges*. 2ª éd. Traduit par Émile Durand-Greville. Paris: J. Hetzel, 1879, p. 40. [Tradução livre]

Em “O modernismo na Rússia (1893-1917)”, Eugene Lampert, renomado especialista em história dos intelectuais russos, fez uma leitura bastante impiedosa, porém verossímil, dessa *intelligentsia* formada por “comerciantes e suas proles”, além de “afetados cabelereiros de madames, telegrafistas e bancários que ocupavam (junto com os percevejos) os apartamentos das duas capitais, Moscou e São Petersburgo”²⁷. De acordo com o autor, os modernistas eslavos protagonizaram:

Uma procura crescente por produtos da subcultura e uma literatura barata. (...) Uniam-se no gosto generalizado por chocar o burguês: era um luxo, um tapa na cara, dar e receber prazer mas tornar desnecessária qualquer coisa além, entrar na dança e deixar tudo no lugar. Frequentemente eram confusos, desorientados e vulgares, mas tais qualidades não se restringiam apenas a esse meio. Também se encontravam entre aqueles artistas que evitavam essas panelinhas e elegiam como valor supremo a sensibilidade, a qual, quando levada além dos limites, soava igualmente falsa.²⁸

Além de *Terres vierges*, nas outras obras de Turgueniev catalogadas na Limana, fazendo aqui uma breve síntese, estão diluídas também reflexões críticas e irônicas sobre os interesses e as opiniões dessa vanguarda. Encontram-se, igualmente, descrições em torno da realidade feudal e agrária da Rússia, bem como representações sobre as insatisfações nutridas pelos camponeses e artistas contra as formas de dominação exercidas pelas altas castas dessa sociedade. Esse literato abordou, de forma muito original, a atmosfera nebulosa e violenta que pairou sobre as estepes devido ao acirramento dos ânimos entre os adeptos da modernização da Rússia e os tradicionalistas, partidários do tzarismo.

Aurora Bernardini, no artigo “Os escritores russos na época do populismo”, esclarece que o Turgueniev de *Terres vierges* esteve atento ao fato de que o fluxo de estudantes filhos de comerciantes,

²⁷ LAMPERT, Eugene. O modernismo na Rússia (1893-1917). In: McFARLANE, James & BRADBURY, Malcolm (Orgs.). *Modernismo: um guia geral* (1890-1930). Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 107-08.

²⁸ Idem, *Ibid.*

camponeses, artesãos, etc. nas universidades, outrora frequentadas apenas por aristocratas, favoreceu a germinação de ideários radicais que clamavam por mudanças políticas e sociais profundas. Conforme sugere Bernardini, “outro aspecto da *intelligentsia* captado por Turgueniev era a veneração pelas ciências, quase transformada em religião secular”. Em seus livros, encontram-se também muitos personagens com “tendência a reduzir todo o fenômeno biológico e social às categorias básicas e mecânicas”²⁹.

No primeiro esboço do romance *Clara dos Anjos*, escrito entre 1903 e 1904 – e publicado como parte integrante do *Diário Íntimo* – um diálogo entre dois personagens cultos exemplifica bem como Lima Barreto se identificou, profundamente, com essa desconfiança sarcástica em torno dos mitos propagados pela ciência moderna encontrada nas obras de Turgueniev. Esse trecho do romance e a personagem dr. Gomensoro foram suprimidos pelo próprio Lima Barreto na versão final de *Clara dos Anjos*, publicada somente em 1922.³⁰ Ao longo de uma viagem de trem pelos subúrbios cariocas, a conversa sobre as teorias raciológicas e o positivismo de Comte entre o filantrópico médico Gomensoro e um jovem arrivista, bacharel em Direito, chamado Alfredo, representa bem a ideia de que, para Afonso Henriques, o saber científico, ao invés de ser usado para o bem comum da humanidade, era empregado para autorizar preconceitos escusos.

O doutor Alfredo é da opinião de que os negros “eram inferiores, incapazes pra civilização” e pontua que essa forma de pensar foi “uma conquista da ciência. A Filologia, a Linguística, a Arqueologia, a Pré-História comprovam-na”³¹. Já Gomensoro discorda do seu jovem interlocutor e salienta que o progresso e o domínio da tecnologia em uma sociedade são fenômenos culturais: “a civilização não é intrínseca na raça, não depende...”³². Nesse momento da narrativa, o médico interrompe a conversa para prestar socorro, de forma voluntária, a outro passageiro que estava passando mal. Embora se trate de um texto experimental, Lima Barreto colocou em cena uma reflexão sobre diferentes visões da ciência em sua época. Os conhecimentos ostentados pelo bacharel Alfredo, por estarem comprometidos com os interesses

²⁹ BERNARDINI, Aurora. Os escritores russos na época do populismo. In: *Outra travessia*. Florianópolis, vol. 2, nº 07, 2008, p. 112-13.

³⁰ Cf. BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Prefácio de Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo: Brasiliense, 1956.

³¹ BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. In: *Diário Íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 253.

³² Idem, p. 255.

políticos dominantes, o desumanizaram. Já no gesto do médico Gomensoro, encontra-se uma ampla metáfora sobre as relações entre o saber e a solidariedade.

Ainda sobre o contexto no qual Turgueniev escreveu, vale salientar que uma parcela significativa de intelectuais russos aderiu a ideias revolucionárias embasadas na necessidade de uma reforma agrária, bem como da abolição da servidão. Porém, essa utopia igualitarista de distinguiu dos modelos em voga na Europa ocidental porque postulou que os camponeses deveriam se tornar, além de senhores das terras produtivas, donos também do próprio destino; livres da tutela do Estado. Havia pessoas, entre esses seguimentos estudantis, dispostas a praticarem atentados a bomba, incêndios e sequestros contra os nobres e também aquelas mais sintonizadas com discursos mais moderados – inspirados na tônica da socialdemocracia alemã. Nesse contexto, Turgueniev, demonstrou em suas obras, “cruamente”, que “o povo não só está distante dos conspiradores, não só não os entende, mas chega a denunciá-los para a polícia”³³.

Em *Literatura como missão*, Nicolau Sevcenko afirmou que essas leituras foram essenciais para Lima Barreto edificar seus anseios por uma ordem social na qual a solidariedade deveria se sobressair em relação aos valores instituídos pelo capitalismo, como, por exemplo, o egoísmo exacerbado e o exibicionismo. Acerca do pensamento barretiano:

A busca da solidariedade social implicaria antes um caminho de retorno e recuperação de disposições e condutas relegadas. Seu modelo, portanto, supõe o empreendimento da preservação dos valores da comunidade, de um mundo de relações estreitas e diretas entre os homens, sob o calor do contato físico e emocional. Uma ordem social em que o critério de verdade se assentasse sobre o primado das considerações éticas, condensadas estas em torno da noção de bem comum. Formas compostas de ponderações como essas, envolvendo elementos tradicionais e projeções futuras, Lima as *rebuscaria* em autores que viveram ou viviam ainda experiências semelhantes de resistência contra formas bruscas e

³³ BERNARDINI, Aurora. Op. Cit., p. 114.

repudiadas de mudança: (...) Dostoiévski, Tolstoi, Turgueniev, Anatole France (...).³⁴

Na tese de doutorado *Da estepe à caatinga: o romance russo no Brasil (1887-1936)*, Bruno Gomide esclarece que os romances de Turgueniev foram recebidos no âmbito nacional com enorme desconfiança ou ojeriza por leitores e escritores adeptos do positivismo e do liberalismo por terem sido associadas diretamente a propagação de ideários contestadores como o niilismo, o socialismo e o anarquismo. Essa literatura está repleta de personagens partidários de ideias radicais ou de filosofias pessimistas: “terroristas, revolucionários ou conspiradores, como quer que fossem chamados pela imprensa”³⁵.

Nesses termos, a recepção desse autor russo, no Rio de Janeiro, é consolidada junto à construção da imagem do escritor engajado vivendo “momentos agudos de crise e confronto com o Estado autoritário”, a lidar “com a sombra permanente do censor”³⁶. Essa projeção de Turgueniev, por parte dos dissidentes dos belletristas, é bastante romantizada. O autor de *Terres vierges*, apesar de ter escolhido abandonar a Rússia, depois de 1860, manteve um estilo de vida confortável em Paris durante boa parte de sua vida.

Em uma crônica publicada, originalmente, no jornal *A.B.C.*, em abril de 1918, intitulada “Volto ao Camões”, Lima Barreto assume o papel de crítico de teatro e fornece pistas sobre a apropriação que realizou de Turgueniev. Nesse texto, o literato carioca ataca ferinamente as peças de teatro escritas pelos portugueses Júlio Dantas e Antero de Figueiredo que estavam sendo apresentadas no Rio de Janeiro. O autor de *Histórias e sonhos* legitima suas críticas alegando que “o palco e o livro são tribunas para discussões mais amplas de tudo o que interessa o destino da humanidade”³⁷. Nesse caso, Lima emitiu uma opinião muito contundente sobre os dramas teatrais elaborados por esses escritores. Para o autor da citada crônica, a nostalgia desses teatrólogos pelo

³⁴ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 267. [Grifo meu]

³⁵ GOMIDE, Bruno. *Da estepe à caatinga: o romance russo no Brasil (1887-1936)*. Tese (Doutorado em História e Teoria Literária). Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004, p. 52.

³⁶ Idem, p. 53.

³⁷ BARRETO, Lima. Volto ao Camões. In: *Impressões de leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 164.

passado glorioso de Portugal era algo politicamente e artisticamente inócuo:

Entretanto, num país como o Brasil em que, por suas condições naturais, políticas, sociais e econômicas, se devem debater tantas questões interessantes e profundas, nós nos estamos deixando arrastar por esses maçantes carpidores do passado que bem me parece serem da raça desses velhos decrepitos que levam por aí a choramingar a toda hora e a toda tempo: “Isto está perdido!” No meu tempo as cousas eram muito outras, muito melhores!”.

E, por fim, citam uma porção de patifarias e baixeiras de toda a ordem.

Que Portugal faça isto, vá! Que lá ele se console em rever a grandeza passada dos lusiadas em um marquês que tem por amante uma fadista, ou que outro nome tenha, da Mouraria, concebe-se; mas que o Brasil o siga em semelhante choradeira não vejo porque.

É chegada, no mundo, a hora de retomarmos a sociedade, a humanidade, não politicamente que nada adianta, mas socialmente que é tudo.

Temos que rever os fundamentos da pátria, da família, do Estado, da propriedade; temos que rever os fundamentos da arte e da ciência; e que campo está aí para uma grande literatura, tal e qual nos deu a Rússia, a imortal literatura dos Tourguêneffs [sic], dos Tolstóis. Do gigantesco Dostoiévsky, igual a Shakespeare, e, mesmo do Gorki! E só falo nestes; ainda poderia falar em outros de outras nacionalidades como Ibsen, George Eliot, Johan Bojer e quantos mais? ³⁸

Como se pode perceber, ao lado de ícones das letras modernas como Tolstói e Dostoiévski, a escrita de Turgeniev serviu para Lima Barreto reforçar seu clamor por uma literatura iconoclasta e engajada com grandes causas igualitárias. O crítico literário Eugênio Gomes, no prefácio de *O cemitério dos vivos*, elaborou importantes reflexões sobre

³⁸ Idem, p. 165-66.

as relações entre a formação intelectual barretiana e a cultura impressa russa. Usando igualmente, como base para suas afirmações, o catálogo de livros da “Limana”, Gomes salienta que a transição do século XIX para o início do XX foi um período marcado pelo ecletismo “filosófico e estético que então predominava de modo sedutor e inelutável”³⁹. Nesse contexto, a obra de Turgueniev era considerada portadora de um “elemento agressivo e insólito (...), com ares de novidade”, porém ainda não “absorvido convenientemente”⁴⁰. Essa literatura parecia muito fascinante para idealistas que precisavam fundamentar teoricamente seus argumentos, bem como anseios por transformações sociais e os partidários, de última hora, de toda e qualquer corrente política libertária.

Segundo o prefaciador de *O cemitério dos vivos*,

Lima Barreto estava positivamente no primeiro caso; era decerto um idealista sincero, mas dois fatores contribuíram para reduzir ou anular a eficácia de suas volições: a autodestruição progressiva de sua personalidade, esta encarada como força atuante sobre o meio, e o senso ou o gosto da estética ocidental, francamente burguesa, e que o impediu de cortar as amarras definitivamente com a sociedade de espíritos nessa direção.⁴¹

Compreender esse conflito entre o desejo de que seu talento como homem de letras fosse reconhecido nos meios em que vigoravam, sem dúvidas, os ditames da cultura das elites cariocas e a condição de escritor militante – comungando com as mágoas dos perdedores e humilhados – ajuda na compreensão de algumas das contradições pessoais vivenciadas pelo ator histórico Lima Barreto. Em *O cemitério dos vivos*, o alter ego barretiano, Vicente Mascarenhas, sintetiza bem essa situação ao confessar que “tinha grandes ambições intelectuais, um grande orgulho de inteligência, mas não sentia nenhuma atração pelo ‘doutorado’ nacional”⁴². De acordo com Gomes, para contornar essa

³⁹ GOMES, Eugênio. Prefácio. In: BARRETO, Lima. *O cemitério dos vivos*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 10.

⁴⁰ Idem, Ibidem.

⁴¹ Idem, ibid.

⁴² BARRETO, Lima. *O cemitério dos vivos*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 125-26.

encruzilhada, composta por dramas morais e espirituais, Afonso Henriques tinha consciência de que,

O romance eslavo era o caminho a seguir, mas esse caminho levava Lima Barreto a suas direções, entre as quais parecia hesitar: Dostoiévski e Turguêneff [sic], que eram os autores russos de sua preferência.

Neste último, a composição resulta de sutilíssimo trabalho artístico que dispõe a vida em facetas pré-escolhidas, enquanto, na estética de Dostoiévski, predomina a força sublevada de um impulso emocional ou místico que não conheceu limitações.

Turguêneff [sic] é o esteta puro que influenciou até sobre Flaubert. Porém, Dostoiévski, sem dúvida maior, era igualmente um jornalista, mas que, tendo dado a essa profissão muito de seu ardor combativo, reservava para o romance a intensidade e a convulsão apocalíptica de seu poder criador.⁴³

Embora tenha citado a conferência “O destino da literatura” nesse enriquecedor prefácio, Eugênio Gomes não se ateve a grande relevância que a concepção de arte segundo Tolstói também possuiu para a configuração de uma literatura escrita em uma linguagem acessível e socialmente crítica tal qual a realizou Lima Barreto. Mais adiante, ao buscar problematizar os diálogos que o carioca Afonso Henriques manteve com as ideias do autor de *Guerra e paz*, espero lançar mais algumas reflexões em torno dessa conexão.

No prefácio “Amplius”, da obra *História e sonhos*, outro importante texto que abarca as influências barretianas, Turgueniev é, mais uma vez, ligeiramente evocado pelo autor de *Isaías Caminha* como fonte de inspiração intelectual. Afonso transcreveu parte de uma resposta já publicada na revista *A Época*, em 1916, acerca de um parecer crítico feito por leitor anônimo sobre o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Nessa réplica, Lima Barreto desdenhou das fórmulas romanescas tradicionais:

⁴³ GOMES, Eugênio. In: Idem, p. 12.

Estranha o meu inesperado correspondente que o meu modesto livro fuja a questão do amor; não seja ela o eixo do livro. Mas, caro senhor, essa questão nunca foi primordial no romance.

Nem nos antigos, nem nos modernos. Nem nos franceses, nem nos espanhóis. Se o senhor me cita *Dafnis e Cloé*, eu cito *Satyricon*; se o senhor me cita a *Princesse de Clèves*, eu lhe apresento *Larazillo de Tormes*.

Nos grandes mestres modernos, Balzac, Tolstoi, Turgueneff [sic], Dostoiewski [sic], quase sempre o amor é levado para o segundo plano; e essa sua generalização de que o primordial do romance, e seu característico, por assim dizer, é tratar de uma aventura de amor, é tão verdadeira e necessária como aquela regra das três unidades, em matéria de drama e tragédia, de que os críticos antigos faziam tanta questão, citando Aristóteles, que nunca a tinha estabelecido.⁴⁴

Triste fim de Policarpo Quaresma é um romance cuja primeira tiragem foi bancada pelo próprio Lima Barreto, em 1916, por meio de empréstimos a agiotas que somaram quatrocentos e quarenta mil réis. Uma quantia bastante razoável para a época e que deixou o autor muito endividado.⁴⁵ O escritor começou a fazer rascunhos sobre o enredo dessa obra ainda no ano de 1910, em seu diário. Ao longo desses breves esboços sobre *Policarpo Quaresma*, pode-se encontrar a seguinte nota: “idéia [sic] que mata”⁴⁶. Esse pensamento aniquilador é o patriotismo incorporado pelo utópico major que intitula esse livro. A paixão desenfreada por um país, de acordo com a trama de *Triste fim*, pode colocar um indivíduo, por mais bem intencionado que esteja, em uma situação política perigosa. A mistificação das conquistas de uma nação impede os sujeitos de enxergarem seus males como, por exemplo, a

⁴⁴ BARRETO, Lima. *Histórias e sonhos*. Rio de Janeiro: Gianlorenzo Schettino, 1920, p. 10 ou BARRETO, Lima. *Contos completos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 2010, p. 58.

⁴⁵ Cf. BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*: memórias. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 187. Sobre o pagamento desse empréstimo, descontado diretamente da folha de pagamento dos seus vencimentos de amanuense da Secretaria de Guerra, é Francisco de Assis Barbosa que esclarece, em uma nota de fim, nesse trecho do diário, que Lima ficou recebendo, mensalmente, apenas, pouco mais de cento e setenta mil réis por mês para manter-se e auxiliar nas despesas domésticas.

⁴⁶ Idem, p. 145.

miséria e a violência exercida no intuito de assegurar a hegemonia da ordem dominante.

Metódico e adepto de um estilo de vida prosaico, Policarpo Quaresma era subsecretário do Arsenal de Guerra e um bibliófilo que colecionava textos sobre a História, a Geografia, Botânica, Zoologia, Mineralogia, Folclore, Literatura e Política do Brasil. Ufanista convicto, é demitido da repartição pública na qual trabalhava porque redigiu um documento oficial em tupi. O humilhante episódio de sua demissão e as constantes sessões de escárnio público as quais foi submetido culmina na internação de Quaresma em um hospício onde fica detido por seis meses. Recuperado, tenta levar uma vida campesina em um pequeno sítio chamado Sossego. Porém, as lides do major com o cultivo da terra são frustradas por pragas naturais como saúvas e as ervas daninhas. Quaresma abandona seu refúgio e decide defender o governo de Floriano Peixoto – um símbolo vivo da ordem republicana, em sua visão – de um motim articulado pela marinha nacional. Após os desfechos da Revolta da Armada (1893), Policarpo vai servir como carcereiro de um presídio e passa a ser testemunha de torturas e assassinatos de prisioneiros de guerra.

Lima Barreto realizou um diagnóstico das imensas contradições que marcaram a consolidação da chamada República da Espada (1889-1894), sob a tutela de Floriano Peixoto e seus sequazes. Os discursos sobre o amor pela pátria não serviram para construir um Brasil respaldado pela ordem e progresso; que reconhecesse sua dívida com a população indígena ou engendrasse uma reforma agrária, como almejou Policarpo Quaresma. Pelo contrário: o fenômeno do patriotismo foi capaz até de incitar cidadãos de um mesmo país a se matarem em batalhas sangrentas enquanto governantes corruptos e insensíveis assistiam essas pelepas em gabinetes seguros e confortáveis.

Preso em um insalubre calabouço, na Ilha das Cobras, por ter escrito ao presidente Floriano Peixoto um protesto contra o assassinato dos prisioneiros da Marinha que se rebelaram contra o Exército, o major Policarpo toma consciência da sua própria ingenuidade: “a Pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado no silêncio de seu gabinete. Nem a física, nem a moral, nem a intelectual, nem a política que julgava existir, havia”. O patriotismo tratava-se “de uma noção sem consistência racional”⁴⁷. Trata-se de uma obra que de fato não é

⁴⁷ Cf. BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 285-86.

dedicada a sondar a temática do amor, mas que aborda, conforme o próprio Lima havia rabiscado em seu diário, em 1910, a partir de uma tradição quixotesca, temas como “ilusões que morrem” e “desenganos”⁴⁸.

O estilo de Turgueniev foi também evocado por Lima Barreto para lhe distanciar de comparações feitas entre seus escritos e os de Machado de Assis (1839-1908). Em uma longa carta aberta feita pelo crítico pernambucano Austregésilo de Ataíde⁴⁹, publicada em 18 de janeiro de 1921, no periódico *A Tribuna*, encontra-se uma lúcida distinção entre os textos desses dois literatos que parecem ter sido comparados com frequência. Na citada missiva, Ataíde confessou ter desistido da vida de seminarista após a leitura do romance *Isaías Caminha* e afirmou para o carioca Afonso: “de modo que você tem alguma responsabilidade no meu tresmalhamento do rebanho do Senhor”⁵⁰. Essa afirmação pode ser abordada enquanto um forte indício sobre como o contato com uma determinada obra literária pode transformar a visão de mundo de um indivíduo.

Em seguida, Austregésilo construiu seu marco divisor entre Machado e Lima:

A ironia de Machado de Assis é travosa; provoca esses sorrisos, em que os músculos da face se contraem, numa expressão indecisa, que mais tem de amargura. Ele expõe a chaga purulenta, elegante e risonho, sem compadecimentos da dor alheia, tal como um médico, num anfiteatro de lições, apresenta aos seus discípulos todas as deformidades dos seus doentes, que não lhe inspiram nenhuma piedade. Você vive sua alma, rebolada, como a deles, nos descabros da

⁴⁸ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 146.

⁴⁹ Belarmino Maria Austregésilo Augusto de Ataíde (1898-1993) foi jornalista; professor e ensaísta. Filho do desembargador José Feliciano de Ataíde, integra os quadros de uma família tradicional conhecida pelos juristas que dela fizeram parte. Austregésilo abandonou o Seminário da Prainha (RJ), no terceiro ano do curso de Teologia. Pertence a uma geração de intelectuais acadêmicos posterior a de Afonso Henriques, que conta com indivíduos que reconheceram os méritos da produção barretiana justamente por causa de seu teor militante. Ataíde foi diretor de *A Tribuna* e colaborador de *O Correto da Manhã*. Na III Assembleia da ONU, representando o Brasil, em 1948, foi um dos redatores da Declaração Universal dos Direitos do Homem. (www.academia.org.br)

⁵⁰ ATAÍDE, Austregésilo de. Carta aberta para Lima Barreto (18/01/1921). In: *Correspondência: ativa e passiva*. Tomo II. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 252.

existência, e experiente das misérias que os afligem. (...)

E assim, da análise que lhe fiz, a jeitos de Brunetière, vejo que o Machado foi um *dilettante* da maldade, inquinado de Sterne, Swift e mais mangadores da vida, a qual lhes foi sempre, no entanto, relativamente serena e boa. Vejo, portanto, que você não se lhe pode comparar, a menos no ironizar, o que, aliás, ambos fazem, por maneiras diversas. Prefiro, meu caro Lima, achá-lo original. Justifico a sua revolta contra homens e coisas, desde que ela nasça da maneira por que você achou melhor viver, por vontade ou fatalidade biológica.⁵¹

Nesses termos, para Austregésilo, o riso que a leitura de Machado de Assis provoca é aquele esboçado por uma ligeira contração dos lábios; um sorriso amarelo. Já a ironia barretiana desencadeia um sentimento de piedade pela vasta galeria de personagens errantes que montou. A resposta de Lima Barreto para esse crítico e acadêmico pernambucano só foi publicada postumamente. Na carta que lhe enviou, Afonso Henriques teceu as seguintes considerações:

Não me sinto capaz de gabar-me de tê-lo desviado do seminário. Mesmo com grandes dúvidas sobre a Igreja, mas cheio de amor pelos homens e respeitoso diante do Mistério que nos cerca, o amigo, como sacerdote católico, podia prestar muitos serviços à humanidade.

Gostei que o senhor me separasse de Machado de Assis. Não lhe negando os méritos de grande escritor, sempre achei no Machado muita secura de alma, muita falta de simpatia, falta de entusiasmos generosos, uma porção de sestros pueris. Jamais o imitei e jamais me inspirou. Que me falem de Maupassant, de Dickens, de Swift, de Balzac, de Daudet – vá lá; mas Machado nunca! Até em Turguênieff [sic], em Tolstoi podem ir buscar os meus modelos; mas, em Machado, não! “*Le moi*”...⁵²

⁵¹ Idem, p. 255.

⁵² BARRETO, Lima. Carta para Austregésilo de Ataíde (19/01/1921). In: Idem, p. 256-57.

Por ter configurado artigos e ficções marcadas por uma opinião bastante ácida em torno do comportamento das elites republicanas e ter sido um intelectual de etnia negra, ao que tudo indica, Lima Barreto foi corriqueiramente associado à Machado de Assis. No entanto, as diferenças entre as trajetórias e estilo de cada um desses dois cânones das letras nacionais são evidentes. Porém, distanciar esses escritores a partir de enquadramentos como, por exemplo, o do literato negro e bem sucedido ou do pobre coitado vítima de racismo e ainda ressaltar, de modo abrupto, para quem deseja propor outras leituras sobre esses autores que só resta “enfiar a viola no saco e calar”⁵³ – como o afirmou Hécio Pereira da Silva – é uma empreitada que, atualmente, pode ser considerada desnecessária.

Ao vasculhar a documentação referente à atuação de Machado de Assis, na Secretaria da Agricultura, por exemplo, o historiador Sidney Chalhoub demonstrou que o funcionário público Joaquim Maria foi um ferrenho defensor da aplicação da Lei do Ventre Livre (1871). Fato que contraria as versões mais comuns em torno da suposta apatia desse literato em face dos homéricos debates sobre o abolicionismo no Rio de Janeiro do oitocentos.⁵⁴

O mais sensato seria considerar que ambos os escritores representaram de modo ímpar seus desencantos com a política oficial em vigor na Primeira República e os valores sociais instituídos ao longo da modernização do Rio de Janeiro. Ana Flávia Cernic Ramos, na tese *As máscaras de Lélío: ficção e realidade nas “Balas de Estalo” de Machado de Assis*, investigou as implicações históricas do desencanto machadiano em relação ao liberalismo brasileiro. Segundo essa historiadora, o pseudônimo machadiano “Lélío”, usado a partir de 1884, no jornal *Gazeta de Notícias*, pode ser encontrado na assinatura de crônicas caracterizadas pela convicção de que “a política era, antes de tudo, retórica, oportunismo, defesa de interesses próprios, que suplantavam os princípios ideológicos originais dos partidos”⁵⁵. Desse modo, quando insistiu em um distanciamento radical de Machado de

⁵³ Cf. SILVA, Hécio Pereira da. *Lima Barreto: escritor maldito*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1981, p. 36.

⁵⁴ Cf. CHALHOUB, Sidney. Escravidão e cidadania: a experiência histórica de 1871. In: *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 131-292.

⁵⁵ Cf. RAMOS, Ana Flávia Cernic. *As máscaras de Lélío: ficção e realidade nas “Balas de Estalo” de Machado de Assis*. Tese (Doutorado em História Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010, p. 243.

Assis, evocando cânones do modernismo russo como Tolstói e Turgueniev, Lima Barreto estava a reivindicar para si, mais uma vez através da polêmica, um lugar entre aqueles que promoveram uma ruptura em relação à chamada Geração de 1870.

Sobre as impressões que possuiu acerca de Górkí (1868-1936), vale salientar aqui a irritação demonstrada por Lima Barreto em seu diário, após um debate sobre literatura russa com Bastos Tigre, na Rua do Ouvidor, em 1905. Essa passagem ilustra bem as múltiplas simpatias barretianas em relação aos ideários veiculados pelos escritores russos:

É incrível a ignorância dos nossos literatos; a pretensão que eles possuem não é secundada por um grande esforço de estudos e reflexão. Presumidos de saber todas as literaturas, de conhece-las a fundo, têm repetido ultimamente as maiores sandices sobre Górkí, que anda encarcerado na Rússia, por motivo de levante populares lá havidos.

Há dias, conversando com o Tigre, ele me disse que esse Górkí nada valia – escrevera uns contos, coisas de fancaria socialista. É incrível, mas é verdade.

Quando eu lhe disse que o Máximo tivera o Prêmio Nobel, ele se admirou – não sabia.

Entretanto, Tigre é uma das esperanças da geração moderna.⁵⁶

Na verdade, até então, nenhum escritor eslavo havia ganhado o Prêmio Nobel de Literatura – criado em 1901, na Suécia. Lima Barreto pode ter tentado confundir o amigo, com a intenção de testar seus conhecimentos sobre a vida literária estrangeira. Caso tenha acreditado, realmente, que Górkí recebeu essa honraria, esse trecho do *Diário Íntimo* demonstra o quanto as informações sobre a literatura russa que circulavam pelo Brasil eram distorcidas.⁵⁷ No entanto, esse episódio que envolve a referida discussão entre o jornalista pernambucano Bastos Tigre e o carioca Afonso Henriques pode ser inserido em um contexto documental mais amplo.

⁵⁶ BARRETO, Lima. *Diário íntimo*: memórias. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 99.

⁵⁷ Cf. GOMIDE, Bruno. Op. Cit., p. 209.

Nos arquivos da Biblioteca Nacional, somente no intervalo entre 1900 e 1909, é possível contabilizar em impressos como *O Paiz*, *Pharol*, *Correio da Manhã*, *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Brasil*, aproximadamente duzentos e quarenta e seis textos com referências a esse autor estrangeiro! Analisar o conteúdo dessa pilha de fontes demandaria a realização de uma outra pesquisa. No entanto, a partir de dois exemplos bem delimitados, é possível perceber como a imprensa carioca, realmente, foi reticente ou conhecia *en passant* a literatura russa.

Na coluna “Artes e artistas”, de *O Paiz*, em 1902, encontra-se o seguinte trecho:

Maximo Górkí, ou *El mayor desdichado*, como o apelidaram em Espanha, não é o verdadeiro nome do grande autor em que vibra tão intensa a faculdade de observar o humano; seu verdadeiro nome é Aleixo [sic] Peshkov.

É extraordinária a vida desse homem: órfão desde criança, começou a sofrer as grandes injustiças da sociedade, sendo sapateiro, gravador, pintor, cozinheiro, agricultor, escrevente, tudo ele foi, até vagabundo, de onde deu um pulo tão elevado para a literatura que hoje é um escritor célebre.

(...)

Finalmente, o Czar da Rússia acaba de desterrá-lo para o Cáucaso.

Tem apenas 33 anos e, como disse Augusto Rivera, ele conhece a existência porque foi pobre e porque foi forte; sabe que a virtude e a moral humanas são de tal modo convencionais, que não há outra coisa senão respeitá-las absolutamente.⁵⁸

No caso, essa narrativa constrói um Górkí, que apesar de todos os infortúnios pessoais, é um exemplo praticamente messiânico de virtude e abnegação. Contudo, trata-se de um texto com a função de fazer publicidade das atividades “da casa Editora Maucci” em “seu infatigável dever de propagar a literatura universal a preços reduzidíssimos”⁵⁹. Seu

⁵⁸ Cf. Artes e artistas. In: *O Paiz*. Rio de Janeiro, ano XVIII, nº 6390, abril de 1902, p. 02. [Grifo do autor]

⁵⁹ Idem, *ibid.*

teor não veicula considerações mais profundas sobre a arte e a vida desse escritor.

No periódico abolicionista e liberal *Gazeta de Notícias*, de 12 de fevereiro de 1902, um jornalista que assinou com as insígnias S. A. M., fala desse autor russo como um indivíduo perigoso para o *establishment*: “Górki é um revolucionário demolidor. (...) Nos contos de Górki todos os personagens simpáticos são vagabundos, maltrapilhos, infelizes e *russos*, exclusivamente russos, um desses contos se intitula até os *Ex-homens*”⁶⁰. Os juízos de valores emitidos na imprensa carioca sobre literatura eslava variavam muito de acordo com a tendência política que emanava desses jornais.

As preocupações demonstradas por Lima Barreto, nesses termos, sobre o que parece ser uma questão de falta de honestidade intelectual por parte de alguns jornalistas foram legítimas. No tocante ao caso de Bastos Tigre, é muito provável que o talhe aristocrático desse editor e literato acabou influenciando suas ponderações hostis sobre Górki. O perfil de Tigre era o de um engenheiro, formado pela Escola Politécnica; amante da cultura erudita francesa; poeta e esteta para o qual os vínculos entre literatura e militância eram prejudiciais para a arte e um entusiasta do projeto civilizador empreendido pelas equipes de Pereira Passos. Amigo próximo também de Coelho Neto, Olavo Bilac, Humberto de Campos e Martins Fontes, fez uma defesa elitista da boêmia literária de sua época. Décadas depois, em 1930, ao publicar suas memórias, silenciou sobre as ligações que teve com Lima Barreto.

Conforme sugere Marcelo Balaban,

Apesar de idealizarem revistas, de terem trocado correspondência e de Barreto ser uma figura contumaz na república onde Tigre habitava, os laços de amizade que uniram os dois não foram fortes o bastante para que Barreto integrasse as memórias de Tigre. A razão disso parece ser clara: Lima Barreto teve uma vida notadamente conturbada. Além de descuidado na indumentária,

⁶⁰ S. A. M. Pelos livros. In: *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, ano XXVIII, nº 43, fevereiro de 1902, p. 02.

marca forte da atitude boêmia construída por Tigre, e no grupo da Colombo, ele era mulato.⁶¹

As menções feitas aos nomes de escritores eslavos como Turgueniev e Górkí, aparecem, portanto, nas memórias, epistolário e artigos de Lima Barreto para demarcarem opções estéticas e políticas bastantes críticas em torno do republicanismo e da produção dos intelectuais que integravam o círculo formado pelos homens de letras da ABL. Apesar de serem referências ligeiras, as mesmas figuram entre alguns dos escritos que mais delineiam o perfil de escritor militante e vanguardista que o autor de *Isaías Caminha* construiu para si.

Fica ainda em aberto, portanto, o desafio de se mapear com mais verticalidade as áreas de convergências entre os pensamentos desses dois escritores russos e a literatura barretiana, pois, como salienta Antoine Prost, “o historiador nunca consegue exaurir completamente seus documentos; pode sempre questioná-los, de novo, com outras questões ou leva-los a se exprimir com outros métodos”⁶².

O tolstoísmo

Nas prateleiras da “Limana”, encontravam-se as obras *Souvenirs: enfance, adolescence, jeunesse*⁶³ [Lembranças: infância, adolescência, juventude], *La résurrection*⁶⁴ [A ressurreição], *Les Cosaques*⁶⁵ [Os Cosacos: lembranças de Sébastopol] e o ensaio *Qu'est-ce que l'Art* [O que é Arte?], do conde russo Leon Nikoláievitch Tolstói (1828-1910). Com exceção desse último e longo ensaio sobre estética e sociedade e de *A Ressurreição*, última novela escrita por esse literato eslavo, esses textos são dedicados ao gênero autobiográfico. Tolstói foi um dos literatos modernos mais obcecados pela construção de memórias

⁶¹ BALABAN, Marcelo. Memórias de um demônio aposentado: literatura e vida literária em Bastos Tigre. In: CHALHOUB, Sidney [et. al.]. *História em cousas miúdas*: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2005, p. 390.

⁶² PROST, Antoine. *Doze lições sobre história*. Tradução de Guilherme Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 77.

⁶³ TOLSTOÏ, Léon. *Souvenirs: enfance, adolescence, jeunesse*. 10^a Éd. Traduction de Arvède Barine. Paris: Librairie Hachette, 1891.

⁶⁴ Cf. TOLSTOÏ, L. N. *La Résurrection*. Traduit par T. de Wysewa. Paris: Perrin & Cie, 1900. Em uma conversa com Nikolai Seleznyov, obtive a informação de que várias páginas dessa obra, chamada no original de *Voskreseniye*, foram censuradas e publicadas na íntegra apenas em 1936.

⁶⁵ Cf. TOLSTOY, Leon. *Les cosaques*: souvenirs de Sébastopol. 3^a éd. Paris: Hachette, 1890.

literárias, talvez por ter tido a consciência de que arte e vida lhe foram indissociáveis. É justo, portanto, fazer aqui alguns breves apontamentos sobre a trajetória desse escritor.

O conde Tolstói teve uma vida margeada por uma série de privilégios destinados aos membros da nobreza russa. Recebeu uma educação bastante refinada, esteve sempre cercado de servos e, quando jovem, não hesitou em tirar proveito de seu *status* para seduzir camponesas. Apesar de ter assumido alguns dos estereótipos comuns entre os aristocratas russos como o do apostador compulsivo, oficial militar ou latifundiário de prestígio, Tolstói decidiu escrever e, a partir daí, ganhou uma imensa fama ocidental.

Em *Tolstói: a biografia*, Rosamund Bartlett por meio da análise de vasta documentação que inclui romances, cartas, artigos, panfletos e fotografias, forneceu uma interessante visão sobre as muitas vidas que esse autor russo teve. Essa pesquisadora da cultura eslava buscou fazer oposição a alguns mitos criados em torno de Tolstói e demonstrou como a trajetória desse escritor foi marcada também por contradições, dramas pessoais e até algumas incoerências entre seus discursos e práticas. Essa edição brasileira deixa a desejar pelo forte apelo comercial que existe na tradução do título, que, em inglês, seria o equivalente a [Tolstói: uma vida russa], bem como por ter suprimido as notas de rodapé com informações mais precisas sobre a documentação consultada pela autora.

Famoso por ter escrito obras monumentais de ficção a exemplo de *Guerra e paz* (1869), *A morte de Ivan Ilich* (1886) e *Ana Kariênina* (1887), Tolstói, de forma inusitada, começou a simpatizar cada vez mais com o anarquismo. De acordo com Bartlett, a partir dos 50 anos de idade, esse literato se negou a participar de qualquer “fraternidade literária em particular e, em virtude de suas ideias excêntricas e de sua natureza combativa, não demorou muito para se indispor com a maioria dos colegas de ofício”⁶⁶. Arrepentido por ter tirado proveito da miséria da plebe russa, Tolstói se negou a escrever novamente apenas para o entretenimento das elites.

Nessa época, o escritor passou a ser fotografado e retratado em trajes de agricultor arando as terras de sua propriedade – chamada Iásnaia Poliana – ao lado dos *mujiques*. O literato também se valeu da sua ampla fama para divulgar libelos com críticas aos dogmas da Igreja Ortodoxa Russa, ao acúmulo de riquezas e passou a pregar a ideia de

⁶⁶ BARTLETT, Rosamund. *Tolstói: a biografia*. Tradução de Renato Marques. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2013, p. 19.

que um estilo da vida prosaico, vegetariano, fraterno e pacifista era o melhor caminho para uma existência bem sucedida.

Tolstói começou a transformar seu pensamento em uma doutrina de apelo religioso a partir de 1882 quando ficou “horrorizado com a degradação e a pobreza que encontrou ao visitar (...) um albergue localizado em um cortiço em meio a uma das áreas mais miseráveis de Moscou”⁶⁷. Nesses termos, segundo Bartlett, ao ter empreendido uma campanha para a arrecadação de fundos, comida e agasalhos para os pobres, esse escritor russo estava buscando colocar em prática seu ideal de um cristianismo “libertário”:

Fiel ao espírito anarquista que se tornaria cada vez mais evidente em seu ideário ao longo da década seguinte [1890], Tolstói rejeitava a ideia de envolvimento institucional, fosse do governo ou em nível filantrópico, e igualmente de entidades ou eventos de caridade, tais como bailes de arrecadação de recursos, bazares e espetáculos teatrais. O dinheiro, insistia Tolstói, era em si mesmo um mal, por isso não deveria haver proclamações públicas das somas doados por indivíduos abastados. A seu ver, injetar dinheiro numa causa era apenas a solução paliativa e jamais substituiria o auxílio de ordem prática. Tolstói buscou inspiração direta no Novo Testamento, parafraseando a “parábola da ovelha e das cabras” do Evangelho de São Mateus: “Pois eu tive fome, e vocês me deram de comer; tive sede, e vocês me deram de beber; fui estrangeiro, e vocês me acolheram; necessitei de roupas, e vocês me vestiram; estive enfermo, e vocês cuidaram de mim; estive preso, e vocês me visitaram”. Tolstói instigou os moscovitas a superar seu medo dos percevejos, das pulgas, da febre tifoide, da difteria e da varíola que se alastravam em meio às condições imundas e aviltantes em que os pobres eram obrigados a viver. Ele recomendou com insistência aos jovens recenseadores que conversassem com os

⁶⁷ Idem, p. 369.

necessitados e mostrassem amor e respeito dispondo-se a ouvir sua história de vida.⁶⁸

O estudo biográfico de Bartlett contém esclarecimentos relevantes sobre o ideário político e religioso difundido por esse literato e que recebeu ampla difusão na Europa e nos trópicos. A imprensa carioca acompanhou com relativo interesse a realização do segundo Congresso Internacional Socialista, em Paris, no ano de 1889⁶⁹; as medidas diplomáticas e militares do governo do czar Nicolau II, empreendidas entre 1894 até 1917⁷⁰ e a eclosão de revoltas populares pela Rússia, a partir de 1904, quando o país passou a acumular derrotas militares contra o Japão⁷¹: Ambas as nações, imbuídas do espírito imperialista, estavam a disputar o controle de parte do nordeste chinês.

Ainda no ano de 1905, a notícia de uma tragédia civil na Rússia percorreu o mundo. Em 9 de janeiro, cerca de três mil pessoas, entre as quais mulheres, crianças e idosos, organizaram uma passeata popular porque estavam insatisfeitas com as vidas de jovens militares eslavos desperdiçadas nos embates contra o exército japonês e com a situação precária dos oitenta mil trabalhadores em greve, na fábrica Putilov, em São Petersburgo. Os manifestantes se dirigiram até o Palácio de Inverno: um dos centros do poder estatal russo. O intuito dessas pessoas era o de entregar uma petição ao czar Nicolau II. O protesto era pacífico, porém teve um desfecho horrendo. Os participantes desse movimento foram dizimados pelas tropas do governo. Como salienta Daniel Aarão Reis Filho, “o dia passou para a História como o *domingo sangrento*. E provocou surpresa, pavor, indignação e revolta”⁷².

Esse episódio comoveu Tolstói profundamente. Nesse mesmo ano, o autor assinou o libelo *A insubmissão*: traduzido para o português apenas recentemente. Esse manifesto trata-se de uma crítica contundente aos exércitos que, para o escritor russo, anulavam as liberdades individuais e promoviam o embrutecimento e a bestialização dos indivíduos em nome de supostas ameaças estrangeiras e protagonizavam guerras que não passavam de genocídios orquestrados pelas elites contra os trabalhadores. Esse texto filosófico de Tolstói apresenta a principal

⁶⁸ Idem, p. 370-71.

⁶⁹ Cf. Telegramas. In: *Cidade do Rio*. Rio de Janeiro, ano XI, nº 83, abril de 1899, p. 02.

⁷⁰ Cf. Guilherme e Nicolau II. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, ano X, nº 84, março de 1900, p. 05.

⁷¹ Cf. Tagarelado. In: *Tagarela*. Rio de Janeiro, ano III, nº 104, fevereiro de 1904, p. 03.

⁷² REIS FILHO, Daniel Aarão. Op. Cit., p. 43. [grifo do autor]

tese do escritor sobre o controle social mantido pelo Estado. De acordo com o autor, “os governos sabem que sua força principal está no exército, e organizaram tão bem o recrutamento e a disciplina que nenhuma propaganda organizada pelo povo pode arrancar o exército das mãos do governo”⁷³. O poder estatal estaria, portanto, sedimentado na corrupção, presente principalmente na cobrança de impostos abusivos aos cidadãos; na violência física e moral empregada pelos militares contra os inconformados e em um determinado tipo de educação oficial hipnótica que sugere aos membros de uma comunidade um comportamento obediente.

De fato, em se tratando do cenário intelectual brasileiro, que abarca a transição do final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, Tolstói desfrutou de uma grande visibilidade entre intelectuais do Rio de Janeiro no período de 1890 até 1910. O autor de *Ana Kariênina* foi aclamado enquanto ficcionista; polemista e doutrinador. Algumas das ideias políticas defendidas por Tolstói circularam amplamente entre os leitores brasileiros na Primeira República. Destrinchar melhor essa afirmação é importante para se compreender melhor o processo da formação intelectual de Lima Barreto.

No ano de 1905, pouco antes de falecer, aos 52 anos, José do Patrocínio citou o autor de *Guerra e paz* em um desenganado artigo para *O Paiz*. Esse acadêmico brasileiro demonstrou um grande estarrecimento diante dos espectros da miséria e da guerra. Um dos valores iluministas mais candentes, a fraternidade, de acordo com a visão desse homem de letras, estava sendo minado por esse contexto internacional belicista:

Como tú és grande Tolstói, quando aprofundas o horror dessa monstruosidade, a que não bastam as maldições as mais indignadas!

Vem do Oriente uma treva vermelha, que eclipsa os sentimentos bons da humanidade. Olha-se para a morte, como para um *sport*, com a delícia do romano alvitado no anfiteatro de Nero, extasiado diante da mastigação da carne humana pelas feras insaciáveis.

(...)

⁷³ Cf. TOLSTÓI, Leon. *A insubmissão e outros escritos*. Tradução de Plínio Coelho. São Paulo: Ateliê Editorial/Imaginário, 2010, p. 49.

Da sublime paz das almas, da paz espiritual do amor e da fraternidade, fizeram a paz armada; a paz que rouba a tranquilidade e o amparo à velhice dos pais, à fraqueza da mulher e da criança. Pertencem aos governos as primícias da mocidade pela conscrição, pertence-lhes a velhice pela miséria, que eles asilam como uma degradação; pertencem-lhes também a virilidade pela progressão sinistra do imposto. E é isto que se chama de liberdade moderna.⁷⁴

O jornal carioca *Correio da Manhã*, dirigido por Edmundo Bittencourt, em 25 de janeiro de 1905, também condessou em uma matéria essa onda de comoção internacional. Em “A revolução na Rússia”, o redator desta notícia afirmou o seguinte:

Os terríveis efeitos da repressão militar contra os manifestantes, no domingo passado, são devidos, sobretudo, à inaudita crueldade dos cossacos, que não se satisfizeram em massacrar os indefesos operários haurindo sua sede de sangue até em inocentes crianças que fugiam espavoridas diante da cavalaria disparada.

Só em um pequeno trecho da Perspectiva Newski foram recolhidas vinte e seis cadáveres de crianças de ambos os sexos horivelmente mutilados, uns, pelas lanças dos cossacos e outros com os crânios esfacelados pelas patas dos cavalos.

Os perseguidos que caíam feridos pelos lançaços [sic] eram acabados a tiros de carabina pelos soldados que seguiam os regimentos da cavalaria.⁷⁵

O interesse de Lima Barreto pelos acontecimentos de outras partes do globo foi constante. Curiosamente, na produção jornalística do escritor carioca, reunida em *Bagatelas*, *Vida urbana*, *Marginália*, *Cousas do reino de Jambom* e mesmo no primeiro tomo da recente

⁷⁴ PATROCÍNIO, José do. Crer e esperar. In: *O Paiz*. Rio de Janeiro, ano XXI, nº 7390, janeiro de 1905, p. 01.

⁷⁵ Cf. A revolução na Rússia. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, ano V, nº 1294, janeiro de 1905, p. 01.

edição de *Toda crônica*, existe um vácuo entre o período que vai de 1903 até 1911. Mesmo no epistolário do autor, organizado dentro de uma lógica linear, não existem referências aos motins populares na Rússia. Isso não significa que o mesmo desconhecia esses fatos, conforme o episódio da rusga com Bastos Tigre, motivada por uma conversa sobre Górkí e os levantes populares contra o governo russo, dá a entender. Apenas em uma carta enviada para o leal amigo Antônio Noronha Santos, em 1908, o encanto sentido por Afonso Henriques ao ler uma renomada obra tolstoiana destoa desse panorama histórico repleto de violência: “o dia está magnífico, muito puro, suave e um pouco frio. Li agora mesmo o *Ana Karênina* [sic] de Tolstói, uma adaptação ao teatro, por um tal Giraud. Senti que tinhas razão em gabar o livro”⁷⁶.

O interesse nutrido por Lima Barreto pela vida política e artística internacional foi uma frequente em sua trajetória. No prefácio do primeiro volume de *Toda crônica*, Beatriz Resende teceu a seguinte consideração sobre essa assertiva:

Apesar de nunca ter viajado para o exterior, e tendo se afastado do Rio apenas por duas breves ocasiões, Lima Barreto era especialmente antenado com o que ocorria no resto do mundo, assinando revistas estrangeiras e encomendando livros do exterior, já que dominava inglês e francês, línguas que estudou regularmente como parte da boa educação que recebera.⁷⁷

Entretanto, ainda é bastante desafiador deduzir quais motivos estão por trás do silêncio do escritor em torno das revoltas populares russas. O literato pode ter tido receio de expor publicamente suas opiniões sobre a repressão militar desencadeada contra os levantes em São Petersburgo. Nesse período, fazia pouco tempo e a duras custas que Lima Barreto conseguiu ser nomeado para o cargo de amanuense, na Secretaria de Guerra, já arcando com a enorme responsabilidade de sustentar oito pessoas entre parentes e agregados.

⁷⁶ BARRETO, Lima. Carta para Antônio Noronha Santos (10/06/1908). In: *Correspondência*. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 84.

⁷⁷ RESENDE, Beatriz. Sonhos e mágoas de um povo. In: BARRETO, Lima. *Toda crônica*. Vol. I. Rio de Janeiro: Agir, 2004, p. 14.

Em face da prisão e exílio dos participantes da Revolta da Vacina, em 1904, por exemplo, o autor anotou o seguinte em seu diário: “a polícia arrepanhava a torto e a direito pessoas que encontrava na rua. Recolhia-as às delegacias, depois juntavam na Polícia Central. Aí, violentamente, humilhanamente, arrebatava-lhe os cós das calças e as empurrava num grande pátio”⁷⁸. Porém, a revolta de Afonso Henriques foi logo entrelaçada a uma sensação de medo: as anotações pessoais do autor, a partir dessa época, enfatizam bastante a arrogância e o comportamento caricato dos oficiais militares com os quais era obrigado a conviver no ambiente da Secretaria de Guerra. Em uma confissão que já parece ter sido destinada aos possíveis leitores de suas memórias, o literato externou seus maus pressentimentos: “este caderno esteve prudentemente escondido trinta dias. Não fui ameaçado, mas temo sobremodo os governos do Brasil”⁷⁹.

Em se tratando de romances barretianos escritos nesse período, como *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, as ocorrências de citações de escritores eslavos são bem mais visíveis. A primeira edição de *Gonzaga de Sá* foi publicada em 1919 pela editora *Revista do Brasil*, de Monteiro Lobato, embora o mesmo tenha sido iniciado entre 1904 e 1905: antes mesmo do *Isaías Caminha*.⁸⁰ em uma carta para Gonzaga Duque, datada de 7 de fevereiro de 1909, o próprio Lima Barreto demonstrou ter plena consciência de que o enredo desse romance requer uma leitura atenta: “era um tanto cerebrino, o *Gonzaga de Sá*, muito calmo e solene, pouco acessível portanto”⁸¹. Daí a justificativa por ter optado em enviar o *Isaías Caminha*, por intermédio de Noronha Santos, para o prelo de uma editora portuguesa mantida pelo livreiro A. M. Teixeira.

Toda uma crítica ao método positivista, pautado em uma suposta exatidão obtida por meio do acúmulo excessivo de fatos, datas e voltado para a construção de biografias sobre os grandes vultos da história política e militar nacional é esboçada de forma muito sutil logo nessas

⁷⁸ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*: memórias. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 49.

⁷⁹ Idem, *Ibid.*

⁸⁰ A troca de correspondências entre Monteiro Lobato e Lima Barreto, entre 1918 e 1922, foi publicada, no segundo tomo do volume que reúne as cartas de Afonso Henriques. O escritor paulista assumiu publicamente sua admiração pelo romancista Lima Barreto e tornou-se seu editor. Porém, Lobato não soube como aceitar o homem, de vestes maltrapilhas e debilitado pelo alcoolismo crônico, que existiu por trás da imagem do Lima enquanto brilhante polemista.

⁸¹ BARRETO, Lima. Carta para Gonzaga Duque (07/02/1909). In: *Correspondência*. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 169.

primeiras linhas de *Gonzaga de Sá*. Essa obra barretiana está bem alicerçada em torno de uma reflexão cética em relação ao culto republicano da ordem e do progresso. Ao começar esse romance com uma “Advertência”, datada de março de 1918, Lima Barreto ironiza a noção positivista de biografia, caracterizada pela “rigorosa exatidão de certos dados, a explanação minuciosa de algumas passagens da vida do principal personagem e as datas indispensáveis”⁸².

O biógrafo Augusto Machado apresenta uma nítida consciência das implicações políticas dessa linha de pensamento ao assumir que desviou do positivismo, de forma proposital, para poder escrever sobre a trajetória de Gonzaga de Sá: um anônimo, porém distinto, funcionário público. De fato, O “velho inteligente, de amplo campo visual a abranger um grande setor da vida; (...) ilustrado e de uma recalcada bondade”⁸³, que nomeia essa biografia fictícia e o jovem Augusto Machado foram irmanados pelo narrador por ostentarem uma cúmplice aversão pelos novos homens ilustres e valores que a República estava instituindo.

A tarefa moral que Augusto se impõe de velar pela memória de seu culto amigo por meio de uma biografia complementa uma metáfora literária muito rica sobre a solidariedade humana. Embora assolados pelo pessimismo e a solidão, Gonzaga de Sá e Augusto Machado foram unidos por Lima Barreto pelos laços estabelecidos entre suas convicções políticas que, embora os marginalizem, inspiram o narrador-biógrafo a escrever sobre a vida do seu confrade também como uma forma de resistência. Mesmo sendo personagens céticas em relação ao progresso moderno, escrever sobre Gonzaga de Sá era uma forma de dar visibilidade ao “Rio de Janeiro, com seus tamoios, seus negros, seus mulatos, seus cafuzos e seus ‘galegos’ também...”⁸⁴.

O Barão do Rio Branco, tomado enquanto exemplo das elites republicanas, é representado no romance como um sujeito “egoísta, vaidoso e ingrato...”. Esse estadista, segundo o narrador, estava preocupado apenas com “a filigrana dourada, a solenidade cortesã das velhas monarquias”⁸⁵. Nesse sentido, os cânones russos de Lima Barreto são evocados por meio de uma fala de Gonzaga de Sá. No

⁸² BARRETO, Lima. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 29.

⁸³ Idem, p. 36.

⁸⁴ Idem, p. 50.

⁸⁵ Idem, p. 70.

Velho Mundo, segundo a personagem, havia “uma literatura, um pensamento (...) fonte de simpatia pelos fracos, preocupada e angustiada com os destinos humanos”⁸⁶. Tolstói é citado por ser um dos ícones interligados ao projeto desse escritor carioca de veicular uma literatura socialmente crítica:

A nossa emotividade literária só se interessa pelos populares do sertão, unicamente porque são pitorescos e talvez não se possa verificar a verdade de suas criações. No mais, é uma continuação do exame de português, uma retórica mais difícil a se desenvolver por este tema sempre o mesmo: dona Dulce, moça de Botafogo em Petrópolis, que se casa com o doutor Frederico. O comendador seu pai não quer, porque o tal doutor Frederico, apesar de doutor, não tem emprego. (...) Está aí o grande drama de amor em nossas letras, e o tema de seu ciclo literário. Quando tú verás, na tua terra um Dostoiévsky, uma George Eliot, um Tólstoi [sic] – gigantes destes, em que a força de visão, o ilimitado da criação, não cedem o passo à simpatia pelos humildes, pelos humilhados, pela dor daquelas gentes donde às vezes não vieram – quando?⁸⁷

Dostoiévski e o autor de *Ana Kariênina* seriam capazes de fornecer coerentes chaves de leitura sobre os aspectos excludentes e autoritários da chamada república dos conselheiros. É a partir dessa convicção que Lima Barreto, por meio da voz de Gonzaga de Sá, expõe toda sua ojeriza pelas fórmulas romanescas dos belletristas. De acordo com o historiador Afonso Carlos Marques dos Santos, essa obra barretiana, além de fornecer uma visão complexa em torno das contradições que foram acentuadas com o processo de urbanização do Rio de Janeiro, pode ser considerada:

Um contraponto às fontes oficiais da época. Lima Barreto, enquanto romancista, e nos escritos para a imprensa carioca, vivia a cidade nos mínimos detalhes e sofria por ela e por sua gente pobre,

⁸⁶ Idem, p. 133.

⁸⁷ Idem, p. 133-34.

assim como se preocupava com as grandes questões sociais brasileiras e estrangeiras.⁸⁸

No segundo capítulo, ficou nítido, por meio da correspondência de Afonso Henriques e das menções feitas ao nome desse homem de letras no periódico *Floreal*, que Gonzaga Duque foi muito bem quisto pelo autor de *Histórias e sonhos*. É muito provável que o nome M. J. Gonzaga de Sá, além de ser uma referência aos fundadores do Rio de Janeiro, seja um anagrama que inverte as iniciais do Joaquim Maria – de Machado de Assis. Dentro de uma lógica satírica, essas abreviaturas, quando pronunciadas rapidamente, soam aos ouvidos de modo semelhante ao neologismo *mijota*. Complementar essa abreviatura jocosa com o sobrenome Gonzaga também pode ter sido o modo encontrado por Lima Barreto para homenagear o autor de *Mocidade morta*, *Horto de mágoas* e dos ensaios intitulados *Arte brasileira*.

Como sugere François Dosse, existem casos de biografias ficcionais, inventadas para narrar vidas de atores sociais que não existiram, porém mescladas com confissões sobre as preferências políticas e estéticas do autor que estão inseridas em uma dada temporalidade. Uma obra como *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, nesse sentido, pode ser lida também como uma eficaz “réplica aos empreendimentos de manipulação da história (...)”, e tentativa de “evitar o tratamento exclusivo das esferas dirigentes e dar um pouco de visibilidade à multidão de anônimos cuja participação marcou o período”⁸⁹. Nesse caso, para o autor de *O desafio biográfico*, até mesmo as ilusões ou ficções que os atores históricos criam para dotarem suas vidas de significados são fontes valiosas para se compreender a complexidade de uma trajetória humana.

Em *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, Afonso Henriques também mesclou sua fala com a do protagonista desse romance para colocar em evidência as obras de literatura favoritas dessa personagem. A missão do homem de letras, segundo o dizer de Isaías, consistia em falar das suas esperanças e desencantos pessoais de forma acessível para o maior número possível de pessoas no intuito de torná-las mais solidárias. O narrador não nega que “para isso tenha procurado modelos

⁸⁸ SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. Lima Barreto e as contradições sociais de seu tempo. In: *O Rio de Janeiro de Lima Barreto*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Rioarte, 1983, p. 25.

⁸⁹ DOSSE, François. *O desafio biográfico*: escrever uma vida. Tradução de Gilson de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 228.

e normas” e revela aos leitores suas predileções literárias: “ao alcance das minhas mãos, tenho os autores que mais amo. Estão ali *Crime e castigo* de Dostoiévski, um volume dos contos de Voltaire, *A guerra e a paz* de Tolstói (...)”⁹⁰. De acordo com as palavras da personagem que intitula essa obra, essas memórias foram publicadas com a intenção de combater os preconceitos raciais e sociais vigentes na república velha:

Mas, não é a ambição literária que me move o procurar esse dom misterioso para animar e fazer viver estas pálidas *Recordações*. Com elas, queria modificar a opinião dos meus concidadãos, obrigá-los a pensar de outro modo, a não se encherem de hostilidade e má vontade quando encontrarem na vida um rapaz como eu e com os desejos que eu tinha há dez anos passados. (...) Entretanto, quantas dores! Quantas angústias! Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem. Cercam-me dois ou três bacharéis idiotas e um médico mezinheiro, repletos de orgulho de suas cartas que sabe Deus como tiraram.⁹¹

Entretanto, os silêncios de Lima Barreto sobre a política na Rússia, entre 1903 e 1911, ainda contrastam bastante com a enxurrada de reportagens que apareceram na imprensa carioca, ora exaltando as ideias de Tolstói ou as denegrindo. Em publicações francesas como a *Revue des deux mondes*, um dos periódicos favoritos de Afonso Henriques⁹², o autor de *Guerra e paz* estava em toda parte. Esse e outros impressos frâncicos deleitavam-se em imprimir imagens desse escritor eslavo em trajes de camponês, descalço e arando lavouras em Iásnaia Poliana. Publicações modernistas e ligadas ao movimento operário traziam artigos polêmicos sobre e de Tolstói.⁹³ Nesses termos, conforme sugere Beatriz Resende, bem depois dos 30 anos de idade,

⁹⁰ BARRETO, Lima. *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 120.

⁹¹ Idem, p. 120-21.

⁹² Além de ter encadernado uma série de artigos da *Revue des deux mondes* e colocado essa brochura em cima de sua mesa de trabalho, possivelmente para ter o volume sempre ao alcance das mãos para consultas, Lima Barreto foi encontrado morto em seu quarto, pela irmã Evangelina, após um ataque cardíaco, ainda com um exemplar dessa revista entre as mãos. Cf. “A morte” e “Inventário da Limana”. In: BARBOSA, Francisco de Assis. Op. Cit., p. 345-82.

⁹³ GOMIDE, Bruno. Op. Cit., p. 205.

“aposentado do serviço público, mesmo tendo o parco salário ainda mais reduzido”, Lima pode ter se sentido “enfim, desobrigado de qualquer obediência ao sistema ou da necessidade de ocultar publicamente suas opiniões”⁹⁴.

Justamente, na conferência “O destino da literatura”, de 1921 – escrita em uma fase de vida na qual Lima Barreto já estava bastante debilitado fisicamente e psicologicamente pelo alcoolismo – seu débito com o tolstoísmo foi assumido com ênfase. Esse texto, cujas condições de elaboração já foram aqui ressaltadas, foi definido por Francisco de Assis Barbosa, com propriedade, enquanto um “testamento literário, que era também a confirmação de sua profissão de fê de escritor, fiel a si mesmo, por cujo ideal sofreu, lutou e morreu”⁹⁵. Nesse escrito, o autor de *Isaías Caminha* confessou que a leitura de *O que é Arte?*, de Tolstói, foi fundamental para a construção de seu projeto literário. Uma declaração importante e que consta, não por mero acaso, em um texto feito muito próximo ao eclipse da vida de Afonso Henriques.

Na citada conferência, ao lançar o seguinte questionamento: “em que pode a Literatura, ou a Arte, contribuir para a felicidade de um povo, de uma nação, da humanidade, enfim?”⁹⁶, Lima Barreto adentrou em uma densa discussão sobre estética e política. É nesse ponto que o escritor enfatizou o quanto as ideias de Tolstói foram fundamentais para seu entendimento teórico sobre a arte,

Como os senhores sabem perfeitamente, entre as muitas ciências ocultas e destinadas a iniciados de última hora que ultimamente têm surgido, há uma que pretende ser a da Teoria geral da Arte.

Segundo Tolstói, na sua sólida e acessível obra – *O que é Arte?* – o fundador dessa absconsa ciência foi o filósofo alemão Baumgarten, que a definia como tendo por objeto o conhecimento da Beleza, sendo que esta é o perfeito ou o absoluto, percebido pelos sentidos e tem por destino deleitar e excitar este ou aquele desejo nosso.

Uma porção de definições da ciência estética se baseia, como esta, na beleza, tendo cada uma

⁹⁴ RESENDE, Beatriz. Op. Cit., p. 15.

⁹⁵ BARBOSA, Francisco de Assis. Op. Cit., p. 332.

⁹⁶ BARRETO, Lima. O destino da literatura. In: *Impressões de leitura: crítica*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 55-6.

delas por sua vez, um determinado critério do que seja Belo, do que seja Beleza.⁹⁷

É a partir dessas considerações que Lima Barreto frisa bem que sempre buscou se expressar da forma mais clara possível sobre suas ideias literárias, porque “segundo Tolstói, quando a tradicional clareza dos franceses é fascinada pela proverbial névoa germânica” é imprescindível evitar essas “nebulosidades”⁹⁸. Coerente em relação às ponderações feitas por esse escritor russo, o carioca Afonso faz questão de salientar que: “a arte literária se apresenta com um verdadeiro poder de contágio que a faz facilmente passar de capricho individual, para traço de união, de força, de ligação entre os homens, sendo capaz, portanto, de concorrer para o estabelecimento de uma harmonia entre eles”⁹⁹.

Essa noção de que as artes poderiam servir como ferramentas voltadas para o mútuo entendimento entre diferentes parcelas da população é muito presente ao longo da produção ficcional e jornalística desse escritor carioca. Diante dessa constatação, é necessário tecer uma incursão mais detalhada sobre o conceito de arte segundo Tolstói e discutir os motivos que tornaram a proposta estética desse escritor fascinante para Lima Barreto.

A edição de *O que é Arte?*, citada e catalogada por Lima Barreto, é possivelmente a que foi impressa e traduzida para o idioma francês em 1898, pelo crítico e tradutor Teodor de Wyzewa (1862-1917)¹⁰⁰. Nessa época, Leon Tolstói desfrutava de um imenso prestígio internacional entre o público leitor ocidental e essa densa reflexão conta com quatrocentas laudas. Realmente, um longo ensaio e que causou um grande impacto entre letrados das mais variadas tendências.

Na introdução dessa versão francesa, de mesma autoria do tradutor, temos a seguinte afirmação: “nenhuma voz tão elevada protestou com tanta força contra o vergonhoso rebaixamento da arte contemporânea”. Essa decadência, segundo Wyzewa, era caracterizada pelos sintomas da “perda da matéria artística”, bem como “a busca pela

⁹⁷ Idem, p. 57.

⁹⁸ Idem, p. 58.

⁹⁹ Idem, p. 62.

¹⁰⁰ Considero relevante destacar o núcleo da introdução feita pelo crítico de arte Teodor Wyzewa, de origem polonesa, devido à sua importância enquanto expoente do simbolismo francês e pela fina sintonia que suas considerações possuem com as ideias escritas por Tolstói ao longo dessa obra.

escuridão e a bizarrice, o pacto, cada vez mais próximo, entre o mau gosto e a imoralidade e a crescente substituição da arte sincera e comovente por mil falsificações”¹⁰¹. De fato, a tônica do discurso engajado de Tolstói, margeado por um refinado moralismo, foi bem apreendida por esse erudito polonês.

Essa obra de Tolstói foi traduzida para o português diretamente do idioma russo por Bete Torii, em 2002. Embora não contenha o cirúrgico prefácio de Teodor Wyzewa, essa edição brasileira de *O que é arte?* possui uma excelente diagramação que intercala o texto com ilustrações de esculturas, desenhos, pinturas e imagens, que marcaram a vida artística europeia, citadas ao longo da reflexão tolstoiana. Desse modo, fornece ao leitor uma boa noção sobre o contexto no qual o autor de *Guerra e paz* lançou essa polêmica contra estetas ingleses, franceses, alemães e outros mais. Segundo Tolstói, era necessário evitar as tentações de ceder “ao conceito de beleza tal como definido pela maior parte dos sistemas estéticos – ou seja, ou de que ela é algo místico ou metafísico, ou de que é um tipo especial de prazer”¹⁰².

Como solução para esse impasse, o autor de *O que é Arte?* sugeriu o seguinte:

Para definir arte com precisão, devemos antes de tudo parar de olhar para ela como veículo de prazer e considerá-la como uma das condições da vida humana. Ao considerá-la dessa forma, não podemos deixar de ver que a arte é um meio de comunhão entre as pessoas.

(...)

Tal como a palavra, transmitindo os pensamentos e experiências dos homens serve para unir as pessoas, a arte serve exatamente da mesma forma. A peculiaridade desse meio de comunhão, que a distingue da comunhão por meio da palavra, é que pela palavra o homem transmite seus pensamentos a outro, enquanto que com a arte as pessoas transmitem seus sentimentos umas às outras.¹⁰³

¹⁰¹ WYZEWA, Teodor. Introduction. In: TOLSTOÏ, Léon. *Qu'est-ce que l'Art*. Paris: Perrin & Cie, 1898, p. iv. [Tradução livre]

¹⁰² TOLSTOÏ, Léon. *O que é arte?*. Tradução de Bete Torii. São Paulo: Ediouro, 2002, p. 65-6.

¹⁰³ Idem, p. 72-3.

Tolstói, ainda nessa obra citada por Lima Barreto, fez também a seguinte afirmação: “a arte começa quando um homem, com o propósito de comunicar aos outros um sentimento que ele experimentou certa vez, o invoca novamente dentro de si e o expressa por certos sinais exteriores”¹⁰⁴. Tal linha de argumentação marcou profundamente o autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Ainda em “O destino da literatura”, esse literato brasileiro esclareceu melhor sua adesão ao tolstoísmo ao salientar que a literatura, na sua concepção, tinha o papel de promover a solidariedade entre diferentes nações e povos, unidos pelo fato de partilharem do “sofrimento da imensa dor de serem humanos”¹⁰⁵.

Segundo Zélia Nolasco Freire, na tese de doutorado em Letras, intitulada *A concepção de arte em Lima Barreto e Leon Tolstói: divergências e convergências*, o autor de *Gonzaga de Sá* pode ser considerado um herdeiro do legado intelectual desse autor russo por ter sido inspirado, diretamente, por essa forma de pensamento que entrelaça reflexões sobre política, moralidade, religiosidade e justiça social com a definição do conceito de arte. Sendo assim, “constata-se, em Lima Barreto e em Leon Tolstói, uma característica que se apresenta como a principal responsável pela atitude literária de ambos: uma insatisfação com a corrente estética de tendência formalista que predominava no período que escreviam”¹⁰⁶.

Ambos os escritores também vivenciaram o advento da modernização dos seus países enquanto um drama repleto de violência e opressão. Apesar de Tolstói ter sido um aristocrata europeu em busca de redenção; acusado pela esposa e filhos de negligência familiar e Lima Barreto um intelectual latino-americano, negro, de origem social modesta e ter buscado no álcool um refúgio para sua conturbada vida doméstica, esses dois modernistas “reivindicam uma arte compreensível por todos, e criticam sem meias palavras, o que segundo eles pregavam, seria o artificialismo na arte”¹⁰⁷. A consequência mais nefasta da falta de compromisso do homem de letras, diante das injustiças sociais, vislumbrada por esses dois literatos era o aumento do abismo existente entre artistas e povo. O gosto pela arte enquanto forma de prazer,

¹⁰⁴ Idem, p. 74-5.

¹⁰⁵ BARRETO, Lima. Op. Cit., p. 62.

¹⁰⁶ FREIRE, Zélia Nolasco. *A concepção de arte em Lima Barreto e Leon Tolstói: divergências e convergências*. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras de Assis da Universidade Paulista, Assis, 2009, p. 122.

¹⁰⁷ Idem, p. 123.

cultivado até se tornar uma forma afetada de distinção, culminava em uma erudição oportunista, isoladora e inútil.

Daí a raiz da irritação demonstrada por Lima Barreto, em um artigo escrito em 1920, mas apenas publicado postumamente, na primeira edição de *Bagatelas*, ao ser chamado de boêmio em um artigo sobre o lançamento da primeira edição de *Histórias e sonhos*, publicado pelo jornal *A.B.C.* De acordo com o escritor, era necessário evitar aderir aos clichês “com que os jornais são fabricados”. Um desses chavões era enquadrar “a vida irregular de certos escritores e artistas” de “boêmia”, ou seja: considerá-la “uma sobrevivência do romantismo”¹⁰⁸. Em seguida, o recado para os intelectuais arrivistas é bastante contundente: “os nossos autorizados sabedores de cousas literárias, hão de concordar que, antes do romantismo, houve boêmia artística e literária”¹⁰⁹. Porém, “o que é difícil de explicar, apesar de ter existido, de existir e haver de existir, é literatos lacaios, cavadores de propinas, gratificações, ajudas de custo, obtidas com lambidos artigos de um proxenetismo torpe, (...) à custa do Estado”¹¹⁰.

A ira de Lima Barreto contra esses letrados de conduta ética duvidosa reside na constatação de que os integrantes do veio literatura sorriso da sociedade, além de superficiais em suas falas sobre a arte, eram cheios de certezas deterministas. Ao passo que para o autor, sobre a literatura em geral, “quem quer acertar, deve duvidar antes, durante e depois...”¹¹¹.

O crítico paraense José Veríssimo, que, em uma carta para Lima Barreto, afirmou que o romance *Isaías Caminha*, apesar “de muitas imperfeições de composição”, se tratava de “um livro distinto, revelador, (...) de talento real”¹¹², foi um dos primeiros intelectuais brasileiros a sistematizar e publicar um ensaio sobre Tolstói. Em *Homens e cousas estrangeiras*, de 1902, Veríssimo buscou fazer alguns juízos de valores sobre o romance *A ressurreição*: também listado na “Limana”. Vale a pena fazer uma incursão ao roteiro de leitura de Veríssimo na medida em que reforça a impressão de que a problemática

¹⁰⁸ BARRETO, Lima. Uma simples nota. In: *Toda crônica*. Vol. II. Rio de Janeiro: Agir, 2004, p. 267.

¹⁰⁹ Idem, p. 269.

¹¹⁰ Idem, Ibid.

¹¹¹ Idem, p. 270.

¹¹² VERÍSSIMO, José. Carta para Lima Barreto (05/05/1910). In: *Correspondência: ativa e passiva*. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 204.

relação entre arte e sociedade foi um dos debates vitais entre os intelectuais na Primeira República.

Trata-se do último texto romanesco escrito por Tolstói e tem como temáticas as injustiças e a hipocrisia velada pelos sacerdotes da Igreja. O protagonista da trama, o príncipe Nekhliudov, tenta se redimir moralmente após participar de um injusto júri no qual uma serviçal por ele seduzida, Maslova, foi condenada a trabalhos forçados por quatro anos na Sibéria. Ao escrever uma tese de formatura intitulada *A propriedade territorial* e conversar com vários presos políticos, Nekhliudov toma consciência de que o mundo aristocrático pelo qual transitou, composto também pelo alto clero, marcado pela pompa e luxo, é muito mesquinho em face da realidade injusta e opressora vivenciada pela maior parte da população subalterna.

Mesmo considerando que, às vezes, o zelo desse escritor russo pela sua imagem de doutrinador atrapalhava seu artesanato literário, José Veríssimo frisou que “os casos do mesmo Tolstói, de Kropótkine, que também é príncipe, e de numerosos fidalgos da melhor nobreza russa, que tudo sacrificaram por amor das suas convicções morais, religiosas e sociais, provam que na alma misteriosa e trágica dos Russos há energias morais quase desconhecidas no nosso mundo ocidental”¹¹³. A reflexão do crítico paraense não explora com mais detalhes o impacto da escrita desse literato no solo nacional, entretanto, surpreende pelo seu fulgor.

Opiniões simpáticas ao tolstoísmo, conforme constam nos textos de Lima Barreto, José do Patrocínio e José Veríssimo, não formaram um consenso na *Belle Époque* tropical. Intelectuais católicos e capitalistas consideravam as denúncias contra as injustiças sociais veiculadas na literatura russa um perigo para os valores dominantes. Em “Liberdade de ensino: o veto do prefeito”, texto publicado no *Jornal do Brasil*, em junho de 1904, A. Feliciano dos Santos lamentou dois fatos: o de que os professores mencionassem o nome de escritores russos nas escolas cariocas e o parecer favorável de Pereira Passos pela laicização do ensino. Para esse colunista, a leitura de autores eslavos era capaz de estimular “nos espíritos juvenis das mocinhas” um comportamento “indecente, destruidor inexorável de toda idéia [sic] religiosa”¹¹⁴.

¹¹³ VERÍSSIMO, José. *Homens e cousas estrangeiras (1899-1900)*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902, p. 245.

¹¹⁴ SANTOS, A. Feliciano. Liberdade do ensino: o veto do prefeito. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, ano XIV, nº 158, junho de 1904, p. 01.

As preocupações ortodoxas desse colunista o impediram de perceber que o panorama literário russo era fragmentado por várias visões de mundo. Em “Aspectos do tolstoísmo na literatura brasileira: Lima Barreto e João Antônio”, Clara Ávila Ornellas salienta que o ideário pregado pelo autor de *Guerra e paz* se tratou de uma releitura dos principais credos cristãos e em sintonia, inclusive, com alguns postulados do celibato:

À parte das críticas a alguns preceitos do tolstoísmo como a abstenção sexual, a priorização do desenvolvimento individual em detrimento do coletivo, a total condenação da civilização moderna, a arte como preceito de sentimentos religiosos entre outros fatores, é ponto pacífico entre seus comentadores a afirmação de que o tolstoísmo foi fundamental por questionar o topo das organizações sociais e preconizar a valorização do homem marginalizado.¹¹⁵

A crença de que a literatura necessitava aproximar diferentes parcelas da população é a pedra angular que fundamentou um texto apenas publicado recentemente de Lima Barreto contra o patriotismo. A Liga da Defesa Nacional, fundada sob a liderança de Olavo Bilac, Pedro Lessa, Miguel Calmon e contando com as bênçãos do presidente Venceslau Brás, a partir do ano de 1916, começou uma bem sucedida campanha a favor do serviço militar obrigatório. Um ano antes, Bilac já estava engajado com esse projeto e realizou uma série de conferências em salões, universidades e quartéis sobre o tema em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e até mesmo na capital portuguesa. Em um desses discursos, publicado em 1917, o acadêmico parnasiano emitiu a seguinte opinião sobre o militarismo,

O exército nacional será um laboratório de civismo: uma escola de humanidade, dentro do patriotismo; uma escola de energia social, começando por ser uma escola de energia nacional. Ambicionamos que todos os Brasileiros passem pelo quartel; revezando-se; que cada um

¹¹⁵ ORNELLAS, Clara Ávila. Aspectos do tolstoísmo na literatura brasileira: Lima Barreto e João Antônio. In: *Fragmentos*. Florianópolis, Vol. 21, nº 38, 2010, p. 109.

dê ao menos um ano da vida ao serviço da vida da pátria. E não queremos somente o quartel. Queremos que dentro de cada quartel haja uma aula primária; e que ao lado de cada quartel haja uma aula profissional. Ao cabo de seu tempo de aprendizado cívico, cada homem será um homem completo, um cidadão, com sua inteligência adestrada, com a sua capacidade armada para o trabalho, com a sua consciência formada, com os seus músculos fortalecidos, com a sua alma enobrecida. No quartel, cada homem encontrará a sua completa cultura indispensável.¹¹⁸

Apesar do manuscrito “A conferência do dr. Assis Brasil”, anotado por Lima Barreto, em oito tiras de papel, não estar datado e assinado com o pseudônimo de Cáius, é possível cogitar que foi elaborado nesse panorama de consolidação da Liga da Defesa Nacional. Nesse libelo publicado recentemente de Afonso Henriques, o narrador afirmou o seguinte: “nada tenho haver com a organização das conferências, onde vejo o meu amigo Félix Pacheco e o Gregório da Fonseca tratando de coisas militares, ainda por cima Bilac, a puxar a espada, para defender a língua nacional. Está aí uma coisa muito própria de cavalheiro e de grande poeta que Bilac é: vai defender um sonho, uma criação de sua imaginação”¹¹⁹. Esse nacionalismo armado, idealizado pelas elites republicanas foi rechaçado por Lima Barreto por meio de um argumento de cunho bastante tolstoiano:

A alma humana está pronta a extravasar-se sempre e animar, e harmonizar com todas as coisas, vivas ou mortas que a cercam, sobretudo nos primeiros anos da nossa existência, quando o sentimento e espontaneidade emocional dominam todo o nosso pensamento. O patriotismo, porém, é outra coisa. Não tem raízes tão vivas e naturais na nossa natureza. É um sentimento político, artificial, que é instilado nos

¹¹⁸ BILAC, Olavo. *A defesa nacional: discursos*. Rio de Janeiro: Liga da Defesa Nacional, 1917, p. 143.

¹¹⁹ BARRETO, Lima. A conferência do dr. Assis Brasil. [s.l.], [19__]. Orig. Aut. Ms., 8 tiras. In: *Fundação Biblioteca Nacional*. Mss I-06, 33, 0890 ou BARRETO, Lima. *Contos completos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 611-12.

poros, mantidos neles pela cultura, pelo ensino oral ou escrito pelo funcionário, pelos professores, pelo sacerdote e até pela presença de uma força armada.

Destinado à manutenção da pátria política, ele é tão artificial quanto ela, em geral formada por casamentos reais ou de príncipes, por tratados, por conquistas, ou compras, por trocas, por este ou aquele meio de aquisição de territórios.

(...)

Para as necessidades transitórias da humanidade atual é conveniente (...) que a nossa humanidade não se uniformize tolamente e ela seja variada de aptidão, de aspectos e de formas de sentir.¹²⁰

Nesses termos, o contato com o pensamento de Tolstói foi fundamental para Lima Barreto encarar a profissão de homem de letras também como um ofício reformador e místico. Fiel ao seu perfil político libertário, o escritor carioca não compactuou com as falácias belicistas difundidas pelos intelectuais triunfantes da Primeira República. Segundo esses dois ícones da literatura moderna, os artistas deveriam estar comprometidos em comunicar-se com a humanidade, dando-lhe esperanças e não legitimando o domínio do mais forte sobre os mais fracos ou justificando o emprego da violência e da disciplina como forma de controle social.

A convicção de Tolstói de que “o efeito da verdadeira obra de arte é abolir, na consciência do receptor, a distinção entre ele mesmo e o artista”, proporcionando aos indivíduos uma “libertação de seu isolamento e de sua solidão” para promover “um contágio” entre “o autor e com aqueles que percebem a obra”¹²¹, encontrou, portanto, em Afonso Henriques um coerente interlocutor.

Nos rastros de *Netochka e Isaías Caminha*

Lima Barreto realizou uma união entre diferentes tendências literárias engajadas no intuito de burilar seu parecer crítico em torno da modernidade. As leituras e experiências pessoais vivenciadas pelo autor

¹²⁰ Idem, p. 613-14.

¹²¹ TOLSTÓI, Leon. Op. Cit., p. 202.

foram decisivas para a configuração de narrativas que colocam sob suspeita a política republicana e seus signos civilizatórios. As apropriações que o carioca Afonso fez de algumas obras de Dostoiévski foram fundamentais para alicerçar esse projeto literário e político.

Em “O destino da literatura”, o escritor carioca propôs fazer uma análise de “um livro famoso, hoje universal – *O crime e o castigo*, de Dostoiévski”. Lima Barreto frisa bem que o enredo desse romance aborda a vida dramática de um “estudante que curte as maiores misérias em São Petersburgo”. E fez questão de frisar: “lembrem-se bem que se trata da miséria russa e de um estudante russo”¹²². Um dos grandes infortúnios vivenciados por esse estudante é o fato de ser constantemente explorado por uma velha usurária chamada Aliena Ivánovna: a proprietária da pensão na qual alugou um quarto.¹²³

Segundo o autor dessas *Impressões de leitura*,

O estudante chama-se Raskólnikoff. É bom, é honesto, é inteligente, tanto assim que o sacodem idéias [sic] para acabar com as misérias dos homens. Mas... Precisa dinheiro; ele não o tem. Precisa dinheiro para estudar, para transmitir as suas idéias [sic] aos outros, por meio de livros, jornais e revistas. Como há de ser? Eis o problema...

Um dia, Raskólnikoff, indo em transação à casa da tal velha, percebe que ela tem na gaveta uma grossa quantia de notas de banco. Tal descoberta fere-o profundamente; a ignóbil onzeneira possui naturalmente o dinheiro de que ele precisa para realizar, para lançar a sua obra generosa que fará a felicidade de muitos, senão a de todo o gênero humano; mas, como se apoderar dele?¹²⁴

¹²² BARRETO, Lima. O destino da literatura. In: *Impressões de leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 59.

¹²³ A obra *Crime e castigo* foi traduzida para o português diretamente do idioma russo por Paulo Bezerra em 2001. Recomendo essa versão aos interessados, pois esse tradutor aprendeu a falar russo, inicialmente, lidando com situações cotidianas em Moscou. Dostoiévski buscou, justamente, transplantar essa linguagem mais coloquial e acessível para sua arte. As traduções brasileiras que foram feitas a partir da versão francesa dessa obra foram afetadas, de acordo com a opinião de Paulo Bezerra, pelo modo que “os franceses costumam traduzir obras de autores russos”. São, portanto, uma tradução da tradução. Cf. BEZERRA, Paulo. Prefácio do tradutor. In: DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Crime e castigo*. São Paulo: Editora 34, 2001, p. 07.

¹²⁴ Idem, p. 59-60.

Continuando com sua leitura desse clássico da literatura moderna, Lima Barreto revela o desfecho dessa parte inicial da trama de *Crime e castigo*: o assassinato de Aliena Ivánovna e de sua irmã, Lisavieta, por esta última ter dado o azar de chegar na pensão justo naquele momento e testemunhado toda cena do crime. Raskólnikov sentia, inclusive, empatia por Lisavieta Ivánovna. O estudante sempre havia sido tratado com cordialidade pela mesma. No entanto, como bem atentou Afonso Henriques, Raskólnikov “mata a ambas da forma mais cruel e horrorosa que se pode imaginar, com o furor homicida de bandido consumado. Mata as duas mulheres com uma embotada machadinha de rachar lenha que encontrara no quintal do casarão da sua residência, pois nem dinheiro tivera para comprar outra arma mais própria e capaz”¹²⁵.

Essa referência ao conteúdo de *Crime e castigo* foi feita por Lima Barreto para ilustrar sua convicção de que o belo, nas artes, não se resumia, simplesmente, a uma questão de prezar por representações agradáveis ou prazerosas. Onde encontrar beleza em uma literatura tão áspera? Justamente, em todos os desdobramentos desse romance nos quais Raskólnikov confessa seu arrependimento e sofre por ter a consciência de que “as suas relações com o resto da humanidade já são outras e ele se sente perfeitamente fora da comunhão humana, cujos laços com ela, ele mesmo rompera”¹²⁶.

Nesse sentido, a redenção encontrada por esse anti-herói moderno ao ser perdoado por uma personagem portadora de uma imensa bondade e sensibilidade religiosa – mas que se prostituía para poder sobreviver – transmitiu para Lima Barreto uma valiosa lição. Esse inovador romance de Dostoiévski alicerçou a profunda crença barretiana de que “não devemos deixar de pregar, seja como for, o ideal de fraternidade, e de justiça entre os homens e um sincero entendimento entre eles”¹²⁷. Afinal, e aqui me referindo diretamente a um trecho da obra *Crime e castigo*, até mesmo Raskólnikov foi capaz de despertar para uma vida mais plena, inspirada pelo episódio da “ressurreição de Lázaro”, a partir do “Evangelho”¹²⁸. Após acertar as contas com a própria consciência e com a justiça criminal, o estudante russo estava pronto para ser o protagonista de “uma história da renovação gradual de um homem”¹²⁹.

¹²⁵ Idem, p. 60-61.

¹²⁶ Idem, p. 61.

¹²⁷ Idem, p. 68.

¹²⁸ DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Op. Cit., p. 559.

¹²⁹ Idem, p. 561.

O crítico Malcolm Bradbury salienta que o autor de *Recordações da casa dos mortos* obteve o reconhecimento ainda em vida, projetado para muito além das estepes, de ter sido “o grande romancista da introspecção, o visionário psicológico que escreveu sobre o sofrimento e a angústia dos tempos modernos e, em suas últimas obras, sobre a necessidade de fé e do misticismo”¹³⁰. O que vale destacar aqui é o estilo de Dostoiévski marcou profundamente Lima Barreto. Porém, o literato carioca ostentou certa divergência sobre a relação entre meio e indivíduo no tocante ao famoso romancista de São Petersburgo. Nesses termos, por meio de uma digressão, acredito que tal tensão pode ser verificada através de uma comparação entre um dos eixos centrais dos enredos de *Isaías Caminha* e de uma obra não tão conhecida de Dostoiévski.

Por meio do inventário da “Limana”, é possível detectar que Afonso Henriques possuiu uma brochura do livro *Netochka Nezvanova*: uma importante, porém inacabada obra dostoiévskiana.¹³¹ Esse romance foi escrito por esse autor eslavo entre 1846 e 1848. Nos arquivos da *Russian State Library* é possível encontrar apenas as primeiras edições desse impresso no idioma russo. Embora seja um iniciante no estudo de tal linguagem, com o auxílio de uma ferramenta virtual de tradução, bem como de um dicionário bilíngue¹³², é possível fazer uma necessária aproximação entre *Netochka* e *Isaías Caminha*. Tal perspectiva, de um ponto de vista historiográfico, conforme sugere Reinhart Koselleck, renuncia “a explicações monocasuais para ponderar diferentes séries de provas, que deixam entrever um emaranhado de interdependências”¹³³ entre fontes oriundas de diferentes tempos e lugares.

Em se tratando da obra de Dostoiévski, a narrativa gira em torno da vida de uma jovem chamada Netochka cuja infância foi repleta de miséria. Efimova, seu padrasto, é um músico talentoso, porém fracassado. O artista desperdiça seus dons e se entrega ao consumo exagerado de vinho. Netochka acredita que por meio da educação pode superar as adversidades do meio no qual foi criada. O contato com a

¹³⁰ BRADBURY, Malcolm. *O mundo moderno*: dez grandes escritores. Tradução de Paulo Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 43-4.

¹³¹ Cf. Inventário da Limana. In: BARBOSA, Francisco de Assis. Op. Cit., p. 368.

¹³² Cf. KEDAITENE, E. {et. al.}. *Dicionário prático russo-português*. Moscou: Língua Russa, 1983.

¹³³ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Wilma Patrícia Maas & Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC/Rio, 2006, p. 261.

literatura e com o conhecimento atua sobre seu comportamento, que passa a ser vinculado a uma defesa enérgica da ideia de justiça e de elevados princípios morais. Com a consciência dilacerada em relação aos sentimentos contraditórios que nutre pela família, a jovem russa sabe que precisa fazer escolhas definitivas e importantes, que irão lhe afastar de seus parentes, para conseguir realizar seus desejos de ascensão e ideais mais elevados.¹³⁴

Nesse romance, Dostoiévski já havia esboçado a técnica de construir personagens de grande densidade psicológica que tanto lhe é cara, além de ter causado uma ruptura com o determinismo naturalista que predominava nas letras francesas. Basicamente, segundo o enredo de *Netochka*, uma pessoa é capaz de superar as adversidades do meio em que cresceu se cultivar um tipo de individualismo edificante.¹³⁵

Recordações do escrivo Isaias Caminha tem uma temática semelhante à de *Netochka*. O primeiro parágrafo dessa obra barretiana, quando o narrador revela ao leitor os pensamentos mais íntimos de Isaias, pode ser um sintoma de convergência entre os conteúdos desses romances: “a tristeza, a compreensão e a desigualdade de nível mental do meu meio familiar, agiram sobre mim de modo curioso: deram-me anseios de inteligência”¹³⁶. O protagonista do romance, aluno brilhante, decide sair da pequena cidade interiorana que vivia e se mudar para o Rio de Janeiro no intuito de realizar seus estudos superiores: “Todas as manhãs, ao acordar-me, ainda com o espírito acariciado pelos nevoentos sonhos de bom agouro, a sibila me dizia ao ouvido: Vai, Isaias! Vai!... Isto aqui não te basta... Vai para o Rio!”¹³⁷.

Prosseguindo com a comparação entre os enredos de *Netochka* e *Isaias Caminha*, a personagem barretiana mantém seu caráter altivo até

¹³⁴ Cf. DOSTOIÉVSKY, Fiodor. *Netochka Nezvanova*. São Petersburgo: F. Stelóvski, 1916.

¹³⁵ Vale salientar também que esse romance está interligado com o período no qual o autor foi preso, em abril de 1849, acusado pelo Czar Nicolau I de fazer parte de um grupo de intelectuais revolucionários chamado Círculo Petrashevski. O Czar decretou que os então prisioneiros ligados ao Círculo Petrashevski deveriam ser fuzilados. Quando estavam amarrados nos postes e de frente para o pelotão de fuzilamento, na Fortaleza de Pedro e Paulo, em 22 de dezembro, uma carta assinada dias antes por Nicolau I determinava que a pena de morte de Dostoiévski e seus companheiros fosse transformada em exílio e trabalhos forçados na Sibéria por oito anos. O escritor cumpriu quatro anos dessa pena. É a partir dessa experiência insólita que esse literato russo escreveu suas *Memórias da casa dos mortos* e deixou o romance *Netochka* incompleto. Cf. FRANK, Joseph. *Dostoiévski: as sementes da revolta* (1821-1849). Vol. I. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Edusp, 1999.

¹³⁶ BARRETO, Lima. *Recordações do escrivo Isaias Caminha*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 45.

¹³⁷ Idem, p. 47.

o final da narrativa, entretanto sua sensibilidade acentuada faz com que a determinação em cumprir seus ideais seja abalada pelas rotinas marcadas pela opressão social que enfrenta. Em lugar de um meio favorável para o desenvolvimento de suas faculdades intelectuais e a realização dos seus sonhos de ascensão social, a personagem encontra na redação do jornal *O Globo*, onde exerce a profissão de jornalista, todas as formas possíveis de corrupção, vaidades e mesquinhasarias entre os intelectuais.

O jovem Isaías Caminha se depara com uma sociedade metropolitana que, apesar de reivindicar para si o *status* de moderna, é clientelista, racista e arrivista. De acordo com a visão que Lima Barreto possuiu sobre a relação entre o indivíduo e o meio que o cerca, apenas se portar de forma austera não é suficiente para superar uma realidade circundante adversa.

Um trecho, próximo ao final do romance, endossa bem esse postulado. Ao servir de anfitrião, a mando de Ricardo Loberant, o diretor do jornal *O Globo*, para uma turista italiana que estava no Rio, Isaías Caminha começa a divagar sobre seu destino:

Queria-me um homem do mundo, sabendo jogar, vestir-se, beber, falar às mulheres; mas as sombras e as nuvens começaram a invadir-me a alma, apesar daquela vida brilhante. Eu sentia bem o falso da minha posição, a minha exceção naquele mundo; sentia também que não me parecia com nenhum outro, que não era capaz de me soldar a nenhum e que, desajeitado para me adaptar, era incapaz de tomar posição, importância e nome. (...) Não sei o que sentia de ignóbil em mim mesmo e naquilo tudo, que no fim estava sombrio, calado e cheio de remorsos. Desesperava-me o mau emprego dos meus dias, a minha passividade, o abandono das grandes ideias que alimentara. Não; eu não tinha sabido arrancar da minha natureza o grande homem que desejara ser; abatera-me diante da sociedade (...).

(...)

Às minhas aspirações, aquele forte sonhar da minha meninice eu não tinha dado as satisfações devidas.

A má vontade geral, a excomunhão dos outros tinham-me amedrontado, atemorizado, feito adormecer em mim o Orgulho, com seu cortejo de grandeza e de força. Rebaixara-me, tendo medo de fantasmas e não obedecera ao seu império.¹³⁸

Essa discussão sobre as convergências e tensões entre *Netochka* e *Isaias Caminha* foi feita a partir de conjecturas indiretas. É possível pensar a escrita de um trabalho historiográfico a partir de algumas suposições. Usar a imaginação é uma tática indispensável, porém sempre arriscada, no campo do ofício do historiador. Porém, em *Doze lições sobre história*, Antoine Prost enfatiza bem que “a imaginação aqui solicitada, aqui, não é a divagação; apesar de serem ficções, suas construções irreais são totalmente diferentes do delírio ou do sonho por estarem ancoradas resolutamente no real ao se inscreverem nos fatos reconstruídos pelo historiador”¹³⁹.

O fato de reconstituir, no horizonte da expectativa do passado, algumas possibilidades de diálogos entre diferentes temporalidades tem haver com a consciência de que uma discussão historiográfica não se faz por meio de verdades inquestionáveis ou divisões cronológicas muito herméticas. Uma hipótese como essa que elaborei sobre os debates suscitados pelas tramas de *Netochka* e *Isaias Caminha*, pode ganhar mais consistência caso seja alicerçada em contextos documentais mais vastos.

Lima Barreto emitiu uma opinião mais bem sistematizada sobre o debate entre sociedade e indivíduo, na qual citou Dostoiévski, em um artigo de crítica literária intitulado “Uma fita acadêmica”. Na ocasião, apesar de, certamente, não ter sido convidado para o certame, Afonso Henriques adentrou em uma discussão sobre a noção de sátira literária para discordar das opiniões externadas pelo jurista e político mineiro Pedro Lessa durante um cerimonial na Academia Brasileira de Letras.

Conforme salienta o historiador João Paulo Coelho de Souza Rodrigues, em *A dança das cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*, esses discursos acadêmicos eram compostos por muita pompa e simbolismos. Durante o cerimonial, era comum estarem presentes políticos importantes como ministros e até mesmo governadores ou o presidente. O “receptor” era o acadêmico que

¹³⁸ Idem, p. 287-88.

¹³⁹ PROST, Antoine. Op. Cit., p. 166.

tinha a função de proferir uma fala de boas-vindas ao novo imortal e, caso desejasse, fazer menções ao patrono da cadeira. Sendo assim, “esperava-se que o ingressante fosse o mais polido e cordial possível nas suas considerações”¹⁴⁰. Em um panorama intelectual marcado por disputas e polêmicas de todo gênero, alguns desses acadêmicos brasileiros maquiavam seus rancores e vaidades por meio de uma estratégia eficaz: almejando conquistar a fama de sujeitos cultos e civilizados, para evitar diatribes sobre escolas literárias e partidarismos políticos, “o caminho encontrado por quase todos os discursantes era o de teorizar sobre a Arte (com “A” maiúsculo, mesmo) – e a história nacional”¹⁴¹.

Entretanto, era bastante complicado conseguir estabelecer uma fronteira muito nítida entre arte e política; mesmo para os belletristas. Como bem frisa o autor de *A dança das cadeiras*, apesar das “etéreas teorizações sobre a natureza da arte”, esses discursos “nos falam, também, de tudo aquilo que expulsavam da literatura: de história e de política. Mesmo quando buscam afastá-las, é com estes temas que dialogam”¹⁴². Feita essa consideração de ordem mais geral, sobre os interesses que margeavam cada cerimonial na ABL, considero interessante contextualizar o contundente artigo barretiano “Uma fita acadêmica”.

Encarregado de recepcionar o novo imortal Alfredo Pujol, Pedro Lessa, em seu discurso na sede da ABL, optou por fazer uma apologética de Machado de Assis e o elencou como o discípulo brasileiro mais notável de Swift. Durante o ensejo, Lessa fez a seguinte afirmação: “Com esse raro poder de abstrair e de generalizar, que fazia de Machado de Assis um gênio superior ao seu país e aos acidentes de seu tempo, o seu lugar é entre os grandes escarpeladores, sutis e irônicos, (...) da natureza moral do homem: ao lado de Swift (...)”¹⁴³.

O texto “Uma fita acadêmica”, de Afonso Henriques, foi publicado originalmente em 1919 no periódico *A.B.C.* Possui também referências aos pensamentos de Taine e Brunetière, cuja influência decisiva sobre a formação barretiana já foi salientada no capítulo

¹⁴⁰ RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. *A dança das cadeiras*: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913). 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 88.

¹⁴¹ Idem, p. 89.

¹⁴² Idem, p. 98.

¹⁴³ Cf. LESSA, Pedro. Recepção de Alfredo Pujol. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Discursos acadêmicos (1897-1919)*. Tomo I. Rio de Janeiro: Publicações da ABL, 2005, p. 1042.

anterior. Segue a transcrição de seus trechos mais enfáticos em torno dessa questão sobre arte e meio: candente entre os intelectuais da *Belle Époque* tropical,

A Arte, por sua natureza mesma, é uma criação humana dependente estreitamente do meio, da raça e do momento – todas essas condições concorrendo concomitantemente.

Há uma geometria para aqui e para a Lapônia; mas uma Virgília do Rio de Janeiro não pode agir da mesma maneira, levada pelos mesmos motivos sociais, que a Virgília de lá, se as há.

De resto os mesmos motivos agindo sobre os indivíduos neste meio ou naquele podem leva-los a atos diferentes.

(...)

A Arte seria uma simples álgebra de sentimentos e pensamentos se não fosse assim, e não teria ela, pelo poder de comover, que é um meio de persuasão, o destino de revelar umas almas às outras, de ligá-las, mostrando-lhes mutuamente as razões de suas dores e alegrias, que os simples fatos desarticulados da vida, vistos pelo comum, não tem o poder de fazer, mas que ela faz, diz e convence, contribuindo para a regra da nossa conduta e esclarecimento do nosso destino.¹⁴³

Complementando o argumento que desenvolve nesse ensaio de crítica artística, Conforme se pode notar, segundo o eminente Pedro Lessa, o irlandês Jonathan Swift (1667-1745) havia sido o maior mestre na técnica de carregar nas tintas para ridicularizar as convenções sociais. Considerando que esse gênero literário deve ser bastante cruel ao representar os costumes de uma comunidade, Lima Barreto afirmou o seguinte: “Swift, diz Vossa Excelência é uma escapelada [sic] da alma humana. (...) Dostoiévski o é; mas Swift não”¹⁴⁴.

A meu ver, justamente, essa referência ao pensamento de autor de *Netochka* em uma polêmica sobre meio e arte não foi feita de forma aleatória por parte do autor de *Isaias Caminha*. De acordo com a

¹⁴³ BARRETO, Lima. Uma fita acadêmica. In: *A. B. C.* Rio de Janeiro, ano V, nº 230, agosto de 1919, p. 13 ou BARRETO, Lima. *Toda crônica*. Vol. I. Rio de Janeiro: Agir, 2004, p. 579.

¹⁴⁴ Idem, p. 580.

reflexão engendrada por Lima Barreto, Swift produziu uma literatura muito mais pitoresca do que insólita. Machado de Assis, mais uma vez, alvo da escrita ferina de Afonso Henriques, foi acusado de ser um “esquadrinhador de paixões da roda decente”¹⁴⁵.

Porém, o autor de *Clara dos Anjos*, demonstrando que estava a par dos ritos que margeavam as discussões sobre literatura na ABL, buscou amenizar suas críticas ao bruxo do Cosme Velho e chegou a alegar: “podia bem explicar as estranhezas das suas obras posteriores, o que não faço e não farei, para não parecer a todos que desrespeito a sua memória”¹⁴⁶. Em termos de querelas sobre as relações entre Arte e meio, portanto, a polidez de Lima Barreto era siberiana.

História e cosmopolitismo: o Dr. Bogóloff

O jornal *A Noite* foi fundado e dirigido pelo empresário de ascendência portuguesa Irineu Marinho (1876-1925). A Redação do periódico estava situada no Largo da Carioca, nº 14. A oficina tipográfica onde eram impressas as tiragens diárias ficava na Rua Júlio Cesar, nº 31, no bairro do Carmo. Em uma sexta-feira, no dia 27 de dezembro de 1912, a edição 376 trouxe em sua capa noticiários que variavam desde a cobertura da destruição de parte da Avenida Atlântica, no bairro de Copacabana, causada por uma ressaca marítima; notas sobre o monge catarinense José Maria (1889-1912), já considerado um tipo de Antônio Conselheiro do Sul; uma matéria policial ilustrada por meio da fotografia de um cadáver esfaqueado em um matagal, bem como uma manchete sobre ataques de cangaceiros nas cidades de Patos, Taperoá e Teixeira: localizadas no alto sertão paraibano.

Na segunda página desta mesma edição, uma coluna anônima deu destaque para o seguinte anúncio: “Uma crítica feroz aos nossos costumes: as *Aventuras do Dr. Bogóloff*, o célebre diretor da Pecuária Nacional”. Abaixo desse letreiro, encontram-se as seguintes linhas:

Entre as publicações periódicas que tem aparecido ultimamente, em fascículos, destaca-se uma pela felicidade e intensidade de crítica e pelo brilho da

¹⁴⁵ Idem, *ibid.*

¹⁴⁶ Idem, p. 581.

pena de seu escritor. São as *Aventuras do Dr. Bogóloff*.

Realmente poderíamos encimar essas linhas com o título: “Um escritor que surge”, se o autor dessa publicação, Lima Barreto, não tivesse surgido há muito tempo, afirmando-se como escritor com as inolvidáveis *Memórias do escrivão Isaías Caminha*.

A crítica que o Sr. Lima Barreto faz dos costumes nacionais é, absolutamente, impiedosa. Os nossos tipos políticos são estudados em posições curiosas, em flagrantes ridículos.¹⁴⁷

Foram publicados apenas dois fascículos das *Aventuras do Dr. Bogóloff: episódios da vida de um pseudo-revolucionário russo*, em edição semanal, pela gráfica A. Reis & C no mesmo ano do mencionado anúncio. Segundo informações coligidas nas obras completas de Lima Barreto, publicadas pela Editora Brasiliense, a capa desse folhetim trazia uma ilustração colorida assinada pelo desenhista Klixto. Antes de analisar melhor essa personagem, é importante ressaltar que o periódico *A Noite* foi fruto de uma ousada iniciativa de Irineu Marinho. Ao decidir investir uma vultosa quantia financeira para fundar o primeiro jornal vespertino do Rio de Janeiro e almejar, justamente, cativar leitores oriundos das camadas mais populares da cidade, esse empresário promoveu uma ruptura com o jornalismo inspirado no modelo francês – cujo maior representante foi o cronista João do Rio.

A Noite constituiu o exemplo mais notável de impresso ao estilo *faits divers* da *Belle Époque* carioca: ao buscar alcançar o público semiletrado, a tônica das reportagens desse periódico se distanciou da retórica empolada dos bacharéis que preenchia as páginas, principalmente, do *Correio da Manhã*. Inspirados pelo jornalismo em moda nos Estados Unidos, Irineu Marinho e outros membros da Associação Brasileira de Imprensa – fundada em 1908 – como Castellar de Carvalho, Augusto Rodrigues Ferreira, Marques da Silva, João Brandão, Eustáquio Alves e Artur Marques, colocaram em circulação uma folha que abarcou desde manchetes sensacionalistas sobre a violência até críticas contundentes contra o autoritarismo promovido durante o governo do marechal Hermes da Fonseca (1910-1914).

¹⁴⁷ Cf. Uma crítica feroz aos nossos costumes. In: *A Noite*. Rio de Janeiro, ano II, nº 376, setembro de 1912, p. 02.

Em *Irineu Marinho: imprensa e cidade*, Maria Alice Rezende de Carvalho elaborou uma meticulosa pesquisa sobre o sucesso empresarial alcançado por esse jornalista e homem de negócios de origem lusitana. Segundo a autora, o fator de aproximação entre Afonso Henriques e o diretor de *A Noite* foi ocasionado pelo modo através do qual o autor de *Dr. Bogolóff* se firmou, no campo intelectual, enquanto um crítico da “corrupção em todos os níveis e [do] jornalismo como fachada de negócios escusos que lhe conferia um modo único de escritura de expressão que Irineu buscou associar ao seu jornal”¹⁴⁸.

Não houve exageros, por parte do misterioso redator de *A Noite*, ao ter considerado a sátira de Lima Barreto, sobre esse fictício aventureiro russo em terras brasileiras, uma denúncia contumaz da sociedade tupiniquim. Na primeira parte das memórias do Dr. Bogóloff, intituladas “Fiz-me, então, diretor da Pecuária Nacional”, a personagem relembra das leituras que fez na loja de livros usados de seu pai e da sua estadia na universidade. A vida literária na Rússia se tornou, para o jovem eslavo, uma forma de fugir do tédio:

Era eu filho único, minha mãe havia morrido; vivíamos eu e meu pai sós na loja. Continuei a ler, mas a convicção que me veio de que toda a ilustração era inútil para prover a nossa existência, diminuiu-me o ardor pela leitura e levou-me a procurar no café distrações e atordoamentos.

Desde a universidade que conheci muitos revolucionários, sinceros, falsos e simulados; e, se bem que eu conversasse com eles, nunca tomei compromisso definitivo, nunca aderi, não foi tanto por temor à polícia e às masmorras, mas a certeza da excelência dos ideais revolucionários não me veio imediatamente.

Procurei lê-los, especialmente no Príncipe Kropótkine, que era o escritor revolucionário que mais me interessava. O seu rigor lógico e a sua farta documentação davam aos seus livros alguma coisa de sólido e eu os lia.

Aborrecido, como dizia, dei em frequentar os cafés e lá travei conhecimento com vários rapazes já enfronhados nas teorias anarquistas, tirando-me

¹⁴⁸ CARVALHO, Maria Alice Rezende de. *Irineu Marinho: imprensa e cidade*. São Paulo: Globo, 2012, p. 126-27.

eles, aos poucos, as dúvidas que ainda pairavam no meu espírito. Não o fizeram sem que eu o resistisse muito, mas, afinal, convenceram-me.¹⁴⁹

Não há dúvidas de que ficção e história se entrelaçam nessas passagens onde esse jovem membro da *intelligentsia* russa é descrito caminhando pelas ruas de Odessa para esquecer sua própria miséria doméstica. Enquanto perambula, Bogóloff reflete sobre uma “Rússia (...) governada pela polícia”¹⁵⁰. Finalmente, Lima Barreto tornou pública à tão aguardada reflexão sobre a opressão exercida pelo czarismo. Após passar um breve período na prisão, por causa de suas ideias políticas, o jovem Bogóloff decide abandonar a pátria e viajar pelo oceano, em um “infernál” vagão da “terceira classe de um navio”¹⁵¹, conhecendo paragens como Constantinopla, Grécia, Nápoles até chegar ao Rio de Janeiro.

Ao desembarcar no cais Pharoux, Bogóloff é acusado de ser um proxeneta pelo policial da alfândega. A autoridade brasileira, mesmo após conferir passaporte e o diploma de licenciado em Letras Orientais do indignado estrangeiro, ainda solta a seguinte pilhéria: “esses nomes em ‘itch’, em ‘off’, em ‘ski’, polacos e russos, quando não são de *caftens*, são de anarquistas”¹⁵². Tempos depois, após receber uma pequena propriedade, ferramentas e sementes do governo brasileiro, o viajante eslavo recebe algumas lições valiosas sobre os valores ostentados pela sociedade brasileira por parte de um administrador da colônia onde foi alocado:

– És tolo, Bogóloff, devias ter-te feito tratar de doutor.

– De que serve isso?

– Aqui muito! No Brasil, é um título que dá todos os direitos, toda a consideração, mesmo quando se está na prisão. Se te fizesses chamar de doutor, terias um lote melhor, melhores ferramentas e sementes. Louro, doutor e estrangeiro, ias longe!

– Ora bolas! Para que distinções, se eu me quero anular? Se quero ser um simples cultivador?

¹⁴⁹ BARRETO, Lima. Aventuras do Dr. Bogóloff. In: *Os Bruzundangas*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 200.

¹⁵⁰ Idem, p. 201.

¹⁵¹ Idem, p. 203.

¹⁵² Idem, p. 210.

– Cultivador? Isto é bom em outras terras que se prestam a culturas remuneradoras. As daqui são horrorosas e só dão bem aipim ou mandioca e batata-doce. Dentro em breve, estarás desanimado. Vais ver.¹⁵³

O fato é que o protagonista dessa sátira barretiana, progressivamente, deixa de lado suas utopias políticas e torna-se um alpinista social. Ganha cada vez mais notoriedade por meio de inócuas polêmicas sobre o conceito de Arte com os intelectuais do Rio de Janeiro e ocupa sucessivos cargos de confiança do governo. Sua fórmula de sucesso assim foi resumida:

Era preciso ficar bem endossado, ceder sempre às idéias [sic] e aos preconceitos sociais. Esperar por uma distinção puramente pessoal ou individual era tolice. Se o Estado e a Sociedade marcavam meios de notoriedade, de fiança de capacidade, para que trabalhar em obter outros mais difíceis, quando aqueles estavam à mão e se obtinham com muita submissão e um pouco de tenacidade?¹⁵⁴

Esse desencantado depoimento emitido por esse anarquista russo que acaba tragado pelo arrivismo brasileiro é historicamente fecundo. A condição do Dr. Bogóloff de imigrante é bastante enfatizada pelo narrador. Esse detalhe possui uma relevância singular. No começo do século XIX, a maioria dos viajantes europeus que estiveram no Rio de Janeiro eram pesquisadores interessados em coletar amostras e informações sobre a fauna e flora brasileira. De acordo com Lúcia Lippi Oliveira, esses expedicionários registraram, em seus relatos, uma sensação mista entre o encantamento, em face das riquezas naturais do país e a repulsa, ao se depararem com um grande contingente de negros, escravos e mestiços. Nesses termos, esses estrangeiros acreditaram que, por ser uma nação bastante miscigenada, “o Brasil” não iria ocupar um “lugar entre as nações civilizadas do mundo”¹⁵⁵.

¹⁵³ Idem, p. 211-12.

¹⁵⁴ Idem, p. 262-63.

¹⁵⁵ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *O Brasil dos imigrantes*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 10.

Nesses termos, intelectuais e políticos republicanos, como o Barão do Rio Branco, se engajaram com uma série de iniciativas diplomáticas no intuito de estimular a imigração europeia para os trópicos. É nesse panorama que vários mitos sobre a cordialidade e generosidade dos brasileiros são projetados no exterior. Portugueses, italianos e alemães, enfrentando dificuldades, por causa do excedente populacional e de mão-de-obra em seus países de origem, passaram a ser alvo de interesse por parte da Sociedade Central de Imigração: localizada no Rio de Janeiro e ativa de 1883 até 1891. Porém, “o imigrante desejado era o agricultor, colono e artesão que aceitasse viver em colônias, e não o aventureiro que vivesse nas cidades”¹⁵⁶. Os núcleos coloniais eram vistos, pelas elites brasileiras, como ferramentas úteis para o processo de branqueamento e, por tangente, processo civilizatório do país.

A partir de 1900, com a afirmação do ideário de que os imigrantes poderiam auxiliar na industrialização das grandes cidades brasileiras, pensadores como Alberto Torres vão “defender o trabalhador nacional que permanecia abandonado enquanto os governos se ocupavam em garantir a vinda do trabalhador estrangeiro”¹⁵⁷. Com a proclamação da Lei Adolfo Gordo, que previa a deportação de qualquer estrangeiro acusado de conspirar contra as autoridades brasileiras, em 1907, os imigrantes, principalmente italianos e portugueses, passaram a ser vistos com algumas ressalvas pelo Estado. Conforme afirma Lúcia Lippi Oliveira, além da pele branca, esses estrangeiros desembarcavam nos portos nacionais portando, por via das vezes, todo tipo de ideários carbonários e contestadores. Fato preocupante para as elites locais.

É interessante perceber que Lima Barreto relativiza, por meio de Bogóloff, essa mitificação construída em torno do imigrante europeu. Longe de simbolizar a redenção nacional, o russo acaba contribuindo para o fortalecimento das inúmeras formas de corrupção que ocorrem nos bastidores da política nacional. Essa personagem é uma interessante denúncia de algumas ideologias europeias que acabavam legitimando o domínio do mais forte sobre o mais fraco e a barbárie civilizatória. Porém, isso não significa que o autor de *Isaiás Caminha* fosse preconceituoso em relação aos imigrantes. Nesse caso, a cisma de Lima Barreto foi bem direcionada para as vertentes mais radicais das teorias anarquistas.

¹⁵⁶ Idem, p. 13.

¹⁵⁷ Idem, p. 19.

Em *Lima Barreto: o crítico e a crise*, Antonio Arnoni Prado esclarece que, durante o período em que escreveu as *Aventuras do Dr. Bogóloff*, Afonso Henriques chegou a “propor uma unificação maior dos artistas brasileiros, em termos de concentração intelectual em busca de nosso destino, de nossa energia cultural”¹⁵⁸. Vale salientar também que esse autor foi um dos primeiros críticos literários a interpretar os textos barretianos enquanto sintomas de uma democracia autoritária e, portanto, já estabelecida sob o signo da ruína. Sobre essa personagem barretiana, o citado autor sugere o seguinte,

Bogóloff, no fundo, é uma imagem antecipada que revela, no próprio instante da virada, a consciência do subdesenvolvimento que propõe as nossas fragilidades, a nossa fatalidade interna de país exposto a toda espécie de oportunismos e de mazelas, de distorções e de injustiças, numa espécie de esboço ideológico cujo aprofundamento de análise estaria reservado ao romance dos anos 30.¹⁵⁹

Em *Trincheira, palco e letras: crítica, literatura e utopia no Brasil*, o mesmo pesquisador aprofundou os resultados de uma pesquisa desenvolvida durante seu pós-doutorado, na Itália, em 1986. Na ocasião, por meio de um financiamento feito pela Fundação Feltrinelli, Arnoni Prado realizou um estudo sobre as relações entre teatro e cultura anarquista no Brasil do início do século XX. Nesse sentido, a versão do anarquismo com a qual Lima Barreto simpatizou é aquela na qual:

O esclarecimento do homem comum nunca foi uma questão de doutrinação sistemática. Na verdade, a ação intelectual anarquista, embora assumindo um *compromisso essencial* com a libertação espiritual do povo, não se dirigia à massa em abstrato (...). Bem ao contrário, distanciava-se disso, ao dirigir-se concretamente aos indivíduos tomados cada um em sua

¹⁵⁸ PRADO, Antonio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1976, p. 38.

¹⁵⁹ Idem, p. 46.

circunstância, com vistas a (...) sobretudo desenvolver a solidariedade.¹⁶⁰

De acordo com o autor de *Trincheira, palco e letras*, a escrita de Afonso Henriques está situada na contramão dos valores demagogos e dos preconceitos nutridos pela nova burguesia republicana: talvez bem mais autoritária e faminta por títulos de distinção do que a velha aristocracia monarquista.

Em um artigo de 1913, intitulado “Palavras de um *snob* anarquista”, Afonso Henriques se vale de um pequeno órgão da imprensa operária carioca – o periódico *A Voz do Trabalhador*¹⁶¹ – para sair em defesa desses operários estrangeiros enquadrados pelas malhas da Lei Adolfo Gordo. Para o autor, “as condições, portanto, da civilização do Brasil, quer as econômicas, quer as morais, quer as de território, justificam que haja quem desinteressadamente, brasileiro ou não, seja anarquista”. Ainda nesse texto, Lima Barreto enfatiza bem o quanto a prédica em torno da solidariedade universal, encontradas na vertente mais branda dessa corrente de ideias, o fascinou: “os anarquistas falam da humanidade para a humanidade, do gênero humano para o gênero humano, e não em nome de pequenas competências de personalidades políticas”¹⁶².

No capítulo “Ave Rússia! – a militância maximalista”, da tese *Letras militantes*, Denilson Botelho esclarece que esses verdadeiros manifestos políticos assinados por Lima Barreto ganharam maior profusão a partir de 1914: em um momento no qual a Europa entrava em guerra e o Brasil, administrado por Venceslau Brás, enfrentava uma grave crise econômica. A indústria nacional não conseguiu atender a

¹⁶⁰ PRADO, Antonio Arnoni. *Trincheira, palco e letras*: crítica, literatura e utopia no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2004, p. 128. [Grifo do autor]

¹⁶¹ Esse periódico anarquista foi lançado, em 1908, no Rio de Janeiro, como parte das atividades da Confederação Operária Brasileira – COB, fundada em 1906. A redação de *A Voz do Trabalhador* esteve sediada na Rua do Hospício, nº 156; Rua General Câmara, nº 335 e Rua das Andradas, nº 87. Os colaboradores do jornal assinavam seus artigos, geralmente, com pseudônimos para evitar perseguições por parte do governo federal e estadual. Além de Neno Vasco, um dos seus fundadores, Marcelo Varema, Jagunço, A Barão, Albino Moreira, João Penteado, Amaro de Matos, Manuel Moscoso, Eurípedes Floreal, José Martins, entre outros, escreveram textos para esse impresso que abordou, de 1908 até 1915, temas como as relações entre anarquismo e sindicalismo; carestia de vida; solidariedade entre as classes laboriosas e até teatro e literatura libertária.

¹⁶² BARRETO, Lima. Palavras de um *snob* anarquista. In: *A Voz do Trabalhador*. Rio de Janeiro, 15/05/1913 ou BARRETO, Lima. Palavras de um *snob* anarquista. In: *Toda crônica*. Vol. I. Rio de Janeiro: Agir, p. 113.

demanda interna de consumo, que aumentou gradativamente por causa do rápido crescimento populacional nos centros urbanos. Para se ter uma ideia desse vertiginoso aumento demográfico, de acordo com os dados catalogados por Botelho, o contingente de operários, na indústria brasileira, aumentou de 54.000 para 293.673 pessoas entre 1889 e 1920.

No Rio de Janeiro, além de arcar com altos alugueis, jornadas de trabalho que somavam mais de 10 horas diárias, exploração compulsória de mulheres e crianças nas fábricas e uma defasagem imensa entre o salário recebido e o preço dos víveres, os operários enfrentavam as rondas da repressão política. Nesses quadros, “o escritor insistentemente questiona a origem de tanta desigualdade imposta à sociedade e protesta contra esse estado das coisas”. Além disso, torna-se um porta-voz de destaque, na imprensa dissidente, de “idéias [sic] ligadas à Revolução Russa”¹⁶³.

Contudo, conforme bem atentou Botelho, Afonso Henriques não foi um bolchevista, ou maximalista, como eram chamados, nessa época, os partidários do movimento revolucionário encabeçado por Lênin e Trotsky. O literato ficou empolgado com alguns dos desfechos da Revolução Russa: a destituição da autocracia russa; a redistribuição de suas riquezas entre os pobres e a adesão do exército aos amotinados.

Em “No ajuste de contas...”, artigo publicado no *A.B.C.*, em 11 de maio de 1918, o autor fez um tipo de síntese da história política europeia e postula que, no caso do Brasil, era preciso “uma reforma cataclísmica no ensino público, suprimindo o ‘doutor’ ou tirando deste a feição brãmane do código de Manu, cheio de privilégios e isenções; a confiscação de certas fortunas, etc., etc.”¹⁶⁴. O escritor finalizou essas considerações por meio de uma espirituosa deixa, na qual deu a entender que nenhum letrado, brasileiro ou europeu, seria capaz de ficar indiferente diante desse abalo provocado na ordem política internacional:

Terminando este artigo que já vai ficando longo, confesso que foi a revolução russa que me inspirou tudo isso.

¹⁶³ BOTELHO, Denilson. *Letras militantes: história, política e literatura em Lima Barreto*. Tese (Doutorado em História Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2001, p. 129.

¹⁶⁴ BARRETO, Lima. No ajuste de contas... In: *A.B.C.* Rio de Janeiro, 11/05/1918 ou BARRETO, Lima. Op. Cit., p. 342.

Se Kant, conforme a legenda, no mesmo dia em que a Bastilha, em Paris, foi tomada; se Kant, nesse dia, com estuporado assombro de toda a cidade de Königsberg, mudou o itinerário da excursão que, há muitos anos, fazia todas as manhãs, sempre e religiosamente pelo mesmo caminho – a comoção social maximalista tê-lo ia hoje provocado a fazer o mesmo desvio imprevisto e surpreendente; e também a Goethe, como quando, em Valmy, viu os soldados da Revolução, mal-ajambrados e armados, de tamancos muitos, descalços alguns, destroçarem os brilhantes regimentos prussianos – dizer, diante disto, como disse: “A face do mundo mudou”. Ave Rússia!¹⁶⁵

Nas páginas do jornal *Brás Cubas*, em um artigo datado de 14 de julho de 1918, o literato carioca, mais uma vez, deu vazão aos seus pensamentos sobre a vida política e literária na Rússia de forma pungente. Na crônica “Vera Zassulitch”, assinada com o pseudônimo de Isaías Caminha, essa líder da *intelligentsia* anarquista russa, do final do século XIX, é homenageada pelo autor carioca. Zassulitch, em 1878, conseguiu disparar um tiro contra o coronel Teodor Trepov: governador de Petrogrado e famoso pelas perseguições políticas contra intelectuais populistas. O militar foi ferindo gravemente, porém sobreviveu. Por meio do veredicto de um júri popular, a ativista foi inocentada.¹⁶⁶ Nesse caso, a literatura de Dostoiévski, por explorar temáticas como a opressão e a revolta, endossou também um modelo eficiente para a interpretação da crise brasileira:

Afirmou Dostoiévski, não me lembro onde, que a realidade é mais fantástica do que tudo que a nossa inteligência pode fantasiar. Passam-se, na verdade, diante de nossos olhos coisas que a mais poderosa imaginação criadora seria incapaz de combinar os seus dados para cria-las.

Esse caso de Vera Zassulitch, cujo retumbante processo fez estremecer a Europa, em 1878, é um deles. Tudo nele é estranho e convêm ser ele

¹⁶⁵ Idem, p. 342-43.

¹⁶⁶ Cf. BERNARDINI, Aurora. Op. Cit., p. 109-16.

lembrado agora, quando a Revolução Russa abala, não unicamente, os tronos, mas os fundamentos da nossa vilã e ávida sociedade burguesa. Não posso negar a grande simpatia que me merece tal movimento; não posso esconder o desejo que tenho de ver um semelhante aqui, de modo a acabar com essa chusma de tiranos burgueses, acorados covardemente por detrás da Lei, para nos matarem de fome, elevando artificialmente o preço dos gêneros e artigos de primeira necessidade, como: o açúcar, a carne, o feijão, o arroz, o café, o sal, o pano, à custa de estancos, de *trusts*, de *corners*, de “alívios”, tráficos de homens e outras inacreditáveis espécies de assaltos à economia de toda uma população miserável (...).

167

Perceba-se que o literato é muito enfático quando afirma que já não pode ocultar suas escolhas políticas. Até mesmo o pseudônimo que usou para assinar a crônica revela muito mais do que obscurece a autoria do texto. O fato é que agora Lima Barreto já não era uma voz tão isolada, clamando por reformas sociais. Na fase em que o autor de *Clara dos Anjos* colaborou com esse periódico, *A Voz do Trabalhador* tinha tiragens mensais de quatro mil exemplares: número significativo para a época. Como bem postula Nelson Werneck Sodré, toda uma geração de “literatos e operários anarquistas juntavam-se para propagar as mesmas idéias [sic]”¹⁶⁸.

Além de *A Voz do Trabalhador*, jornais como *O Debate*, *A.B.C*, *Brás Cubas*, *Revista Contemporânea*, e outros, agremiaram redatores socialistas e anarquistas como Gustavo de Lacerda, Domingos Ribeiro Filho, Astrojildo Pereira, Maurício de Lacerda, José Saturnino de Brito, Adolfo Porto e Neno Vasco, por exemplo, que sabiam o quanto Afonso Henriques ficou “fascinado pela revolução de outubro na Rússia”¹⁶⁹. Nesse momento histórico único, marcado pela união entre diferentes parcelas das esquerdas, além da Confederação Operária Brasileira, foram fundados outros órgãos de ativismo a exemplo do Sindicato de

¹⁶⁷ BARRETO, Lima. Vera Zassulitch. In: *Brás Cubas*. Rio de Janeiro, 14/07/1918 ou BARRETO, Lima. Op. Cit., p. 364.

¹⁶⁸ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 312.

¹⁶⁹ Idem, p. 319.

Ofícios Vários, Sindicato dos Panificadores, União dos Estivadores, Centro Cosmopolita, Liga Anticlerical e o Centro de Estudos Sociais.

Em 1917, o movimento operário organizou uma grande greve em São Paulo. No ano seguinte, os sindicatos do Rio de Janeiro também protagonizaram um evento grevista de amplas proporções. A repressão oficial contra essas lideranças e os participantes dos motins foi, mais uma vez, brutal.¹⁷⁰ Os jornais da imprensa dissidente, considerados subversivos, eram constantemente empastelados pela polícia republicana. Daí toda essa conjuntura opressora conduzir Lima Barreto a afirmar, ainda na mesma crônica sobre a ativista russa e a crise nacional, que “precisamos deixar de panacéias [sic], a época é de medidas radicais”¹⁷¹.

Dois anos depois de essa opinião ter sido publicada, Lima Barreto parece recuar um pouco nas suas ofensivas em favor da Revolução Russa para deixar bem claro, ao público leitor, o seu posicionamento de pacifista convicto. Na edição 587, da revista *Careta*, de 20 de setembro de 1919, o escritor assinou uma breve nota intitulada “Negócio de maximalismo”. Nesse texto, Afonso Henriques ressaltou seu distanciamento da reprovação imediata do bolchevismo – postura que atribuiu a alguns burgueses de inteligência estreita e conservadora, bem como também rejeitou uma adesão irrestrita aos apelos doutrinários que essa corrente política incorporou.

De acordo com as palavras do próprio autor, “o que não se pode compreender é esse horror por tudo que é idéia [sic] nova”¹⁷². Dando continuidade a sua reflexão, assim prosseguiu Lima Barreto:

Não quero fazer revoltas; não as aconselho e não as quero; mas não devemos dar o nosso assentimento tácito a todas as extorsões que andam por aí.

A troça é a maior arma de que nós podemos dispor e sempre que a pudemos empregar, é bom e útil.

¹⁷⁰ Cf. TOLEDO, Edilane. A trajetória anarquista no Brasil na Primeira República. In: FERREIRA, Jorge & REIS FILHO, Daniel Aarão. *A formação das tradições (1889-1945): as esquerdas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 53-89.

¹⁷¹ BARRETO, Lima. Op. Cit., p. 365.

¹⁷² BARRETO, Lima. Negócio de Maximalismo. In: *Careta*. Rio de Janeiro, ano XII, nº 587, setembro de 1919, p. 20 ou BARRETO, Lima. *Toda Crônica*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Agir, 2004, p. 21.

Nada de violências, nem barbaridades. Troça e simplesmente troça, para que tudo caia no ridículo.

O ridículo mata e mata sem sangue.

É o que aconselho a todos os revolucionários de todo o jaez.

J. Carlos, com uma caricatura no *O Jornal*, fez mais do que todo e qualquer revolucionário.

Mandou toda a polícia do Rio para a Rússia. Ela que embarque.

Assim é que todos nós devemos fazer.¹⁷³

Pode-se perceber, desse modo, que o desencanto de Lima Barreto com a Primeira República – além de estar ancorado nas experiências dolorosas que vivenciou, como o racismo e o silenciamento em torno de sua produção artística – era sustentado por várias cosmogonias intelectuais, englobando leituras abalizadas de clássicos iluministas, historiografia, literatura russa, libelos anarquistas e filosofia.

Sem temer aqui fazer uma afirmação exagerada, existem grandes possibilidades de que o visual desleixado, composto por sapatos furados, terno surrado e amassado, ostentado por Lima Barreto e conferido pessoalmente pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) – ao ter se deslocado de São Paulo para o Rio de Janeiro para encontrar o autor de *Clara dos Anjos*, em 1922 – pode ter sido inspirado pelas fotografias dos membros da *intelligentsia* eslava que circulavam nas revistas da época. Uma das recordações mais vivas do citado modernista paulista dessa conversa com Lima Barreto foi justamente o orgulho com o qual o literato carioca referiu-se “ao próprio desmazelo de hábitos e indumentária, dizendo que era essa a sua elegância e a sua pose”¹⁷⁴.

¹⁷³ Idem, *ibidem*.

¹⁷⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Prefácio. In: BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 14.

CAPÍTULO V: O BOVARISMO E OUTROS MALES

*É que mesmo perdido na escória das ruas e
fisicamente presente no dia-a-dia da degradação,
Lima Barreto tinha o espírito em outro lugar,
como se a alma, longe daz corrosão da bebida,
não participasse da alegria circunstancial dos
parceiros de mesa.*

Antonio Arnoni Prado*

Sintomas gerais

No capítulo anterior, busquei elaborar um tipo de incursão até as áreas de convergência entre a produção intelectual de Lima Barreto e a literatura russa. Uma empreitada que envolve inúmeros riscos, sobretudo se essas fontes nacionais forem tratadas enquanto um reflexo do pensamento de diferentes escritores estrangeiros. Os esforços criativos empreendidos por um autor exigente esteticamente tal como foi o carioca Afonso Henriques não podem ser deixados de lado.

Prosseguindo com essa forma de compreensão dos textos feitos por esse literato, é importante reservar essa parte final desse estudo para a investigação da temática da loucura existente em diversos escritos barretianos. Nesse caso, interessa evidenciar aqui como a leitura da obra *Le bovarysm* [O bovarismo], do ensaísta e crítico francês Jules Gaultier (1858-1942), auxiliou Lima Barreto a fundamentar suas denúncias ao longo da sua trajetória literária. No inventário da “Limana”, esse livro está localizado na segunda prateleira da primeira estante da biblioteca pessoal do escritor.¹

Publicado originalmente em 1902, *Le bovarysm* é um livro que parte da análise de algumas personagens encontradas na literatura de Flaubert (1821-1880), entre as quais Ema, de *Madame Bovary* (1857), para oferecer ao leitor um diagnóstico sobre a frivolidade encontrada em alguns dos valores ostentados pela moderna sociedade europeia. De

* PRADO, Antonio Arnoni. *Trincheira, palco e letras: crítica, literatura e utopia no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004, p. 254.

¹ Cf. inventário da “Limana”. In: BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959, p. 362.

acordo com as palavras do próprio Gaultier, o bovarismo se manifesta por meio da:

Habilidade do homem de se projetar aquilo que ele não é. Como é o nome de uma das principais personagens de Flaubert, foi intitulado o Bovarismo. Em primeiro lugar, a partir de Flaubert, vamos tentar mostrar seu aspecto mórbido, levando em consideração seu apego com uma visão pessimista, desse singular poder de metamorfose. Mas também nos esforçaremos para demonstrar sua universalidade, a natureza geral do fenômeno obriga o pensamento a reconhecer sua utilidade, sua necessidade e detalhar seu papel enquanto causa e chave para a evolução da humanidade.²

Adepto de uma visão determinista da sociedade, Gaultier salientou que o bovarismo não se tratava apenas de mera enfermidade do caráter. Dito de outro modo, portadores de bovarismo podem vir a se valer das ilusões que criam em torno de si para finalidades edificantes ou progressistas.

Ao que tudo indica, Lima Barreto travou contato com o pensamento de Gaultier aos 24 anos de idade. Já como funcionário ou escriturário na Secretaria de Guerra e frequentando a roda de conversas literárias formada pelo Esplendor dos Amanuenses, o escritor carioca se valeu da noção de bovarismo para refletir sobre o comportamento de Mário Tibúrcio Gomes Carneiro (1882-1947). Em uma nota de diário, datada de 12 de janeiro de 1905, o autor de *Isaiás Caminha* registrou o seguinte:

Ontem não fui à secretaria. Passo mal. Uma impressão de cansaço, uma vontade de nada fazer,

² No original: “Cette faculté est le pouvoir départi à l'homme de se concevoir autre qu'il n'est. C'est le que, du nom de l'une des principales héroïnes de Flaubert, on a nommée le Bovarysme. Tout d'abord, avec Flaubert et à sa suite, on vas'attacher à montrer sous son seul aspect morbide, ainsi qu'il l'a considéré lui-même avec une nuance de pessimisme, ce singulier pouvoir de métamorphose. Mais on s'attachera aussi à montrer son universalité, et ce caractère général du phénomène contraindra l'esprit à reconnaître son utilité, sa nécessité, à préciser son rôle comme cause et moyen essentiel de l'évolution dans l'Humanité”. Cf. GAULTIER, Jules. *Le bovarysm*. Nouvelle Édition. Paris: Mercure de France, 1921, p. 13. [Grifos do autor; Tradução livre]

tenho fadiga de corpo. Descendo, vim à Rua do Ouvidor. Encontrei o Carneiro, o Mário Tibúrcio Gomes Carneiro, que sofre de “bovarismo” revolucionário. É um rapaz a quem um desgraçado acidente cortou-lhe as pernas; entretanto, ele, em cima das andas, é como se montasse um corcel de guerra. Mata, esfolia, derrota exércitos e esquadras. Derruba governos e concerta países. Há nele a alma de um alferes do Exército do Brasil e, se não o foi, deve-o unicamente a seu aleijão. Se o fosse, ele já se teria envolvido em todas as mil masorcas que tem havido ultimamente.

No fundo, é um bom rapaz, algo inteligente, cavalheiro, mas maníaco de possuir um talhe de herói de Plutarco, que o ridiculariza. Ele tem um revólver Nagant, que é mais um canhão, perfeitamente característico do seu gênio: não dispara, quando é apontado ou acionado. Ama a farda, os militares; sabe o nome dos oficiais de cor, seus corpos, suas particularidades. As coisas de caserna tentam-no. No fundo, ele é um alferes que se perdeu pelas pernas.³

O vulto histórico de Gomes Carneiro, entretanto, não pode ser reduzido ao de um pobre lunático, de aspirações militares, com mania de grandeza. No endereço eletrônico do Superior Tribunal Militar, consta que a biblioteca pública da instituição, atualmente localizada em Brasília, foi bastante enriquecida por causa da “doação da biblioteca particular de uma das figuras mais proeminentes da Justiça Militar”: trata-se dos livros que pertenciam ao “Ministro togado Dr. Mário Tibúrcio Gomes Carneiro”⁴.

O próprio Lima em uma carta, datada de 22 de dezembro de 1910, para Gomes Carneiro dá a entender que nutriu muita admiração intelectual pelo amigo de conversas literárias. Essa correspondência que é iniciada por meio de um formal cumprimento por causa das festas de fim de ano se desdobra em uma envolvente e erudita conversa sobre clássicos da cultura canônica ocidental:

³ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*: memórias. Prefácio de Gilberto Freyre. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 83.

⁴ Cf. Biblioteca. In: www.stm.jus.br/biblioteca (acessado em 18/03/2014).

Caro Carneiro.

Boas festas.

Estou aqui em casa, há bem uma década; e, como não pretenda ir à cidade senão no começo do ano e não te espero encontrar, escrevo-te esta que te vai causar espanto.

Sabes? Li o Tácito, o Suetônio, o César; o primeiro em português, os dois últimos em francês. Tinha-os em casa desde muito e só agora me deu vontade de lê-los. Meto-me agora no Heródoto. Como estás vendo, estou clássico, mas em francês. Isso não vem ao caso, ou antes, vem porque explica o pedido que vou fazer. O Calígula me apaixona. Que homem! É uma maravilha. Os compêndios caluniam-no. Com as suas idéias [sic] de mestre de escola, estragaram-me por muito tempo o personagem, porque Caio não é homem, Carneiro, é um personagem, é coisa criada pelos homens, não por suas letras, mas pelas suas idéias [sic] de certo tempo e instituições. É um Rabelais vivo; é um profundo e largo deboche a um tempo e a uma época.

(...)

Vamos ao que serve: há anos vi ou li em tua casa um estudo médico-legal sobre os Césares. Não me lembro de quem é. Se tu sabes, manda-me dizer, estás ouvindo? ⁵

O fato é que a citada anotação de diário feita por Lima Barreto, na qual Carneiro se torna um caricato bovarista, foi escrita durante os episódios que envolvem os desfechos da repressão armada contra a Revolta da Vacina, no Rio de Janeiro. Soma-se a esse fato o desprezo nutrido pelo escritor pelas autoridades, a exemplo de “um ministro, o da Guerra, e um general, o Piragibe”, com as quais convivía diariamente na Secretaria e as testemunhou “darem ordens de simples inspetores em altas vozes e das sacadas de duas secretarias de Estado” ⁶.

⁵ BARRETO, Lima. Carta para M. T. Gomes Carneiro (22/12/1910). In: *Correspondência: ativa e passiva*. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 126.

⁶ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 48.

Ainda em 1905, na data de 26 de janeiro, a disparidade entre os bons momentos ocasionados pelo convívio com os amigos mais próximos e de boa instrução em relação ao conturbado cotidiano doméstico, no qual viveu, estimula Lima Barreto a elaborar uma íntima anotação na qual o tema do bovarismo também é citado ligeiramente:

Ontem, quarta-feira, fui a casa do Santos, Antônio Noronha Santos, bacharel, irmão do João, engenheiro, e Carlos. Conversamos amistosamente e inteligentemente. Voltei para casa, eis senão quando dou com um baile em forma. Eram dez horas da noite. Havia canto, dança, etc. Ora, no estado que meu pai está, com os poucos recursos que temos, positivamente aquilo me aborreceu. Como permitiria meu orgulho que eu recebesse gente, sem oferecer-lhes boas cousas? Como? Demais, meu pai, aluado, na saleta, e o baile, a roncar na de visitas. Não me contive e manifestei logo o meu descontentamento. Isso, ao depois das visitas saírem, deu lugar a um destampatório familiar. A minha vida de família tem sido uma atroz desgraça. Entre eu e ela há uma dessemelhança, tanta cisão, que eu não sei como adaptar-me. Será o meu “bovarismo”?⁷

Além do ambiente de trabalho e os momentos vividos nos cafés da Rua do Ouvidor, o dia-a-dia na modesta residência localizada no subúrbio carioca de Todos os Santos também incitava o autor de *Clara dos Anjos* a refletir sobre as ideias de Gaultier. Consta que a casa na qual viveu o escritor era conhecida, na vizinhança, pela alcunha de “a casa do louco”. Tal rumor se espalhou por causa dos lancinantes gritos do pai de Lima Barreto que eram ouvidos pelas redondezas.

João Henriques (1852-1922) recebeu uma formação muito acima da média para um descendente de escravos libertos. Sua primeira esposa, a mãe de Lima Barreto, chamava-se Amália Augusta: parda e de origem social modesta, mas também educada com esmero. Foi proprietária de uma pequena escola primária no bairro de Laranjeiras.

⁷ Idem, p. 91.

Augusta foi vítima de tuberculose e faleceu quando Lima tinha apenas seis anos de idade. João foi tipógrafo na então monarquista Imprensa Nacional, de 1881 até 1889, onde conheceu o padrinho de Lima Barreto: o excêntrico Visconde de Ouro Preto. A obra *Manual do aprendiz compositor*, de Jules Claye, em uma edição traduzida do francês para o português pelo pai do escritor, se encontra listada no inventário da Limana.⁸ Mais uma prova que atesta o significativo grau de instrução que João Henriques possuiu.

Depois de trabalhar na imprensa, o pai do romancista carioca foi nomeado escriturário e almoxarife das Colônias de Alienados da Ilha do Governador de 1890 até ser aposentado por invalidez, aos 51 anos, em 1903. Nessa época, de acordo com Francisco de Assis Barbosa, um “último exame médico – em dezembro de 1902 – declarara João Henriques incapaz de continuar no serviço público”. As crises que acometeram o pai de Lima Barreto foram motivadas “pela mania de perseguição. (...) Era sempre a polícia que lhe vinha ao encalço, para prendê-lo ou matar”⁹. O pai de Lima Barreto não suportou lidar com o fato de que seus antigos protetores monarquistas estavam sendo perseguidos ou exilados pelo novo regime republicano.

Para o principal biógrafo do escritor, a leitura de *Le bovarysm* foi realizada em uma fase realmente turbulenta da vida do carioca Afonso. Antes de o pai ser assolado por esses delírios, o tempo de Lima Barreto era “dividido entre as bibliotecas e as conversas de café. Convivia com artistas, escritores, jornalistas, numa agradável disponibilidade”¹⁰. De uma hora para outra, o jovem autor teve de assumir, portanto, a enorme responsabilidade de sustentar os irmãos Carlindo e Evangelina, Manuel de Oliveira: um velho africano – agregado da família –, bem como a “madrasta” Prisciliana e seus filhos. Isso explica suas “fugas constantes, as longas visitas dominicais aos amigos, gente de condição superior à sua, social e financeiramente, que o recebia em casas confortáveis, e com quem conversava de igual para igual”¹¹.

Ao chegar a sua casa, na Rua Major Mascarenhas, em Todos os Santos, depois de demoradas viagens de trem pela periferia da capital republicana, Lima Barreto jantava e se isolava em seu quarto. Era nesse cômodo que estavam as estantes de sua biblioteca pessoal, revistas,

⁸ Cf. Inventário da Limana. In: BARBOSA, Francisco de Assis. Op. Cit., p. 371.

⁹ Cf. BARBOSA, Francisco de Assis. In: Idem, p. 103-08.

¹⁰ Idem, p. 136.

¹¹ Idem, p. 137.

jornais e material para escrever. Esse local tornou-se um verdadeiro refúgio para o autor de *Isaiás Caminha*. As paredes foram decoradas por “retratos dos escritores da sua predileção, tirados das páginas de revistas francesas. Renan, Balzac, Dostoiévski, Anatole France, Maurice Barrès!”¹² e sua janela tinha vista para o prosaico jardim da residência. As teses de Gaultier pareciam explicar, desse modo, a disparidade percebida pelo jovem Afonso Henriques entre suas ambições literárias e a mediania que enfrentou diariamente.

Alguns dias após o incidente que envolveu a mencionada rusga doméstica, o literato escreveu em seu diário, de forma mais detalhada, as seguintes impressões sobre a obra *Le bovarysm*: “curioso livro que se propondo revelar uma cousa já muito pressentida, entretanto, é duma frescura de brisa fagueira dos poetas. Estou lendo e acho lisonjeiro para mim achar nele vistas que eu já tinha sentido também”¹³. Ainda de acordo com as premissas de Lima Barreto:

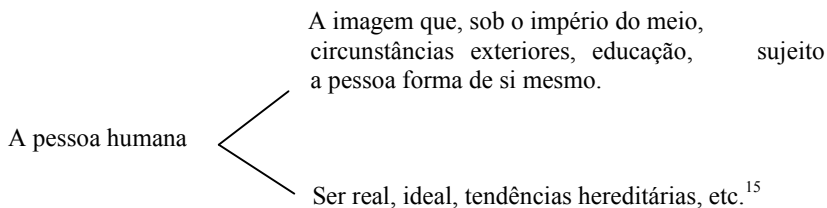
O bovarismo, livro, é um aparelho de óptica [sic] mental. É do prefácio. O bovarismo é o poder partilhado do homem de se conceber outro que não é. Precisar o papel do bovarismo como causa e meio essencial da evolução na humanidade. O mal, o bovarismo nos personagens de Flaubert, pode ser apreciado com uma rigorosa observação: aumenta com o afastamento que se forma entre o fim a que está voluntariamente assinalado e o fim para que os imantava naturalmente a sua vocação natural.¹⁴

São afirmações que demonstram o enorme fascínio que o autor de *Isaiás Caminha* sentiu ao ter contato com o conteúdo de *Le bovarysm*. Um pouco mais adiante, o escritor carioca chegou até a elaborar um pequeno esquema para ilustrar melhor os ensinamentos que assimilou a partir da obra de Gaultier

¹² Idem, p. 138.

¹³ BARRETO, Lima. Op. Cit., p. 92.

¹⁴ Idem, p. 93.



Antonio Arnoni Prado, em *Lima Barreto: o crítico e a crise*, abordou o *Diário Íntimo* enquanto um espaço destinado para a criação ficcional do escritor carioca, de reflexões sobre o cotidiano e sobre a necessidade da arte militante no Rio de Janeiro do alvorecer do século XX. De acordo com esse crítico literário, a construção de personagens como o ingênuo Policarpo Quaresma ou o taciturno Gonzaga de Sá implica em um projeto literário comprometido, até as últimas consequências, contra o academicismo. Desse modo, “a atitude ostensiva de recusa ao enquadramento que se define claramente a partir de 1904, é paralela ao ímpeto bovárico que persegue o falso e se refaz na antinomia vital que move as idéias [sic]”¹⁶.

Joel Rufino dos Santos, em um texto introdutório para a antologia *O Rio de Janeiro de Lima Barreto*, demonstrou, com grande propriedade, que as teses de Gaultier serviram como uma “justificação social” para os “insucessos” no âmbito da vida pessoal e profissional do carioca Afonso. Nesses termos, por mais que, atualmente, muitas das ideias de Gaultier nos pareçam “inconvincentes” devido ao seu determinismo, “o bovarismo foi a régua e o compasso com que a criatura amargurada – excessivamente amargurada – saiu a medir o mundo”¹⁷. Prosseguindo com a análise da presença das ideias do autor de *Le bovarysm* ao longo da produção cultural de Lima, Joel Rufino dos Santos realizou uma interessante síntese do conteúdo das principais obras barretianas:

Lima procurou a dimensão social do bovarismo desde o *Isaías Caminha* (1909). O jovem Caminha migrou para o Rio com a cabeça repleta

¹⁵ Idem, p. 94.

¹⁶ PRADO, Antonio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1976, p. 20.

¹⁷ SANTOS, Joel Rufino dos. Sociedade e problema racial na obra de Lima Barreto. In: *O Rio de Janeiro de Lima Barreto*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Rioarte, 1983, p. 38.

de sonhos – e eles se esboroam ao contato com as barreiras sociais. Suas pretensões só lhe trazem sofrimento: o que ele era, *de fato*, estava a muito predeterminado pela condição social e a raça. O Rio de Janeiro todo, à sua volta, além disso, era um show de presunçosos jornalistas e políticos que se acreditavam condutores do Brasil; doutores que se criam inteligência nacional; policiais que se presumiam guardiães da moral coletiva.

Aplicaria melhor a fórmula nas obras seguintes. O que é *Triste fim de Policarpo Quaresma*, senão a tragédia de um impenitente bovarista? O major sonha que o Brasil é o país dos índios, sonha que o Congresso é o templo dos legisladores, o folclore é a voz do povo, que a agricultura é a salvação nacional, que os militares são patriotas – sonha, sonha, sonha... E acaba fuzilado. M. J. Gonzaga de Sá é uma criatura machadiana que anda, com o jovem pagem, à procura não do Rio que existe, mas da sua alma (e não esquecer que Gonzaga de Sá descende do fundador da cidade). Que dizer de *Clara dos Anjos*, projeto juvenil executado a beira da morte?

Clarinha tivera uma educação acima da média (para as moças da sua cor e condição). Isto fez dela sonhadora, tirou-lhe o senso de realidade, convertendo-se em presa fácil do sedutor loiro – resumo de todos os defeitos e uma só virtude: não bebia. Seu bovarismo perdeu-a, enquanto o do sedutor apenas o apetrechou melhor. A doença é mesmo nacional, só que nos pobres desmobiliza, nos ricos constitui uma habilidade extra para vexar os outros.¹⁸

As chaves de leituras fornecidas por Arnoni Prado e Joel Rufino dos Santos sobre as obras de Lima Barreto são bastante eloquentes. Além de endossarem a ideia de que a reflexão em torno do bovarismo se fez presente ao longo de todo o processo de maturação intelectual do autor de *Isaías Caminha*, Arnoni Prado e Joel Rufino dos Santos deixam entreabertas algumas possibilidades de se inserir esse debate em uma seara documental mais vasta. Certamente, Afonso Henriques não foi o

¹⁸ Idem, *ibidem*.

primeiro intelectual desse passado recente a denunciar, em tom de ironia, a artificialidade dos valores da sociedade republicana ou apostar em uma ótica relativista para abordar a temática da loucura e normalidade por meio da literatura.

No setor de obras raras da Biblioteca Nacional, é possível ter contato com a primeira edição de uma miscelânea de contos intitulada *Papeis avulsos*, de Machado de Assis, publicada em 1882. Nesse volume, o fictício dr. Simão Bacamarte, protagonista do conto “O alienista”, pode ser considerado uma das personagens mais bovarista da literatura brasileira. Após uma jornada bem sucedida de estudos na Europa, Bacamarte decide criar o primeiro manicômio de sua terra natal: a provinciana cidade de Itaguaí, localizada no interior do Rio de Janeiro. O médico é descrito, inicialmente, como sendo um sábio e caridoso cientista. Casou-se com uma jovem viúva, chamada D. Evarista, esperando gerar a partir desse matrimônio filhos robustos que nunca nasceram.

A Casa Verde, conforme assim nomeou sua clínica psiquiátrica, foi idealizada pelo alienista para ser um lugar onde o mesmo pudesse “estudar profundamente a loucura, os seus diversos grãos, classificar-lhe [sic] os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal”. Almejava, assim, prestar “um bom serviço à humanidade”¹⁹.

O médico enclausura na Casa Verde, após a inauguração desse hospício, portadores de comportamentos considerados anormais de forma consensual pela sociedade. Cada vez mais obcecado pelo trabalho, Simão Bacamarte aumenta vertiginosamente o número de internos em sua clínica e passa a acreditar que a loucura era algo mais abrangente do que imaginava. Um dos ápices do conto “O alienista” acontece quando personagens influentes e populares em Itaguaí como políticos, comerciantes, pacatas donas de casa, o padre e o juiz da cidade, por exemplo, são aprisionados para serem analisados por Bacamarte.

Não só a mania de grandeza, mas também a impaciência, os delírios, as tristezas, alegrias e curiosidades dos habitantes de Itaguaí passam a ser alvo do interesse profissional do dr. Simão. Rapidamente uma atmosfera de pânico se alastra entre os moradores da pequena cidade, que passam a espalhar o murmúrio de que a Casa Verde não passava de um “cárcere privado”. Era isso “o que se repetia de Norte a

¹⁹ ASSIS, Machado de. *Papeis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts & Cia, 1882, p. 08.

Sul e de Leste a Oeste de Itaguaí”²⁰. Bacamarte enfrentou, de forma ativa e equilibrada, um motim de cerca de trezentas pessoas revoltadas contra as arbitrariedades dos diagnósticos de loucura que emitiu nas dependências de seu manicômio. Porém, desencantado, decide fechar a clínica psiquiátrica e terminar seus últimos dias isolado na Casa Verde. Nesse interim, “alguns chegaram ao ponto de conjecturar que nunca houve outro louco, além dele, em Itaguaí”²¹.

Creio que as razões que levaram Lima Barreto a manifestar, sempre que houve oportunidade, seu despreço pela obra de Machado de Assis foram mais bem explicadas no capítulo anterior. No entanto, vale salientar que a ironia cruel com a qual o bruxo do Cosme Velho se valeu para criticar a crença míope ostentada pelas elites intelectuais, de sua época, na ciência, em “O alienista”, possui sim algumas simetrias com a produção barretiana. Esses dois escritores, tão diferentes, perceberam de forma semelhante as hipocrisias da sociedade em que estavam inseridos. Apesar da imagem austera do intelectual de *pince-nez*, vida estabilizada e de grande prestígio social construída pela posteridade para Machado, muitos de seus textos são impiedosos em relação aos valores instituídos pelas elites de seu tempo. Porém, são ataques mais dissimulados. Já em Lima Barreto, literato e jornalista de vida modesta e trágica, sua crítica não foi comedida. O excesso presente na ironia barretiana embasa uma literatura franca e rebelde.²²

Apesar de “O alienista” ter sido escrito bem antes do ensaio de Gaultier sobre o bovarismo, Machado de Assis foi também bastante influenciado por Flaubert. Recentemente, o crítico João Cezar de Castro Rocha, em *Machado de Assis: por uma poética da emulação*, analisou detalhadamente a influência que nomes como o do autor de *Madame Bovary* exerceram nas fases existentes ao longo da carreira literária de Joaquim Maria. Nesse caso, ao buscar compreender como um “artista se descobre mais rico quanto mais sua dívida aumenta, reunindo temporalidades opostas, inaugurando uma apreensão simultânea de gêneros, autores e estilos”²³, é inegável que o caminho metodológico percorrido por Castro Rocha influenciou, significativamente, esse estudo sobre a formação de Lima Barreto.

²⁰ Idem, p. 32.

²¹ Idem, p. 90.

²² Cf. HIDALGO, Luciana. Machado de Assis, Lima Barreto e a “verdade” da loucura. In: *Matraga*. Rio de Janeiro, vol. 15, nº 23, jan/dez. de 2008, p. 140-41.

²³ ROCHA, João Cezar de Castro. *Machado de Assis: por uma poética da emulação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 191.

A apropriação feita por Afonso Henriques da ideia de bovarismo foi, sem dúvidas, bem mais incisiva do que a de alguns dândis. A partir da *Revista da Semana*, datada de 13 de fevereiro de 1915, essa afirmação pode ser mais bem detalhada. Na citada edição, encontra-se o conto “Balada do carnaval”: assinado pelo diplomata português Antônio Patrício (1878-1930). Esse periódico mundano, dirigido pelo também lusitano Carlos Malheiro Dias, era impresso na mesma gráfica onde eram feitas as tiragens do *Jornal do Brasil*.

Ao longo das quarenta e seis laudas, em grande parte, dedicadas ao tema dos festejos de Momo, que se aproximavam, bem como anúncios publicitários, pode-se encontrar o conteúdo do escrito de Antônio Patrício na coluna “Sorrisos e frivolidades”. O texto está ambientado, por meio da narrativa e ilustrações, no carnaval europeu. Possui gravuras de homens vestindo terno; mulheres em suntuosos vestidos de seda e um Pierrô bailando ao lado de sua Colombina: os dois célebres personagens da *Commedia dell’Arte*.

Nesse contexto, completamente distinto dos trágicos destinos de Policarpo Quaresma ou Clara dos Anjos, o bovarismo é mencionado por causa da capacidade que um fictício casal de foliões tem de burlar as convenções sociais:

Tive máscaras pra dar e pra vender: de piedade, de sonho, e de heroísmo, e afinal ali podes ver no meu cabide, a máscara do desprezo, que antes do chapéu que antes do chapéu e de fazer a risca, ponho todos os dias para poder sair...

Mais ou menos, amor, são assim todos. Tanto que há em Paris um bom senhor (Jules Gaultier se chama, creio eu) que, com o carnaval psíquico que eu digo, construiu todo um sistema: o *Bovarismo*. Cada um de nós quer ser um *outro*, como a Madame Bovary, diz o filósofo; e como, por sua vez, todos os outros – família, amigos, bem amadas e pulhas, e sublimes, e indiferentes – nos oferecem cada um a sua máscara, de tanto as amassarmos contra a cara, não podemos tocar a nossa pele, perdida, meu amor, como um bom húmus escondido entre larvas corrosivas.²⁴

²⁴ PATRÍCIO, Antônio. Balada do carnaval. In: *Revista da Semana*. Rio de Janeiro, ano XVI, nº 01, fevereiro de 1915, p. 15. [Grifos do autor]

Para se ter uma noção da disparidade entre essa leitura elitista de Gaultier e a barretiana, sugiro desviar um pouco a atenção do protagonista de *Recordações do escrívão Isaías Caminha* (1909) para um dos coadjuvantes dessa trama. Caminha acaba conhecendo, na redação de *O Globo*, o aristocrático Floc. Vítima de bovarismo, essa personagem acaba tirando sua própria vida. As lembranças de Floc, bem como do seu suicídio, são evocadas por Isaías em um momento relevante da obra de estreia de Lima Barreto:

Floc era contra a Academia, contra os novos, contra os poetas, contra os prosadores; só admitia, além dele, com a sua obra subjacente, que se juntassem e fizessem versos certos rapazes de sua amizade, bem nascidos, limpinhos e candidatos à diplomacia. Confundia arte, literatura, pensamento com distrações de salão, não lhes sentia o grande fundo natural, o que pode haver de grandioso na função da Arte. Para ele, arte era recitar versos nas salas, requestar atrizes e pintar aquarelas lambidas falsamente melancólicas.
(...)

Com isso, e repetidos elogios aos outros jornalistas, adquiriu ele uma linda reputação e um grande prestígio de talento e de artista. Quando se suicidou (oh! Como isso é triste de recordar!), quando se suicidou fui-lhe ver os livros; lá havia *a Grande Marnière*, de Onhet; *Je suis belle*, de Victorien de Saussay; uns volumes de Bourget, alguns de Maupassant, nenhum historiador, nenhum filósofo, nenhum estudo de crítica literária (...).²⁵

Mesmo tendo sido declarado *persona non grata* em todos os grandes órgãos da imprensa carioca, as duas primeiras tiragens do *Isaías Caminha*, custeadas pelo próprio escritor, foram vendidas rapidamente. Foi Antônio Noronha Santos quem primeiro divulgou, em um artigo para o periódico *Vida nova*, os nomes reais dos jornalistas do *Correio da Manhã* que inspiraram a sátira de Lima Barreto. Apesar de o próprio

²⁵ BARRETO, Lima. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. Prefácio de Francisco de Assis Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 177-78.

romancista ter se queixado em uma carta, para o citado amigo, que sua sina era “ser anunciado e escrever em jornais pouco lidos”²⁶, por muito tempo, homens de letras formaram rodas pela Rua do Ouvidor com a intenção de se desvendar qual jornalista havia sido transformado em charge literária pelo jovem e polêmico romancista.²⁷ Nesses termos, Flocc é uma paródia do esteta, jornalista e compositor João Itiberê Cunha (1870-1953), que assinava seus textos com o pseudônimo de Jic.²⁸

O paranaense João Itiberê foi irmão do diplomata Brasília Itiberê da Cunha (1846-1913), representante do Brasil no consulado da Alemanha. Ao retornar de uma temporada de 13 anos de estudos na Bélgica, Jic ganhou notoriedade entre os letrados do Rio de Janeiro por causa de seus conhecimentos sobre poesia simbolista e música erudita. Sua única obra editada foi um livro de poemas, escrito em francês, intitulado *Préludes* e lançado pela editora belga Lecomblez no ano de 1890. Foi considerado o primeiro dândi brasileiro até mesmo pelo jornalista João do Rio que elogiava, entre os pares, a pose de frequentador de bulevares – caracterizada pelo fraque bem passado e asseado, uso de cartola e da inconfundível bengala com detalhes banhados a prata – mantida pelo colega de salões.²⁹

De fato, na documentação aqui coligida, o nome desse redator aparece ilustrando ou interligado a reportagens sobre a cultura francesa. Em “O Brasil na Europa”, coluna anônima publicada no *Correio da Manhã*, em 28 de maio de 1907, o lançamento de uma edição ilustrada do jornal francês *Le Fígaro* sobre os costumes brasileiros ganhou destaque. O autor do texto elogia o trabalho gráfico e o material no qual foi impresso o exemplar, porém destaca que na sua “feitura intelectual não presidiram o necessário critério e bom gosto, a fim de evitar a má propaganda e a propaganda contra-producente [sic]”³⁰. O que esse

²⁶ BARRETO, Lima. Carta para Antônio Noronha Santos (19/09/1912). In: *Correspondência: ativa e passiva*. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 98.

²⁷ Em uma carta para o crítico Medeiros e Albuquerque, que assinou uma crítica demolidora sobre o *Isaías Caminha*, em *A Notícia*, Lima Barreto demonstra ter conhecimento dessa prática: “Na questão dos personagens há (ouso pensar) uma simples questão de momento. Caso o livro consiga viver, dentro de curto prazo ninguém se lembrará de apontar tal ou qual pessoa conhecida como sendo tal ou qual personagem”. Cf. BARRETO, Lima. Carta para Medeiros e Albuquerque (15/12/1909). In: Idem, p. 138.

²⁸ BARBOSA, Francisco de Assis. Op. Cit., p. 174.

²⁹ Cf. LEVIN, Orna Messer. *As figurações do dândi: um estudo sobre a obra de João do Rio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

³⁰ Cf. O Brasil na Europa. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, ano VII, nº 3045, maio de 1907, p. 01.

jornalista considerou enquanto tal foram fotografias retratando igrejas e descendentes de africanos na Bahia.

Esse número do *Le Figaro* parece ter sido financiado por meio de uma parceria diplomática, endossada pelo Ministro das Relações Exteriores José Maria Paranhos Júnior ou o Barão do Rio Branco, entre a França e o Brasil. O mencionado político ocupou esse importante cargo público de 1902 até o ano de sua morte, em 1912. Daí o preconceituoso redator enviar o seguinte recado para o citado político:

Pode, pois, s. ex. gabar-se de haver contribuído, com toda sua mania de perdulário do erário público, para a obra de nosso descrédito. A estas horas os que se deram ao trabalho de ler devem estar convictos de que se não somos um povo culto, temos ao menos estadistas tão fáceis de serem explorados.³¹

Por último, o segundo ponto positivo atribuído a essa edição do *Le Figaro* pelo colaborador do *Correio da Manhã* é o fato de uma crônica sobre a região Sul do país, assinada pelo historiador natalense Tobias Monteiro (1866-1952), ter sido traduzido para francês pelo “nosso companheiro de redação dr. João Itiberê Cunha, que firma nos seus trabalhos em francês o nome de Iwan d’Hunac! Sem maiores comentários”³².

Bem mais do que apontar para qual literato foi caricaturado em *Isaias Caminha*, documentos como esses podem ajudar a entender melhor as razões que levaram Lima Barreto a considerar bastante bovarista a pretensão das elites nacionais de projetarem uma imagem do Brasil plenamente europeizado. No caso das críticas ao Barão do Rio Branco, vale salientar que esse político ocupou, por muitos anos, um cargo bastante cobiçado pelos arrivistas que ingressavam na carreira de letras ou política na cidade do Rio de Janeiro. Talvez esse fato ilustre os motivos pelos quais foi rechaçado pelo virulento e corporativista jornalista do *Correio da Manhã*.

Com ajuda de uma dedicada equipe de auxiliares, Rio Branco obteve sucesso em negociações com o governo dos Estados Unidos, no começo da década de 1890, para o estabelecimento de um comércio

³¹ Idem, *ibidem*.

³² Idem, *ibidem*.

bilateral entre essa potência mundial emergente e o Brasil. Ao conseguir ter explorado bem o interesse internacional pelo açúcar brasileiro, o prestígio do Barão do Rio Branco aumentou entre monarquistas influentes, “que o viam como um deles”, ao mesmo tempo em que “não se indispôs com os republicanos”³³. Os êxitos pessoais e políticos do Barão parecem simbolizar, nesses termos, as contradições de um país que quis conciliar modernização e tradição a qualquer custo. Talvez enquanto herança ibérica, essa conciliação esteve presente desde todo o cenário político nacional até nos ditames e ritos da Academia Brasileira de Letras.

No caso de Lima Barreto, na crônica “Que fim levou?”, datada de 10 de julho de 1911, o escritor demonstrou, indiretamente, uma verdadeira irritação contra o culto promovido em torno da personalidade de Rio Branco. Afonso Henriques recorreu as suas memórias para lembrar-se do famoso aviador Santos Dumont desembarcando na capital republicana “debaixo de palmas, de ovações” e a participar de “recepções solenes nas escolas, nas sociedades sábias. (...) O triunfo não durou um só dia, mas perto de uma semana”³⁴. Nesse texto, o cronista afirmou ainda o seguinte: “sei que Santos Dumont é como o Barão do Rio Branco; está sagrado, está sob ‘tabu’; mas – que Diabo! – isto de perguntar simplesmente – que fim levou? – não é sacrilégio, não é ofensa que vá ferir o respeito polinésio que temos por certo dos nossos grandes homens”³⁵.

Em 26 de janeiro de 1915, *A Noite*, de Irineu Marinho, veiculou uma das crônicas mais ferinas de Lima Barreto, intitulada “A volta”, contra o já então falecido estadista. O autor registrou, na ocasião em que estava em uma colônia de povoamento, no interior do Rio de Janeiro, seu abalo diante da atmosfera “de opressão, de desprezo por todas as leis, de ligeirezas em deter, em prender, em humilhar” que era vivenciada naquele local. Afirma ainda que havia “entrado como louco, devido a inépcia de um delegado idiota, como louco, isto é, sagrado”³⁶ nesse núcleo de povoamento marcado pela miséria.

³³ DORATIOTO, Francisco. O Brasil no mundo: idealismos, novos paradigmas e voluntarismo. In: SCHWARCZ, Lília Moritz (Org.). *A abertura para o mundo: 1889-1930*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 140.

³⁴ BARRETO, Lima. Que fim levou?. In: *Gazeta da Tarde*. Rio de Janeiro, (10/07/1911) ou BARRETO, Lima. *Toda crônica*. Vol. I. Rio de Janeiro: Agir, 2004, p. 94.

³⁵ Idem, p. 96.

³⁶ BARRETO, Lima. A volta. In: *Correio da Noite*. Rio de Janeiro, ano IX, nº 72, janeiro de 1915, p. 01 ou BARRETO, Lima. Op. Cit., p. 166.

De acordo com a tradição ocidental, é permitido aos alienados dizerem algumas verdades sobre as injustiças locais que são negligenciadas pela comunidade.³⁷ Sendo assim,

(...) O Senhor Rio Branco, o primeiro brasileiro, como aí dizem, cismou que havia de fazer do Brasil grande potência, que devia torna-lo conhecido na Europa, que lhe devia dar um grande Exército, uma grande esquadra, de elefantes paralíticos, de dotar a sua capital de avenidas, de *boulevards*, elegâncias bem idiotamente binoculares e toca a gastar dinheiro, toca a fazer empréstimos; e a pobre gente que mourejava lá fora, entre a febre palustre e a seca implacável, pensou que aqui fosse o Eldorado e lá deixou as suas choupanas, o seu sapé, o seu aipim, o seu porco, correndo ao Rio de Janeiro apanhar algumas moedas da cornucópia inesgotável. Ninguém os viu lá, ninguém quis melhorar a sua sorte no lugar que o sangue dos seus avós regou o eito. Fascinaram-nos para a cidade e eles agora voltam, voltam pela mão da polícia como reles vagabundos. É assim o governo: seduz, corrompe e depois... uma semicadeia.³⁸

Em todo caso, a percepção de Rio Branco da modernidade estava plenamente sintonizada com os projetos do prefeito Pereira Passos e suas equipes de transformar o Rio de Janeiro em uma Paris tropical.³⁹ Pouco antes de essa crônica ter sido escrita, em outubro de 1914, Afonso

³⁷ De acordo com as palavras do sociólogo francês Georges Balandier: “a ordem social parece ter todas as regalias, compreendida a cumplicidade das consciências, fora dos períodos críticos. No entanto, ela é vulnerável; detrás da fachada das aparências, trabalha a desordem, o movimento transforma e a usura do tempo degrada. O jogo da verdade é muito perigoso; embora o bufão tenha licença para dizê-la, é o modo da irrisão que a torna menos ofensiva. Os pintores, durante muito tempo, tiveram como temas as ‘cenas de poder’, introduzindo grotescos, doidos, bufões e mascarados. Isto é, o reverso do aparato, do poder seguro de si mesmo e de sua grandeza”. Cf. BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Tradução de Luiz de Moura. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982, p. 25.

³⁸ BARRETO, Lima. Op. Cit., p. 166.

³⁹ O ápice dessa franca oposição contra as medidas modernizadoras do Barão do Rio Branco pode ter sido atingido na debochada sátira *Os Bruzundangas* quando Lima Barreto as nomeou de “diplomacia dos punhos de renda”.

foi internado no Hospital Nacional de Alienados situado no bairro da Praia Vermelha. Nessa época, o literato já havia se entregado ao consumo exagerado de álcool como uma forma de evasão para seus problemas familiares e financeiros. Tornou-se, gradualmente, um inadaptado convicto. Circulava, durante dias e noites inteiras, por todos os recônditos da capital republicana a pé, em trajes rotos ou andrajos. Foi diagnosticado como portador de alucinações alcoólicas, após uma crise, em sua casa pelo médico Braule Pinto.

Quando foi internado, contra sua vontade, aos 33 anos, Lima Barreto estava na casa de um tio, na região de Guaratiba, situada na Baía de Guanabara, onde ficou repousando devido a recomendações médicas. Após entrar em pânico temendo ser supostamente levado preso por militares republicanos e quebrar algumas vidraças e móveis da residência, foi imobilizado por guardas em uma camisa-de-força e conduzido em um carro-forte até o hospício da Praia Vermelha a mando do irmão, Carlindo, que era policial.⁴⁰ Essa digressão é importante porque, em “A volta”, as reflexões do escritor carioca sobre as políticas de Rio Branco e o “progresso” republicano foram geradas nesse contexto tumultuado que envolve sua trajetória de vida. A citada crônica, portanto, termina por meio de uma exclamação margeada por uma melancólica ironia: “O Rio civiliza-se!”⁴¹.

O jornalista João Antônio, em *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, organizou uma das autobiografias mais relevantes sobre a face trágica do alcoolismo barretiano. Essa breve obra foi construída a partir da bricolagem entre fragmentos de textos do escritor carioca e depoimentos obtidos pelo autor, nas dependências do Sanatório Muda da Tijuca, de Carlos Alberto Nóbrega da Cunha: “homem tido e havido como caduco, maníaco e esclerosado”⁴². Tendo sido, na mocidade, diretor do *Diário de Notícias* e de *O Jornal*, Nóbrega da Cunha conheceu pessoalmente o autor de *Isaías Caminha*.

Daí João Antônio afirmar que agiu “como um montador de cinema”, de “tesoura em punho”, para dar “ritmo e respiração ao trabalho alheio”⁴³. Em uma das memórias desse velho editor, que foi

⁴⁰ BARBOSA, Francisco de Assis. Op. Cit., p. 223-28.

⁴¹ BARRETO, Lima. Op. Cit., p. 167.

⁴² ANTÔNIO, João (Org.). *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977, p. 17.

⁴³ Idem, ibidem.

colega de mesa de bar do literato carioca, surge essa recordação pungente acerca do autor de *O cemitério dos vivos*:

Visto em qualquer lugar, ou sentado ou em pé ou passando no meio do grupo, ninguém veria em Lima um homem fora do comum. Era mesmo, à sua primeira vista, o tipo do mulato comum brasileiro, de situação modesta e, deveria presumir-se senão um inculto, um indivíduo de instrução elementar. A única nota marcante de sua identidade era o olhar: olhos alongados, de um verde sujo com fundo amarelo e embaciados, digo, baços. Eram olhos tristes.⁴⁴

Além de uma imagem verossímil da figura pública do escritor carioca, essa narrativa compõe um Lima Barreto que vai, aos poucos, se transformando também em uma das inúmeras personagens errantes presentes na literatura de João Antônio. Esse jornalista paulista reivindicou para si, ao longo da sua carreira, o título de discípulo de Lima Barreto.⁴⁵ Já os citados escritos barretianos contra o Barão do Rio Branco, ator histórico consagrado pela história das elites brasileiras, ajudam na composição do perfil intelectual insubmisso de Afonso Henriques.

Anos depois, em 13 de junho de 1917, o escritor carioca enviou um curto bilhete para o amigo Antônio Noronha Santos no qual alega estar trabalhando em suas “*Notas sobre Bruzundangas*”. De acordo com suas previsões, esperava entregar os originais ao editor Jacinto Ribeiro dos Santos até o final daquele mês.⁴⁶ Nessa época, mesmo assemelhando-se, em muito, ao poeta Leonardo Flores, de *Clara dos Anjos*, que “devido ao álcool e desgostos íntimos, (...) não era mais do que uma triste ruína de um homem” e tendo “publicado cerca de dez volumes, dez sucessos, com os quais todos ganharam dinheiro, menos ele”⁴⁷, Lima Barreto manteve um inegável prestígio junto a livreiros, intelectuais de esquerda e mesmo em sua vizinhança.

⁴⁴ Idem, p. 70.

⁴⁵ Cf. PRADO, Antonio Arnoni. Lima Barreto personagem de João Antônio. In: *Trincheira, palco e letras*: crítica, literatura e utopia no Brasil. São Paulo: Cosac & Naif, 2004, p. 241-56.

⁴⁶ BARRETO, Lima. Carta para Antônio Noronha Santos (13/06/1917). In: *Correspondência*: ativa e passiva. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 107.

⁴⁷ BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Prefácio de Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 93.

A obra *Os Bruzundangas* só foi publicada, por Ribeiro dos Santos, em 1923: um ano após a data de falecimento do autor. A edição que integra as obras completas de Lima Barreto, publicadas pela Editora Brasiliense, foi acrescida de uma esclarecedora nota de Francisco de Assis Barbosa, na qual o historiador afirmou que o mencionado “editor, porém, esqueceu do livro. E só se lembrou de publicá-lo depois da morte de Lima Barreto, anunciando-o com espalhafato”⁴⁸. Além dessa passagem, encontra-se também um belo texto introdutório sobre o pensamento barretiano elaborado pelo crítico literário Osmar Pimentel.

De acordo com esse prefaciador,

Como o personagem de ficção bem realizado, o bom ficcionista é também uma suma de contradições psicológicas – não fossem, um e outro, produto da mesma reflexão sobre os descaminhos e surpresas da condição humana. Flaubert há de, por certo, ter-se debruçado mais de uma vez, sobre o destino de Ema Bovary. Mas René Dumesnil – um dos mais sagazes conhecedores da obra flaubertiana – não terá meditado menos sobre esse personagem complexo que continua a ser, para a crítica literária, o escritor Gustave Flaubert. É que, à semelhança de qualquer personagem literariamente vivo, o escritor será sempre, sob certo aspecto, um enigma e uma contradição.

Lendo dois romances dos mais característicos da “maneira” de Lima Barreto – cujos livros estão sendo reeditados agora, sob a orientação escrupulosa e inteligente do escritor Francisco de Assis Barbosa – eu me perguntava quantos Limas já teremos hoje, quando já se passaram vinte e seis anos da morte do romancista. Perguntavam-me ainda sobre qual desses Limas conviria notar impressões, mesmo que estas não tivessem a originalidade desejável. E a indagação não é ociosa.⁴⁹

⁴⁸ BARBOSA, Francisco de Assis. Nota prévia. In: BARRETO, Lima. *Os Bruzundangas*: sátira. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 20.

⁴⁹ PIMENTEL, Osmar. Prefácio. In: Idem, p. 09-10.

Essas refinadas considerações, margeadas por uma atenta erudição, endossam a ideia de que os significados das obras de um autor complexo estão sempre em aberto e suscetíveis a inúmeras interpretações. A menção ao romance canônico de Flaubert que trata das ilusões projetadas por uma mulher provinciana que vive a sonhar com o luxo e a opulência dos ricos, na Paris do século XIX, também é relevante.⁵⁰ A sátira *Os Bruzundangas* foi elaborada como se fosse uma crônica, feita por um viajante, sobre os costumes de um distante país. No entanto, os absurdos que caracterizam a história desse longínquo lugar, visitado pelo narrador, apresentam semelhanças gritantes com a realidade nacional. Trata-se uma lira contra o bovarismo e com o objetivo bem delineado de “livrar-nos, a nós do Brasil, de piores males, pois possui maiores e mais completos”⁵¹.

O alto escalão da Academia Brasileira de Letras foi transformado por Lima Barreto nos samoiedas do país das Bruzundangas. Sobre esse distinto seguimento dessa sociedade, o narrador revela que:

Só querem a aparência das cousas. Quando (em geral) vão estudar medicina, não é a medicina que eles pretendem exercer, não é curar, não é ser um grande médico, é ser doutor; quando se fazem oficiais do exército ou da marinha, não é exercer as obrigações atinentes a tais profissões, tanto assim que fogem de executar o que é próprio a elas. Vão ser uma ou outra cousa, pelo brilho do uniforme. Assim também são os literatos que simulam sê-lo para ter a glória que as letras dão, sem querer arcar com as dores, com o esforço excepcional, que elas exigem em troca. A glória das letras só as tem, quem a elas se dá inteiramente; nelas, como no amor, só é amado

⁵⁰ Na Biblioteca Nacional, encontra-se disponível para consulta a edição original desse marco da prosa realista moderna. Destaco aqui um trecho no qual a idealização feita por Ema Bovary da vida parisiense se torna um delírio de grandeza pouco condizente com a realidade da personagem: “Paris, plus vague que l’Océan, miroitait donc aux yeux d’Emma une atmosphère vermeille. (...) C’était une existence au-dessus des autres, entre ciel et terre, dans les orages, quelque chose de sublime. Quant au rest de monde, il était perdu, sans place précise, et comme n’existant pas”. Cf. FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*: moeurs de province. Paris: Michel Lévy Frères, 1857, p. 83-4.

⁵¹ BARRETO, Lima. Op. Cit., p. 27.

quem se esquece de si inteiramente e se entrega com fê cega.⁵²

Mais uma vez, o culto as aparências é posto em xeque pelo escritor, bem como a superficialidade de uma civilização que se apresenta enquanto moderna, porém, na prática, é vazia de grandes ideais. Entretanto, a temática do bovarismo não passou despercebida entre os belletristas. O romance *Turbilhão*, de Coelho Neto, publicado em 1906, narra os dramas vividos por Paulo Jove e também aborda, em linhas gerais, a vida jornalística no Rio de Janeiro da *Belle Époque*. Porém, ao contrário de Isaías Caminha, que sonha em ascender socialmente ao sair da roça para a cidade e obter o título de doutor, Jove, protagonista de *Turbilhão*, é oriundo de uma tradicional família urbana, estudante de medicina e redator de meio expediente na imprensa carioca. Esse romance realista explora temas caros a essa geração de homens de letras brasileiros, como o decadentismo e a impotência dos indivíduos em face da transformação dos valores que a modernidade engendrou.

A irmã de Paulo Jove, Violante, foge de casa para Buenos Aires ao ser seduzida por um pretendente. O fato causa inúmeros sofrimentos para a mãe do protagonista, Dona Júlia: uma católica devota. Jove decide abandonar os estudos superiores, pois a atitude da irmã significou a desonra, entre a alta sociedade, da família e passa a viver do trabalho de revisor de textos. Ao passo que, cada vez mais, essa família mergulha em dificuldades financeiras, Paulo se envolve com a amasia de um antigo agregado da casa, bem como em brigas, jogatinas e apresenta uma verdadeira obsessão em reencontrar Violante. O fato é que o aguardado embate entre o jornalista e a irmã acaba acontecendo em uma noite no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Para escândalo do falso moralista Jove e das elites lá presentes, Violante havia se tornado uma cortesã; uma *cocote chic*.⁵³

Para Robert Oakley, “a cidade do Rio não oferece resposta nenhuma às cismas e perguntas de Paulo. Permanece vagamente hostil e opaca”. A personagem principal de *Turbilhão* fomenta vários pretextos “para não encarar seu próprio destino”. Portanto, de acordo com a perspectiva desse crítico, “nas últimas páginas, o leitor dá-se conta que, ao longo da narrativa, Coelho Neto foi urdindo magistralmente um caso

⁵² Idem, p. 36.

⁵³ Cf. NETO COELHO, Henrique Maximiano. *Turbilhão*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1906.

de bovarismo”⁵⁴. Cada um a seu modo, os autores de *Isaiás Caminha* e *Turbilhão* mantiveram-se atentos ao arrivismo e as cenografias características daquela época, embora, desde o início de sua vida literária, Lima Barreto tenha rechaçado a produção desse acadêmico.

Em uma anotação, que pode ser encontrada no *Diário Íntimo*, o autor demonstrou, mais uma vez, estar bem concatenado em relação aos principais debates literários da capital republicana. Ao chegar em casa, na data de 15 de maio de 1908, após visitar o amigo Goulart de Andrade, escritor que julgou “puro, um poeta de sessenta anos passados, que não parece ter aprendido mecânica, astronomia e navegação”⁵⁵, Afonso Henriques registrou ainda o seguinte acerca desse encontro:

Leu-me Coelho Neto – *Jardim das Oliveiras*. Há algumas [sic] coisa boa, diferente do Neto comum, cantador de condessas, baronesas, *misses* etc. Esse Neto de pacotilha que tem medo de dizer as suas amarguras contra “a sociedade que nos esmaga”.

Contei-lhe o *Isaiás Caminha*. Achou graça, mas ficou apreensivo. Não tinha razão: eu sou amigo dele e sei ser amigo até a última hora.

Cheguei em casa às onze e quarenta e li um artigo de Gaultier sobre o bovarismo na história (...). Considerações inatuais. Pelas doze e quarenta apagava a vela e dormia.⁵⁶

Negar os méritos da literatura de Coelho Neto com base nas cismas e polêmicas lançadas por Lima Barreto é, em vários aspectos, uma empreitada arriscada. Por meio desse breve texto, pode-se perceber que o romancista de Todos os Santos, apesar de algumas ressalvas, não negou o talento desse literato. Também é perceptível a desenvoltura com a qual o carioca Afonso se desloca no campo da chamada alta cultura. Ao anotar que algumas ideias de Gaultier já estavam sendo consideradas ultrapassadas, mais uma vez, prevalece a impressão de que Lima Barreto acompanhou atentamente a vida literária de seu tempo, movimentos intelectuais e as correntes estéticas.

⁵⁴ OAKLEY, Robert. Ilusões perdidas na *Belle Époque* tropical. In: *Matraga*, vol. 18, nº 17, jan./dez. de 2005, p. 82-4.

⁵⁵ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*: memórias. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 133.

⁵⁶ Idem, p. 134.

Na verdade, outro desafeto literário de Lima Barreto, o médico Afrânio Peixoto, foi também aclamado enquanto romancista nacional bastante inspirado por Flaubert e Gaultier. Um volumoso exemplar do *Almanaque brasileiro Garnier*, de 1914, publicado sob a direção do escritor e jornalista João Ribeiro, traz uma crônica assinada pelo advogado pernambucano – e membro da Academia Brasileira de Letras – Sousa Bandeira (1865-1917). O editorial salienta bem que esse impresso é pautado na “escolha de assuntos uteis e agradáveis”⁵⁷: para um público leitor seletivo, certamente. Em se tratando da apologética de Sousa Bandeira, motivada pela eleição de Afrânio para ocupar uma vaga entre os imortais da ABL, encontramos uma síntese do conteúdo de *A Esfinge* (1911): terceiro romance assinado pelo médico baiano. Nesses termos, essa leitura feita por Bandeira foi finalizada por meio de uma crítica conclusiva sobre as elites da *Belle Époque* carioca:

Desde as senhoritas que leem Novalis e Svedenborg nos *courts de tennis*, até os deputados que avaliam a civilização da Suíça pelo conforto dos seus hotéis e pela precisão dos seus relógios, pertencem ou supõem pertencem às classes dirigentes, querem viver aqui a vida da Europa. Os intelectuais acompanham com ávida saudade o envolver do pensamento europeu. Os *snoobs* contentam-se em copiar o corte das roupas ou o modo de colocar o chapéu. Em ambos os casos se realiza o delicioso fenômeno a que se convencionou chamar de *bovarismo*.⁵⁸

Acerca da cultura das elites cariocas, com a qual a trajetória de Lima Barreto não deixa de se amalgamar, o historiador Jeffrey Needell, em *Belle Époque tropical*, realizou uma importante pesquisa em torno do afrancesamento do Rio de Janeiro. A temática central do citado estudo consiste na análise do contexto que levou médicos, engenheiros, literatos, juristas e militares a se engajarem com políticas administrativas voltadas para a projeção de uma imagem europeizada da capital republicana. O aspecto de bulevar da Avenida Central teve uma

⁵⁷ Cf. Editorial. In: RIBEIRO, João (Org.). *Almanaque Brasileiro Garnier*. Vol. XI. Rio de Janeiro: Livraria do Garnier, 1914, p. 09.

⁵⁸ BANDEIRA, Sousa. Afrânio Peixoto: a propósito do seu romance *Esfinge*. In: Idem, p. 243. [Grifos do autor]

função bem mais cenográfica do que utilitária. Esse local foi composto por uma ampla via, edifícios suntuosos a exemplo do Teatro Municipal e Biblioteca Nacional, bem como construções nas quais funcionavam outros órgãos públicos. As principais edificações que preenchiam a Avenida Central do Rio de Janeiro possuíram “uma fachada Beaux-Arts enxertada em uma construção simples e funcional, completamente divorciada, estética e funcionalmente, de sua aparência. Em suma, um corpo brasileiro com máscara francesa”⁵⁹.

Nas crônicas e artigos literários de Lima Barreto não encontrei nenhuma menção ao nome de Sousa Bandeira. O texto aqui mencionado desse literato, além dos de Coelho Neto e Lima Barreto, sugerem que houve uma consciência muito nítida, entre intelectuais de distintos matizes, de que as reformas urbanas estavam modificando também os modos de se vestir, consumir, ver e comportar-se na cidade, ou seja, padrões de comportamento, códigos de conduta e padrões vestimentares. A noção de bovarismo forneceu, nesses três casos, guardada as devidas proporções, uma eficaz chave de leitura para a distância que existiu entre o mundo restrito e pretensamente europeu habitado pelas elites cariocas e o contraste formado pela dura realidade de uma cidade que se modernizava por meio de um processo lento, excludente e bem mais simbólico do que concreto.

Na crônica “Novas reformas”, publicada na *Careta*, em 7 de agosto de 1915, Lima Barreto é bastante taxativo ao escrever as seguintes linhas sobre essas políticas oficiais que transformaram, por duas décadas, a cidade do Rio em um verdadeiro canteiro de obras: “a nossa administração pública se caracteriza pelas reformas. Não há ministro novo que não traga na cabeça uma nova em folha, muito oposta à do antecedente, com a qual vai ‘salvar’ sua pasta”. No entanto, o cerne dessas modificações era frívolo e consistia, segundo o autor, na “mudança de certas repartições com títulos mal traduzidos do francês”⁶⁰.

Entre os intelectuais, houve, desse modo, adeptos incondicionais das reformas urbanas e aqueles que desconfiaram bastante dos interesses que haviam por trás dessas medidas “civilizatórias”, mesmo entre os estabelecidos. Essa história da circulação do conceito de bovarismo

⁵⁹ NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 66.

⁶⁰ BARRETO, Lima. Novas reformas. In: *Careta*. Rio de Janeiro, ano VIII, nº 372, agosto de 1915, p. 14 ou BARRETO, Lima. *Toda crônica*. Vol. I. Rio de Janeiro: Agir, 2004, p. 226.

entre diferentes homens de letras está bem situada no campo da história cultural. Ao longo dessa análise das fontes que tratam desse tema, busquei, segundo as recomendações de Roger Chartier, desconfiar da tradicional “oposição entre criação e consumo, entre produção e recepção”, para a qual “a inteligência do ‘consumidor’ é (para retomar uma metáfora da pedagogia antiga) como cera mole onde se inscreveriam de maneira bem legível as ideias e as imagens forjadas pelos criadores intelectuais”⁶¹.

Trabalhar, portanto, a partir dessa perspectiva da história dos intelectuais implica em “anular o corte entre produzir e consumir”, pois:

A obra só adquire significado através da diversidade de interpretações que constroem as suas significações. A do autor é uma entre outras, que não encerra em si a “verdade” suposta como única e permanente da obra. Dessa maneira, pode sem dúvida ser devolvido um justo lugar ao autor, cuja intenção (clara ou inconsciente) já não contém toda a compreensão possível de sua criação, mas cuja relação com a obra não é, por tal motivo, suprimida.

Definido como uma “outra produção”, o consumo cultural, por exemplo a leitura de um texto, pode assim escapar à passividade que tradicionalmente lhe é atribuída. Ler, olhar ou escutar são, efetivamente, uma série de atitudes intelectuais que – longe de submeterem o consumidor à todopoderosa mensagem ideológica e/ou estética que supostamente o deve modelar – permitem na verdade a reapropriação, o desvio, a desconfiança ou resistência.⁶²

Com base nesses postulados teóricos de Chartier, é possível deduzir que a noção de bovarismo foi apreendida de diferentes formas. No caso de Lima Barreto, esse conceito serviu, em alguns momentos, como uma ferramenta de autocritica, bem como de interpretação da sociedade em que estava inserido e, principalmente, de denúncia contra a pompa dos beletristas. Conforme sugere a arguta afirmação de

⁶¹ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990, p. 58.

⁶² Idem, p. 59-60.

Carmem Lúcia de Figueiredo, as imagens do literato de “anel, cartola, sobrecasaca e seu impacto sobre as pessoas”, representadas na escrita do autor de *Isaías Caminha*, demonstram “que o valor humano se reveste de poder e pode ser mensurado por superficialidades”⁶³.

Lima Barreto foi um dos críticos mais ferrenhos da “regeneração” carioca, porém esse fato não significa que todos beletristas estavam completamente seduzidos pelos seus efeitos. Por meio do fictício Floc ou mesmo do esteta João Itiberê, atualmente, não é mais tão produtivo criar generalizações sobre a vida literária naquela época. Bem mais do que insistir em uma severa bipartição entre o conteúdo de textos feitos por acadêmicos e de Lima Barreto, é possível também verificar algumas aproximações. Ao cotejar diferentes pontos de vista sobre bovarismo emitidos por letrados, que ocuparam lugares sociais diferentes, insisto na ideia de que o argumento que acaba subestimando, em demasia, a capacidade criativa dos intelectuais triunfantes para enaltecer a do autor de *Isaías Caminha* pode ser evitado de uma forma fecunda e consequente.

Em 20 de abril de 1918, o jornal *A.B.C.*, autointitulado periódico voltado para a política, atualidades, letras e artes – dirigido por Paulo Hasslocher e Luís Moraes – trouxe um interessante artigo assinado por Lima Barreto no qual o cerne de sua leitura sobre essa temática aparece mais delineado. Sem dúvidas, o escopo desse impresso era amplo. Além do citado texto do autor de *Clara dos Anjos*, uma coluna assinada pelo artista alagoano Virgílio Maurício merece destaque. Em “A batalha dos estetas”, esse pintor, dotado de uma consolidada fama, inclusive na França, afirmou, dentre outras coisas, que “arte é consciência e uma grande arte só pode residir em numa grande opinião. Devemos ter uma opinião, opinião refletidamente pensada, proveniente de estudo, de observação e de pesquisas não áridas. Em arte não existem simpatias ou amizades, são as obras que devem merecer o nosso aplauso ou o nosso reparo”⁶⁴.

Fontes como essa auxiliam na fundamentação da ideia de que a voz de Afonso Henriques não estava tão isolada assim. Por outro lado, reforçam a impressão de que o campo intelectual brasileiro, na Primeira República, não era mesmo nada favorável para o desenvolvimento de

⁶³ FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. *Lima Barreto e o fim do sonho republicano*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995, p. 47.

⁶⁴ MAURÍCIO, Virgílio. A batalha dos estetas. In: *A.B.C.* Rio de Janeiro, ano IV, nº 163, abril de 1908, p. 07.

uma meritocracia. Voltando para a discussão sobre o bovarismo, nesse mesmo exemplar, as considerações de Lima Barreto são assim iniciadas: “notou Jules Gaultier, um moderno filósofo francês, que Flaubert selara quase todos os personagens dos seus romances com a marca genial de um só modo de ver”⁶⁵. Em seguida, o escritor apresenta uma interessante síntese da obra *Madame Bovary*:

É inútil lembrar a heroína de Flaubert. Toda gente a conhece. Emma Bovary, pequena burguesa, educada num estabelecimento aristocrático, casada com um estúpido médico, ou cousa que o valha, faz de si um retrato de grande dama, talhada para altas cavalarias e satisfações, desenvolvendo para se aproximar de uma tal imagem todo o vigor de sua natureza violenta. O reflexo dessa imagem sobre sua consciência faz que ela deforme toda a realidade, criando dentro de si um principio de insaciabilidade, de ruptura que impede sempre o equilíbrio com o mundo externo. Sua vida é assim constantemente perturbada. A realidade não a satisfaz. Malcasada com o medíocre Charles, desgosta-se, despreza-o, abomina-o. Sonha amantes. Retrata-os carinhosamente na sua imaginação; idealiza-os suprimindo inconscientemente os perigos do adultério. Desvia-se da cama conjugal, e o estonteamento que o sonho de irregularidade leva à sua alma arrasta-a a falsificar a firma de seu marido, o que, descoberto, a impele ao suicídio. Devido à força com que a pobre Emma escravizou-se ao mal, pela alta dose de que dele ela era dotada, pareceu ao filósofo que Mme. Bovary, mais que nenhum outro personagem de Flaubert, simbolizava essa função original de nossa alma, daí “bovarismo”, como ele o chamou.⁶⁶

Conforme se pode perceber, Afonso Henriques foi também um crítico literário extremamente didático. O lado mais fascinante das

⁶⁵ BARRETO, Lima. Casos de bovarismo. In: Idem, p. 10 ou BARRETO, Lima. Op. Cit., p. 327.

⁶⁶ Idem, ibidem.

ideias de Gaultier para o autor de *Isaias Caminha* foi essa possibilidade de levar em conta os aspectos positivos do bovarismo: “num vôo de metafísica, o filósofo (...) chega a mostrar não só o bovarismo como essencial à humanidade, necessário até, explicando a idéia [sic] de evolução e sendo sua causa, como também constituindo um criador do real”⁶⁷. Além disso, esse aparato conceitual foi considerado pelo escritor carioca um “binóculo de teatro” por meio do qual era possível enxergar “o poder que é dado ao homem de se conceber outro que ele não é, e de encaminhar para esse outro todas as energias de que é capaz”. Daí o convite feito por Lima, no artigo, para o leitor também “experimentar no vulgar do dia-a-dia a força de suas lentes”⁶⁸.

O narrador de “Casos de bovarismo” apresenta então, ao inserir na narrativa um amigo que o leva até um manicômio, o senhor Fernandes. Esse interno do hospício é descrito enquanto um “bondoso oficial de farmácia que as leituras enlouqueceram”⁶⁹. Segue-se então um espirituoso diálogo, que vale a pena conferir, entre as personagens desse texto que se desloca da teoria literária para o terreno da ficção:

– Fernandes, pergunta-lhe o interno, meu amigo, como vai teu livro? Sim! (dirigia-se agora a mim) porque aqui o Senhor Fernandes tem um grande livro.

– A obra imortal da verdade. Como vai? – perguntei eu.

– Vocês são pequenos, mesquinhos para me compreender: eu, disse o doente, bebo o leite de Minerva na taça da filosofia.

E, quando de volta de novo passamos por ele, eu lhe indaguei de supetão:

– Não é verdade que 7 x 8 são 64?

– Não, senhor, são 54.

Eis como estava o leite de Minerva já estragado: a tabuada falhava ao Fernandes.

Era um louco, por isso não me animo a classificá-lo como atingido de bovarismo.⁷⁰

⁶⁷ Idem, p. 328.

⁶⁸ Idem, ibidem.

⁶⁹ Idem, ibidem.

⁷⁰ Idem, p. 329.

Fica bastante clara a assertiva de que, para Lima Barreto, insanidade e ímpeto bovarista não eram duas faces de uma mesma moeda. Ambientando agora a narrativa em um vagão de trem dos subúrbios, o escritor analisa o comportamento de suas autoridades republicanas para ilustrar uma situação na qual esse conceito pode ser mais bem encaixado. Um delegado e um ministro de Estado que estavam na condução passam a ser observados pelo autor:

Ao olhar de quem não estiver armado do binóculo bovárico, não se apresentarão os dous atos como idênticos. Ambos são, entretanto, idênticos; partem do mesmo fato os dous; o comum delegado e o poderoso ministro se concebem outros que não são.

O delegado acredita-se participando de Júpiter Tonante, tem algo de onipotente. Quando olha a rua povoada de gente que se cruza da direita para a esquerda, de lá para cá, diz de si para si:

– se andam soltos, é porque eu quero, senão...

Ao ministro, já a imagem do poder não perturba. Crê-se outro Colbert, Richelieu, marquês de Pombal, ou, no mínimo, Cotejipe, Saraiva, Dantas, Zacarias, Ouro Preto ou outro qualquer dos nossos; de modo que pra isso deve estar atento com a imortalidade, ficar certo de que esta vai lhe registrar os atos, os gestos, as frases... Como os dous se enganam, meu Deus!

É puro bovarismo!⁷¹

A crítica de Lima Barreto dirigida aos intelectuais beletristas e as elites dirigentes da *Belle Époque* reside, quase sempre, no culto ao poder promovido por esses atores históricos. De acordo com a socióloga Maria Cristina Teixeira Machado, essas investidas promovidas pelo escritor contra as novas formas de hierarquia que a ordem republicana estava instituindo foram bastante conscientes. Para a citada autora, em *Lima Barreto: um pensador social na Primeira República*, o olhar desse literato para sua época produziu “um retrato expressivo e contundente de uma modernidade abortada. No mundo capitalista, a estrutura social dos países marcados pelas relações de dominação que pressupõem a

⁷¹ Idem, ibidem.

dependência produziu essa variante inacabada e frustrante da modernidade européia [sic]”⁷². Interessa aqui, portanto, tentar aprofundar esse debate. O caminho escolhido foi investigar melhor o processo da formação intelectual desse autor.

Em *Literatura como missão*, Nicolau Sevcenko enfatiza que, em face da eclosão da Primeira Guerra, toda uma geração de jornalistas se engajou em uma verdadeira “campanha contra o ‘bovarismo’ dos intelectuais que se alienavam da sua própria terra e realidade, trocando-a pela fantasia ou pela Europa”⁷³. A singularidade do pensamento de Lima Barreto sobre esse fenômeno de amplas proporções – na vida literária daquela época – está no fato de que esse autor não encarou de forma positiva a preferência pela retórica repleta de nacionalismos exacerbados que passou a vigorar também entre os críticos da europeização do país. Para esse historiador, a personagem Policarpo Quaresma é um forte indício da convicção barretiana de que o fanatismo patriótico também colaborava para o aniquilamento do senso crítico de um indivíduo. O ufanismo pode fermentar ilusões também perigosamente bovaristas.

Ainda de acordo com Sevcenko, “conforme a própria natureza do seu modo de pensar e criar, Lima Barreto faz uma aplicação social desse conceito. A jovem república estava toda imersa em atitudes bovaristas”⁷⁴. Essa afirmação é relevante e requer maior atenção.

Na verdade, o argumento acima pode ser cotejado com considerações recentes feitas por Elias Thomé Saliba, ao longo de um ensaio sobre cultura impressa na Primeira República. O “*bovarysm* republicano”, tal qual o concebeu Afonso Henriques, foi caracterizado por “uma fé incondicional na palavra ‘república’, transformada em panaceia que resolveria todos os males do país”⁷⁵. A profunda visão crítica barretiana em torno das contradições da modernidade nacional está inserida, portanto, em um contexto no qual:

Restaram às consciências mais sensíveis de escritores e artistas (...) dois olhares: um iludido,

⁷² MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Lima Barreto: um pensador social na Primeira República*. Goiânia: Ed. da UFG; São Paulo: Edusp, 2002, p. 165.

⁷³ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 127.

⁷⁴ Idem, p. 213.

⁷⁵ SALIBA, Elias Thomé. Cultura: as apostas na República. In: SCHWARCZ, Lília Moritz (Org.). Op. Cit., p. 252.

ajustado e alienado; outro espantado, cético e frustrado. Se antes do advento do regime republicano, intelectuais e artistas brasileiros uniram-se de forma quase consensual em tornos das transformações proporcionadas pela abertura do mundo, quando o século XX se iniciou, novas e profundas divisões estavam marcadas.

(...)

Seja como for, se na visão ufanista as diferenças foram apagadas e o passado conflituoso atenuado, foi na visão crítica que vamos encontrar as obras mais notáveis e expressivas da realidade do país: elas acentuam os contrastes e registram de forma profunda a vida dos brasileiros de todos os quadrantes, ressaltando o caráter excludente, hipócrita e oligárquico da República e denunciando a profunda indiferença das elites em relação às populações pobres e marginalizadas do país. Essas serão as tonalidades mais fortes que marcaram as obras de inúmeros escritores, artistas, ensaístas e poetas, destacando-se, entre outros, os escritos de Machado de Assis, Euclides da Cunha, Lima Barreto e João do Rio.⁷⁶

O aparato conceitual desenvolvido, portanto, por Gaultier foi indispensável para a abordagem de diversas questões polêmicas ao longo da carreira literária de Lima Barreto. A temática do bovarismo aparece diluída em romances e crônicas do escritor carioca nos quais são representadas insatisfações populares, a miséria e a penúria enfrentadas pela maior parte dos brasileiros, a corrupção em suas diversas instâncias e a disparidade entre as prioridades e futilidades das elites nacionais e a dura situação dos que foram estigmatizados pela nova ordem.

Um conto intitulado “Um músico extraordinário”, publicado pela primeira vez em *Histórias e sonhos*, no ano de 1920, aponta para o fato de que nem só as classes dirigentes do Rio de Janeiro foram observadas pelo binóculo crítico do literato. O citado conto aborda a trajetória de Ezequiel: um curioso tipo de aventureiro. Quando era uma criança, é lembrado pelo narrador por causa de seu comportamento tímido e pelo hábito de ler literaturas nacionais como as de José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo e Aluísio de Azevedo. Porém, sua grande paixão

⁷⁶ Idem, p. 254-57.

literária eram as obras do francês Júlio Verne. Ezequiel, durante o colegial, sentava com seus livros no “mais afastado dos bancos do recreio, e deixava-se ficar lá, só, imaginando, talvez, futuras viagens que havia de fazer”⁷⁷.

Após muito tempo, durante um passeio de bonde pelo bairro de Botafogo, Vicente Mascarenhas – mesmo alter ego barretiano de *O cemitério dos vivos* – relata as circunstâncias em que reencontrou esse amigo de infância:

La satisfeito, pois de há muito não me perdia por aquelas bandas da cidade e me aborrecia com a monotonia dos meus dias, vendo as mesmas paisagens e a olhando sempre as mesmas fisionomias. Fugiria, assim, por algumas horas, à fadiga visual de contemplar as montanhas desnudadas que marginam a Central da estação inicial até Cascadura. Morava eu nos subúrbios. Fui visitar, portanto, o meu amigo naquele Botafogo catita, Meca das ambições dos nortistas, dos sulistas e dos... cariocas.

Sentei-me nos primeiros bancos; e já havia passado o Lírico e entrávamos na rua Treze de Maio, quando, no banco de trás do meu, se levantou uma alteração com o condutor; uma das vulgares alterações comuns nos nossos bondes.

– Ora, veja lá com quem fala! Dizia um.

– Faça o favor de pagar sua passagem, retorquia o recebedor.

– Tome cuidado, acudiu o outro. Olhe que não trata com nenhum cafajeste! Veja lá!

– Pague a passagem, senão o carro não segue.

E como eu me virasse por esse tempo a ver melhor tão patusco caso, dei com a fisionomia do disputador que me pareceu vagamente minha conhecida. Não tive de fazer esforços de memória. Como uma ducha, ele me interpelou dessa forma:

– Vejas tú só, Mascarenhas, como são as coisas! Eu, um artista, uma celebridade, cujos serviços a este país são inestimáveis, vejo-me agora maltratado por esse brutamonte que exige de mim,

⁷⁷ BARRETO, Lima. Um músico extraordinário. In: *Contos completos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 213.

desaforadamente, a paga de uma quantia ínfima, como se eu fosse da laia dos que pagam.

Aquela voz, de súbito, pois ainda não sabia bem quem me falava, reconheci o homem: era o Ezequiel Beiriz.

Paguei-lhe a passagem, pois, não sendo celebridade, nem artista, podia perfeitamente e sem desdouro pagar quantias ínfimas; o veículo seguiu pacatamente o seu caminho, levando o meu espanto e a minha admiração pela transformação que se havia dado ao temperamento do meu antigo colega de colégio. Pois era aquele parlapatão, o tímido Ezequiel?

Pois aquele presunçoso, que não era da laia dos que pagam, era o cismado Ezequiel do colégio, sempre a sonhar viagens maravilhosas, à Júlio Verne? Que teria havido nele? Ele me pareceu inteiramente são, no momento e para sempre.⁷⁸

Percebe-se, portanto, que Ezequiel não havia ensandecido. Sua formação abarcou estudos na Escola de Belas Artes, porém logo a personagem se desencantou com a disciplina que lhe foi exigida pelos professores de pintura. Abandonando o curso, revela que trabalhou de “repórter, jornalista, dramaturgo, o diabo! Mas, em nenhuma dessas profissões dei-me bem... (...) Nunca estava contente com o que fazia”⁷⁹. Por fim, quando já estava a pensar que a solução para seu caso era conseguir uma vaga no serviço público brasileiro, Ezequiel recebeu uma vultosa herança de um tio distante e rico. Gastou todas as somas que recebeu em uma temporada na Europa, morando em hospedagens de cidades como Paris, Milão, Lisboa, Hamburgo e Dresden. Durante esse interim, descobre sua verdadeira vocação: a música. Almejava “registrar no papel, (...) com os instrumentos adequados, todos os sons, até ali intraduzíveis para a arte, da Natureza”⁸⁰.

Ao ser interpelado por Mascarenhas acerca dos conhecimentos de música que havia, supostamente, adquirido nos conservatórios europeus pelos quais passou, Ezequiel respondeu o seguinte:

⁷⁸ Idem, p. 213-14.

⁷⁹ Idem, p. 215.

⁸⁰ Idem, p. 217.

– (...) Nada sei, porque não encontrei um conservatório que prestasse. Logo que o encontre, fica certo que serei um músico extraordinário. Adeus, vou saltar: adeus! Estimei ver-te! Saltou e tomou por uma rua transversal que não me pareceu ser a da sua residência.⁸¹

Por meio de toda uma situação – evidentemente – ficcional, é possível perceber o aspecto negativo que o bovarismo possuiu de acordo com a leitura feita por Lima Barreto desse conceito. A falta de autocrítica da personagem Ezequiel e a megalomania por ele alimentada o induziram a se tornar um indivíduo mais pretencioso do que realista; a desperdiçar uma pequena fortuna em busca de ilusões ao ponto de não possuir nem níqueis para pagar a condução. Esse fenômeno moderno, de acordo com a visão do autor do conto, não era perceptível apenas no processo de embelezamento do Rio de Janeiro, no patriotismo exagerado ou na mania da *intelligentsia* nacional posar de europeia. O bovarismo tratava-se, sendo assim, de um drama humano vivenciado por atores de diferentes seguimentos sociais.

Patologias literárias

Em seu vasto inventário de escritos, o carioca Afonso apresentou, em diversas fases de sua vida, uma série de preocupações sobre o poder que a palavra impressa possui de influenciar os comportamentos individuais. Na recente e volumosa miscelânea *A cultura do romance*, organizada pelo crítico Franco Moretti, o filólogo Stefano Calabrese assinou um criterioso ensaio intitulado “*Wertherfieber*, bovarismo e outras patologias da leitura romanesca”. Conforme sugere esse autor, o romance epistolar foi produzido intencionalmente para afetar a relação entre leitor e realidade. Essa vertente literária foi bem sucedida, em diversos momentos da modernidade europeia, ao induzir o leitor a se tornar uma “vítima do poder ilusivo das palavras, enunciadas em um contexto pragmático adequado”⁸².

⁸¹ Idem, p. 217.

⁸² CALABRESE, Stefano. *Wertherfieber*, bovarismo e outras patologias da leitura romanesca. In: MORETTI, Franco (Org.). *A cultura do romance*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 704.

Analisando principalmente epístolas de parentes ou de leitores que cometeram suicídio após terem lido *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774), na Alemanha, Calabrese reflete sobre o surgimento de um novo tipo de sensibilidade moderna. A ficção foi capaz de afetar, intencionalmente, a relação que os consumidores de livros mantinham com a realidade ao estimular a empatia entre leitor e personagens. Na verdade, primeiramente, não foram autoridades médicas ou jurídicas que fizeram ressalvas sobre essa polêmica obra. De acordo com o autor, é o próprio Goethe “na edição de 1787, que pede aos leitores que se distanciem do texto”⁸³. Essa importante discussão interessa aqui ao esclarecer que o modernismo também está ramificado ao longo de todo esse contexto histórico em que juízes, promotores, médicos e psiquiatras aprovaram ou condenaram moralmente determinadas manifestações artísticas.

Já a noção de patologia literária remete ao século XIX na Europa. Para Calabrese, nesse contexto, “o déficit de realidade agrava-se; a velha *Erfahrungsverlust* [perda de experiência] adquire um contorno histórico do ‘grande tédio’, e o enredo romanesco começa a desenvolver tentativas de uma verdadeira manutenção simbólica do sistema social”⁸⁴. Sendo assim, esse conceito foi explicado pelo citado autor desse modo:

Como se vê, nesses casos os leitores identificam-se com o texto e nele querem entrar; são eles quem desbancam as personagens ou, mais simplesmente, ambicionam transformar-se nelas, mas, como estão produzindo a realidade, devem elaborar códigos de interceptações e cifrar as ficções. Não gostam de protelar: vivem partidas dobradas – primeiro vivendo algo, depois textualizando-o em tempo real, ou vice-versa – e se estão cansados de suas existências mediocres é porque não suportam não ser os seus autores. A casuística toma então o rumo da loucura (...).⁸⁵

As considerações acima podem auxiliar na constatação de que o bovarismo não foi o único fenômeno cultural importado da Europa para

⁸³ Idem, p. 706.

⁸⁴ Idem, p. 716.

⁸⁵ Idem, p. 719.

a *Belle Époque* carioca pelas nossas elites intelectuais. O romance barretiano *Numa e a Ninfa*, publicado pela primeira vez entre 15 de março a 26 de julho de 1915, nas páginas do jornal *A Noite*, de Irineu Marinho, pode aqui servir aqui enquanto uma boa fonte para fundamentar essa afirmação. O deputado Numa Pompílio de Castro, caracterizado enquanto um “sujeito tão mudo, tão esquivo, tão aparentemente sem idéias [sic]”⁸⁶, surpreende todos os colegas de ofício e passa a ser alvo de ovações públicas, pela Rua do Ouvidor, após um brilhante discurso, na Câmara, sobre a formação de um novo Estado na república brasileira.

De acordo com o narrador,

A sua argumentação foi até das mais perfeitas e eruditas, sem que a erudição perturbasse a concatenação, a seriação lógica da tese a demonstrar. Mostrou que a nossa Federação não atendia as tradições locais de costumes, de língua ou de história; que não foram que se uniram para ter um liame comum; mas tão-somente um imenso país que se dividiu e procurou com uma mais ampla autonomia local, perfeição administrativa; e, assim sendo, não se compreendia nem o “patriotismo estadual” nem a existência de desmedidos Estados, verdadeiros impérios. Os representantes dos jornais, não contando com tão inesperada revelação, denunciaram o entusiasmo com calorosos elogios nas suas folhas no dia seguinte.⁸⁷

Ao se desvencilhar da descrição desse episódio ligado aos rumos da política brasileira, Lima Barreto faz uma breve digressão biográfica para esclarecer alguns detalhes sobre a trajetória de Numa. Formado em Direito, apesar de não ser oriundo de uma família abastada, o jovem bacharel recebe o título de doutor e, por meio de uma conduta arrivista, passa a angariar rapidamente inúmeros títulos de distinção: formaturas, cargos influentes, sócio de obscuras sociedades de sábios. Assim, consegue eleger-se deputado estadual e se casa com Edgarda, filha de Neves Cogominho: um conhecido político. A jovem foi impelida para o

⁸⁶ BARRETO, Lima. *Numa e a Ninfa*. Prefácio de João Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 26.

⁸⁷ Idem, *ibidem*.

matrimônio por causa do “ócio provinciano, a falta de galanteadores passáveis, a vontade de matar o tédio”⁸⁸. O fato é que Edgarda era uma ávida leitora e, a princípio, Numa “admirou-se muito com aquela leitura”⁸⁹:

Para que? Não sabia bem que prazer pudesse ela encontrar nos livros com os quais só lidou por obrigação... Nada disse, no entanto; ambos se entenderam e ele mesmo, as mais das vezes. Se prontificou a trazer este ou aquele volume.

Os observadores que o viam entrar nas livrarias, adquirir livros e revistas, começaram a estima-lo como estudioso e homem de bom gosto. No fim de poucos meses, era conhecido dos caixeiros e o Deputado Numa Pompílio de Castro continuava a ser obscuro, os diários não falavam nele e, quando mesmo aparecia das festas as seções mundanas dos jornais não lhe davam nome.

A mulher em que o casamento já começava a pesar, aborrecia-se com esta obscuridade. Não o amara, não o supunha inteligente, mas havia não sei que de organizado nele, de médio, de segurança de processo, que esperou sempre que a política o fizesse pelo menos conhecido; mas, assim, não o queria e o seu enlace era um desastre sem desculpa aos seus olhos.⁹⁰

Edgarda, tão oportunista quanto Numa, interpreta o papel de esposa devota e compromete-se a escrever os discursos que são tão aplaudidos na Câmara dos Deputados. Entretanto, o verdadeiro autor dos textos é Benvenuto, primo e amante da esposa do político. A farsa quase chega ao fim quando Numa, durante uma sessão solene, é obrigado a fazer considerações de improviso e acaba se saindo muito mal em sua fala; deixando uma péssima impressão entre os presentes. Na mesma noite, sua esposa assume a responsabilidade de elaborar um discurso para o deputado resgatar seu prestígio. Acometido por insônia, Numa levanta da cama e resolve ir até o seu escritório onde Edgarda

⁸⁸ Idem, p. 36.

⁸⁹ Idem, p. 37.

⁹⁰ Idem, p. 38.

estava a trabalhar. Ao perceber que ela não estava sozinha, o deputado observa o interior do ambiente pela fresta da fechadura da porta e flagra Edgarda e Benvenuto se revezando entre beijos e o trabalho de escrita dos seus pronunciamentos.

Numa constata que “as folhas de papel eram escritas por ele e passadas logo a limpo pela mulher. Então era ele? Que descoberta! Que devia fazer? A carreira... o prestígio... senador... presidente... Ora bolas!”. Assim, o deputado “voltou, vagarosamente, pé ante pé, para o leito, onde dormiu tranquilamente”⁹¹. Além desse triângulo amoroso, os conchavos políticos feitos por Numa ao longo da trama são fundamentais. A troca de favores pessoais, alianças escusas, o sacrifício de toda e qualquer honra por privilégios, o descaso com os serviços públicos sustentam a dimensão crítica de Lima Barreto contra a política republicana.

Em linhas gerais, a galeria de personagens desse romance é semelhante à Numa: espertalhões que fingem ser cultos para viver de aparências ou golpes, além de conseguirem os melhores cargos. O imigrante russo Dr. Bogóloff, Ministro da Pecuária Nacional, que aqui aparece como coadjuvante nesse enredo, acometido por um grande desencanto, chega a duvidar que seja possível um indivíduo de origem social modesta alcançar bons empregos e desfrutar de *status* sem se deixar corromper. Lima Barreto acompanhou atentamente as polêmicas sobre patologias literárias que acirraram os ânimos de autores, leitores e autoridades do velho mundo no século XIX. No entanto, como abordar essa temática em um país com altas taxas de analfabetismo? Uma das vias que aparenta ter sido escolhida pelo literato foi a de denunciar que a pose de letrado favoreceu toda sorte de arrivistas em uma sociedade com baixos índices de educação.

Uma obra listada no inventário da “Limana” exige aqui mais atenção. O livro *Literaturas malsanas: estudos de patologia literária contemporânea*, lançado em 1900, pelo médico e antropólogo espanhol Pompeyo Gener (1848-1920), encontra-se listado na segunda prateleira da quarta estante da biblioteca pessoal do escritor carioca.⁹² Ao longo desse ensaio, Gener dividiu os autores em sãos e degenerados; benéficos e malévolos. Desse modo, esse estudo da literatura é transpassado por uma série de termos técnicos comuns na medicina dessa época. Esse médico parecia estar bastante preocupado com o tipo de leitura realizada

⁹¹ Idem, p. 265.

⁹² Cf. Inventário da Limana. In: BARBOSA, Francisco de Assis. Op. Cit, p. 375.

pela juventude europeia no limiar do século XX. Chega a determinar que uma literatura doentia é aquela que destila o veneno do pessimismo no cérebro dos leitores. Para o autor, essa literatura enferma poderia contaminar e até causar paralisia intelectual em seus usuários.

São catalogadas, por Gener, como literaturas doentes aquelas que apelam para o gramaticismo, retoricismo, criticionismo, o naturalismo, a decadência finissecular, o pessimismo germânico, o niilismo russo e o noticiário. Sobre a primeira patologia literária analisada pelo médico, segue abaixo uma das suas conclusões:

*Para adquirir esta enfermedad, se necesita estar afectado de un cierto raquitismo cerebral proporcionado, y á natividade. Entonces al enfermo se le figura el estilo de un autor y aun la importancia de una obra, depende especialmente de la construcción gramatical de la frase, y, á veces, hasta de su ortografía. El Gramaticalismo, es el grado más acentuado de la miopia cerebral. Llegado á este grado, el mal siempre es incurable, dado que de endémico passa á ser académico varias veces.*⁹³

Para Gener, bem mais importante do preocupar-se com a ordem dos adjetivos e substantivos dispostos em um artigo é necessário atentar-se uma obra literária está ancorada em princípios morais elevados.⁹⁴ Daí o médico ter acusado, principalmente, escritores espanhóis afetados por essa patologia de não passarem de “pseudo gramáticos”⁹⁵. A galeria de personagens e textos de Lima Barreto que estão interligados com reflexões sobre as relações entre linguagem e sociedade, conforme já foi salientado, é ampla. Em especial, no conto “Como o homem chegou” podem-se encontrar alguns indícios da apropriação realizada pelo jornalista carioca da leitura dessas ideias de Gener. A datação desse texto de Lima é 18 de outubro de 1914. Foi publicado inicialmente junto com a primeira edição de *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

Nos arquivos da Biblioteca Nacional, o manuscrito foi intitulado “Como o ‘Homem’ chegou de Manaus”. Os originais estão divididos em

⁹³ GENER, Pompeyo. *Literaturas malsanas*: estudios de patologia literaria contemporánea. Barcelona: Juan Llordachs, 1900, p. 11-12. [Grifos do autor]

⁹⁴ Idem, p. 14.

⁹⁵ Idem, p. 15.

vinte e uma folhas e repletos da assumida caligrafia de difícil compreensão e apressada do autor. Antes de esse conto ser publicado, foi revisado.⁹⁶ Lima Barreto substituiu a dedicatória para Leôncio Brazil Salvador por uma epígrafe do filósofo alemão Friedrich Nietzsche. Utilizarei aqui a versão publicada na recente edição que reúne os *Contos completos* do escritor. O enredo dessa narrativa gira em torno do cotidiano burocrático e entediante em uma pequena delegacia no Rio de Janeiro. Ao receberem ordens para prender um sujeito acusado de ser louco, em Manaus, esse fato causa polêmicas e mobiliza um caricato contingente de autoridades positivistas lideradas pelo bacharel Cunsono. Após várias deliberações, a polícia republicana resolve viajar para apreender o homem acusado de ser louco em um carro-forte, usado para transporte de criminosos perigosos.

Tal veículo é descrito pelo autor como sendo um tipo de:

Masmorra ambulante, pior do que a masmorra, do que solitária, pois nessas prisões sente-se ainda a algidez da pedra, alguma coisa ainda de meiguice, de sepultura, mas ainda assim meiguice; mas, no tal carro feroz, é tudo ferro, há antipatia do ferro na cabeça, ferro nos pés, aos lados uma igaçaba de ferro em que se vem sentado, imóvel, e para a qual se entra pelo próprio pé. É blindada e quem vai nela, levado aos trancos e barrancos de seu respeitável peso e do calçamento das vias públicas, tem a impressão de que se lhe quer poupar a morte por um bombardeio de grossa artilharia para ser empalado aos olhos de um sultão. Um requinte de potentado asiático.

Essa prisão de Calistenes, blindada, chapeada, couraçada, foi posta em movimento; e saiu, abalando o calçamento, chocalhar ferragens, a tropejar pelas ruas afora em busca de um inofensivo homem.⁹⁷

Na verdade, esse conto apresenta fortes ressonâncias autobiográficas. Pouco tempo antes, conforme já foi apontado, o escritor

⁹⁶ BARRETO, Lima. Como o “Homem” chegou de Manaus. Rio de Janeiro, 1914. Orig. Ms., 21 f. In: *Fundação Biblioteca Nacional/Mss* 1-6,35,912.

⁹⁷ BARRETO, Lima. Como o homem chegou. In: *Contos completos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 126.

havia sido transportado também em um carro-forte até o Hospital Nacional de Alienados, sob os olhares curiosos da vizinhança, durante a crise de alucinações que teve na residência de um parente em Guaratiba. Internado contra a sua vontade pela família, em 1914, o literato sempre guardou profundas mágoas desse ocorrido. Em se tratando do conto, esse suposto louco perseguido pelas autoridades republicanas é Fernando: “um ente pacato, lá dos confins de Manaus, que tinha a mania da Astronomia e abandonara, não de todo, mas quase totalmente, a terra pelo céu inacessível. Vivia com o pai velho nos arrabaldes da cidade e construíra na chácara de sua residência um pequeno observatório”⁹⁸. O comportamento reservado e solitário de Fernando motiva em “parentes oficiosos e outros longínquos aderentes” a pretensão de curar esse homem, “como se se curassem assomos da alma e anseios de pensamento”⁹⁹.

A caravana liderada pelos doutores Cunsono, Hane, Silly, alguns policiais e o carro-forte chega até Manaus de navio. Ao prenderem Fernando dentro da masmorra ambulante, puxada por burros, a comissão inicia o longo retorno para o Rio de Janeiro. Membros das elites locais de Manaus, a exemplo do antropólogo Tucolas, especialista na medição de crânios de formigas e Barrado, um político que tinha grande inveja dos conhecimentos sobre Astronomia do preso, resolvem guiar as autoridades republicanas no caminho da viagem de volta. Um professor da região convida a caravana para um jantar em sua casa ao se deparar com a procissão guiada pelo carro-forte. Segue a transcrição de um trecho do conto no qual a patologia do gramaticismo se manifesta em Barrado:

O ágape ia fraternal e alegre, quando houve a visita da Discórdia, a visita da Gramática.

O ingênuo professor não tinha conhecimento do pichoso saber gramatical do doutor Barrado e expunha candidamente os usos e costumes do lugar com a sua linguagem roceira:

– Há aqui entre nós muito pouco caso pelo estudo, doutor. Meus filhos mesmo e todos quase não querem saber de livros. Tirante este defeito, doutor, a gente quer mesmo o progresso.

⁹⁸ Idem, *ibidem*.

⁹⁹ Idem, p. 127.

Barrado implicou com o “tirante” e o “a gente”, e tentou ironizar. Sorriu e observou:

– Fala-se mal, estou vendo.

O matuto percebeu que o doutor se referia a ele. Indagou mansamente:

– Por que o doutor diz isso?

– Por nada, professor. Por nada!

– Creio, aduziu o sertanejo, que tirante eu, o doutor aqui não falou com mais ninguém.

Barrado notou ainda o “tirante” e olhou com inteligência para Tucolas, que se distraía com um naco de tartaruga.¹⁰⁰

Em determinado momento, Barrado não consegue manter a compostura e se expressa de modo “sinistramente raivoso”¹⁰¹ a respeito da linguagem coloquial usada pelo professor. Após uma breve disputa, na qual entra em cena até “uma velha gramática ensebada”¹⁰², o enfezado político se retira da residência do simplório professor. Ao prosseguirem com a viagem, Barrado externa para Tucolas seus descontentamentos:

– Vê, Tucolas, como anda nosso ensino? Os professores não sabem os elementos de gramática, e falam como negros de senzala.

– Senhor Barrado, julgo que o senhor deve a esse respeito chamar a atenção do ministro competente, pois me parece que o país, atualmente, possui um dos mais autorizados na matéria.¹⁰³

A atmosfera especialmente sombria desse conto culmina com um dos animais de carga que fora mordido por um jacaré, durante a travessia da caravana, em um rio, tendo uma percepção dos acontecimentos mais humanizada do que as próprias autoridades republicanas. Enquanto os algozes de Fernando estão preocupados com o uso correto da gramática e da norma culta da língua portuguesa, nos quatro anos que dura toda viagem, nem se deram conta que o prisioneiro

¹⁰⁰ Idem, p. 134.

¹⁰¹ Idem, ibidem.

¹⁰² Idem, p. 135.

¹⁰³ Idem, ibidem.

já havia falecido por causa da fome e sede ao longo do caminho. Quando o carro-forte chega até o Rio de Janeiro, rodeado por urubus, é que essas autoridades constataam que seu passageiro já se encontrava em estado avançado de putrefação. Quer dizer, mais uma vez, essa ilustração do comportamento e preconceitos dos gramáticos possui um estreito vínculo com uma perspectiva bastante crítica sobre os nexos entre saber e poder.

Entretanto, apesar de parecer ter sido bastante influenciado pelas teses de Gener, Lima Barreto sempre tornou públicas suas ressalvas acerca da tendência de submeter à arte aos primados da medicina legal. No artigo “A superstição do doutor”, publicado na *Gazeta de Notícias*, em maio de 1918, as desconfianças de Afonso em torno das aproximações entre médicos e literaturas saem do terreno da ficção e adentram no campo da prosa opinativa.

De acordo com o escritor,

A Academia de Letras, onde era de esperar que houvesse mais independência espiritual, só elegeu o Senhor Osvaldo Cruz, o Senhor Miguel Couto e o Senhor Aluísio de Castro, todos muito estreitamente médicos, ou cousa aparentada com a medicina, entre outros motivos, porque eram doutores. Não há a argumentar com a Academia Francesa. Dela, nos bons tempos da nobreza, já foram seus membros marqueses de quinze anos, que deviam ainda estar nas declinações latinas. As tradições fidalgas e áulicas da Academia Francesa permitiram essas cousas e outras antecedentes, algumas tanto ou mais estrambóticas. A nossa não tem essa herança secular; e não é suficiente que um “doutor” pastiche os quinhentistas ou seiscentistas para ser homem de letras e acadêmico delas. Mais direito tem o mau poeta. Cada macaco no seu galho.¹⁰⁴

As falas desses médicos nas dependências da Academia Brasileira de Letras eram constantes e giravam, quase sempre, em torno de uma ótica que analisava a arte por meio de uma série de

¹⁰⁴ BARRETO, Lima. A superstição do doutor. In: *Toda crônica*. Vol. I. Rio de Janeiro: Agir, 2004, p. 344.

determinismos psicológicos e naturalistas. Na verdade, a preocupação com o uso correto e culto do idioma português também fazia parte do projeto de consolidação dessa instituição. As comparações feitas pelo literato carioca entre a ABL brasileira e a francesa também não se tratam de uma mera demonstração de erudição.

Conforme bem salienta Lília Moritz Schwarcz, em *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*, é praticamente impossível fazer um levantamento total de todos os médicos brasileiros que foram adeptos do darwinismo social e apoiaram as iniciativas eugenistas empreendidas pelos governos durante a Primeira República. Essa superstição do doutor, conforme denunciou Lima Barreto, parece residir na enorme credibilidade pública atribuída aos laudos emitidos por esses profissionais sobre o comportamento humano a partir de determinismos tomados de empréstimo das ciências biológicas ou de exemplos encontrados na natureza. A entrada desses médicos pela porta da frente da Academia Brasileira de Letras, com toda pompa e louvores possíveis para a época, corresponde a uma série de iniciativas lúcidas para destacar, oficialmente, a importância desses homens no processo “civilizatório” nacional:

Nesses locais de pesquisa é que esses “homens de sciencia” encontravam espaços privilegiados para a produção de idéias [sic] e teorias, e para seu reconhecimento social. Apesar de diversos em suas características internas, distintos em sua atuação, esses estabelecimentos mostraram-se apropriados para a compreensão das diferentes interpretações aqui produzidas e dos próprios pensadores que, no mais das vezes, dialogavam entre si, reconhecendo e destacando seus pares.¹⁰⁵

Desse modo, a sede da ABL, mais do que uma instituição destinada a acolher os grandes talentos da literatura brasileira, também serviu de modo semelhante a tantas outras, a exemplo dos Institutos Históricos e Geográficos, maçonarias e Apostolados Positivistas, “enquanto instâncias específicas de seleção e consagração intelectual (...) das elites ilustradas nacionais da época”¹⁰⁶. Os postulados de Lília

¹⁰⁵ SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 65.

¹⁰⁶ Idem, ibidem.

Moritz Schwarcz sobre os interesses que velavam pela presença de médicos em salões literários podem ser complementados com outro detalhado estudo acerca da simbologia existente nos ritos que dizem respeito à consagração e discursos proferidos pelos acadêmicos na ABL.

Em *A encenação da imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924)*, Alessandra El Far esclarece que os quarenta membros das elites intelectuais que fundaram esse estabelecimento desejavam “acompanhar de perto a realidade francesa e, se possível, fazer aqui o que lá existia de mais célebre. Inspirando-se na instituição criada por Richelieu, nossa Academia também teria por objetivo central o cultivo da língua nacional através da criação de um dicionário ortográfico”¹⁰⁷.

Na transição do século XIX para o começo do século XX, advogados, engenheiros, médicos, jornalistas, antropólogos, estetas e historiadores congregavam em institutos de pesquisa, faculdades e museus em São Paulo, Pará, Rio de Janeiro e Pernambuco. Esses homens de letras de diversas origens e formações tinham em comum o desejo de obter autonomia em face das correntes científicas dominantes em Portugal e oficializarem a sua posição de condutores do processo civilizatório do Brasil. Acadêmicos como o crítico José Veríssimo contestaram veementemente o talento para as letras de alguns membros da ABL que eram formados em medicina nas faculdades do Rio de Janeiro e da Bahia. Porém,

Os médicos ensaiavam seus diagnósticos com o objetivo de sanar os males que assolavam o Brasil. Diante de um país enfermo, repleto de moléstias infecto-contagiosas, esses profissionais formulavam projetos higienistas na esperança de ver uma população saudável e imune aos efeitos devastadores das doenças tropicais. As reflexões médicas adquiriam um sentido prático, procurando ordenar a cidade segundo padrões higiênicos determinados.¹⁰⁸

Ao reunirem sob o teto da Academia Brasileira de Letras integrantes dessas elites dirigentes, “os literatos ambicionavam,

¹⁰⁷ EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924)*. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 58.

¹⁰⁸ Idem, p. 64.

igualmente, uma autoridade em relação ao discurso literário”. Isso implica levar em conta que “reunidos numa associação institucionalizada e regulamentada, esses homens teriam maior crédito para apresentar seus trabalhos” ¹⁰⁹. Daí a cúpula fundadora da ABL ter estabelecido uma série de requisitos em torno do comportamento e da conduta pública de seus membros. Machado de Assis e Joaquim Nabuco exigiam refinamento nas maneiras e polidez em pronunciamentos nas dependências da instituição. Essas premissas tinham a função de evitar a entrada de polemistas ferinos e boêmios mal vestidos na ABL. A República das Letras foi idealizada pelos seus mentores para ser considerada um tipo de templo do bom gosto pela sociedade da época que se pretendia civilizada e em consonância com os modelos culturais europeus.

Daí a razão pela qual Lima Barreto, de acordo com Alessandra El Far, não adentrou nos salões da ABL. O autor de *Isaiás Caminha* teve suas duas candidaturas desprezadas pelos imortais desse *lôcus* não apenas pelo fato da cor negra ou pelo seu proselitismo anarquista. Entre os quarenta membros da primeira geração da ABL existiam desde intelectuais afrodescendentes, monarquistas convictos, liberais positivistas até socialistas ferrenhos. O fato é que Afonso Henriques “não pertencia às rodas literárias e sociais frequentadas pelos acadêmicos, pois vinha de uma classe pouco favorecida”. Além do mais, o escritor “tornara-se um dos principais críticos da sociedade carioca de seu tempo”. A própria Academia “não escapou ilesa de sua pena: em diversas crônicas foi alvo de ironias que desqualificavam sua atuação no meio literário brasileiro” ¹¹⁰.

Em outros termos, Lima não foi aceito entre os membros da ABL porque se exigiam dessas elites “maneiras elegantes e os discursos comedidos” ¹¹¹. Quer dizer, bem mais do que o reconhecimento de méritos literários, a Academia foi regida por “uma dinâmica voltada para consagração de seus membros perante as elites do país” ¹¹².

Ainda sobre essa tendência de submeter à análise literária ao crivo dos jargões da medicina, prática que parece ter irritado sobremaneira Lima Barreto, em vários discursos emitidos na ABL é possível verificar que esse procedimento era mais comum do que se

¹⁰⁹ Idem, p. 65.

¹¹⁰ Idem, p. 72.

¹¹¹ Idem, p. 72-73.

¹¹² Idem, p. 73.

pode pensar. O discurso do médico e imortal Miguel de Oliveira Couto (1865-1934) – citado pelo autor de *Clara dos Anjos*, em “A superstição do doutor” – pronunciado durante uma sessão solene, em 2 de junho de 1919, na sede da ABL, reforça essa impressão. Ao tecer uma apologética do então falecido bacharel, jornalista e escritor Afonso Arinos (1868-1916), que lhe antecedeu na ocupação da cadeira de número quarenta, Miguel Couto esboçou uma pretensa análise do perfil psicológico de seu patrono a partir da leitura de seus textos:

Que são em Arinos as suas fugas para o Interior, as suas deambulações irreprimíveis, senão atos de um automatismo psicológico mal policiado, e que é a sua obra capital senão a revivescência das sensações inclusivas e iteradas, vertidas dia a dia no seu eu subconsciente e aí perturbadas pela continuidade do protoplasma?¹¹³

É bastante difícil compreender esse fraseado repleto de termos técnicos, proporcionado, sobretudo, pelo deslocamento que Oliveira Couto realiza de conceitos próprios da medicina para interpretar a personalidade de Afonso Arinos por meio de sua literatura. Entretanto, recorrer a um documento com esse teor ilustra melhor os motivos que levaram Lima Barreto, em *Os Bruzundangas*, por exemplo, a fazer também uma sátira dos escritores de jaleco. Segundo o escritor, “não há médico afreguesado que não seja considerado um sábio pela gente da Bruzundanga, e, para firmar tal reputação, não fabrique uma compilação escrita em sânscrito. (...) Isto lhe dá foros de literato e aumenta-lhe a clínica”¹¹⁴.

O retoricismo, sempre achincalhado pelo autor de *Numa e a ninfa*, foi também alvo de críticas ferinas de Pompeyo Gener. Para o médico espanhol, que também dissertava com bastante clareza, diga-se de passagem, o preciosismo que torna a exposição de ideias de um determinado indivíduo especialmente difícil de entender não passava de “*una forma de miopía intelectual, una verdadera estrechez del cerebro. (...) Jamás a retórica ha enseñado á bien hablar ni á bien escribir á nadie, como tampoco la poética há servido para producir versos*

¹¹³ COUTO, Miguel de Oliveira. Discurso do Sr. Miguel Couto (02/06/1919). In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Discursos acadêmicos (1897-1919)*. Tomo I. Rio de Janeiro: Publicações da ABL, 2005, p. 977-78.

¹¹⁴ BARRETO, Lima. *Os Bruzundangas*: sátira. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 169.

geniales”¹¹⁵. Apesar de a obra *Literaturas malsanas* aparentar ter exercido um grande fascínio sobre Afonso Henriques, existem tensões entre algumas das ideias de Gener e do citado escritor carioca. Podem-se verificar enormes divergências entre esses dois intelectuais acerca da literatura russa.

Em relação aos escritores russos, Gener apresentou uma série de ressalvas. Salienta que essa literatura eslava é um reflexo dos impulsos selvagens de um povo supostamente bárbaro. Daí a origem de todo o ceticismo, desespero, sensualidade e rudeza dos escritos de Tolstoi, Dostoievsky, Turguêniev e Gogol. O romance *Crime e castigo*, tão aclamado por Lima Barreto, foi lido pelo médico como um tipo de apologia do crime, pois demonstra que “*por una serie de procedimientos cerebrales (...) un individuo puede convencerse de la utilidad y de la justicia de convertirse en ladrón y asesino vulgar*”¹¹⁶. Gener sugere que a tensão gerada entre Raskolnikov e o agente de polícia, que busca fazer com que o estudante confesse seu crime, nada mais é do que “*un estado patológico ruso más que un fenómeno psicológico humano*”¹¹⁷.

A cura para as patologias literárias elencadas por Pompeyo Gener consistia na prescrição de uma terapia estética. A arte literária deveria deixar de lado o interesse em explorar os subterrâneos da experiência humana, para se alimentar “*de Bien, de Belleza, de Verdad, de luz, (...), de nobleza, de superioridad, de vida intensa*”¹¹⁸. Nesse caso, o pensamento desse médico espanhol não deixa de ser habitado por uma peculiar forma de ambição. Imaginar uma sociedade composta por indivíduos plenamente edificadas, nutridos por leituras com temáticas otimistas, isso sim soa bastante distante das discussões promovidas por Lima Barreto sobre a função da literatura.

O hospício

O *Diário de Hospício* de Lima Barreto é um desdobramento de seu *Diário Íntimo*. A partir das experiências dolorosas que vivenciou ao ser internado pela segunda vez no Hospital Nacional de Alienados, de 25 de dezembro de 1919 até 2 de fevereiro de 1920, o escritor trabalhou

¹¹⁵ GENER, Pompeyo. Op. Cit., p. 17-20.

¹¹⁶ Idem, p. 330.

¹¹⁷ Idem, p. 331.

¹¹⁸ Idem, p. 380.

também no romance *O cemitério dos vivos*, cujas memórias da estadia do autor nessa instituição psiquiátrica se entrelaçam com o enredo fictício sobre a vida de Vicente Mascarenhas. Essa última e inacabada trama barretiana também tem a temática da loucura como epicentro da narrativa. Afonso conseguiu esmerar ainda mais o gênero autobiográfico, no entanto faleceu antes de findar essa obra.

A abordagem desses documentos construídos a partir de situações muito penosas já foi realizada pela ótica da literatura comparada por Luciana Hidalgo e da história cultural por Nádia Maria Weber dos Santos. É importante destacar que ambas as pesquisadoras foram bastante influenciadas pela pioneira e extensa reflexão feita pelo filósofo francês Michel Foucault, em *História da loucura*, sobre toda a conjuntura de discursos que institucionalizou, em um primeiro momento, a retirada dos loucos do convívio social e legitimou a internação das pessoas assim diagnosticadas em clínicas cujos modelos de funcionamento foram bastante inspirados nas prisões.¹¹⁹ Se uma incursão mais detalhada pelo pensamento de Foucault é impossível aqui a essa altura, devido aos caminhos metodológicos, escolhas teóricas e, certamente, limitações em termos de domínio da fortuna crítica deixada por esse autor, resta apenas registrar o apelo para que o próprio leitor tire suas conclusões sobre essa citada obra.

Em *Literatura da urgência: Lima Barreto no domínio da loucura*, Hidalgo inseriu os textos do *Diário de Hospício* no turbulento contexto que abarca a consolidação da psiquiatria no Brasil. Com muita acuidade, a autora constrói o conceito de “literatura da urgência” para compreender os textos barretianos feitos em situações emergenciais. Ao dar continuidade ao ofício de escritor, mesmo nas instalações do Hospital Nacional de Alienados, Afonso Henriques se colocou na condição de louco e transformou sua solidão intelectual em uma ferramenta de compreensão e comunhão com os delírios dos outros internos que o cercavam.¹²⁰

Na tese de doutorado *Histórias de sensibilidades: espaços e narrativas da loucura em três tempos (1905/1920/1937)*, Nádia Weber propôs um estudo sobre a história da psiquiatria brasileira a partir do ponto de vista de três diferentes internos que se dedicaram ao gênero

¹¹⁹ Cf. FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. 9ª ed. Tradução de José Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2012.

¹²⁰ Cf. HIDALGO, Luciana. *Literatura da urgência: Lima Barreto no domínio da loucura*. São Paulo: Annablume, 2008.

autobiográfico: os modernistas Rocha Pombo, Lima Barreto e um anônimo paciente do Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre cujas epístolas coligidas pela autora foram assinadas sempre com as iniciais de *TR*. Sobre essa segunda internação forçada de Afonso, a autora de *Histórias de sensibilidades* postula o seguinte:

Ter sido encontrado vagueando na rua, no dia de Natal, e levado pela polícia e pela família ao Hospício, tornou-se para ele uma experiência definitiva. Sua vida foi num crescendo de excessos, e por mais que Lima tentasse dominar seus impulsos destrutivos com a bebida, não o conseguia. E o esforço que fez para continuar escrevendo, foi, provavelmente, o que o manteve vivo por mais tempo.

(...)

Começa a escrever seu *Diário de Hospício* dez dias após o “sequestro”, como ele mesmo chamou sua internação. Este livro de memórias tornou-se um dos mais fortes e belos documentos da cidadania dos mais excluídos dos cidadãos: o louco. Ele poderia ser rotulado, se assim o quiséssemos, de obra ápice daquilo que ele desenvolve em seus escritos, que é uma “sensibilidade da exclusão”. Pelos motivos que já foram examinados (...), aqueles que mereceriam tratamento médico foram confinados em Hospícios, segregados da sociedade e alienados de seus direitos. E LB soube, também, disto tratar.¹²¹

De fato, Afonso Henriques pode ter sido um pouco de tudo, menos um indivíduo ensandecido. Após sofrer os graves delírios estimulados pelo uso intenso do álcool, o autor apresentava plena consciência da sua lastimável situação. Desse modo, a chamada literatura da urgência desse literato será usada aqui enquanto fontes nas quais é possível também acompanhar o seu contínuo processo de maturação intelectual. Em 4 de janeiro de 1920, no *Diário do Hospício*, é o próprio Lima Barreto quem relata seus infortúnios pessoais:

¹²¹ SANTOS, Nádía Maria Weber dos. *História de sensibilidades: espaços e narrativas da loucura em três tempos (1905/1920/1937)*. Tese (Doutorado em História Cultural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2005, p. 221-22.

Estou no hospício ou, melhor, em várias dependências dele, desde o dia 25 do mês passado. Estive no pavilhão de observações, que é a pior etapa de quem, como eu, entra aqui pelas mãos da polícia.

Tiram-nos a roupa que trazemos e dão-nos uma outra só capaz de cobrir a nudez, e nem chinelos ou tamancos nos dão. Da outra vez que estive me deram essa peça do vestuário que me é hoje indispensável. Desta vez, não. O enfermeiro antigo era humano e bom; o atual é um português (o outro era) arrogante, com uma fisionomia bragantina e presumida. Deram-me uma caneca de mate e, logo em seguida, ainda dia claro, atiraram-me sobre um colchão de capim com uma manta pobre, muito conhecida de toda nossa pobreza e miséria.

Não me incomodo com o hospício, mas o que me aborrece é essa intromissão da polícia na minha vida. De mim para mim, tenho certeza que não louco; mas devido ao álcool, misturado com toda a espécie de apreensões que as dificuldades de minha vida material, há anos, me assoberbam, de vez em quando dou sinais de loucura: delírio.¹²²

Em *Nas tramas da ficção: história, literatura e leitura*, um dos organizadores dessa compilação de ensaios, o historiador Clóvis Gruner – ao prefaciá-la – esclarece que “o desafio proposto pela articulação entre história, literatura e leitura, (...) permite uma liberdade de escolhas e de interpretações que só faz enriquecer a pesquisa e a escrita da história”¹²³. Além de realizar pertinentes considerações teóricas acerca da proposta geral desse livro, Gruner assinou também um interessante texto intitulado “O espetáculo do horror: memória da loucura, testemunhos da clausura em *Diário do Hospício* e *O cemitério dos vivos*”. De acordo com esse autor, os escritos “Como o homem chegou”, “O feiticeiro e o deputado” e *Policarpo Quaresma* são textos

¹²² BARRETO, Lima. *Diário de Hospício*. In: *O cemitério dos vivos*. Prefácio de Eugênio Gomes. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 33-4.

¹²³ GRUNER, Clóvis. Prefácio. In: _____ & DENIPOTI, Cláudio (Orgs.). *Nas tramas da ficção: história, literatura e leitura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008, p. 13.

de Lima Barreto nos quais se podem encontrar denúncias contra os preconceitos oficiais em face da loucura.

Ao elaborar um diálogo entre as obras *Diário do Hospício* e *O cemitério dos vivos*, Gruner chama a atenção para o que considera um dos depoimentos mais alarmantes e tocantes na literatura nacional sobre as arbitrariedades das autoridades policiais e médicas cometidas contra aqueles que são considerados como anormais pelos discursos oficiais. A revolta de Lima Barreto contra o gesto da polícia que o transporta em direção ao hospício em um carro blindado destinado a conduzir criminosos, sob as vistas de sua vizinhança e em relação à violência perpetrada contra seu corpo pelos médicos e funcionários do Hospital Nacional de Alienados é constante nesses textos. Conforme sugere Gruner:

É para suplantar esta interdição e fazer ele mesmo um inventário de sua loucura e da experiência traumática da internação, que Lima Barreto redige o *Diário de Hospício*. E dele faz a matéria prima para a (re)criação, em um outro universo ficcional, daquele mesmo inventário, como se a escrita literária fosse a condição necessária para explorar mais intensamente aquela experiência traumática e dela tecer seu testemunho.¹²⁴

O autor elabora uma discussão sobre o processo que institucionalizou a psiquiatria nacional a partir do século XIX. Tanto na Europa, como no Brasil, o louco passa a ser concebido como um doente e a loucura uma patologia, portanto, passível de ser clinicada. O hospício, gradualmente, deixa de ser apenas um lugar destinado para o isolamento ou aprisionamento de loucos. Aos poucos, esses lugares passam a serem reservados para práticas, diagnósticos, saberes e intervenções médicas que alicerçam a psiquiatria como uma ciência moderna. Isso significa pensar nos hospícios enquanto *locus* privilegiado para o confronto entre a loucura e o saber médico, que vitorioso e dominante, “cala o discurso do louco e, sobre este silêncio, produz um *discurso sobre*”¹²⁵.

¹²⁴ GRUNER, Clóvis. O espetáculo do horror: memória da loucura, testemunhos da clausura em *Diário do Hospício* e *O cemitério dos vivos*. In: Idem, p. 108.

¹²⁵ Idem, p. 109. [Grifos do autor]

A experiência insólita advinda da internação no Hospital Nacional de Alienados é narrada com riqueza de detalhes. Em diversos trechos, as preferências literárias de Lima Barreto são evocadas também nos textos feitos no hospício de modo que continuam a embasar profundas indagações sobre o labor artístico. Principalmente, nesse sombrio relato sobre o banho coletivo tomado pelos internos do hospício:

Todos nós estávamos nus, as portas abertas, e eu tive muito pudor. Eu me lembrei do banho de vapor de Dostoiévski, na *Casa dos Mortos*. Quando baldeei, chorei; mas lembrei de Cervantes, do próprio Dostoiévski, que pior deviam ter sofrido em Argel e na Sibéria. Ah! A Literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela.¹²⁶

A ironia, mais uma vez, foi usada pelo escritor para criticar os ditames de toda a clínica que lhe foi contemporânea. Após a triagem, ao ser examinado pelo médico Henrique Roxo, conhecido há cerca de quatro anos antes pelo autor, Afonso também busca esboçar um diagnóstico sobre o perfil desse doutor. De acordo com o literato, Henrique Roxo lhe parecia “desses médicos brasileiros imbuídos de um ar de certeza de sua arte, desdenhando inteiramente toda a outra atividade intelectual que não a sua e pouco capaz de examinar o fato por si. Acho-o muito livresco e pouco interessado em descobrir, em levantar um pouco o véu do mistério – que mistério – que há na especialidade que professa”¹²⁷. O ápice do distanciamento existente nesse encontro entre dois atores sociais tão distintos pode ser percebido ainda na ferina resposta articulada por Lima Barreto ao ser indagado sobre os motivos que o arrastaram até aquela situação: “disse-lhe que tinha sido posto ali por meu irmão, que tinha fé na onnipotência da ciência e a credence do hospício. Creio que ele não gostou”¹²⁸.

O historiador Jurandir Freire da Costa esclarece que a psiquiatria brasileira, nesse período, persistiu em afirma-se miticamente enquanto uma ciência. Os postulados da neutralidade científica e as rotinas destinadas para exames e tratamento dos asilados no Hospital Nacional

¹²⁶ BARRETO, Lima. Op. Cit., p. 34-5.

¹²⁷ Idem, p. 35.

¹²⁸ Idem, ibidem.

de Alienados auxiliavam a encobrir o fato de que esses médicos “eram indivíduos pertencentes a determinada classe social, com opiniões e valores próprios a determinado período histórico”¹²⁹. Identificando-se cada vez mais com as diretrizes da eugenia racial e das práticas higienistas impostas pelas elites nacionais que almejavam, ansiosamente, o branqueamento da sociedade brasileira, a Liga Brasileira de Higiene Mental é fundada e estabelece seu próprio Programa em 1923: pouco tempo depois da última internação de Lima Barreto. Inspirados pelas políticas de controle social em voga na Europa, os psiquiatras brasileiros organizaram uma rede, em nível nacional, legitimadora de um sistema médico-policial. Tal iniciativa estava voltada para consolidar esse projeto arbitrário, esboçado desde fins do século XIX, que visou instituir uma sociedade mentalmente e moralmente higienizada.

As preocupações com os pacientes que faziam uso excessivo do álcool eram constantes entre a alta cúpula da Liga Brasileira de Higiene Mental,

O alcoolismo, embora fosse um problema efetivamente grave na época, estava longe de ser o flagelo em que os psiquiatras queriam transformá-lo. As medidas repressivas pedidas para o combate do alcoolismo revelavam não a importância do problema, mas a crença que eles tinham na possibilidade de intervir eugenicamente no nível da sociedade.¹³⁰

No caso de Lima Barreto, o escritor buscou deixar para a posteridade a sua versão sobre as razões que o levaram a fazer uso de forma exagerada das bebidas. As dívidas acumuladas, as inconveniências domésticas causadas pelos surtos de João Henriques, a ojeriza pelo trabalho na Secretaria de Guerra e, principalmente, o silenciamento em torno dos seus romances por parte dos beletristas são elencados como os principais motivos que o conduziram para a embriaguez inveterada e a vivenciar um cotidiano repleto de situações vexatórias e perigosas. Outra consequência desse comportamento

¹²⁹ COSTA, Jurandir Freire da. *História da psiquiatria no Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980, p. 15.

¹³⁰ Idem, p. 39.

autodestrutivo resvalou ainda mais na sua própria aparência; cada vez mais desleixada.

Vale destacar aqui, inclusive, um episódio narrado por Eloy Pontes ao prefaciá-la uma das edições póstumas de *Isaiás Caminha*. Mesmo visivelmente bêbado, Lima corrigiu os equívocos cometidos por outro colega de conversas literárias e foi repreendido pelo mesmo devido ao estado êbrio em que ali se encontrava. Do carioca Afonso, esse interlocutor escutou a seguinte resposta: “o que estraga o Brasil não é a cachaça, não. É a burrice, meu caro”¹³¹.

No *Diário de Hospício*, as instalações do manicômio foram até elogiadas pelo próprio Lima. O autor salienta que o casarão estava “bem construído e, pelo tempo em que o edificaram, com bem acentuados cuidados higiênicos”¹³². Dois lenitivos parecem ter ajudado o escritor a suportar as rotinas que lhe foram impostas nessa instituição psiquiátrica. Um deles era contemplar a paisagem exuberante composta pela “enseada de Botafogo”, observada por Lima “através das grades do manicômio”¹³³. O outro era passar o máximo de tempo possível na biblioteca mantida nesse lugar. Desde a primeira internação, em 1914, para se refugiar do contato com os enfermeiros e outros internos em situações mais lastimáveis, Afonso Henriques recorreu a esse ambiente de leituras.

Um trecho desse citado diário sugere que o escritor passava mesmo todo o tempo disponível a frequentar a biblioteca da instituição ao ponto de memorizar alguns títulos que haviam sido extraviados do acervo entre a primeira e a segunda internação:

Logo ao entrar na seção, no meado do dia da segunda-feira, notei que a biblioteca tinha mudado de lugar. Mudei a roupa, pois meu irmão me apareceu com outra de casa. Esperei o Dias, que me marcasse o dormitório, e sentei-me na biblioteca e estava completamente desfalcada! Não havia mais o Vapereau, *Dicionário das Literaturas*; dous romances de Dostoiévski, creio que *Les Possédés*, *Les Humiliés et Offensés*; um livro de Melo Moraes, *Festas e Tradições*

¹³¹ BARRETO, Lima apud PONTES, Eloy. Citação de um prefácio para uma edição de *Recordações do escrívão Isaiás Caminha*. In: ANTONIO, João. Op. Cit., p. 22.

¹³² BARRETO, Lima. Op. Cit., p. 38.

¹³³ Idem, *ibidem*.

Populares do Brasil. O estudo sobre Colbert estava desfalcado do primeiro volume; a *História de Portugal*, de Rebêlo da Silva também, e assim por diante. Havia, porém, em duplicado, a famosa *Biblioteca Internacional de Obras Célebres*.¹³⁴

Além disso, esse hospício estava repleto de “sujeitos que tinham recebido certa instrução; há até os formados”. O escritor carioca sustenta ainda que não possuiu “nenhuma espécie de superstição pelos nossos títulos escolares ou universitários; eles dão algumas vezes algum saber profissional, muito restrito e ronceiro, e nunca uma verdadeira cultura”. As conversas com Augusto de Lima, um desses internos letrados, são registradas enquanto paliativos para a “solidão intelectual” de Lima, vivenciada em um “meio delirante”¹³⁵. Entretanto, conforme afirmou o próprio autor, “estava escrito que eu não poderia, no meio de cento e tantos insanos, encontrar um com quem trocasse uma palavra”, apesar de que “há muitas formas de loucura e algumas permitem aos doentes momentos de verdadeira e completa lucidez”. Registrou ainda Afonso Henriques que “dá-se o mesmo com a instrução, a educação. A loucura dá intervalos”¹³⁶.

Em *O cemitério dos vivos*, a personagem Vicente Mascarenhas pode também auxiliar na montagem desse mosaico que intercala imagens da internação e da formação intelectual de Lima Barreto. É interessante perceber por meio da fala do narrador que, apesar das situações extremas e toda a carga dramática que esse episódio conserva, a estadia forçada no hospício foi considerada uma experiência artística decisiva por Afonso Henriques:

Em tal estado de espírito, penetrado de um profundo niilismo intelectual, foi que penetrei no hospício, (...) e o grosso espetáculo doloroso da loucura mais arraigou no espírito essa concepção de um mundo brumoso, quase mergulhado nas trevas, sendo unicamente perceptível o sofrimento, a dor, a miséria, e a tristeza a envolver tudo, tristeza que nada pode espancar ou reduzir. Entretanto, pareceu-me que a vida assim era vê-la

¹³⁴ Idem, p. 43-4.

¹³⁵ Idem, p. 57.

¹³⁶ Idem, p. 58-9.

bela, pois acreditei que só a tristeza, só o sofrimento, só a dor faziam com que nós nos comunicássemos com o Logos, com a Origem das Cousas e de lá trouxéssemos alguma coisa transparente e divina.¹³⁷

Possivelmente, a já citada anotação do *Diário de Hospício* serviu como referencial para uma descrição mais detalhada sobre a biblioteca do Hospital Nacional de Alienados que consta no romance *O cemitério dos vivos*. No trecho abaixo, Vicente Mascarenhas faz sua descrição desse ambiente de estudos que existiu na mencionada instituição psiquiátrica:

A biblioteca era a dependência da seção de que mais me recordava. Quando estive lá pela primeira vez, enchia o tempo lá, lendo. Havia um razoável número de livros, mas, além dos muitos dilacerados, havia obras desfalcadas nos seus volumes. Logo ao entrar, depois de mudar de roupa, tratei de me instalar nela. Tinha mudado de local; era agora na entrada, quando antigamente era no fundo. Fui vê-la. Estava pobríssima, não havia mais o Vapereau, dicionário de literatura, tão interessante; não havia mais uns volumes de Dostoiévski, nenhum deles escapara; os segundos românticos nacionais tinham desaparecido; e, dos primeiros, só restava um volume de Gonçalves Dias.

Mesmo da vez passada, a biblioteca do hospício não era um modelo de lógica, não a tinha presidido nenhum espírito, tinha de tudo, mas como a massa dos volumes era de literatura de ficção, não se observava bem o absurdo de certas associações de obras.¹³⁸

Ao reunir em um volume único o *Diário de Hospício* e *O cemitério dos vivos*, Francisco de Assis Barbosa também anexou, generosamente, cópias de três laudos médicos com diagnósticos sobre a saúde do escritor carioca. No *Livro de Observações Clínicas*, do

¹³⁷ Idem, p. 163.

¹³⁸ Idem, p. 199.

Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil, encontra-se um parecer, datado de 22 de agosto de 1914, registrado pelo médico que atendeu o escritor. Nesse documento, o leitor pode ter uma noção melhor sobre a visão do psiquiatra M. Pinheiro acerca do estado da saúde mental daquele interno pouco convencional que ali estava:

Nega alucinações auditivas, confirmando as alucinações visuais. Associação de idéias [sic] e de imagens perfeitas, assim como perfeitas são a percepção e atenção. Cita seus autores prediletos que são: Bossuet, Chateaubriand, ‘católico elegante’, Balzac, Taine, Daudet; diz que conhece um pouco de francês e inglês. Com relação a esses escritores faz comentários mais ou menos acertados; em suma, é um indivíduo que tem algum conhecimento e inteligente para o meio em que vive.

(...)

Julga que o Tenente Serra Pulquério teme a sua fama, “ferina e virulenta”, pois, apesar de não ser grande escritor, nem ótimo pensador, adota as doutrinas anarquistas e quando escreve deixa transparecer debaixo de linguagem enérgica e virulenta os seus ideias. Apresenta-se relativamente calmo, exaltando-se, contudo, quando narra os motivos que justificaram a sua internação. Tem duas obras publicadas: *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Memórias do escrivo Isaiás Caminha*.¹³⁹

Esse olhar clínico pode ser complementado pelo laudo datado de 26 de dezembro de 1919, assinado por um médico com as iniciais de J. A. Na verdade, interessa perceber nessas narrativas a presença de uma forma parecida de curiosidade gerada a partir da constatação da boa instrução ostentada por Lima Barreto em detrimento de seu estado físico bastante debilitado. Segundo esse outro médico,

¹³⁹ Cf. Cópia da observação de Afonso Henriques de Lima Barreto, constante do *Livro de Observações Clínicas* do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil (22/08/1914). In: Idem, p. 262-63.

Este doente foi internado quando o alienista que dirige a Seção Calmeil que escreve estas linhas se achava em gozo de licença. Não o vi, portanto. Estou porém informado de que no Pavilhão de Observações, onde permaneceu cerca de um mês, teve o diagnóstico de alcoolismo.

(...)

O observado Afonso Henriques goza nos meios literários de *reputação de escritor talentoso e forte*, cheio de mordacidade. Aliás alguns de seus trabalhos evidenciam esses méritos de escritor. Parece que nas palestras de café é o observado muito querido por seus ditos chistosos e picantes.¹⁴⁰

Paciente intrigante esse Lima Barreto que parece, apesar de todas as adversidades que envolveram essas internações, ter despertado admiração de alguns dos médicos que transitavam pelo casarão da Praia Vermelha. Dando continuidade à análise do *Diário de Hospício*, o tema da leitura, mais uma vez, é evocado em outros trechos desses escritos com a função de afirmar o lugar de homem de letras ocupado por Afonso Henriques, lhe distanciando, inclusive, de outros pacientes acusados de crimes ou daqueles completamente ensandecidos. Na ocasião, o escritor fez questão de enfatizar em suas anotações: “sou instruído, sou educado, sou honesto, tenho procurado o mais possível ter uma vida pura”¹⁴¹. Esse exercício de reflexão culmina em uma das passagens mais desencantadas dessa obra: “desde a minha entrada na Escola Politécnica que venho caindo de sonho em sonho e, agora que estou com quase quarenta anos, embora a glória tenha me dado beijos furtivos, eu sinto que a vida não tem mais sabor para mim”¹⁴². No entanto, mais do que a própria morte, Lima clamou, nesse momento, por outro recomeço. Talvez uma trajetória bem mais “plácida, serena, medíocre e pacífica, como a de todos”¹⁴³.

A partir do conteúdo de algumas cartas enviadas e recebidas pelo escritor é possível deduzir que, principalmente, essa última internação de Lima causou apreensão entre outros intelectuais da época. A

¹⁴⁰ Cf. *Livro de Observações* da Seção Cameil do Hospital Gustavo Riedel (s/d). In: Idem, p. 267-68. [Grifos meus]

¹⁴¹ BARRETO, Lima. *Diário de Hospício*. In: Idem, p. 67.

¹⁴² Idem, *ibidem*.

¹⁴³ Idem, *ibidem*.

correspondência trocada entre Monteiro Lobato e o autor de *Isaiás Caminha* pode ser considerada uma das fontes mais intrigantes da história intelectual brasileira. O literato paulista, autor de *Urupês* e criador do Jeca-Tatu, personagem que representa determinado estereótipo do agricultor pobre que habita o interior do sudeste do país, foi um dos primeiros homens de letras, entre os estabelecidos, a se valer – inclusive – do prestígio pessoal para editar e divulgar os trabalhos de Lima Barreto.

Diretor da gráfica e do impresso *Revista do Brasil*, Lobato enviou uma primeira epístola para Afonso Henriques datada de 2 de setembro de 1918. Nesse primeiro momento, ao convocar o autor carioca para colaborar em seu periódico, salientou que precisava de “gente interessante, que dê coisas que caiam no gongo do público. E Lima Barreto, mais do que nenhum outro, possui o segredo de bem ver e melhor dizer, sem nenhuma dessas preocupaçõezinhas de *toilette gramatical*”¹⁴⁴. Em 15 de novembro do mesmo ano, o autor de *Urupês*, em face do que se pode considerar uma resposta positiva ao seu pedido por parte do confrade carioca, já estabelece os termos contratuais para a primeira tiragem de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*: “convém fazer uma edição de 3.000 exemplares em papel de jornal que permita vender-se um livro a 2\$000 ou no máximo a 2\$500; neste caso, proponho 50% dos lucros líquidos ao autor, pagáveis à medida que se forem realizando. (...) Se lhe servem estas condições, poderemos firmar contrato imediatamente”¹⁴⁵.

Nessa fase inicial das cartas trocadas entre o editor Lobato e o escritor Lima Barreto, o tom de cordialidade foi bastante recíproco. Na resposta publicada no segundo volume que reúne toda a correspondência do autor de *Clara dos Anjos*, o literato carioca afirmou o seguinte para seu interlocutor: “de há muito devia ter-lhe escrito, manifestando os meus agradecimentos e acusando também o recebimento dos oito mil contos de réis e uma das vias do contrato estabelecido entre a *Revista do Brasil* e eu, para a publicação do *Gonzaga de Sá*. Recebi ambas as coisas das mãos do meu irmão Carlindo e fiquei plenamente satisfeito”¹⁴⁶. Ainda em dezembro do corrente ano, Afonso Henriques recebeu

¹⁴⁴ LOBATO, Monteiro. Carta para Lima Barreto (02/09/1918). In: BARRETO, Lima. *Correspondência: ativa e passiva*. Tomo II. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 49.

¹⁴⁵ LOBATO, Monteiro. Carta para Lima Barreto (15/11/1918). In: Idem, p. 50.

¹⁴⁶ BARRETO, Lima. Carta para Monteiro Lobato (02/12/1918). In: Idem, p. 51.

uma carta de Lobato que evidencia um leitor atento e admirado de suas obras:

Mais tarde será nos teus livros e nalguns de Machado de Assis, mas sobretudo nos teus, que os pósteros poderão “sentir” o Rio atual com todas as suas mazelas de salão por cima e Sapucaia por baixo. Paisagens e almas, todas, está tudo ali.

Já li sim *Numa e a Ninfa* – tão maltratado editorialmente; vi lá a Daltro, Rondon de saias, e aquele soberbo quadro do João Laje com o seu charuto decidindo dos destinos da colônia, da eterna colônia, na sua preciosa qualidade de reinol...

E o *Policarpo*... Acabada a leitura, o comentário é sempre o mesmo e o mais precioso de todos: “É isso mesmo!” – comentário que não pilha muito imortal senhor de grossa bagagem livresca.

O meu livro... Cá entre nós: não sou literato, nem quero ser, porque João do Rio o é.¹⁴⁷

As previsões de Lobato foram, conforme atesta a vasta fortuna crítica existente sobre esses dois escritores cariocas, certeiras. A resposta de Lima Barreto para seu correspondente pode ser abordada enquanto mais um valioso documento acerca das convicções do autor de *Gonzaga de Sá* sobre seu ofício. Em uma carta datada de 4 de janeiro de 1919, Afonso remeteu as seguintes afirmações para o escritor paulista:

Muito obrigado pelas referências aos meus broqueis; e, embora o João do Rio se diga literato, eu me honro muito com o título e dediquei toda a minha vida para merecê-lo.

Por falar em semelhante paquiderme... Eu tenho notícias de que ele já não se tem na conta de homem de letras, senão para arranhar propinas com os ministros e presidentes do Estado ou senão para receber sorrisos das moças brancas botafoganas daqui – muitas das quais, como ele,

¹⁴⁷ LOBATO, Monteiro. Carta para Lima Barreto (28/12/1918). In: Idem, p. 55.

escondem a mãe ou o pai. É por causa dessa covardia idiota que “essa coisa” não acaba...”¹⁴⁸

A tal “coisa” que não acabava citada por Lima Barreto diz respeito, logicamente, a discriminação racial. Já a alcunha motivada pelo excesso de peso desse célebre cronista da vida carioca é um sintoma da antipatia nutrida pelo autor de *A alma encantadora das ruas* desde a publicação do *Isaías Caminha*. Já Dando continuidade a análise dessa missiva, Afonso Henriques se queixou pelo fato de que o *Policarpo Quaresma*, com sua primeira tiragem de dois mil exemplares, bancada pelo próprio escritor, vendeu muito menos do que os livros da aristocrática poeta Albertina Berta. Segundo o escritor, o público leitor carioca não apreciava lidar com análises críticas. Daí a generalizante afirmação: “o leitor comum do Rio, ou a leitora, não sabe ver Amor senão no livro em que ele aparece em fraldas de camisa”¹⁴⁹. Todo esse preâmbulo interessa aqui na medida em que sugere que a amizade entre esses dois cânones das letras brasileiras foi intensa, mas também possuiu suas contradições.

Na fase final dessa correspondência, já quando as cartas mais longas e com opiniões pessoais sobre a vida literária e a política brasileira vão sendo substituídas por textos mais pragmáticos e curtos, Lobato enviou a seguinte epístola para Lima:

Que Graças! Não imaginas como nos deixou triste e apreensivos a notícia da tua entrada para o hospício. Felizmente, soubemos pelo J. M. Belo que lá foste parar não pelo motivo que leva aos outros, mas a título de descanso, para “assentar” o organismo agitado. Já saíste. Pois muito bem e muitos parabéns.

E muito obrigado pela boa notícia que deste da revista. Não tem mandei provas porque temos um bom revisor que suou com a tua infamérrima letra mas deu conta do recado.¹⁵⁰

A resposta de Lima ironizou o mencionado portador dessas notícias sobre sua vida pessoal: “Este José Maria Belo é engraçado. É

¹⁴⁸ BARRETO, Lima. Carta para Monteiro Lobato (04/01/1919). In: Idem, p. 56.

¹⁴⁹ Idem, p. 57.

¹⁵⁰ LOBATO, Monteiro. Carta para Lima Barreto (s/d). In: Idem, p. 72.

visto em toda parte menos no Rio de Janeiro, onde reside. (...) Dê-lhe lembranças, já que o vês com frequência. (...) Nada mais tenho a dizer-te senão que estou bom e espero assim ficar muitos anos até minha morte”¹⁵¹. Ao organizar a edição na qual as cartas que foram trocadas entre esses autores estão publicadas, Francisco de Assis Barbosa esclarece que é complicado deduzir se Monteiro Lobato e Afonso Henriques se conheceram pessoalmente. Segundo os depoimentos de Jaime Adour da Câmara e do médico Gastão Cruls, pouco tempo após o lançamento do romance *Gonzaga de Sá*, o editor da *Revista do Brasil* viajou até o Rio de Janeiro para conhecer o escritor de Todos os Santos. Porém, deparou-se com o literato carioca bastante embriagado em um dos botequins da cidade e não teve ânimo para se apresentar, naquelas circunstâncias, ao sujeito que considerava o mais talentoso de todos os escritores brasileiros.

Dito de outro modo, Lobato admirou bastante o intelectual, mas não soube como aceitar o homem Lima Barreto. Aliás, os perfis políticos desses dois atores históricos eram bastante distintos. Maria Bernardete Ramos Flores, em “Lobato na América: americanismo e tecnologia da seleção”, discutiu a presença de temas ligados a eugenia no pensamento desse literato paulista. Quando o escritor revisitou o Jeca-Tatu, o transformando em um agricultor redimido, alfabetizado, proprietário de um caminhão Ford e tendo aulas de inglês, nada mais fez do que apostar no *American Way of Life* enquanto uma alternativa civilizatória para os brasileiros. Vale salientar que Lobato foi, inclusive, “o grande divulgador do ideário fordista na imprensa carioca. Traduz *Henry Ford: Minha vida e Minha obra*, em 1926, e *Hoje e Amanhã*, em 1927”¹⁵².

Ainda segundo a autora,

Compartilhava Lobato da geração de letrados que, nas primeiras décadas do século XX, debatera-se para definir uma identidade nacional, e, no limite, sobre a questão racial. Seu *Problema vital* fora a primeira atividade da Sociedade Eugênica de São Paulo junto com a liga Pró-Saneamento do Brasil. O livro foi prefaciado pelo Dr. Renato Kehl, o

¹⁵¹ BARRETO, Lima. Carta para Monteiro Lobato (24/02/1920). In: Idem, p. 73.

¹⁵² FLORES, Maria Bernardete Ramos. Lobato na América: americanismo e tecnologia da seleção. In: *Tecnologia e estética do racismo: ciência e arte na política da beleza*. Chapecó: Argos, 2007, p. 380.

principal propagandista e articulador das teorias eugenistas no Brasil, fundador da Sociedade Eugênica de São Paulo – 1918 –, do Boletim da Eugenia – 1929 –, e da Comissão Brasileira de Eugenia, 1931.¹⁵³

Em uma carta datada de 18 de maio de 1920, Lima Barreto ensaiou uma crítica ao confrade literário. Em tom de confidência, o escritor carioca escreveu o seguinte para Lobato: “o que acho é que rescendes muito a patriotismo e pretendes criar de assentada muitas coisas nestes Brasis. (...) Sei que não pensas assim; mas é meu dever dizer-te o meu pensamento”¹⁵⁴. Porém, o posicionamento adotado publicamente, devido a uma série de interesses já citados, por Afonso Henriques sobre as obras do autor de *Urupês* foi feito por meio de um raro tom de aprovação. Na *Gazeta de Notícias*, em 11 de maio de 1921, Lima Barreto assinou um artigo de crítica intitulado “A obra do criador de Jeca-Tatu” e afirmou o seguinte sobre os textos de seu colega de ofício: “toda a sua obra é simples e boa, animada pela poesia da sua terra, seja ela pobre ou farta, seja agreste ou risonha: mas é cheia de sadia verdade a sua literatura”¹⁵⁵.

Existem outras possibilidades de abordagem dos escritos feitos ou recebidos por Lima Barreto enquanto esteve internado. A escolha que optei aqui foi a de cotejar essa literatura da urgência com outras fontes e até mesmo com os discursos dos psiquiatras que pretenderam “tratar” os males que tanto incomodaram e contribuíram para o abreviamento da vida do carioca Afonso. O *Diário de Hospício*, o romance *O cemitério dos vivos*, as cartas trocadas pelo autor, os laudos médicos que teimam em ressaltar a sua boa instrução do autor e suas profundas reflexões sobre a condição dos loucos sugerem que, sem dúvidas, Lima buscou transformar também o Hospital Nacional de Alienados – um lugar destinado pelas elites científicas da época para controle e higienização social, entretanto traumatizante – em um local de aprendizado.

¹⁵³ Idem, p. 383.

¹⁵⁴ BARRETO, Lima. Op. Cit., p. 74.

¹⁵⁵ BARRETO, Lima. A obra do criador de Jeca-Tatu. In: *Impressões de leitura: crítica*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 110.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Em *O cemitério dos vivos*, o alter ego barretiano Vicente Mascarenhas assim justifica o que o motivou a se tornar um escritor:

Tratei de ler os autores com cuidado, de observar como dispunham a matéria, como desenvolviam, a procurar teorias do estilo, e isto, como todo principiante, fui procurar no enfado dos clássicos; mas, bem depressa, abandonei esse sestro e o meu escopo foi unicamente vaziar o melhor possível o pensamento que queria vazar no papel.

Tinha um grande medo da gramática, dos galicismos, da regência dos complementos, das concordâncias especiais, por isso os escritores saíam-me cautelosos, numa prosa um pouco dura, sem fluência, mas os outros, assim mesmo, achavam graça no escrito.

Apurei-me, afinei-me, escrevendo duas, três e mais vezes a mesma coisa; e estendi a minha colaboração a jornaizinhos equivalentes ao do meu amigo Chagas e, por intermédio dele, meti-me na roda de estudantes literatos que abandonam as letras mal se formam, e também na de profissionais.

(...)

Certo dia em que me pus a pensar nisso, veio-me a reflexão de que não era mau que andasse eu a escrever aquelas tolices. Seriam como que exercícios para bem escrever, com fluidez, claro, simples, atraente, de modo a dirigir-me à massa comum dos leitores, quando tentasse a grande obra, sem nenhum aparelho rebarbativo e pedante de fraseologia especial ou um falar abstrato que faria afastar de mim o grosso dos legentes.¹

Na verdade, Lima Barreto afirmou seus propósitos políticos e artísticos enquanto homem de letras em incontáveis trechos de sua produção cultural. Em suas memórias, romances, contos, crônicas,

¹ BARRETO, Lima. *O cemitério dos vivos*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 137-38.

cartas e artigos, a temática da vida literária é uma constante e suscita ainda inúmeras indagações. O trajeto percorrido ao longo desse estudo teve como foco fornecer alguma contribuição para os debates sobre a circulação de ideias entre os letrados na Primeira República, além de investigar algumas das singularidades que margeiam a erudição desse escritor.

Ao inserir os textos de Lima Barreto em contextos documentais mais vastos, é impossível não dar o merecido destaque para suas críticas em face do preciosismo gramatical e das superficialidades em torno das quais a moderna sociedade carioca foi alicerçando seus valores. Porém, o gosto pela polêmica e os anseios por uma realidade política mais justa estavam também disseminados mesmo entre grande parte dos graves senhores que frequentavam os salões da Academia Brasileira de Letras.

Maria de Fátima Fontes Piazza, no artigo “Tal Brasil, qual América? A *América Brasileira* e a cultura ibero-americana”, analisou a militância literária protagonizada pelo dândi alagoano Elysio de Carvalho (1880-1925). Ao dirigir esse periódico, mencionado no título do texto, Carvalho buscou engajar-se com os homéricos debates sobre a identidade nacional que ocorreram nos salões literários da *Belle Époque* tropical. Nesse caso, esse escritor foi um crítico do cosmopolitismo profundamente identificado com a cultura francesa que vigorou na Primeira República. Porém, mesmo esse nacionalismo literário conservador, “calcado num profundo conhecimento da realidade brasileira”², orgulhoso dos desdobramentos da colonização portuguesa, intervencionista e voltado para a diversidade encontrada nas culturas latino-americanas, foi também um fator que colocou “em evidência a francofilia e o anatolianismo que assolava a intelectualidade brasileira da época”³.

As primeiras décadas do século XX, a partir dessa ótica, constituem um momento ímpar da história brasileira. A partir das reflexões sugeridas por Fátima Piazza, esse estudo recorreu aos impressos, enquanto fontes, produzidos ao longo da Primeira República, com o intuito geral de comprovar “que havia um fluxo de intelectuais, circulação de ideias, de movimentos e de linguagens que permeavam a vida cultural ibero-americana, através de ligações com a República

² PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. Tal Brasil, qual América? *A América Brasileira* e a cultura ibero-americana. In: *Diálogos Latinoamericanos*. Vol. 12, Dinamarca, Universidad de Aarhus, 2007, p. 43.

³ Idem, *ibidem*.

Mundial das Letras”⁴. Esse cotejamento entre os textos de Lima Barreto com outras formas de documentação, mesmo associados a sua trajetória de forma indireta, como é o caso das centenas de livros catalogados na “Limana”, foi considerado aqui um caminho metodológico bastante fecundo para a construção dessa análise do pensamento de Afonso Henriques.

Ao buscar pelos nexos existentes entre o conteúdo de alguns clássicos da literatura ocidental e as ideias de Lima Barreto não existiu aqui a pretensão de se construir uma espécie de “história global”. O ponto de vista adotado aqui foi bastante influenciado pelas reflexões de Roger Chartier, em *A história ou a leitura do tempo*. De acordo com o autor, é permitido ao historiador ampliar ou reduzir as escalas de tempo, bem como os contextos com os quais um objeto de estudo está inserido desde que as fontes primárias possibilitem esse procedimento. Para Chartier, mais importante do que retomar a velha história universal, ou elaborar comparações retóricas, “é a eleição de um marco de estudo capaz de tornar visíveis as *connected histories* que relacionaram populações, culturas, economias e poderes”⁵. Desse modo, a interface entre a dimensão global e local da experiência humana pode ser investigada por meio de um recorte historiográfico.

Outro aporte teórico cuja influência não foi explicitada até aqui, mas está bastante diluída ao longo dessa pesquisa reside no pensamento do filósofo alemão Walter Benjamin. O citado autor fez relevantes considerações sobre os vínculos existentes entre arte e engajamento. De acordo com Benjamin, um artista justo é aquele consegue equilibrar suas tendências políticas sem abrir mão da qualidade estética de suas obras. Dessas reflexões sobre as complicadas relações entre ética e arte, pode-se extrair a atual e preciosa lição de que quanto mais uma pesquisa procurar pelas ligações entre arte e vida, evitando lidar com a literatura enquanto uma “coisa rígida e isolada”, (...) para inseri-la em “contextos sociais vivos”⁶, pode aumentar suas chances de convencer leitores mais exigentes.

O certo é que grande parte dos escritores citados aqui, além do próprio Lima Barreto, conseguiram algum reconhecimento público,

⁴ Idem, p. 45.

⁵ CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 55.

⁶ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 122.

mesmo que tardio, porque dominaram diversas técnicas que tornaram possível esse entrelaçamento entre qualidade e tendência. Nesse sentido, a literatura está repleta de desencanto na medida em que o “escritor moderno” precisa “chegar à consciência de quão pobre ele é e de quanto precisa ser pobre para poder começar de novo”⁷. Dito de outro modo, toda uma geração de intelectuais, seja na Europa ou na América Latina, partilhou, a partir da observação das contradições que acompanhavam o progresso das suas sociedades, que o alvorecer da modernidade global foi uma época carente de experiência humana. É dessa constatação que brotou a urgência da arte modernista: bem mais preocupada em provocar choques do que fomentar ilusões para o público.

De modo geral, apesar de essa pesquisa abordar a produção de um escritor brasileiro canonizado, em vários outros estudos acadêmicos, procura inserir a trajetória intelectual de Lima Barreto em uma perspectiva mais ampla; coletiva. Esse olhar serve para ressaltar que determinadas formas de pensar, gerar diatribes ou produzir cultura impressa estão interligadas com a assimilação de uma determinada educação formal – que atende aos anseios e valores de uma dada sociedade – e o cultivo de múltiplas formas de sensibilidades. Nas palavras de Sandra Jatahy Pesavento, para a ótica da História Cultural, “a Literatura ocupa, no caso, a função de traço, que se transforma em documento e que passa a responder às questões formuladas pelo historiador”⁸. A escrita enquanto fonte fornece, portanto, pistas sobre como pessoas, pertencentes a um determinado passado, “pensavam o mundo, a si próprias” e “quais os preconceitos, medos e sonhos”⁹ que foram projetados por esses atores históricos.

Sendo assim, esse é um recorte em torno da trajetória de um literato que considerou todo ato de realizar “uma obra intelectual, seja ela qual for”¹⁰, um processo interligado ao sofrimento. Nessa epístola para o jornalista e professor gaúcho Almáquio Cirne, datada de 11 de janeiro de 1920, Lima Barreto desvela a sensação de angústia sempre existente por trás de seu processo de criação artística:

⁷ Idem, p. 131.

⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 82.

⁹ Idem, ibidem.

¹⁰ BARRETO, Lima. Carta para Almáquio Cirne (11/01/1920). In: *Correspondência: ativa e passiva*. Tomo II. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 201.

Não te julgues a única vítima dos duros tempos que atravessamos. O nosso destino é sofrer nesta ou naquela profissão. O nosso temperamento e o feitiço de nossa atividade intelectual estão sempre em conflito com a sociedade. Daí, a boêmia que houve em todas as épocas, ou os artistas e poetas que exercem duas, três, cinco ou mais profissões e não esquentam o lugar.

A insatisfação é nossa lei. Ainda se fôssemos grandes!...

Adeus.

*Lima Barreto.*¹¹

A história narrada aqui, pautada na pesquisa em arquivos e fontes que fornecem registros dessa verdadeira ética do desencanto, presente em cartas, diários, romances, contos e artigos de Lima Barreto ainda continua turva em alguns aspectos. A morte precoce desse literato pôs fim também a um projeto literário ainda inacabado. Após mais de noventa anos do falecimento de Afonso Henriques, resta afirmar que muito ainda pode ser esclarecido sobre a história de um indivíduo portador de ideias que continuam polêmicas e desafiadoras até os dias de hoje.

¹¹ Idem, p. 201-02.

FONTES E BIBLIOGRAFIA:

Arquivos:

Biblioteca Central da UFSC – BC, Florianópolis.

Biblioteca Digital Brasileira, São Paulo.

Digital California Library – DCL, California.

Fundação Biblioteca Nacional – FBN, Rio de Janeiro.

Russian State Library – RSL, Moscou.

Periódicos:

A Notícia, Rio de Janeiro, 1909.

A Noite, Rio de Janeiro, 1912.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 1905-1915.

Correio da Noite, Rio de Janeiro, 1914-1915.

Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 1909.

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 1902-1907.

Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 1900-1905.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1904-1915.

O Paiz, Rio de Janeiro, 1902-1922.

Revista Careta, Rio de Janeiro, 1914-1922.

Revista Kosmos, Rio de Janeiro, 1905-1908.

Revista Contemporânea, Rio de Janeiro, 1919.

Revista Fon-Fon, Rio de Janeiro, 1907-1920.

Revista Floreal, Rio de Janeiro, 1907.

Tagarela, Rio de Janeiro, 1900-1905.

Escritos de Lima Barreto:

BARRETO, Lima. *Contos completos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Os “Contos Argelinos” e outros textos recuperados*. Introdução e notas de Mauro Rosso. Ed. PUC; São Paulo: Loyola, 2010.

_____. *Toda crônica*. Vol. 1 & 2. Organização de Beatriz Resende e Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

_____. *O subterrâneo do Morro do Castelo*. Prefácio de Beatriz Resende. Rio de Janeiro: Dantes, 1997.

_____. *Obras Completas de Lima Barreto*. Organizadas sob a direção de Francisco de Assis Barbosa, com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. XVII vol. São Paulo: Brasiliense, 1956.

_____. *Histórias e sonhos: contos*. Rio de Janeiro: Gianlorenzo Schettino, 1920.

_____. (Philéas Fogg). Falsificações. In: *Fon-Fon*. Rio de Janeiro, ano I, nº 2, abril de 1907.

_____. (S. Holmes). O fio da linha. In: *Fon-Fon*. Rio de Janeiro, ano I, nº 5, maio de 1907.

_____. Fabulosas riquezas: outros subterrâneos. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 28/04/1905.

_____. O tesouro dos jesuítas. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 06/05/1905.

_____. Uma narrativa de amor. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 08/05/1905.

_____. Dona Garça I: boas e novas más. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 09/05/1905.

_____. Os achados dos subterrâneos. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 28/05/1905.

Estudos sobre Lima Barreto:

AZEVEDO NETO, Joachin. *Uma outra face da Belle Époque carioca: o cotidiano nos subúrbios nas crônicas de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2011.

ANTÔNIO, João (Org.). *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

BOTELHO, Denilson. *A pátria que quisera ter era um mito: o Rio de Janeiro e a militância literária de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, 2002.

_____. *Letras militantes: história, política e literatura em Lima Barreto*. Tese (Doutorado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

CURY, Maria Zilda Ferreira. *Um mulato no reino de Jambom: as classes sociais na obra de Lima Barreto*. São Paulo: Cortez, 1981.

FREIRE, Zélia Nolasco. *A concepção de arte em Lima Barreto e Leon Tolstói: divergências e convergências*. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras de Assis da Universidade Paulista, Assis, 2009.

_____. *Lima Barreto: imagem e linguagem*. São Paulo: Annablume, 2005.

FREITAS, Celi da Silva. *Entre a Vila Quilombo e a Avenida central: a dupla exterioridade em Lima Barreto*. Dissertação (Mestrado em História Política), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia. *Lima Barreto e o fim do sonho republicano*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

HIDALGO, Luciana. *Literatura da urgência: Lima Barreto no domínio da loucura*. São Paulo: Annablume, 2008.

_____. Machado de Assis, Lima Barreto e a “verdade” da loucura. In: *Matraga*. Rio de Janeiro, vol. 15, nº 23, jan/dez. de 2008.

FANTINATI, Carlos Erivany. *O profeta e o escritor: estudo sobre Lima Barreto*. São Paulo: Hucitec, 1978.

LEITÃO, Eliane Vasconcellos. *Entre a agulha e a caneta: a mulher na obra de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.

MONTENEGRO, José Benjamim. Vida urbana e marginalia em Lima Barreto. In: *Mnemosine*. Campina Grande, Vol. 2, nº 1, jan./jun. 2011.

MACHADO, Maria Cristina. *Lima Barreto: um pensador social na Primeira República*. Goiânia: Editora UFG; São Paulo: EDUSP, 2002.

OAKLEY, Robert. *Lima Barreto e o destino da literatura*. São Paulo: Unesp, 2011.

_____. Ilusões perdidas na *Belle Époque* tropical. In: *Matraga*, vol. 18, nº 17, jan./dez. de 2005.

PRADO, Antonio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1976.

RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

SILVA, Luiz (Cuti). *A consciência do impacto nas obras de Cruz e Sousa e de Lima Barreto*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, Afonso Carlos (Org.). *O Rio de Janeiro de Lima Barreto*. Vol. 1 & 2. Rio de Janeiro: Rioarte, 1983.

SILVA, Hécio Pereira da. *Lima Barreto: escritor maldito*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

História, sociedade e cultura

BARTLETT, Rosamund. *Tolstói: a biografia*. Tradução de Renato Marques. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2013.

BERNARDINI, Aurora. Os escritores russos na época do populismo. In: *Outra travessia*. Florianópolis, vol. 2, nº 07, 2008.

BLOOM, Harold. *A angústia da influência: uma teoria da poesia*. 2ª ed. Tradução de Marcus Santarrita. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. *O pré-modernismo*. 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

BOURDIEU, Pierre & CHARTIER, Roger. *O sociólogo e o historiador*. Tradução de Guilherme Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. Tradução de Cássia da Silveira & Denise Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussman tropical*. Rio de Janeiro: Secretaria de Cultura, 1992.

BRADBURY, Malcolm. *O mundo moderno: dez grandes escritores*. Tradução de Paulo Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Moisés & Ana Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BRESCIANI, Stella. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Tradução de Luiz Moura. Brasília: Editora UNB, 1982.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. *Irineu Marinho: imprensa e cidade*. São Paulo: Globo, 2012.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. Literatura e leitura. In: *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

_____. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

CHALHOUB, Sidney [et. al.]. *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica do Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

_____. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *Trabalho, lar, botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

COSTA, Emília Viotti. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. 7ª ed. São Paulo: Editora da Unesp, 1999.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

COSTA, Jurandir Freire da. *História da psiquiatria no Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Tradução de Gilson de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009.

DENIS, Benoit. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. Tradução de Luiz Roncari. Bauru, SP: Edusc, 2002.

DARMON, Pierre. *Médicos e assassinos na Belle Époque*. Tradução de Regina Agostino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

DARNTON, Robert. O que é a história dos livros?. In: *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e Revolução*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DURANT, Will. *Anatole France: o homem e sua obra*. Tradução de Maria Teresa Miranda. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1964.

ERMAKOFF, George; BUENO, Alexei (Orgs.). *Duelos no serpentário: uma antologia da polêmica intelectual no Brasil 1850-1950*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2005.

EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924)*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

ELIAS, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio*. Tradução de Sergio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. 9ª ed. Tradução de José Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2012.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Tecnologia e estética do racismo: ciência e arte na política da beleza*. Chapecó: Argos, 2007.

FERREIRA, Jorge & REIS FILHO, Daniel Aarão. *A formação das tradições (1889-1945): as esquerdas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FRANK, Joseph. *Dostoiévski: as sementes da revolta (1821-1849)*. Vol. I. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Edusp, 1999.

GRUNER, Clóvis & DENIPOTI, Cláudio (Orgs.). *Nas tramas da ficção: história, literatura e leitura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Tradução de Rosa Freire d' Aguiar & Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOMIDE, Bruno Barretto. Febre russa: a chegada de uma literatura arrebatadora no Brasil. In: *Ciência hoje: revista de divulgação científica da SBPC*. Vol. 40, nº 236, abr., 2007.

_____. *Da estepe à caatinga: o romance russo no Brasil (1887-1936)*. Tese (Doutorado em História e Teoria Literária). Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

GARDINER, Patrick. *Teorias da História*. 3ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

KOSELLEK, Reinhardt. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução de Wilma Patrícia Maas & Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC, 2006.

KOTHE, Flávio. *O cânone republicano*. Vol. 2. Brasília: Editora UNB, 2004.

KEDAITENE, E. {et. al.}. *Dicionário prático russo-português*. Moscou: Língua Russa, 1983.

LUSTOSA, Isabel. (Org.). *Imprensa, história e literatura*. Rio de Janeiro: Edições Casa Rui Barbosa, 2008.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5ª ed. Tradução de Irene Ferreira {et. al.}. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LEVIN, Orna Messer. *As figurações do dândi: um estudo sobre a obra de João do Rio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LAMPERT, Eugene. O modernismo na Rússia (1893-1917). In: McFARLANE, James & BRADBURY, Malcolm (Orgs.). *Modernismo: um guia geral (1890-1930)*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MORETTI, Franco (Org.). *A cultura do romance*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MICELI, Sérgio. *Poder, sexo e letras na República Velha*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

MACHADO NETO, A. L. *Estrutura social da República das Letras: sociologia da vida intelectual brasileira (1870-1930)*. São Paulo: Edusp, 1973.

NUNES, Teresa. *Carlos Malheiro Dias: um monárquico entre dois regimes*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2009.

NEEDELL, Jeffrey. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ORNELLAS, Clara Ávila. Aspectos do tolstoísmo na literatura brasileira: Lima Barreto e João Antônio. In: *Fragments*. Florianópolis, Vol. 21, nº 38, 2010.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *O Brasil dos imigrantes*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

PINHEIRO, Maria Lúcia Bressan. *Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2011.

PROST, Antoine. *Doze lições sobre história*. Tradução de Guilherme Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. Tal Brasil, qual América? A *América Brasileira* e a cultura ibero-americana. In: *Diálogos Latinoamericanos*. Vol. 12, Dinamarca, Universidad de Aarhus, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PRADO, Antonio Arnoni. *Trincheira, palco e letras: crítica, literatura e utopia no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O carnaval das letras: os literatos e as histórias da folia carioca nas últimas décadas do século XIX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1994.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Machado de Assis: por uma poética da emulação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

RAMOS, Ana Flávia Cernic. *As máscaras de Lélío: ficção e realidade nas “Balas de Estalo” de Machado de Assis*. Tese (Doutorado em História Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. *A dança das cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

REIS FILHO, Daniel Aarão. As revoluções russas. In: _____ {et. al.}. *O século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

ROCHA, Clara. *Revistas literárias do século XX em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *A abertura para o mundo: 1889-1930*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SARLO, Beatriz. *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. Tradução de Júlio Pimentel. São Paulo: Cosac Nayfi, 2010.

SILVA, Maurício. *A hélade e o subúrbio: confrontos literários na Belle Époque carioca*. São Paulo: Edusp, 2006.

SALGADO, Marcus. Teoria geral da decadência. In: *A vida vertiginosa dos signos: recepção do idioleto decadista na Belle Époque tropical*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SANTOS, Nádia Maria Weber dos. *História de sensibilidades: espaços e narrativas da loucura em três tempos (1905/1920/1937)*. Tese (Doutorado em História Cultural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2005.

SCHWARCZ, Roberto. *Cultura e política*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa do Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. (org.). *História da vida privada no Brasil III: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. O fardo do homem culto: literatura e analfabetismo no prelúdio republicano. In: *Revista de Cultura Vozes*. Rio de Janeiro, Ano LXXIII, nº 09, nov., 1980.

SIRINELLI, Jean-François & RIOUX, Jean-Pierre. *Para uma História Cultural*. Tradução de Ana Moura. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

THOMPSON, Edward. *Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária*. Tradução de Sérgio Moraes Reis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *História & modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil (1870-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

WINOCK, Michel. *As vozes da liberdade: os escritores engajados do século XIX*. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

WILSON, Edmund. *Rumo à Estação Finlândia: escritores e atores históricos*. Tradução de Paulo Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

Ficção, memória e impressos:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Discursos acadêmicos (1897-1919)*. Tomo I. Rio de Janeiro: Publicações da ABL, 2005.

ANAIIS DA BIBLIOTECA NACIONAL. Vol. XXXVIII. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1920.

A NOITE. Rio de Janeiro, ano II, nº 376, setembro de 1912.

ATUALIDADES. In: *O Paiz*. Rio de Janeiro, ano XXV, nº 8891, maio de 1909.

ASSIS, Machado de. *Papeis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts & Cia, 1882.

BARBOSA, Rui. *Saudação a Anatole France*. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1980.

BILAC, Olavo. *A defesa nacional*. Rio de Janeiro: Liga da Defesa Nacional, 1917.

_____. Crônica. In: *Kosmos*. Rio de Janeiro, ano II, nº 03, mar. de 1905.

_____. Crônica. In: *Kosmos*, Rio de Janeiro, janeiro de 1904.

BRUNETIÈRE, Ferdinand. *Études critiques sur l'histoire littérature française*. 6ª ed. Paris: Librairie Hachette, 1907.

CARLYLE, Thomas. *Os heróis*. 2ª ed. Tradução de Antônio Ruas. São Paulo: Melhoramentos, 1963.

CASTRO, Viveiros de. A igreja e a civilização: discurso pronunciado no Colégio Diocesano como paraninfo dos bacharelados de 1915. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, ano XXVI, nº 332, novembro de 1915.

CARVALHO, Xavier de. Carta de Paris. In: *O Paiz*. Rio de Janeiro, ano XXV, nº 8945, abril de 1909.

_____. Carta de Paris. In: *O Paiz*. Rio de Janeiro, ano XXV, nº 8890, fevereiro de 1909.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, ano VII, nº 3045, maio de 1907.

_____. Rio de Janeiro, ano V, nº 1294, janeiro de 1905.

COELHO NETO, Henrique Maximiano. *Turbilhão*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1906.

CIDADE DO RIO. Rio de Janeiro, ano XI, nº 83, abril de 1899.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Crime e castigo*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2001.

_____. *Netochka Nezvanova*. São Petersburgo: F. Stelóvski, 1916.

DIAS, Carlos Malheiro. À margem do último livro de Anatole France. In: *O Paiz*. Rio de Janeiro, ano XXXIV, nº 12380, setembro de 1918.

D. PICOLINO. Liga contra o Feio. In: *Fon-Fon*. Rio de Janeiro, ano II, nº 46, fev. de 1908.

EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro de meu tempo*. Brasília: Senado Federal, 2003.

FRANCE, Anatole. *L'île des Pingouins*. Paris: Calmann Lévy, 1908.

_____. *Monsieur Bergeret à Paris*. Paris: Calmann Levy, 1900.

FIORDINI. O Rio elegante. In: *FON-FON*. Rio de Janeiro, ano II, nº 39, jan. de 1908.

FLOREAL. Rio de Janeiro, ano I, nº 1, outubro de 1907.

_____. Rio de Janeiro, ano I, nº 2, novembro de 1907.

_____. Rio de Janeiro, ano I, nº 03, novembro de 1907.

_____. Rio de Janeiro, ano I, nº 04, dezembro de 1907.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary: moeurs de province*. Paris: Michel Lévy Frères, 1857.

GAULTIER, Jules de. *Le bovarysme*. Paris: Mercure de France, 1902.

GENER, Pompeyo. *Literaturas malsanas: estudios de patologia literaria contemporânea*. Barcelona: Juan Llordachs, 1900.

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano V, nº 10, outubro de 1908.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, ano XVII, nº 299, outubro de 1907.

_____. Rio de Janeiro, ano X, nº 84, março de 1900.

MAIA, Alcides (Guys). Reticências. In: *Careta*, Rio de Janeiro, ano VII, nº 309, maio de 1914.

MAURÍCIO, Virgílio. A batalha dos estetas. In: *A.B.C.* Rio de Janeiro, ano IV, nº 163, abril de 1908.

O PAIZ. Rio de Janeiro, ano XXV, nº 9002, maio de 1909.

_____. Rio de Janeiro, ano XVIII, nº 6390, abril de 1902.

O PAIZ. Rio de Janeiro, ano XXIII, nº 8227, abril de 1907.

PEIXOTO, Afrânio. *Noções de História de Literatura Geral*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1932.

PATRÍCIO, Antônio. Balada do carnaval. In: *Revista da Semana*. Rio de Janeiro, ano XVI, nº 01, fev. de 1915.

PATROCÍNIO, José do. Crer e esperar. In: *O Paiz*. Rio de Janeiro, ano XXI, nº 7390, janeiro de 1905.

RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994.

_____. *Histórias da gente alegre*. Seleção, introdução e notas de João Carlos Rodrigues. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

RIBEIRO, João (Org.). *Almanaque Brasileiro Garnier*. Vol. XI. Rio de Janeiro: Livraria do Garnier, 1914.

SANTOS, A. Feliciano. Liberdade do ensino: o veto do prefeito. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, ano XIV, nº 158, junho de 1904.

S. A. M. Pelos livros. In: *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, ano XXVIII, nº 43, fevereiro de 1902.

TOLSTÓI, Leon. *A insubmissão e outros escritos*. Tradução de Plínio Coelho. São Paulo: Ateliê Editorial/Imaginário, 2010.

_____. *O que é Arte?*. Tradução de Bete Torii. São Paulo: Ediouro, 2002.

_____. *La Réssurrection*. Traduit par T. de Wysewa. Paris: Perrin & Cie, 1900.

_____. *Souvenirs: enfance, adolescence, jeunesse*. 10^a Éd. Traduction de Arvède Barine. Paris: Librairie Hachette, 1891.

_____. *Qu'est-ce que l'Art*. Paris: Perrin & Cie, 1898.

_____. *Les cosaques: souvenirs de Sébastopol*. 3^a éd. Paris: Hachette, 1890.

TAGARELA. Semanário crítico, humorístico, ilustrado e de propaganda comercial Rio de Janeiro, ano III, nº 104, fevereiro de 1904.

_____. Rio de Janeiro, ano II, nº 90, novembro de 1903.

_____. Rio de Janeiro, ano I, nº 01, março de 1902.

TOURGUENIEV, Ivan. *Une nichée des gentilshommes: mœurs de la vie de province en Russie*. 6^a éd. Traduit par Dvoryanskoe Gnezdo. Paris: J. Hetzel, 1880.

_____. *Fumée*. 6^a éd. Préface par Prosper Mérimée. Paris: J. Hetzel, 1880.

_____. *Terres vierges*. 2^a éd. Traduit par Émile Durand-Greville. Paris: J. Hetzel, 1879.

_____. *Terres vierges*. 2^a éd. Traduit par Émile Durand-Greville. Paris: J. Hetzel, 1879.

_____. *Les eaux printanières*. 6^a éd. Traduit par Veshiniia Vody. Paris: J. Hetzel, [s. d.].

VERÍSSIMO, José. Revista literária. In: *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro (09/12/1907).

_____. *Homens e cousas estrangeiras (1899-1900)*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902.

_____. Revista literária. In: *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano XLII, n° 4368, julho de 1900.

VOGÜE, Eugène-Melchior (Org.). *L'ame Russe*: contes choisis de Pouchkine, Gogol, Tourguénev, Dostoïvsky, Garchine, Leon Tolstoi. Traduit par Léon Golschmann et Ernest Jaubert. Paris: Paul Ollendorff Éditeur, 1896.

ANEXOS

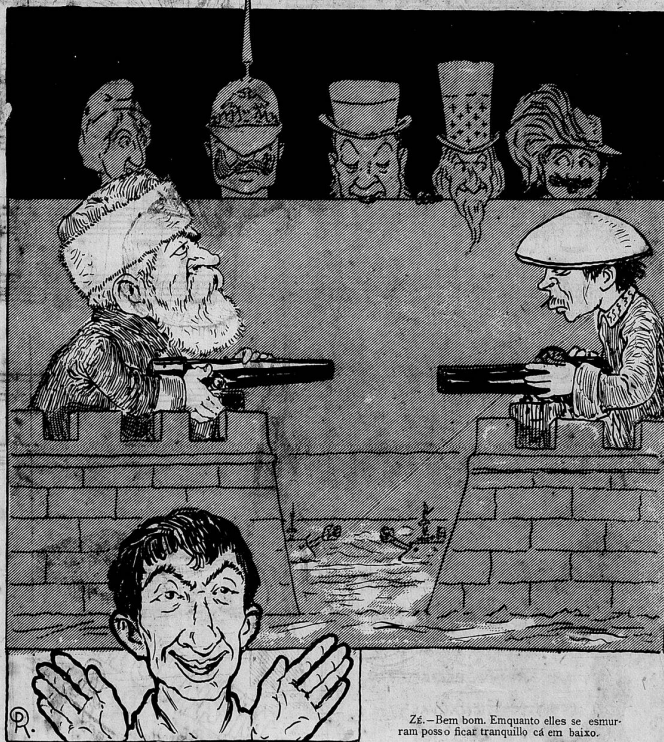
TAGARELA

SEMANARIO HUMORISTICO

ESCRITORIO E REDACÇÃO RUA DA ASSEMBLÉA, 96



LÁ POR FÓRA



Zé - Bem bom. Enquanto elles se esmurram posso ficar tranqullo cá em baixo.

Capa do semanário humorístico *Tagarela*, de 18 de fevereiro de 1904: destaque para as tensões internacionais entre Rússia e China.

Anno I N. 2

20 de Abr. de 1907

FONFON!



400 RÉIS

SANTO BREVE DA MARCA!
QUE MARCAVA

Falsificações

Por parte dos consumidores, o uso de generos perfeitamente puros tem encontrado séria resistencia. O habito é uma segunda natureza. Toda a gente sabe disso, e tambem que alguns viventes, para prova desse asserto, acostumaram-se a não comer e vão passando magnificamente como se ingerissem opiparos jantares.

Com os generos alimenticios, a sentença verificou-se absolutamente. Ha dias, no Meyer, jantando em uma casa amiga, frequentada por certa beleza, que não descrevo, porque os mais poetas ainda não se resolveram a catalogal-a — jantando no Meyer, dizia, a filha do dono da casa observou:

— Papae, não gosto deste café. O sr. porque não traz o falsificado?

E' o habito, como vêm, agindo como um didactor.

Um garçon de hotel, meu conhecido, cheio de pasmio, hontem, contou-me a seguinte anedocta, trisante:

— "O capitão Salgado, que se senta sempre em uma das minhas mesas, não ha duas semanas, chamou-me:

— Adelino, venha cá.

— Sr. capitão?

— O leite com que se fez esta manteiga, foi tirado pela teta da vacca?

— Não sei, meu capitão.

— Sabia ignorancia.

E' o capitão Salgado — contou-me ainda o Adelino — continuou a lambusar a manteiga no pão, placidamente, indifferentemente, como se nada tivesse havido.

Eu cá por mim fiquei admirando este estoico paladar de homem. Se as falsificações imitam, no gosto e nas apparencias, os generos puros, para que zangas, barulhos, incommodos?

E' este o pensar de muita gente, por isso as adulterações têm ido longe.

Vejam só esta. Não ha dous mezes, no portão de minha casa, com um alto senhor de larga fronte, tive a seguinte conversa:

— Para que o Sr. compra espinhas de bacalhão?

— Para fazel-o.

— Fazer bacalhão! O Sr. é o Padre Eterno?

— Não, Sr., mas o falsifico.

— Como?

— Possuo um processo thermo-electrico, por meio do qual transformo a carne do gato em magnifico bacalhão. Ageito-a nas espinhas exactamente, como no natural, pois conheço com firmeza a anatomia do...

— Porque não faz as espinhas?

— A industria está muito atrasada... Sahiriam caras e não illudiriam.

— E a carne?

— Perfeitamente. E' fabricada segundo os mais modernos processos e obedece á psychologia da falsificação.

Durante vinte minutos, dissertou com proficiencia sobre a fraqueza da evidencia sensivel, citando obras e nomes.

Fiquei maravilhado. O nosso tempo é extraordinario: parte-se da sabedoria para a falsificação!

Os generos alimenticios são os mais

procurados para a contrafacção (permittam). Expli-ca-se perfeitamente: envenenam...

Comtudo, os artigos de luxo tambem o são.

Nos arredores do Rio, ha um cortume de pelles de cães, as quaes, depois de preparadas, são mandadas para as grandes fabricas de luvas da Europa.

Pouca gente talvez saiba que uma boa parte do augmento de renda da Prefeitura, na gestão Passos, proveio da venda de cães apanhados pela carocinha nas ruas. Não sabiam? Pois foi.

A tal respeito, conta-se que Mme. Z., num baile do Casino, ao ter noticia disso, desmaiou...

Pobre senhora! Imaginou que as suas luvas podiam ter sido feitas com a pelle de seu tóto, que desaparecera.

Que coração!

E' tal o terror das falsificações, que o Sr. Teixeira Mendes submete á analyse as botas que calça. Porque? perguntarão.

E' simples. O irreprehensivel apostolo, no sacrosanto intuito de mostrar a sua perfeita solidariedade com os animaes, não come carne nem peixe, e usa botas de panno com sólas de borracha. Entendem? Não quer concorrer de fórma alguma para a morte dos bovinos, etc., acto cruel e util que o nosso egoismo não-positivista ainda admite.

E porque lhe constasse que nos Estados Unidos se falsificavam artefactos de borracha com a pelle e tecidos dos pretos lynchados, o altruistico vice-director submete á prova infallível da analyse as sandalias, (perdão! isso era no tempo de S. Paulo) as botinas que vae calçar.

Os falsificadores são terriveis...

Philéas Fogg, esq.

OS SABBADOS DO "FON-FON"

(OS NOSSOS INSTANTANEOS)



De passagem pela Avenida Central, Mme. Rasteiro e sua gentilissima filha, Mlle. Sarita, cuja bellissima voz e apurada escola de canto, tem feito as delicias dos nossos «dilettanti» e o encanto dos frequentadores da igreja de São João Baptista.

Anno I N. 5 11 de Maio de 1907



400 RÉIS

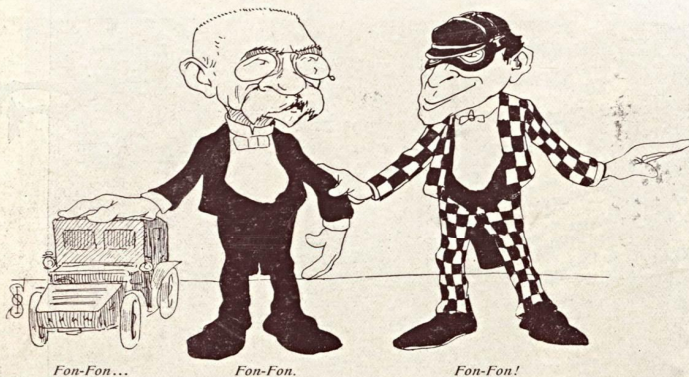


Redação e Officinas: RUA DA ASSEMBLÉA, 62 - Rio de Janeiro

Resultados praticos do congresso de Hava

NÓS SOMOS TRES!...

O Palácio do Governo tem agora automovel official.



O FIO DE LINHA

A policia dos suburbios lavrou um tento: pegou gatinhos com um fio de linha.

A linha era da melhor fabrica, porque, se o não fosse, teria arrebitado com certeza. Os meliantes eram quatro ou cinco, e, para que um fio de linha os tivesse posto em custodia, é preciso que fosse de ferro—era uma *linha ferrea*, eis ahi! Dessa maneira, a nova policia acaba de descobrir um novo processo de agarrar ladrões: o fio de linha ferrea.

Todos os agentes, de hoje em diante, quando se dispuzerem a pegar malfeteiros, não tem outra cousa que fazer: munam-se de um fio de linha, com certeza ferrea, ou de um novello, mesmo por que—*quod abundat*...

Não ha gatuno que possa escapar ao maravilhoso poder da linha policial, e o temor dellas ha de ser de tal ordem que se reflectirá na gyria.

Exemplifiquemos:

Preso—dirão—estamos na linha.

Policia—alinhavo.

Delegado—carretel.

Commissario—novello.

Xndrez—crochet.

Chefe—machina de costura.

Soldado—fiapo.

Inquerito—costura.

O abalo deve ser grande na população que vive fóra da lei e as modificações na gyria deverão corresponder á grandeza desse abalo. Os exemplos que dou, servem unicamente para illustrar a idéa, pois, serão em numero cem vezes maior as innovações no vocabulario de tão conspicuas pessoas.

E' possível que os puristas lá delles protestem contra essa violenta introdução de neologismos; mas, como tal gente não possui Senado e Codigo Civil, o protesto não tomará importancia, não passando de uma insignificante impertinencia de grammaticos.

A sociedade que rouba, naturalmente, procurará salvaguardar-se dos perigos que, contra a sua existencia, vem offerecer essa moderna descoberta policial.

Gatuno algum deixará mais em suas vestes ou em seu corpo, furo ou orificio por onde se possa introduzir a linha policial. Vão ter corpos hermeticamente fechados...

E se á collectividade de malfeteiros, o novo expediente policial vae levar essas modificações, á que só faz bem, isto é, a uma, a normal, tambem trará desarranjo.

No minimo, o que poderá acontecer será o emaranhamento das linhas ferreas policiaes com as de telephone, telegrapho e as de estrada de ferro, causando desarranjo ao commercio e á industria.

S. Holmes.

O *chauffeur* estrangeiro do automovel presidencial foi dispensado. Tinha feito umas manobras desastradas.

Com certeza, esse *chauffeur* era... chimico estrangeiro.

Uma das admirações do Dr. Pelino Guedes:

—Como é que a electricidade une pelos fios se elles não têm buraco?

PELA INSTRUÇÃO. MANIFESTAÇÃO COLLECTIVA



Ze' Povoy: — Seu conselheiro! Desta vez eu não quiz vir sozinho! Aqui estão o *Jornal do Commercio*, a *Gazeta*, o *Paiz*, o *Jornal do Brasil*, a *Tribuna*, o *Correio da Manhã*, o *Malho*, o *Semão*, o *Diário de Notícias*, a *Luz*, o *Diabo*, o *Tico-Tico*...
 Pensa (interrompendo)... e todos os demais campos da imprensa! Já sei disse! Abaixo o analfabetismo! Viva a instrução! — dizem vocês todos e dizem muito bem. A onda é grande e eu tenho de me pôr a frente para não ser traído por ella! Sei disso, meus senhores, estou prompto para assumir o commando contra as hostes da ignorância e da rotina! A questão...
 O MALHO: — Perdão, conselheiro! Só conheço uma objecção a esta campanha sagrada contra o Brasil analfabeto. Sabe qual é?... No dia em que todos, mas todos, souberem ler por cima e assignar o nome... voam pelos ares todas essas oligarchias e satrapias estaduais, cuja politica rasteira tem sido a vergonha e o descredito do paiz!...

O Malho, edição de 2 de março de 1907: uma charge representa jornalistas de diversos periódicos cariocas militando, ao lado da população, em nome do fim do analfabetismo no Brasil e se opondo aos interesses das oligarquias representadas pela caricatura do presidente Afonso Pena.

CARETA

ANATOLE FRANCE



Anatole France, chega á Academia.

ANATOLE FRANCE



Anatole France e José Veríssimo, sahem da Academia.



As edições 51 e 52 da revista *Careta*, do ano de 1909, trazem ampla cobertura fotográfica do encontro de Anatole France com a alta cúpula da Academia Brasileira de Letras – ABL.

AVENTURAS DO DR. BOGOLOFF

— POR —
LIMA BARRETO



Reprodução da capa de um dos fascículos das *Aventuras do Dr. Bogóloff*, publicados em vida do Autor (1912).

Fac-simile da primeira edição de *Aventuras do Dr. Bogoloff*, divulgado pelo biógrafo Francisco de Assis Barbosa.

Um importuno



ELLA — Outra vez!... O que é que queres?
 ELLE — E' que... falta-me um botão no collete...
 ELLA — Paciência. Agora não te posso attender. Estou lendo "A vida conjugal" de Tolstoi.

A edição da revista *Careta*, de 26 de abril de 1913, traz uma charge na qual a literatura de Tolstoi, ancorada em sólidos princípios emancipatórios, causa mal entendidos entre um tradicional casal.

N. _____

Nome *Afonso Henrique de Lima Barreto*
 Cid. *Francisco* Idade *33* anos Estado *solteiro*

Nacionalidade *brasileira* Profissão *Empregado* Entrada em *11* de *Ypo* de *1914*

Diagnóstico *Marasmus*



DADOS ANTHROPOMETRICOS

Ficha de Internação Hospitalar de Lima Barreto no Hospício Nacional de Alienados (1914), com diagnóstico de alcoolismo.

BARRETO, Lima. O destino da literatura. In: *Impressões de leitura*. Prefácio de Cavalcanti Proença. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 51-69.

Texto publicado originalmente na revista *Sousa Cruz*. Rio de Janeiro, out./nov. de 1921, p. 58-9.

O destino da Literatura

Minhas senhoras e meus senhores:

É a primeira vez que faço o que nós brasileiros convencionamos chamar conferência literária. Na forma que nós naturalizamos é um gênero de literatura fácil e ao mesmo tempo difícil e isto porque ele, não só exige de quem o cultiva, saber nas letras, habilidade no tratar do assunto, elegância na exposição, mas também porque impõe qualidades ao conferencista que, quase de nenhum valor, para o sucesso nas demais modalidades de atividade literária, são, entretanto, capitais e indispensáveis para nele se obter bom resultado.

Pede tal gênero ao expositor desembaraço e graça, distinção de pessoa, capricho no vestuário e – quem sabe lá? – beleza física e sedução pessoal. É o critério nacional de que tenho muitas provas nas torturas por quem tem passado aqueles meus amigos e confrades aos quais Deus galardoou, em tão raras virtudes.

Explico-me.

O meu belo camarada O. M. canta às cigarras com voz melhor, estridente e mais suavemente amorosa do que aquela com que esses insetos o fazem quando inspirados pelos crepúsculos alourados do estio. Ele possui, em alto grau, a segunda série de qualidades do bom conferencista, a quem acima aludi. O auditório de suas conferências é monopolizado pelas moças e senhoras. Sabem o que lhe aconteceu? O. M. vê-se de tempos a esta parte atrapalhado para guardar em casa, caixinhas, caixas, caixões de cigarras secas que as suas admiradoras, do Amazonas ao Prata, lhe mandam insistentemente. É um verdadeiro pesadelo.

Um outro meu amigo, que é excepcionalmente lindo e louro, embora da *Terra do Sol*, belo *diseur* de sólidas conferências, nas salas do tom do Rio de Janeiro, foi proibido de continuar a fazê-las, pela

respectiva esposa, porque, em uma das vezes, esta não viu no auditório um só homem. Tudo eram moças e senhoras.

Conhecedor desse feitio característico que tomaram entre nós, pelo menos no Rio de Janeiro, as conferências literárias, sempre que, para elas fui atraído, solicitado por isto ou aquilo, por este ou por aquele, me eximi de experimentar faze-las, empregando para isto todos os subterfúgios, todas as escusas, desde a simples desculpa de doença até a fuga covarde diante do inimigo.

É verdade que o Senhor Augusto de Lima, grande poeta nacional e parlamentar conceituado, faz conferências com sucesso; mas é que, se não tem ou não teve a beleza de moço, possui hoje a imaterial da idade madura. É verdade também que assisti conferências concorridas de Anatole France e do professor George Dumas, e não eram eles, lá para que se diga, homens bonitos e *chics*. Em Anatole, achamos eu e alguns amigos um belo homem; mas não da beleza que fere as mulheres. E esta é a qualidade fundamental para se fazer uma excelente conferência, no julgar de todos ou de todas da cidade brasileira em que nasci.

Não é só essa a opinião de Botafogo, de Copacabana ou de Laranjeiras; ela é partilhada pelas minhas vizinhas do Méier e também pelas deidades do morro da Favela e da Gamboa. É opinião geral da gente carioca.

Estão bem a ver que nunca quis fazer uma ou mais conferências, não por orgulho nem por pretender ser mais profundo do que meus confrades que as fazem; mas, só e unicamente, pelo fato de conhecer a minha cidade natal, de alto abaixo, e de estar convencido de que, no tocante a elas, palestras ou conferências, a minha organização literária tinha falhas.

De resto, o discurso nunca foi o meu forte e desde bem cedo me convenci disso. Quando bem moço, quase menino, ainda imperfeitamente conhecedor da minha verdadeira personalidade, atrevia-me a frequentar festas familiares e quase sempre delas saía fortemente despeitado com os oradores dos brindes de aniversário, batizado, de casamento ou mesmo com aquele eloquente conviva que erguera solenemente sua taça (era um simples copo, em geral) ao belo sexo.

Quase com lágrimas, a minha adolescência vaidosa tentava explicar por que razão a minha relativa superioridade sobre tais oradores não permitia fazer os brilharetes de eloquência que eles faziam.

Procurava então desculpar essa minha incapacidade para orador de sobremesa, anotando anedotas da vida de grandes homens que não conseguiram falar, perante qualquer auditório, uma única vez na sua existência.

Newton era um deles, e Gomes de Sousa, o maior geômetra brasileiro, era outro.

Muitos mais grandes homens tinha eu a meu lado e, com isso, me orgulhava; mas, naqueles tempos, era menino e é próprio de menino não achar grande diferença entre um simples mortal e um grande homem, quando não é o de um grande homem também supor-se um verdadeiro gênio.

Tudo isto, entretanto, não vem ao caso; e só a título de amenidade pode ser explicável que aqui viesse aparecer, tanto mais que conferência literária não é bem discurso, nem parlamentar, nem doméstico festivo, nem judiciário, nem mesmo mitingueiro. É antes uma digressão leve e amável, desprentensiva, que dispensa os estos demostênicos, as soberbas metáforas de Rui Barbosa, arroubos outros e tropos de toda sorte, antigamente tão bem catalogados pela defunta retórica, os quais tanto assustavam os nossos avós, quando esquartejavam esse pobre mártir dos gramáticos e professores de português de todos os tempos, que é o grande Camões.

Embora convencido disso, ainda sentia medo da conferência porque há nela um elemento que a relaciona com o discurso, sem o qual ambos não teriam existência: é o auditório.

Quando se publica um livro, um artigo, em uma revista ou num jornal, a crítica fica longe e se ela se manifesta, é através de artigo ou carta, onde a desaprovação vem filtrada, quando o censor é educado, através de fórmulas de polidez; mas, quando se fala, sobre este ou aquele assunto, diretamente ao público, um gesto de impaciência mal sopitado, uma manifestação de cansaço, um cochicho, enfim, o menor sinal de reprovação do auditório desnorteia quem expõe ou se atreveu a amolar pessoas de boa vontade e que tem mais que fazer do que ouvir uma xaropada qualquer. No presente caso, desde já vos aviso, não tenham medo; serei breve.

Tenho, para mim, que, mais do que outros motivos, foi este pavor de auditório que me fez até hoje fugir às conferências. Afinal, este gênero de literatura é uma arte de sociedade – que fica um pouco acima do jogo de prendas e muito abaixo de um *step* qualquer; e eu apesar de ser um sujeito sociável e que passo, das vinte e quatro horas do dia, mais

de quatorze na rua, conversando com pessoas de todas as condições e classes, nunca fui homem de sociedade; sou um bicho-do-mato. Certas delicadezas de sofrer me acobardam mais diante dela do que os calabouços da ilha das Cobras; e uma rebeldia, aliás inocente, da minha parte contra ela, me põe sempre canhestro quando sou obrigado a mergulhar no seu seio.

Tem sido para mim desvantajoso esse proceder, pois, conforme me hão dito confrades autorizados, é a palestra aliterada o mais proveitoso gênero de literatura que se pensa cultivar no Brasil. E, como já vos disse, a primeira que faço e talvez seja a última, porque estou encerrando o que prontamente se chama carreira literária.

Venço agora todos os temores, e a muito custo; certamente fui levado a isto, por ter pisado em terras de iniciativa e audácia, qualidades que este próspero município de São Paulo vai me emprestar por instantes, animando-me a falar-vos, cômico de minha obscuridade e apesar da minha natural timidez.

Muitas vezes todos vós que me ouvis, haveis de formular intimamente, de vós para vós mesmos, ao topardes, em um jornal ou em uma revista, com um soneto ou um artigo, perguntas como estas: para que serve “isto”? Porque se honram os homens que fazem essas cousas, quando, as mais das vezes, se as suas vidas não são cheia de torpes episódios, são, entretanto, as de verdadeiros vagabundos? Como é que todos lhe guardam os nomes e muitos se honram com a sua amizade? Como é que nós os cercamos de honrarias, de estátuas, de bustos, e os esquecemos do inventor da utilíssima máquina de costura? Em que pode a Literatura, ou a Arte contribuir para a felicidade de um povo, de uma nação, da humanidade, enfim?

São perguntas naturais e espontâneas que não há um homem que as não tenha feito no seu foro íntimo e que eu mesmo as fiz, quando, há cerca de vinte anos, me pus juvenilmente a escrever para o público, em revistas e jornalecos que nasciam, eram lidos e morriam na Rua do Ouvidor, não em toda ela, porque uma parte dessa célebre rua, nas proximidades do velho mercado mais se ocupa em cousas sérias que dizem respeito ao nosso estômago, desprezando tais caprichos literários, a menos que eles não se traduzam em fartos ágapes, no famoso Hotel do Minho. Às vezes, isto acontece e a literatura e os literatos ficam valorizados no seio da finança cautelosa.

Tais perguntas, meus senhores e senhoras, constituem em súmula o resumo do problema da importância e do destino da Literatura que se

contém no da Arte em geral. Em redor dele, como todos vós sabeis, muito se há debatido e as mais contrárias teorias tem sido construídas, para resolvê-lo.

Filósofos e moralistas, sociólogos e doutrinários de toda a sorte tem-no discutido.

Muitos, para condenar a Arte, em conjunto, ou tão somente a Literatura; outros, para exaltá-la. Platão que, com o ser tão grande filósofo, não deixava de ser também grande poeta, não admitia artistas do verso na sua República ideal.

O debate a respeito não está encerrado, e nunca ficará encerrado enquanto não concordarem os sábios e as autoridades no assunto que o fenômeno artístico é um fenômeno social para não dizer sociológico.

Como os senhores sabem perfeitamente, entre as muitas ciências ocultas e destinadas a iniciados que ultimamente tem surgido, há uma que pretende ser a da teoria geral da Arte.

Segundo Tolstói, na sua sólida e acessível obra – *O que é Arte?* – o fundador dessa absconsa ciência foi o filósofo alemão Baumgarten, que a definia como tendo por objeto o conhecimento da Beleza, sendo que esta é o perfeito ou o absoluto, percebido pelos sentidos e tem por destino deleitar e excitar este ou aquele desejo nosso.

Uma porção de definições da ciência estética se baseia, como esta, na beleza, tendo cada uma delas por sua vez, um determinado critério do que seja Belo, do que seja Beleza.

Deixo de citar muitas, entre as quais a de Hegel, que é muito interessante, para não me tornar fastidioso, tanto mais que estou longe dos meus livros e dos meus argumentos; mas, se algum dos ouvintes quiser ter o trabalho de ler muitas delas, pode procura-las nos livros de Tolstói que citei, e de que, como os de Taine, de Guyau, de Brunetière e outros, me sirvo aqui, com mais ou menos liberdade em virtude de não tê-los à mão.

Essas definições de arte, em que se inclui a Literatura, sugerem logo a interrogação: o que é a Beleza?

Eis aí uma pergunta que às senhoras e às senhoritas, por estarem muito familiarizadas com o assunto da interrogação, parecerá ociosa; mas que, para os filósofos, os abstractores de quintessência, os estetas profundos que doutrinam sobre o Amor e o Belo sem nunca terem amado, para essa multidão de senhores sombrios, relaxados e distraídos, que fogem das recepções e dos chás dançantes; enfim, para toda essa gente livresca constitui tal pergunta objeto de apaixonadas discussões

que, às vezes, baixam até a troca de soezes insultos enquanto a verdadeira Beleza foge deles com a velocidade do aeroplano.

Cada um desses doutos, minhas senhores e meus senhores, explica do seu modo o que seja Beleza e cada um deles faz mais incompreensivelmente, mais rebarbativamente, mais nevoentemente. Os alemães mais do que os ingleses, porque, segundo Tolstói, quando a tradicional clareza dos franceses é fascinada pela proverbial névoa germânica, aquela gabada qualidade gaulesa capricha em se fazer densa, mais densa ainda do que, em geral, a neblina germânica.

Não os seguirei nas suas nebulosidades e procurarei um autor, profundo e autorizado para responder a pergunta que angustia os filósofos e que a metade do gênero humano, talvez, segundo a opinião geral, é a mais interessante parte dele, não suspeita até que possa ser formulada.

A Beleza, para Taine, é a manifestação, por meio dos elementos artísticos e literários, do caráter essencial de uma ideia mais completamente do que ela se acha expressa em fatos reais.

Portanto, ela já não está na forma, no encanto plástico, na proporção e harmonia das partes, como querem os helenizantes de última hora e dentro de cuja concepção muitas vezes não cabem as grandes obras modernas, e, mesmo, algumas antigas.

Não é um caráter extrínseco de obra, mas intrínseco, perante o qual aquele pouco vale. É a substância da obra, não são as suas aparências.

Sendo assim, a importância da obra literária que se quer bela sem desprezar os atributos externos de perfeição de forma, de estilo, de correção gramatical, de ritmo vocabular, de jogo e equilíbrio das partes em vida de um fim, de obter unidade na variedade; uma tal importância, dizia eu, deve residir na exteriorização de um certo e determinado pensamento de interesse humano, que fale do problema angustioso do nosso destino em face do Infinito e do Mistério que nos cerca, e aluda a questões de nossa conduta de vida.

É, em outras palavras, o pensamento de Brunetière.

Tomo, a fim de esclarecer esse pensamento, como exemplo um livro do famoso, hoje universal – *O crime e o castigo*, de Dostoiévski – que deves conhecer.

Trata-se de um estudante que curte as maiores misérias em São Petersburgo. Lembre-se bem que se trata de miséria russa e de um estudante russo.

As que passa não o fazem sofrer tanto; mas, por sofrê-las, compreende melhor as dos outros. Isto leva-o a meditar teimosamente sobre os erros da nossa organização social. Obrigado pela sua vida miserável, vem a conhecer uma velha sórdida, sem alma e sem piedade, que emprestava níqueis sobre objetos pequenos de pequeno valor intrínseco cobrando juros despropositados.

A velha onzeneira não tem o mínimo remorso de explorar a miséria dos que a procuram.

Relíquias de família, ensopadas de ternuras de mãe e afetos de irmãs, fetiches de amor, enriquecidos de beijos de noivas e de amantes, tudo ela percebe, dando miseráveis vinténs para recebê-los triplicados, no fim de uma quinzena e, por muito favor, de um mês, sabendo perfeitamente que os objetos serão resgatados, porque, neles, há muito da alma e dos sonhos do que os levam a penhor.

O estudante chama-se Raskólnikov. É bom, é honesto, é inteligente, tanto assim que o sacodem ideias para acabar com as misérias dos homens. Mas... precisa dinheiro; ele não o tem. Precisa dinheiro para estudar, para transmitir suas ideias aos outros, por meio de livros, jornais e revistas. Como há de ser? Eis o problema...

Um dia Raskólnikov, indo em transação à casa da tal velha percebe que ela tem na gaveta uma grossa quantia em notas de banco. A descoberta fere-o profundamente; a ignóbil onzeneira possui naturalmente o dinheiro de que ele precisa para realizar, para lançar a sua generosa que fará a felicidade de muitos, senão a de todo o gênero humano; mas, como se apoderar dele?

Furtá-lo? Não podia porque a imunda agiota não arredava o pé da pocilga de seus imundíssimos negócios. Como obtê-lo então? Só matando-a. É um crime; mas – pergunta ele de si para si – todos os benfeitores da humanidade e os seus grandes homens em geral, diretamente ou indiretamente, não praticaram ou não autorizaram a prática de crimes, para a plena realização de sua obra? Napoleão não foi um deles e, como ele, tantos outros?

Corre raciocínios dessa natureza Raskólnikov; e conclui ele, possuidor de um ideal generoso e alto, tinha, em face dele e dos augustos destinos da humanidade, direito a matar aquela vilíssima velha, a qual, tendo deixado apagar-se-lhe na consciência todos os nobres sentimentos humanos, como que se havia posto fora da espécie e se feito menor que um verme asqueroso.

Mata-a, a ela e também a irmã, que se entrava quando ele acabava de perpetrar o assassinio. Mata a ambas da forma mais cruel e horrorosa que se pode imaginar, com o furor homicida de bandido consumado. Mata as duas mulheres com uma embotada machadinha de rachar lenha que encontrara no quintal do casarão da sua residência, pois nem dinheiro tivera para comprar outra arma mais própria e capaz.

Depois de consumado o crime, é em vão que procura fugir dele. O testemunho da consciência o persegue sempre e Raskolnikov se torna, por assim dizer, o remorso dele mesmo. Quer o castigo; não pode sentir-se bem na vida sem o sofrer, porque as suas relações com o resto da humanidade já são outras e ele se sente perfeitamente fora da comunhão humana, cujos laços com ela, ele mesmo rompera.

Nisso tudo é resumida e palidamente a obra do grande escritor russo, não há nada do que comumente entre os escritores mais ou menos helenizantes chamam belo; mas, se assim é, onde está a beleza dessa estranha obra? – pergunto eu.

Está na manifestação sem auxílio dos processos habituais do romance, do caráter saliente da ideia que não há lógica nem rigor de raciocínio que justifiquem perante a nossa consciência, o assassinato, nem mesmo quando é perpetrado no mais infinito e repugnante dos nossos semelhantes e tem por destino facilitar a execução de toda a obra que quem o pratica embora obedecendo a generalizações aparentemente verdadeiras, executado que seja o crime, logo se sente outro – não é ele mesmo.

Mas esta pura ideia só como ideia, tem fraco poder sobre a nossa conduta, assim expressa sob essa forma seca que os antigos chamavam de argumentos e nos nossos Camões escolares dessa forma ainda chamam os resumos, em prosa ou verso, dos cantos dos *Lusíadas*. É preciso que esse argumento se transforme em sentimento; e a arte, a literatura salutar tem o poder de fazê-lo, de transformar a ideia, o preceito, a regra em sentimento; e mais do que isso, torna-lo assimilável à memória, de incorporá-lo ao leitor, em auxílio dos seus recursos próprios, auxílio de sua técnica.

Além. É verificado por todos nós que quando acabamos de ler um livro verdadeiramente artístico, convencemo-nos de que já havíamos sentido a sensação de que o outro nos transmitiu, e pensado no assunto.

O que não sabemos, dizem uns foi escrever “a história”. Estes são os modestos; mas os pretenciosos dizem logo: “Isto! Também eu fazia!” Tal fato nos dá mais comumente com as grandes obras de que com as

mediócras. Toda a gente que se julga capaz de escrever o *Dom Quixote*, o *Robinson*, o *Nick Carter* ou outro qualquer romance folhetim. Passemos além: mais do que nenhuma outra arte, mais fortumente possuindo essa capacidade de sugerir em nós o sentimento que agitou o autor ou que ele simplesmente descreve, a arte literária se apresenta com um verdadeiro poder de contágio que a faz passar de simples capricho individual, para traço de união, em força de ligação com os homens, sendo capaz, portanto, de concorrer para o estabelecimento de uma harmonia entre eles, orientada para um ideal imenso em que se soldem as almas, aparentemente as mais diferentes, reveladas, porém, por ela, como semelhantes no sofrimento da imensa dor de serem humanos.

É por aí, segundo a minha humilde opinião, que devemos orientar a nossa atividade literária e não nos ideais arcaicos e mortos, como este variável e inexato que a nossa poesia, tanto velha, como nova, tem por hábito atribuir à Grécia. Insisto aqui neste ponto porque ele me apaixona, tanto assim que, aqui e ali, sempre que posso tenho combatido esse ideal grego que anda por aí.

Em geral, nós, os brasileiros, pouco sabemos, e arqueologia antiga; estamos na infância, e nem lhe acompanhamos os estudos feitos nessa atividade; mas, quem curiosamente os segue, pode concluir, com rápidas leituras, que nada autoriza a admitirmos um certo e exato ideal de arte helênica. Em outras partes, já tive ocasião de observar isto, nas seguintes palavras:

Sainte-Beuve disse algures que, “de cinquenta em cinquenta anos, fazíamos da Grécia uma ideia nova”. Tinha razão.

Ainda há bem o Senhor Teodoro Reinach, que deve entender bem dessas coisas de Grécia, vinha dizer que Safo não era nada disso que nós dela pensávamos; que era assim como Mme de Sévigné. Dizia-se interpretar a sua linguagem misturada com fogo, no dizer de Plutarco, como uma pura exaltação da mulher. A poesia sáfica seria, em relação a mulher, o que o diálogo de Platão é em relação ao homem. Houve escândalo.

Não é este o único detalhe, entre muitos, para mostrar de que maneira podem varias as nossas ideias sobre a velha Grécia.

Creio que, pela mesma época em que o Senhor T. Reinach lia na sessão das cinco Academias da França reunidas, o resultado das suas investigações sobre Safo, se representou na Ópera, de Paris, um drama lírico de Saint-Saëns – “Dejanira”. Sabem os leitores como vinham vestidos os personagens? Sabem? Com o que nós chamamos nas casas

das nossas famílias pobres – colchas de retalhos. Li isto em um folhetim do Senhor P. Lalo, no *Temps*.

Esta modificação no trajar tradicional dos heróis gregos, pois se tratava deles no drama, obedecia a injunções das últimas descobertas arqueológicas. O meu simpático missivista pode ver por aí como sua Grécia, é, para nós, instável.

Em matéria de escultura grega, podia eu, com o muito pouco que sei sobre ela, epilogar bastante. É suficiente lembrar que era regra admitida pelos artistas da Renascença que, de acordo com os preceitos gregos, as obras esculturais não podiam ser pintadas.

É que eles tinham visto os mármores gregos lavados pelas chuvas; entretanto, hoje, segundo Max Collignon, está admitido que as frisas do Partenon eram coloridas.

A nossa Grécia varia muito e o que nos resta dela são ossos descarnados, insuficientes e talvez para recompô-la como foi em vida, e totalmente incapazes para nos mostrar ela viva, a sua alma, ideias que a animavam, os sonhos que queria ver realizados na Terra, segundo os seus pensamentos religiosos.

Atermo-nos a ela, assim variável e fugidia, é impedir que realizemos o nosso ideal, aquele que está na nossa consciência, vivo no fundo de nós mesmos, para procurar a beleza em uma carroça cujos ossos já se fazem pó.

Ela não nos pode mais falar, talvez nem mesmo balbuciar, e o que nos tinha a dar, já nos deu e vive em nós inconscientemente.

Mesmo que a Grécia – o que não é verdade – tivesse por ideal de arte realizar unicamente a beleza plástica, esse ideal não podia ser o nosso, porque, com o acúmulo de ideias que trouxe o tempo, com as descobertas modernas que alargaram o mundo e a consciência do homem; e outros fatores mais, o destino da Literatura e da Arte deixou de ser unicamente a beleza, o prazer, o deleite dos sentidos, para ser coisa muito diversa.

Tolstói, no livro de que me venho servindo e a cujo título mais atrás aludi, critica muito justamente semelhante opinião, com as seguintes palavras:

“Quando se quer definir como um ramo de atividade humana, é necessário procurar-lhe o seu sentido e o seu alcance. Para isto fazer, é primeiramente indispensável estudar tal atividade em si mesma, na dependência de suas causas e efeitos, e não exclusivamente nas suas relações com os prazeres que ela nos proporciona”.

Ainda mais:

“Se dissermos que o fim de uma certa atividade humana é unicamente o prazer, e só sobre ele fizermos repousar a nossa definição, será ela evidentemente falsa. É o que se dá com a definição de Arte assim concebida. Com efeito; examinando-se as questões de nutrição, por exemplo, ninguém se atreverá a afirmar que o prazer de comer é a função principal da nutrição. Toda gente compreende que a satisfação de nosso paladar não pode servir o bastante à nossa definição de mérito dos nossos alimentos”.

Há muitos que são agradáveis, digo agora eu, que não são nutritivos, antes são prejudiciais à economia do nosso organismo; e há outros que não são lá muito saborosos, mas que preenchem perfeitamente o fim da nutrição, que é o de conservar a vida do nosso corpo.

Ver o fim, o destino de qualquer arte no prazer que ela nos proporciona, é imitar os homens de uma moralidade primitiva, como os selvagens, que não vêem na alimentação outro alcance que não seja o da satisfação agradável que lhes proporciona a ingestão de alimentos.

Guyau, num curioso livro, tão profundo quanto claro – *A Arte sob o ponto de vista sociológico* – ensinou “que a beleza não é uma coisa exterior ao objeto; que ela não pode ser admitida como uma excrescência parasítica na obra de arte; ela é, no fim das contas, a verdadeira floração da planta em que aparece”.

A arte, incluindo nela a literatura, continua Guyau “é a expressão da vida refletida e consciente, e evoca em nós, ao mesmo tempo, a consciência mais profunda da existência, os sentimentos mais elevados, os pensamentos mais sublimes. Ela ergue o homem de sua vida pessoal à vida universal, não só pelas sua participação nas ideias e crenças gerais, mas também ainda pelos sentimentos profundamente humanos que exprime”.

A arte, incluindo nela a literatura, continua Guyau “é a expressão da vida refletida e consciente, e evoca em nós, ao mesmo tempo, a consciência mais profunda da existência, os sentimentos mais elevados, os pensamentos mais sublimes. Ela ergue o homem de sua vida pessoal à vida universal, não só pela sua participação nas ideias e crenças gerais, mas também ainda pelos sentimentos profundamente humanos que as exprime”.

Quer dizer: que o homem, por intermédio da Arte, não fica adstricto aos preceitos e preconceitos de seu tempo, de seu nascimento,

de sua pátria, de sua raça; ele vai além disso, mais longe que pode para alcançar a vida total do Universo e incorporar a sua vida no Mundo.

São ainda dele, de Jean-Marie Guyau, o genial filósofo, esteta, moralista, morto prematuramente aos trinta e seis anos; são dele, meus senhores e minhas senhoras, esta formosa divisa:

“Ama tudo para tudo compreender; tudo compreender para tudo perdoar”.

Mais do que qualquer outra atividade espiritual da nossa espécie, a Arte, especialmente a Literatura, a que me dediquei e com que me casei; mas do que ela nenhum outro qualquer meio de comunicação entre os homens, em virtude mesmo do seu poder de contágio, teve, tem e terá um grande destino na nossa triste Humanidade.

Os homens só dominam os outros animais e conseguem em seu proveito ir captando as forças naturais, porque são inteligentes. A sua verdadeira força é a inteligência; e o progresso e o desenvolvimento desta decorrem do fato de sermos animais sociáveis, dispondo de um meio quase perfeito de comunicação, que é a linguagem, com a qual nos é permitido somar e multiplicar a força do pensamento do indivíduo, da família, das nações e das raças, e, até mesmo, das gerações passadas graças à escrita e à tradição oral que guardam as cogitações e conquistas mentais delas e as ligam às subsequentes.

Portanto, meus senhores, quanto mais esse poder de associação for mais perfeito; quanto mais compreenderemos os outros que nos parecem, à primeira vista, mais diferentes, mais intensa será a ligação entre os homens, e mais nos amaremos mutuamente, ganhando com isso a nossa inteligência, não só a coletiva como a individual. A arte, tendo o poder de transmitir sentimentos e ideias, sob a forma de sentimentos, trabalha pela união da espécie; assim trabalhando, concorre portanto, para o seu acréscimo de inteligência e de felicidade.

Ela sempre fez baixar das altas regiões das abstrações da Filosofia e das inacessíveis revelações da fé, para torna-las sensíveis a todos, as verdades que interessavam e interessam a perfeição de nossa sociedade; ela explicou e explica a dor dos humildes aos poderosos e as angustiosas dúvidas destes, àqueles; ela faz compreender, uns aos outros, as almas dos homens dos mais desencontrados nascimentos, das mais diversas épocas, das divergentes raças; ela se apieda tanto do criminoso, do vagabundo, quanto de Napoleão prisioneiro ou Maria Antonieta subindo à guilhotina; ela, não cansada de ligar as nossas almas, umas às outras, ainda nos liga à árvore, à flor, ao cão, ao rio, ao

mar e à estrela inacessível; ela nos faz compreender o Universo, a Terra, Deus e o Mistério que nos cerca, para o qual perspectivas infinitas de sonhos e de altos desejos.

Fazendo-nos assim tudo compreender; estrando no segredo das vidas e das cousas, a Literatura reforça o nosso natural sentimento de solidariedade com os nossos semelhantes, explicando-lhes os defeitos, realçando-lhes as qualidades e zombando dos fúteis motivos que nos separam uns dos outros. Ela tende a obrigar a todos nós a nos tolerarmos e a nos compreendermos; e, por aí, nós nos chegaremos a amar mais perfeitamente na superfície do planeta que rola pelos espaços sem fim. O Amor sabe governar com sabedoria, e acerto, e não é a toa que Dante diz que ele move o Céu e a alta Estrela.

Atualmente, nesta hora de tristes apreensões para o mundo inteiro, não devemos deixar de pregar, seja como for, o ideal de fraternidade e de justiça entre os homens e um sincero entendimento entre eles.

E o destino da Literatura é tornar sensível, assimilável, vulgar esse grande ideal de poucos a todos, para que ela cumpra ainda uma vez a sua missão quase divina.

Conquanto não se saiba quando ele será o vencedor; enquanto a opinião internada no contrário cubra-nos de ridículo, de chufas, de baldões, o heroísmo dos homens de letras tendo diante dos olhos o exemplo de seus antecessores pede que todos os que manejam uma pena, não esmoreçam no propósito de pregar esse ideal. A literatura é um sacerdócio, dizia Carlyle.

Que me importa o presente! No futuro é que está a existência dos verdadeiros homens. Guyau a quem me canso de citar, disse-me em uma das suas obras, estas palavras que ousou fazê-las minhas:

“Porventura sei eu que viverei amanhã, se viverei mais uma hora, se a minha mão poderá terminar esta linha que começo? A vida está, por todos os lados, cercada pelo Desconhecido. Todavia executo, trabalho, empreendo; e em todos os meus atos, em todos os meus pensamentos, eu pressuponho este futuro com o qual nada me autoriza a contar. A minha atividade excede em cada minuto o instante presente, estende-se ao futuro. Eu consumo a minha energia sem recluir que este consumo seja uma perda estéril, imponho-me privações, contando que o futuro as resgatará – e sigo o meu caminho. Esta incerteza que me comprime de todos os lados, equivale para mim a uma certeza e torna possível a minha liberdade – é o fundamento da moral especulativa com todos os

riscos. O meu pensamento vai adiante dela, com a minha própria atividade; ele prepara o mundo, dispõe do futuro. Parece-me que sou senhor do Infinito, porque o meu poder não é equivalente a nenhuma quantidade determinada; quanto mais trabalho mais espero”.

Possam estas belas palavras de grande fê; possam elas na sua imensa beleza de força e de esperança atenuar o mau efeito que vos possa ter causado as minhas desenxavidas. É que eu não soube dizer com clareza e brilho o que pretendi; mas uma cousa garanto-vos: pronunciei-as com toda a sinceridade e com toda a honestidade de pensar.

Talvez isso faça que eu mereça perdão pelo aborrecimento que vos acabo de causar.

Lima Barreto.